

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

**YARA SILVIA MARQUES DE MELO ISSA**

PRODUÇÃO DO TURISMO E *SÍTIOS* SIMBÓLICOS DE  
PERTENCIMENTO: INSERÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL  
COMO FATOR DE HOSPITALIDADE

São Paulo  
2007

YARA SILVIA MARQUES DE MELO ISSA

**PRODUÇÃO DO TURISMO E SÍTIOS SIMBÓLICOS DE  
PERTENCIMENTO: INSERÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL  
COMO FATOR DE HOSPITALIDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ada de Freitas Maneti Dencker

São Paulo  
2007

I84p Issa, Yara Silvia Marques de Melo.

Produção do Turismo e *Sítios* Simbólicos de Pertencimento: inserção da comunidade local como fator de hospitalidade / Yara Silvia Marques de Melo Issa. – 2007.

192 f. : il. : 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ada de Freitas Maneti Dencker

Bibliografia: f. 167-180.

1. *Sítio* simbólico de pertencimento. 2. Dádiva. 3. Hospitalidade. 4. Planejamento. 5. Trabalho. 6. Turismo. I. Título.

CDD 647.94

YARA SILVIA MARQUES DE MELO ISSA

PRODUÇÃO DO TURISMO E *SÍTIOS* SIMBÓLICOS DE  
PERTENCIMENTO: INSERÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL  
COMO FATOR DE HOSPITALIDADE

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi.

Aprovada em

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Ada de Freitas Maneti Dencker  
Universidade Anhembi Morumbi

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Gomes dos Reis Ansarah  
Universidade Anhembi Morumbi

---

Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo  
Universidade Anhembi Morumbi

Dedico esta pesquisa à mestra, orientadora Professora Doutora Ada de Freitas Maneti Dencker, incentivadora constante nos momentos mais significativos de minha vida acadêmica e que, freqüentemente, demonstrou acolhida, receptividade, dedicação, sabedoria e paciência no percurso do mestrado.

A toda comunidade de São Luís do Paraitinga, sem distinção, que prontamente e constantemente com carinho, presteza, humildade e hospitalidade me acolheu, recebeu e em muito contribuiu para o meu aprendizado, sempre de portas abertas, atendendo a minhas inúmeras e diversas solicitações.

## **AGRADECIMENTOS**

A pesquisa é sempre uma procura constante, um trabalho árduo, cronometrado pelo tempo que abstrai de nossas vidas outros compromissos, outros afazeres, requerendo dedicação contínua e completa. Nesses momentos de abstenção, surgem pessoas que, mesmo não estando comprometidas com a pesquisa, acabam se envolvendo e contribuindo de diversas formas para que o percurso se torne menos tortuoso. A todos que me dispensaram palavras de estímulo e apoio, atenção, dedicação, amizade, deixo o registro de minha gratidão.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Gomes dos Reis Ansarah e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ada de Freitas Maneti Dencker, que sempre acreditaram no meu trabalho, sempre me incentivaram e que me introduziram na vida acadêmica, obrigada pelos conselhos, pelo carinho e pela confiança.

Ao Felipe, meu companheiro de todos os momentos, não há palavras para agradecer o constante apoio, incentivo, ajuda, companhia nas viagens, pesquisas, correções e leituras dos textos; acredite, não teria conseguido se não tivesse sua compreensão pela minha constante ausência, por tanto me ajudar, me entender e me aceitar; à minha querida mãe, que a vida toda me incentivou, apoiou na vida acadêmica e com quem aprendi muito e continuo aprendendo, obrigada por sempre acreditar em mim e orientar os meus passos; à minha querida irmã, que esteve e está sempre presente nos momentos em que mais necessito;

Meus agradecimentos especiais a todo o corpo docente do programa de mestrado da Universidade Anhembi Morumbi, que muito contribuiu para com o meu amadurecimento, em especial à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Célia Maria de Moraes Dias, com suas aulas, seu carisma, suas palavras de incentivo e carinho; ao Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo pelas sugestões na qualificação; à Alessandra, sempre pronta, disposta e receptiva a atender, ajudar, informar e orientar; à colega e companheira de viagens em congressos, Débora, obrigada pelo carinho, atenção, compreensão, companhia e hospitalidade; a todos os colegas que dividiram conhecimentos e saberes no convívio em curso das disciplinas.

Meu reconhecido agradecimento aos proprietários da Pousada Sertão das Cotias, Dr. Juvenal e Dr<sup>a</sup>. Marta, pela simpática acolhida, receptividade e ajuda nas

informações e contatos para as pesquisas, e à Andressa, pela contribuição no fornecimento de periódicos, informações, esclarecimentos prestados durante todo o período das pesquisas, a simpática e constante receptividade, o carinho e profissionalismo.

Meu agradecimento especial ao Sr. Eduardo Valente Júnior, diretor de turismo da Estância Turística de São Luís do Paraitinga, pelo constante e pronto atendimento as inúmeras solicitações, hospitalidade, atenção, fornecimento de documentos e informações.

Impossível não registrar a minha gratidão a toda comunidade de São Luís do Paraitinga, órgãos públicos, empreendedores, proprietários, funcionários com quem compartilhei cinco anos de convívio, obrigada por me acolherem e receberem com tanto carinho, confiança e humildade. Obrigada por contribuírem do desfrute de momentos únicos.

Meu reconhecido e terno agradecimento à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ada de Freitas Maneti Dencker, ser humano maravilhoso que fez parte de minha vida acadêmica na graduação e nos dois mestrados, sempre receptiva, atenciosa e compreensiva.

À minha querida amiga Elizete que, mesmo distante, nunca esteve tão presente com suas palavras de incentivo, apoio e carinho. Ao ex-professor e atual colega, Marcelo Antônio Sotratti, pela companhia e palavras de estímulo.

Enfim, ao meu querido e adorável pai, onde quer que esteja, sei que em algum momento esteve presente nesse meu percurso, e que sempre se orgulhou de mim, sempre me incentivou nos estudos, nas pesquisas, no saber.

“Você não pode provar uma definição,  
pode apenas mostrar que faz sentido.”

Albert Einstein



## RESUMO

Com base na teoria dos *sítios* simbólicos de pertencimento de Zaoual, a pesquisa discute a questão da inserção do turismo em economias locais, tomando como evidência empírica o Município de São Luís do Paraitinga. Discute a questão da inclusão e exclusão da população local no mercado de trabalho criado pela atividade turística, considerando que a inserção da comunidade é um elemento fundamental para a hospitalidade do local turístico. Por meio de pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, são construídos o referencial teórico e o histórico do município: sua cultura e fases de desenvolvimento, as diferentes fases por que passou a política econômica no Brasil e a organização da atividade turística e seus reflexos no local estudado. A pesquisa de campo adotou a observação direta e indireta, com entrevistas formais e informais, visitas técnicas e pesquisa em arquivos e investigou a situação de empresários e funcionários que atuam no setor de atendimento ao turista, procurando identificar como se estruturam as relações de trabalho no município. Considerando o emprego como um dos elementos importantes na definição da identidade, relaciona a questão da inclusão no mercado de trabalho como forma de acolhimento do munícipe. As categorias analisadas foram: o *sítio* simbólico de pertencimento, a dádiva, a hospitalidade, o planejamento e o trabalho. Nas considerações finais, procura refletir sobre as questões que envolvem as relações entre as comunidades – orientadas por raízes locais que definem códigos de hospitalidade - e as mudanças vindas de fora com a atividade turística. Ressalta que o novo paradigma proposto para o século XXI é priorizar o *homo situs*, em detrimento do *homo economicus*. Demonstra que, em algumas comunidades, como o exemplo de São Luís do Paraitinga, o vínculo, a aliança: do dar, receber e retribuir é viável e exequível na contemporaneidade.

Palavras-chave: *Sítio* simbólico de pertencimento. Dádiva. Hospitalidade. Planejamento. Trabalho. Turismo.

## ABSTRACT

Based in the Zaoual's teory of belonging symbological sites, the research talks over the question of the tourism insertion in local economies, take as empirical evidence the municipality of São Luís do Paraitinga. Discusses the question of insertion and exclusion of the local population in the work market created by the touristical activity, considering that the insertion of the community is a fundamental element to the touristical place hospitality. Through exploring, bibliographical and documental research, the theorical reference and the historical of the municipality are built: its culture and development stages, the differents stages that the brazilian economic policy has experimented and the organization of the touristical activity and their reflex in the studied place. The field research adopted the direct and indirect observation, with formal and informal interviews, technical visits and files research; searched the businessmen and the employees situation that act in the tourist service, searching for identify how the work relationship is structured in the municipality. Considering the employment as an important element in the definition of the identity, connect the question of the inclusion in the work market like a form of reception by the citizens. The analysed classes were: the belonging symbological site, the donation, the hospitality, the planning and the work. In the final reflections, search for consider about the question whom involves the relationship between the communities – guided by local roots that defines hospitality codes – and the outside changes with the touristical activity. Emphasizes that the new paradigm proposed to the XXI century is the “homo situs” priority, in detriment of the “homo economicus”. Shows that the link, the alliance of give, receive and return is nowadays viable and feasible in some communities, like the example of São Luís do Paraitinga.

Key-words: Belonging symbological site. Donation. Hospitality. Planning. Work. Tourism.

## LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1 - Calendário de Eventos do Município de São Luís do Paraitinga.....	58
Quadro nº 2 - Os quatro componentes do Sistema de Produção do Turismo – SPT....	79
Quadro nº 3 - Síntese dos eventos ocorridos no setor da economia no período de 1970 a 1990.....	107
Quadro nº 4 - Resumo das Políticas Públicas e Fundos criados no período compreendido entre 1970 e 2000, voltados para o setor turístico, ou que viessem a favorecê-lo.....	117
Quadro nº 5 - Resumo do desenvolvimento do Setor Hoteleiro no Brasil, no período compreendido entre 1970 e 2000.....	118
Quadro nº 6 - Resumo das Instituições de Ensino Técnico e Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil, compreendido no período entre 1970 e 2000..	118
Quadro nº 7 - Número de cursos criados por períodos.....	119
Quadro nº 8 - Oferta de cursos nas áreas de turismo e hotelaria por região brasileira até 2004.....	119
Quadro nº 9 - Diagnóstico do Turismo no período 2003-2006.....	129
Quadro nº 10 - Evolução do número de Empregos Formais na Atividade Turística....	130
Quadro nº 11 - Número Total de Empregos na Atividade Turística (Formais e Informais).....	131

## LISTA DE FIGURAS

Figura nº 1 – Mapa de acesso.....	48
-----------------------------------	----

## LISTA DE FOTOS

Foto nº 1 – Conjunto Arquitetônico .....	52
Foto nº 2 – Igreja Matriz .....	52
Foto nº 3 – Capela das Mercês .....	53
Foto nº 4 – Igreja do Rosário .....	54
Foto nº 5 – Casa de Oswaldo Cruz .....	55

## **LISTA DE APÊNDICES**

Apêndice A: Entrevista com proprietários .....	181
Apêndice B: Entrevista com funcionários .....	182
Apêndice C: Entrevistas complementares com funcionários .....	184
Apêndice D: Entrevistas com outros segmentos do comércio local .....	185
Apêndice E: Universo da Pesquisa (relação dos empreendimentos) .....	187
Apêndice F: Amostra da Pesquisa (relação dos empreendimentos) .....	189

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo A: 1ª Conferência Municipal de Turismo.....	190
Anexo B: Imperador do Divino .....	192

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1. CAMINHOS PERCORRIDOS: O MÉTODO DA PESQUISA</b> .....	<b>22</b>
A DEFINIÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA: A PERSPECTIVA DE HOSPITALIDADE.....	23
PROCEDIMENTOS DA PESQUISA .....	26
A investigação de campo – primeira etapa .....	26
Pesquisa de campo – segunda etapa .....	28
Complementação da pesquisa de campo .....	29
JUSTIFICATIVA DO MÉTODO E ESCOLHA DO TEMA .....	30
HOSPITALIDADE COMO VARIÁVEL DE PESQUISA .....	32
DÁDIVA, HOSPITALIDADE E A PRODUÇÃO DO TURISMO .....	34
<b>CAPÍTULO 2. PLANEJAMENTO TURÍSTICO E <i>SÍTIOS</i> SIMBÓLICOS DE PERTENCIMENTO</b> .....	<b>40</b>
HOSPITALIDADE NO TURISMO.....	41
O DESENVOLVIMENTO SITUADO .....	44
O VALE DO PARAÍBA: A REGIÃO DO <i>SÍTIO</i> . .....	44
SÃO LUÍS DO PARAITINGA: CARACTERÍSTICAS DO <i>SÍTIO</i> .....	48
Aspectos históricos e econômicos de São Luís do Paraitinga .....	50
O TURISMO NO MUNICÍPIO .....	51
O Patrimônio Arquitetônico, Natural e Cultural e as Manifestações Populares de São Luís do Paraitinga .....	52
Eventos e manifestações folclóricas em São Luís do Paraitinga .....	59
A Festa do Divino Espírito Santo em São Luís do Paraitinga .....	60
A organização da Festa do Divino em São Luís do Paraitinga .....	63
O Carnaval em São Luís do Paraitinga .....	66
O Dia do Saci Pererê .....	74
<b>CAPÍTULO 3. A ORGANIZAÇÃO DO TURISMO NO <i>SÍTIO</i> SIMBÓLICO SÃO LUÍS DO PARAITINGA</b> .....	<b>78</b>
O <i>SÍTIO</i> DE PERTENCIMENTO.....	78
A ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA SOB A ÓTICA DOS <i>SÍTIOS</i> .....	79
PLANEJAMENTO E REALIDADE LOCAL.....	83
O foco no turista.....	84
A INTRODUÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO.....	86
A CAPACITAÇÃO PARA A OFERTA DE HOSPITALIDADE COMERCIAL .....	89
CARACTERIZAÇÃO DO MODELO ADOTADO .....	94
ADEQUAÇÃO À ESPECIFICIDADE DO LOCAL .....	98
<b>CAPÍTULO 4. DINÂMICAS DE INCLUSÃO / EXCLUSÃO E PROCESSO DE PRODUÇÃO DO TURISMO</b> .....	<b>101</b>
EXCLUSÃO DO MERCADO DE TRABALHO.....	102
O desemprego .....	104
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO E EMPREGO NO BRASIL .....	107
TURISMO: INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL .....	112
O TURISMO COMO INDUTOR DE EMPREGABILIDADE .....	116

O PERÍODO DE 1970 A 2000 .....	120
A década de 1970 .....	120
A década de 1980 .....	123
A década de 1990 .....	125
REFLEXOS NO <i>SÍTIO</i> SÃO LUÍS DO PARAITINGA.....	132
<b>CAPÍTULO 5. A INSERÇÃO DA MÃO-DE-OBRA LOCAL NO TURISMO COMO FATOR DE HOSPITALIDADE.....</b>	<b>135</b>
Hospitalidade do ambiente e das pessoas.....	138
A percepção da hospitalidade no turismo .....	141
Inserção da comunidade no processo produtivo do turismo no sítio São Luís do Paraitinga .....	144
FUNCIONÁRIOS E PROPRIETÁRIOS: O TRABALHO EM TURISMO NO <i>SÍTIO</i> SÃO LUÍS DO PARAITINGA.....	152
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>163</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>168</b>
<b>BIBLIOGRAFIA AMPLIADA.....</b>	<b>176</b>



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, desenvolvida no Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, na área de concentração: Planejamento e Gestão Estratégica, linha de pesquisa: Políticas e Gestão em Hospitalidade e Turismo, sob orientação da profa. dra. Ada de Freitas Maneti Dencker procura refletir sobre as questões que envolvem as relações entre as comunidades - orientadas por raízes locais que definem códigos próprios de hospitalidade - com elementos introduzidos pela modernidade, especialmente aqueles decorrentes da introdução de atividades turísticas.

Na investigação, optou-se por estudar a questão pelo recorte da inclusão de mão-de-obra local na organização da atividade turística, entendendo que esta seria uma forma possível de inclusão e participação da comunidade local nas frentes de trabalho oportunizadas pela instalação de empresas e empreendimentos turísticos. Para dar conta desta questão, adotou-se a perspectiva dos *sítios simbólicos de pertencimento* de Zaoual (2006), a partir da qual se procurou contextualizar a dádiva e a hospitalidade, presente nos laços e vínculos existentes entre os membros da comunidade local de um município, no caso São Luís do Paraitinga, no Estado de São Paulo, no qual a atividade turística vem paulatinamente se instalando. Os autores que fundamentam a reflexão sobre dádiva e hospitalidade são: Mauss (1973), Demo (1985), Caillé (1989), Godbout (1999), Camargo (2004), Lashley (2004), Martins (2006), Grinover (2007).

A pesquisa discute, enquanto variável interveniente na composição dessas relações, uma questão mais ampla, que envolve a forma com que o planejamento e a organização da atividade turística, orientadas por políticas públicas centralizadas, é geralmente implementada no Brasil. Observa-se que as políticas públicas seguem, via de regra, modelos importados, que priorizam o lado econômico, especialmente acenando como possibilidades nem sempre reais de lucro, o que resulta na introdução do turismo por meio dos planos encomendados pelos prefeitos a técnicos que nem sempre compreendem e valorizam as especificidades da cultura local, repercutindo negativamente na vida das comunidades locais. Nessa perspectiva, é especialmente importante a idéia de *sítio*, de entendimento dos valores locais, conforme estudados por Zaoual (2006), que se aproxima de estudos sociológicos desenvolvidos por Demo (1985) e contribuem com a discussão da necessidade de uma

mudança de paradigma para outras abordagens, visando o desenvolvimento de economias locais de uma forma mais humana, mais voltada para o homem, vendo-o e compreendendo-o em sua totalidade, adotando um procedimento que contemple não apenas aspectos técnicos e racionais, mas todas as dimensões culturais, freqüentemente contraditórias, que integram as raízes das localidades.

Para situar o leitor, faz-se necessário explicar o que é o *sítio* simbólico de pertencimento, o *homo situs*, o *homo economicus* e o sitiante, para que se compreenda o sentido que essas expressões assumem nessa pesquisa.

Zaoual (2006) discute a questão do desenvolvimento das economias locais, sob a ótica do *sítio* simbólico de pertencimento, propondo uma diversidade de caminhos para os autores sociais organizarem e dirigirem seus próprios destinos, respeitando a diversidade cultural. O autor destaca a inconveniência de transferir mecanicamente os modelos de economia e administração de um espaço para outro, enfatizando que o homem possui um *sítio* simbólico de pertencimento, que é uma estrutura imaginária de coordenação econômica e social que associa as duas dimensões, diferente da do mercado, que são antagônicas, ou seja, a teoria dos *sítios* visa a pluralidade dos modos de coordenação, inserindo a dádiva, a solidariedade, a reciprocidade, a cooperação, a socialização e a aprendizagem recíproca de forma abrangente. Nessa perspectiva, se entende que a teoria do mercado que prioriza o capital é reducionista, pois não considera as diversas motivações dos atores da situação e do conjunto de relações que oportunizam a fluidez da troca. O autor considera que, na teoria do mercado, prevalece o planejamento pensado em escala global, não se ponderando que esse será materializado no local, no *sítio*, e que essa transposição poderá não estar em sintonia com o homem da situação.

A filosofia da análise dos *sítios*, proposta pelo autor, instiga em reconsiderar e refletir a respeito da situação do homem no século XXI, analisando os enganos cometidos nos processos de desenvolvimento e de globalização econômica, em suas relações contraditórias com a diversidade de culturas e civilizações existentes no mundo. Propõe a valorização do *homo situs*, ou o homem situado, pertencente ao *sítio*, aos seus valores, contrário ao reducionismo, aquele voltado apenas aos interesses econômicos.

O homem situado – o *homo situs* – seria o homem da situação, que visa aproximar-se e valorizar o homem concreto, tal como ele é em sua universalidade e diversidade. O autor enfatiza que cada *sítio* é uma entidade imaterial que impregna o

conjunto da vida em dado meio. O *sítio* possui um tipo de caixa preta constituída de crenças, mitos, valores e experiências passadas, conscientes ou inconscientes, ritualizadas; possui também uma caixa conceitual, que contém seus conhecimentos empíricos e/ou teóricos, de fato, de um saber social acumulado durante a sua trajetória, posto que o homem deve ser visto em sua individualidade e não conforme o homem voltado apenas para a economia, caracterizando-o como o *homo economicus*, individualista, egoísta, calculista, racional sob a lógica do mercado, destruindo o outro.

A teoria dos *sítios simbólicos de pertencimento* (sitiologia, teoria econômica dos *sítios*, teoria dos espaços locais) propõe a administração partindo de baixo, constituída em reação ao insucesso dos modelos de economia e de administração transpostos de um espaço para outro, sem que fosse considerada a adaptação local. A teoria econômica dos *sítios* objetiva combinar cultura, economia, ecologia, com ênfase na escala local e na diversidade das práticas econômicas, pois, segundo Zaoual, é nesse nível que aparece toda a riqueza.

Essa forma de abordagem permite associar a questão do *sítio* simbólico de pertencimento e do homem do *sítio*, o homem da situação, do local, com a circulação do dom, da dádiva, da hospitalidade, apontando na direção de um paradigma alternativo, de uma nova forma de perceber, interpretar e organizar e planejar, considerando fundamentalmente os valores, os ritos, os mitos locais. Partindo desses fundamentos, essa pesquisa adota uma perspectiva exploratória de análise, buscando identificar a dinâmica dessas questões no município de São Luís do Paraitinga.

A análise se alimenta das teorias de Mauss (1974), que identificou, em todas as sociedades já existentes na história humana – independentemente de nos referirmos àquelas tradicionais ou modernas -, que é possível observar a presença constante de um sistema de reciprocidades de caráter impessoal. Este sistema, que se expande ou se retrai a partir de um processo que envolve a tríplice obrigação - coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais -, é conhecido como dom ou dádiva. Na dádiva não há a obrigatoriedade do retorno; o bem circula no estabelecimento de vínculos, não necessariamente o vínculo com interesses econômicos, mas pelo interesse e valor pelo indivíduo. A dádiva estaria, assim, na própria gênese da formação dos *sítios*.

O processo de dar, receber e retribuir permeia as formas de organização presentes nos *sítios*, alicerçando as culturas locais, constituindo um conjunto de regras

e relações que filtram os fluxos provenientes da escala global para a local, gerando novas formas de comportamento que interferem em toda a teia social de relações.

Assim, embora a dádiva possa ser mais facilmente observada no plano das relações interpessoais – nos laços familiares, amigos e vizinhos -, ela também está presente em outros planos da vida social, nas relações funcionais, nos aparelhos políticos, econômicos e científicos. A hospitalidade é uma forma de dádiva. Receber o outro implica sempre em uma doação e também em sacrifício, que podem ou não ser retribuídos no futuro. As modificações advindas da modernidade fazem com que hoje a hospitalidade seja discutida em diferentes dimensões, que envolvem os ambientes doméstico, comercial e público.

A categoria básica da hospitalidade é o acolhimento, o receber o outro, o diferente, em distintas formas e circunstâncias. Assim, a hospitalidade não consiste apenas na organização do ambiente, da festa, da ceia, do repouso, mas sim no acolher o próprio indivíduo - o outro - no seu espaço, no seu *sítio* de pertencimento. Portanto, nessa dissertação se entende que faz parte das questões relativas à hospitalidade as condições de sobrevivência no *sítio* daquele que ali nasceu, ou escolheu para sua vivência e permanência. Logo, as mudanças introduzidas em qualquer *sítio* devem estar em sintonia com as particularidades, singularidades, mitos, ritos, cultura, do *sitiante*, para que possam ser assimiladas envolvendo a participação de todos no processo. Da mesma forma, é preciso considerar, quando se pensa na introdução da atividade turística em uma dada localidade, que é a comunidade local que se distingue pelas suas singularidades, que está na base dos fatores que interferem na organização da hospitalidade para o que vem de fora, o estrangeiro, o turista.

No entanto, não é apenas o turista que precisa ser acolhido, o acolhimento implica na inclusão do *sitiante*, - aquele que nasceu e vive em determinada comunidade, em determinado lugar -, em sua singularidade, para que este possa facilitar e oportunizar uma melhor acolhida, uma melhor hospitalidade para aquele que chega.

Se a dádiva pode ser identificada na tríplice obrigação do dar, receber e retribuir, que fundamentam os vínculos e laços familiares, ela também pode ser observada nas demais formas de sociabilidade que estão presentes no mercado, no Estado e mesmo na ciência. Além disso, a hospitalidade presente no acolher, receber, alimentar, entreter, estabelece relações entre aquele que está e aquele que chega, estabelecendo vínculos que configuram a circulação da dádiva. Lembrando

que o espaço é vivido, modificado e construído pelo homem que nele habita – o homem da situação – e visitado por aquele que tem interesses em desfrutar desse *sítio*, desse local, que é o visitante e o turista, entende-se que devam existir regras que orientem as ações, tanto dos que recebem quanto dos que visitam, e que são definidas pela cultura e valores do local.

O fato de se supor que essas regras já existam não significa considerar que a atividade turística deva ocorrer naturalmente, sem requerer organização e planejamento; o que se pretende reforçar é que qualquer organização da atividade turística deverá levar em consideração as normas próprias do *sítio* de pertencimento, incluindo o homem da situação, ou seja, o nativo, o residente. O elemento principal dessa afirmação é a idéia de que a implantação da atividade turística não deve seguir modelos padronizados e gerados fora da realidade local. Nessa dissertação, a denominação *sitiante* será aplicada àquele indivíduo que nasceu e/ou mora na localidade escolhida para a realização do estudo exploratório; e o *homem da situação*, àquele que é da localidade e está inserido na organização e no processo de desenvolvimento do turismo local.

O texto se apresenta dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro explica os caminhos percorridos para a elaboração do projeto e formulação do plano de pesquisa; a seguir, no segundo capítulo, se apresenta a questão da hospitalidade no turismo, caracterizando São Luís do Paraitinga enquanto *sítio* simbólico de pertencimento; o terceiro capítulo trata de forma específica da introdução da atividade turística no município; seguindo-se, no quarto capítulo, a discussão sobre a questão do emprego enquanto forma de inclusão social, traçando um panorama das políticas implementadas no país considerando o turismo como indutor de empregabilidade. No quinto capítulo, é discutida a questão do emprego em turismo em São Luís do Paraitinga, apresentando os dados da pesquisa de campo e refletindo sobre a temática abordada.

Considera-se o presente estudo e investigação importante, visto que das pesquisas realizadas sob diferentes recortes de disciplinas tendo o município de São Luís do Paraitinga como análise, ainda não foi contemplada a questão da inclusão da mão-de-obra local percebida como dádiva e hospitalidade e ainda, por ser a primeira dissertação a discorrer sobre a hospitalidade e a teoria dos *sítios* simbólicos de pertencimento. Desta forma, a discussão visa contribuir com mais uma visão da

dádiva e hospitalidade, galgada na empregabilidade, fator social de relevância para a sociedade na contemporaneidade.

## **Capítulo 1. Caminhos percorridos: o método da pesquisa**

O primeiro contato que se teve com o *sítio* simbólico aqui estudado, o município de São Luís do Paraitinga, foi para o desenvolvimento de atividade pedagógica que resultou na elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico do Município em 2003.<sup>1</sup> As freqüentes visitas técnicas realizadas na ocasião permitiram a percepção, por parte da pesquisadora, de que havia elementos peculiares, presentes no local, que o diferenciavam de outros anteriormente pesquisados, que se manifestavam em um elevado nível de participação da população local nos empreendimentos turísticos e nas formas de acolhimento.

A convivência, nessa ocasião, com a comunidade, empreendedores, visitantes e turistas, e posteriormente discussões dos resultados das pesquisas, reforçou essa percepção e levaram a pesquisadora a continuar estudando o local. Havia no município uma atmosfera diferente, que se manifestava na simplicidade da acolhida, da recepção ofertada pelos órgãos públicos, comunidade, empreendedores, guias, ou seja, do setor de turismo como um todo, e que se traduziam em um ambiente bucólico, próprio do lugar, um povoado pequeno, singelo, que transmitia serenidade e ficava registrado na memória do visitante. Essa experiência foi decisiva para a escolha do *sítio* São Luís do Paraitinga no momento do desenvolvimento da pesquisa para o mestrado. Além dos laços afetivos, a pesquisadora levou em consideração a atitude receptiva do poder público local que, quando da elaboração do trabalho pedagógico mencionado, demonstrou um envolvimento e comprometimento que não acontecia nos trabalhos elaborados para outros municípios. Essa impressão se confirmou ao longo do tempo, pela manifestação de interesse, acolhida, assistência e valorização no desenvolvimento dos demais trabalhos de pesquisa realizados em São Luís do Paraitinga, resultando em uma parceria entre estudantes, professores e a localidade, altamente produtiva. Isso permitiu o acesso aos planos, trabalhos e documentos anteriormente

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido com os alunos da Universidade Paulista, em convênio com a Prefeitura, orientado pela mestranda.

desenvolvidos e que foram disponibilizados para consulta pelo poder público local, complementado pelo acompanhamento nas visitas técnicas, palestras proferidas pelos gestores locais e contatos freqüentes com a comunidade e com empresários.

Os vínculos que fundamentam as relações de hospitalidade foram, na ocasião, estabelecidos entre o órgão público, a comunidade e o corpo docente e discente da Instituição de Ensino Superior, permitindo a realização de um plano com a colaboração de todos, tendo sido ponderadas recomendações - e algumas concretizadas -, de acordo com o interesse, aprovação e envolvimento dos residentes.

### **A definição do local da pesquisa: a perspectiva de hospitalidade.**

Em São Luís do Paraitinga, nos inúmeros contatos estabelecidos, foi possível perceber que os residentes têm interesse em aproximações que contribuam para a melhoria do local e manutenção do patrimônio ambiental urbano e histórico, bem como demonstram simpatia e acolhida ao receber o estudante, o visitante, o turista, o pesquisador. Ao primeiro olhar, essa disposição pareceu ser indicativa de relações harmoniosas que refletiam a hospitalidade local. Optou-se então por avaliar metodicamente essas relações no decorrer da presente pesquisa, confrontando as evidências empíricas com o referencial teórico adotado para a análise. Para tanto, foram seguidas as orientações metodológicas, formuladas por YIN (2005, p. 109) de que:

As evidências podem vir de seis fontes distintas: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos. O investigador deve saber como usar essas seis fontes, que exigem o conhecimento de habilidades e procedimentos metodológicos diferentes.

A busca de evidências se deu por exploração de fontes primárias<sup>2</sup> e secundárias<sup>3</sup>, como leitura de periódicos locais, entrevistas com os proprietários e funcionários, análise de panfletos, prospectos, leitura de bibliografia específica, artigos, revistas, além de inúmeros contatos e conversas informais com a comunidade local.

---

<sup>2</sup> Segundo DENCKER (1998, p. 43) Material mais recente e original que não possua distribuição por esquemas predeterminados e que possa ser encontrado em revistas, informes de investigação, atas, produção acadêmica e livros.

<sup>3</sup> Id. Ibid. p. 46 Material conhecido e organizado segundo um esquema determinado. Informam sobre o que se publicam. Podem ser: revistas de resumos, índices, bases de dados e bancos de dados.

Na pesquisa realizada em 2003, para o Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal de São Luís do Paraitinga, os resultados indicaram elevado nível de consciência da população local sobre possíveis benefícios e malefícios do turismo, bem como elevado grau de importância atribuída à atividade, tanto no que se refere aos possíveis ganhos monetários quanto às possibilidades de conviver com o turista, havendo ainda um consenso de que o turismo ajuda a preservar a cultura local. Não menos significativo foi o fato de que os moradores consideram a localidade como um bom local para se viver.<sup>4</sup>

Ainda que essa satisfação possa ser gerada pelos possíveis retornos financeiros do turismo, como explica KRIPPENDORF (2000, p. 70), ao dizer que “O turista é bem vindo porque ele fornece trabalho e retorno financeiro”, não se pode deixar de registrar que as relações observadas não podem ser reduzidas a relações mercantis. Existem evidências de que há reciprocidade no relacionamento mantido com o turista, principalmente nos empreendimentos de pequeno porte, e especificamente nos meios de hospedagem em São Luís do Paraitinga, que não dependem financeiramente da atividade turística, pois possuem outras fontes de renda. A opção por investir em empreendimentos hoteleiros na localidade se deu por outras razões, como a identificação com o lugar, a busca de uma atividade diferente da que exercia antes, uma espécie de investimento para o futuro.

Em setembro de 2004, após a entrega do Plano de Desenvolvimento Turístico, a pesquisadora pediu autorização e apoio da Prefeitura local e do responsável pelo setor de turismo para dar continuidade aos estudos, por interesse pessoal, solicitando planta das ruas, registro dos estabelecimentos, para que fosse realizada uma investigação sobre os recursos humanos alocados nos empreendimentos e estabelecimentos do município. A pesquisa foi feita pelo sistema de varredura<sup>5</sup>, com entrevistas abertas junto aos proprietários, verificando quantos funcionários estavam em atividades no estabelecimento, qual a procedência dos proprietários e funcionários e a forma de administração do estabelecimento. Observou-se nesse levantamento que a totalidade dos empreendimentos visitados e entrevistados<sup>6</sup> era de administração familiar, absorvendo recursos humanos do

---

<sup>4</sup> A pesquisa foi realizada junto a 104 moradores.

<sup>5</sup> DENCKER (1998, p. 217): “Técnica utilizada em trabalho de campo que consiste na divisão da região em áreas (quarteirões) a serem contornadas pelo pesquisador, que complementarmente as informações já registradas e registrará as que ainda não foram identificadas”.

<sup>6</sup> Adotou-se para levantamento dos dados, quanto aos recursos humanos absorvidos para o turismo, apenas os estabelecimentos diretamente voltados para o turismo: meios de hospedagem,



próprio vínculo familiar, extensivo aos munícipes. Não foi constatada a existência de empreendimentos e estabelecimentos no esquema de franquias, filiais das cadeias e redes hoteleiras, ou de *fast-foods*.

Outro dado importante é que o município, localizado entre Taubaté e Ubatuba, configura-se como local de passagem. O transporte público existente se concentra em períodos determinados, definidos em função da demanda da população, segundo informações obtidas junto à viação São José, que faz o percurso Taubaté – São Luís do Paraitinga e São Luís do Paraitinga – Taubaté, oferecendo transporte nos horários mais procurados. Pesquisas informais junto aos residentes indicaram que os horários dos ônibus são satisfatórios, pois a procura se dá mais efetivamente no período da manhã, quando os usuários vão para estudar ou trabalhar em outras localidades próximas à região, ou mesmo fazer compras e demais negócios nos períodos vespertino e noturno.

Um elemento observado que se mostrou relevante e determinou a escolha do local para os estudos do mestrado entre 2006 e 2007, foi o fato dos empreendedores locais serem em grande parte pessoas que escolheram o município para viver. Essa evidência foi considerada como um indicativo da hospitalidade local.

Entende-se que a hospitalidade presente no município não se restringe a uma oferta apenas comercial de hospedagem e restauração, mas se enquadram no âmbito das relações humanas, como destacado nos estudos da escola inglesa, que percebem a hospitalidade como relação sujeita a regras e padrões, que vão além das relações contratuais, para que se possa atender os interesses do hóspede e do hospedeiro.

Para respaldar essa linha de raciocínio, foram considerados os autores: Godbout (1999), Baptista (2002), Lockwood; Jones (2004), Botterill (2004), Guerrier; Adib (2004), Telfer (2004), Brotherton; Wood (2004), in Lashley; Morrison – orgs.(2004), e autores nacionais, tais como: Bastos (2003); Bueno (2003); Dias (2003); Dencker (2003 e 2004); Camargo (2004), Martins (2006); Grinover (2007). Embora os autores citados abordem o tema hospitalidade sob diferentes recortes e contextos, estes contribuíram para a fundamentação teórica, a reflexão, e revisão de literatura para embasamento e contextualização desta dissertação.

Com base nesse referencial, julgou-se pertinente refletir sobre a questão do acolhimento do próprio munícipe no processo de desenvolvimento e produção da

atividade turística. A idéia é que a inclusão do munícipe se faria pelo mercado de trabalho; assim, um alto grau de absorção da população local nos empregos gerados pela atividade turística poderia ser um elemento indicativo de hospitalidade do local.

Então, a idéia de que o turismo deve gerar emprego e renda para a população local estaria em sintonia com a idéia de formação de territórios mais hospitaleiros. Com essa premissa, seria possível atribuir à atmosfera de hospitalidade percebida no município de São Luís do Paraitinga como uma consequência dos empreendimentos trabalharem quase que exclusivamente com recursos humanos de origem local?

## **Procedimentos da pesquisa**

### **A investigação de campo – primeira etapa**

Tomar a realidade empírica como expressão dos conteúdos teóricos, seguindo a linha hipotética dedutiva, é uma questão muito mais complexa do que se possa supor em uma primeira abordagem. No caso dessa pesquisa, com o amadurecimento decorrente do curso de mestrado, a participação em seminários e congressos e o aprimoramento de idéias por meio de novas leituras e percepções, as certezas iniciais foram se diluindo e a complexidade foi gradativamente percebida, conferindo novos rumos à pesquisa. Conforme ALVES:

Nós não conhecemos a realidade. Não podemos contemplá-la face a face. Se tivéssemos uma visão direta da realidade, nosso conhecimento seria final, definitivo. Mas isso não acontece. Frequentemente, os cientistas são forçados a reconhecer que as coisas são totalmente diferentes daquilo que pensavam. Aí ocorrem as grandes revoluções na ciência. Isso não aconteceria se o conhecimento fosse visão direta do real. (2004, p. 65).

Essa observação representa bem o processo de amadurecimento da pesquisadora, que considerou inicialmente que as pesquisas de 2003 e 2004 evidenciavam um processo de inclusão e até de hospitalidade no caso escolhido para análise, e que isso resultaria na criação de uma atmosfera hospitaleira e na oferta de um serviço com qualidade.

A pesquisa de campo realizada no final de 2006 e início de 2007, para o desenvolvimento dessa dissertação, mostrou que, conforme a realidade do *sítio*, como alerta Zaoual, os resultados podem não significar o que parecem em uma primeira leitura. Na realidade, os dados indicaram que, embora a absorção dos recursos humanos seja quase que na totalidade local, isso não significa que o

resultado seja a oferta de uma hospitalidade comercial de qualidade. Os resultados preliminares dessa investigação indicaram que os recursos humanos absorvidos no e para o turismo em São Luís do Paraitinga não eram qualificados (segundo o depoimento de alguns empreendedores), o que permitiu inferir de antemão que supostamente não resultam na oferta de um serviço de qualidade que satisfaça o turista e que seja percebido como hospitaleiro.

Para a realização da pesquisa de campo, no período de 7 a 10 de setembro de 2006, a pesquisadora esteve hospedada num dos empreendimentos hoteleiros locais, dando início às entrevistas semi-estruturadas, com o intuito de averiguar o perfil dos empreendedores e dos funcionários. A técnica empregada foi o uso de formulários, sendo um para o proprietário e outro para os colaboradores, ou sejam, funcionários.

As questões formuladas foram estruturadas buscando informações específicas que pudessem contribuir para o conhecimento do perfil do empreendedor e dos recursos humanos alocados nos estabelecimentos, de modo a possibilitar a análise e interpretação do cenário atual, estabelecendo relação com outras fontes de evidências. Ressalta-se que mais uma vez pôde-se contar com o apoio e incentivo dos atores envolvidos neste levantamento.

A pesquisa foi realizada nos estabelecimentos diretamente prestadores de serviços aos visitantes e turistas, tais como: meios de hospedagem, estabelecimentos de alimentos & bebidas, posto de informações turísticas e agências, situados na área central do município. O recorte se justifica por serem estes estabelecimentos que atendem os visitantes e que, além do comércio convencional, estes empreendimentos oferecem cargos e funções contribuindo com a empregabilidade.

Os formulários que orientaram as entrevistas incluíram variáveis que permitissem responder dados não disponíveis em fontes primárias e secundárias e que oportunizassem um roteiro padronizado dos questionamentos para que, *a posteriore*, fossem estabelecidas conexões, análises e interpretações. Todas as questões estavam relacionadas aos problemas e hipóteses levantadas, sendo a entrevista a técnica indicada para o caso. (DENCKER, 1998, p. 139). Todas as entrevistas foram agendadas antecipadamente seguindo orientações da docente da disciplina Seminário de Pesquisa, profa. Dra. Sênia Bastos, do programa de mestrado da Universidade Anhembi Morumbi.

O pesquisador leu as perguntas do formulário para os entrevistados e anotou as respostas, não havendo o uso de gravador para não causar inibições. Os

formulários utilizados para as entrevistas encontram-se nos apêndices (apêndices A e B).

Outra técnica importante utilizada, seguindo a orientação de YIN (2005, p. 119) foi o confronto das informações obtidas nas entrevistas com outras fontes. No caso, foram realizadas observações tendo como fontes de evidência a observação direta por meio de visitas de campo, análise de documentos - recortes de jornais e outros artigos que aparecem na mídia ou em informativos da localidade - levantamento de trabalhos e obras, periódicos disponíveis na biblioteca local, além de conversas informais com a comunidade local.

Em razão do contato existente entre a pesquisadora e a localidade, desde 2003, foram possíveis a apresentação e discussão da proposta, desenvolvida para o mestrado, no Fórum da Cidade, o que contribuiu para que a população colaborasse com a pesquisadora fornecendo as informações solicitadas.

Para completar a coleta de dados, foi feita uma segunda visita ao município no período de 14 a 21 de janeiro de 2007, oportunidade em que foram entrevistados outros empreendimentos, bem como um hotel inaugurado em dezembro de 2006<sup>7</sup>. Complementaram as informações fontes como dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso, desenvolvidos por pesquisadores da Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além da leitura e análise dos periódicos locais. Essa investigação transcorreu em diversos finais de semana, para suprir informações fundamentais objetivando a contextualização e considerações do presente estudo, visando uma observação intensiva do fenômeno estudado, conforme recomenda DENCKER (1998, p. 97), para pesquisas qualitativas.

### **Pesquisa de campo – segunda etapa**

Realizada após o exame de qualificação, essa etapa contemplou as questões sugeridas pelos membros constituintes da banca da qualificação, o Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo e o Prof. Dr. Hilário Ângelo Pelizzer.

Foram incluídas, por sugestão do Dr. Pelizzer, entrevistas com estabelecimentos não diretamente formatados para atendimento aos visitantes e turistas, para averiguar o que estes achavam da atividade turística na localidade e se a atividade proporcionava algum benefício, alguma melhoria para o estabelecimento

---

<sup>7</sup> Portanto, após a realização da primeira etapa da pesquisa.

em questão. Os funcionários de estabelecimentos que atendem os turistas foram novamente questionados, visando saber o que melhorou na vida destes com o advento do turismo, se é que isto tenha ocorrido.

Optou-se por complementar a pesquisa entrevistando alguns comerciantes não diretamente relacionados ao turismo, procurando identificar pessoas que, por sua vivência, pudessem contribuir para a pesquisa, como recomenda DENCKER (1998, p. 138).

Para tanto, a pesquisadora retornou ao município em três finais de semana entre abril e maio de 2007, realizando entrevistas abertas não estruturadas. Entrava-se no estabelecimento identificando-se e solicitando a resposta de alguns dados pertinentes ao turismo na localidade. O formulário das entrevistas e a relação dos estabelecimentos contatados encontram-se nos apêndices e as respostas discutidas e comentadas no capítulo quinto<sup>8</sup>.

Na análise dos jornais regionais e locais, folheteria de divulgação de eventos e atrativos locais, artigos que aparecem na mídia ou em informativos da comunidade local, bem como das reportagens em mídia impressa e televisiva de cobertura nacional, procurou-se perceber como são realizados os discursos, como são passadas as informações à comunidade, referentes às ações locais, e qual o repertório utilizado pelos jornalistas da mídia impressa local e regional. Adotou-se o período de um ano para a análise do periódico local intitulado “O Paraitinga”, estabelecendo conexões junto às informações adquiridas por intermédio de outros instrumentos de pesquisa utilizados, tais como: entrevistas, conversas informais junto aos residentes, comerciantes, empreendedores locais, participação em reuniões junto aos empreendedores locais. A análise desse tipo de documento se faz necessária para estudos e pesquisas objetivando corroborar e interpretar fatos, relatos e evidências.

### **Complementação da pesquisa de campo**

---

<sup>8</sup> Complementaram as informações as seguintes fontes: Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de São Luís do Paraitinga / Curso de Turismo da Universidade Paulista/ Unip/2003, volume disponível no Laboratório de Turismo da Unip – Campus Chácara Santo Antônio e na Biblioteca Municipal de São Luís do Paraitinga; Trabalho de Conclusão de Curso/ UNIP/ Pousada Ápice, volume disponível no Laboratório de Turismo da Unip, Campus Chácara Santo Antônio e na Recepção da Pousada Ápice, em São Luís do Paraitinga; Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Ibirapuera - Unib, Campus Irai, Carnaval de São Luís do Paraitinga, 2006, volume disponível no Laboratório de Turismo da Universidade Ibirapuera, Campus Irai.

Para complementação do estudo, foi utilizada a abordagem exploratória em fontes bibliográficas e documentais que estudaram o local e pertencentes a diversas áreas acadêmicas (arquitetura, história, geografia, folclore, ecologia), além de obras de fundamentação teórica sobre os temas abordados. A observação direta e informal durante inúmeras visitas técnicas realizadas também foi um dos procedimentos adotados que contribuiu e contribui com informações importantes, pois são fontes relevantes de evidência, de acordo com RUDIO (1978, p. 34).

Essas observações se deram no uso dos diversos serviços na área de hospedagem, restaurantes, lanchonetes, bares, além das visitas aos lugares, museus, bibliotecas, lojas de artesanato, supermercados, vendas, lojas de roupas, farmácias, assistindo e contemplando os eventos, tais como: a festa do Saci, o festival regional de fanfarras, a festa de comemoração de aniversário da cidade, o festival de música regional, missas dominicais, cerimônias de casamento, além do Fórum da Cidade, realizado em Agosto de 2006, já mencionado.

Ciente de que o pesquisador nem sempre se encontra disciplinado o suficiente para realizar as pesquisas e/ou discorrer sobre o tema, uma vez que a observação dos fatos se dá em função do repertório do indivíduo que observa e isso pode acarretar desvios na pesquisa, procurou-se deixar bem claro o referencial teórico com o qual se pretendia analisar a realidade, pretendendo com isso desmistificar o olhar, pois existem infinitas formas de olhar e perceber um fenômeno.

Embora seja a partir do referencial teórico que a observação é realizada, é preciso reconhecer que não se colocar no discurso é uma tarefa árdua, senão impossível. Quando se escolhe um tema, com certeza é porque há uma certa familiaridade acadêmica e cultural com o objeto escolhido. Conforme DEMO (1995, p. 28), “[...] não há como estudar de fora, como se fosse possível sair da própria pele para ver-se de fora. Por isso não se coloca neutralidade, porque já seria forma de tomar posição”.

Acredita-se, entretanto, que a escolha do tema se justifica por ser relacionada a uma inquietação contemporânea que é a questão da empregabilidade como fator de dignidade, cidadania e inclusão social, e por considerar que o fenômeno turismo pode vir a ser e ter uma certa contribuição e responsabilidade neste processo.

### **Justificativa do método e escolha do tema**

A busca do conhecimento é uma dinâmica constante que leva a novas percepções sobre elementos que já conhecemos. O tema hospitalidade, que parece para muitos algo recente, na realidade não é novo. A hospitalidade é tão antiga quanto a civilização; existe desde tempos remotos; porém, atualmente, é um tema discutido em diversas áreas do conhecimento, não estando restrito ao ramo do turismo.

Entendendo a hospitalidade como um procedimento às vezes nato, às vezes condicionado, percebe-se que, de acordo com a cultura, espaço e valores de uma sociedade, a hospitalidade é praticada, vista e percebida por diferentes nuances, por aquele que recebe e aquele que é recebido, resultado da subjetividade dos envolvidos.

Trazendo a questão para o campo do turismo, entende-se que a hospitalidade é uma dinâmica que pode ser orientada e trabalhada para o melhor desenvolvimento da atividade, agregando benefícios aos atores envolvidos no fenômeno, ou seja, comunidade, iniciativa pública, iniciativa privada, visitantes e turistas.

Considerando que a hospitalidade apresenta certa proximidade com questões como solidariedade, vínculos e laços sociais, parece viável a hipótese de que a hospitalidade, estando na base da constituição e formação das comunidades, se inicia por compromissos que implicam primeiramente aqueles que se encontram diretamente envolvidos, ou seja, seus membros, para que depois possa ser proporcionada aos de fora, aos visitantes e turistas.

Supõe-se que, para receber o outro no seu espaço, necessita-se prioritariamente receber o seu no próprio espaço, ou seja, proporcionar ao sitiante a oportunidade de agir e usufruir de seu *sítio*, de seu espaço, absorver no lugar e no cotidiano uma forma de desenvolver alguma atividade e com ela subsidiar o seu sustento, suprir suas necessidades e se sentir acolhido no próprio *sítio*, no próprio espaço onde múltiplas relações se estabelecem, onde os vínculos acontecem entre elas e o trabalho, ter uma ocupação, julgando que a absorção de recursos humanos internos, advindo da própria localidade nos postos de trabalho, possa ser percebida como fator de acolhida, de oportunidade de inserção e hospitalidade.

Por outro lado, deve-se ressaltar a percepção subjetiva da hospitalidade galgada na cultura, valores de diversos povos, partindo da premissa de que a percepção da hospitalidade é mutante de geração para geração e é vista de forma diferenciada no tempo e no espaço.

Na presente pesquisa, a unidade de análise considerada foi a absorção de recursos humanos local no processo de organização, do desenvolvimento e da produção

do turismo como indicativa de hospitalidade. As categorias de análise adotadas para o desenvolvimento da presente pesquisa foram: o *sítio* simbólico de pertencimento, a dádiva, a hospitalidade e o planejamento, convergindo para a questão do trabalho, face sua importância na definição da identidade do homem contemporâneo.

Dos inúmeros problemas que afligem as sociedades, como, por exemplo, segurança, saúde e moradia, sempre presentes na mídia, o trabalho é uma questão recorrente que afeta a todos.

Contribui também para a definição desse foco os resultados de enquetes realizadas em diversos municípios<sup>9</sup> que tiveram como respostas dos entrevistados que a falta de emprego, a ausência de uma atividade remunerada para o sustento do munícipe e da família é um problema para as localidades turísticas. Sem dúvida, o trabalho é um meio importante de se subsidiar o mínimo para a sobrevivência do indivíduo, ainda que não resolva as demais carências.

Acatando as orientações e premissas de autores da área metodológica e epistemológica, tais como: Rudio (1978), Demo (1995), Dencker (1998), Alves (2000), Spector (2001), Dencker & Da Viá (2001), Yin (2005), foram desenvolvidos os instrumentos de coleta e definidas as etapas dessa pesquisa que se coloca em uma linha qualitativa de investigação.

### **Hospitalidade como variável de pesquisa**

As reflexões até aqui desenvolvidas permitem entender que para que se interprete a realidade empírica a partir de uma teoria da hospitalidade, o pesquisador necessariamente deverá transcender as observações na busca de explicações. Os dados observáveis são interpretados pelo pesquisador que os lê segundo a teoria adotada e que integra o protocolo que orienta o estudo.

A hospitalidade, portanto, não pode ser observada empiricamente; o que se observa são relações de troca que se estabelecem entre as pessoas em suas

---

<sup>9</sup> Essas pesquisas referem-se aos Planos de Desenvolvimento Turístico orientados pela pesquisadora como docente nas Instituições de Ensino Superior das disciplinas constantes das ementas, nas disciplinas de: Metodologia Científica, Filosofia, Ética e Cidadania, Orientação de Estágio, Inventário Turístico, Planejamento e Organização de Turismo, Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal, trabalhos realizados por alunos das Instituições onde a pesquisadora lecionou e leciona: Centro Universitário Ibero Americano, Universidade Ibirapuera, Universidade Paulista, contemplando os municípios de : Vinhedo, Aguai, Embu-Guaçu, Embu das Artes, Itapeverica da Serra, Jujutiba, São Lourenço da Serra, São Roque, São Sebastião, Jacupiranga, Natividade da Serra, São Luís do Paraitinga, São Francisco Xavier, Serra da Cantareira, trabalhos esses disponíveis nos laboratórios de turismo das respectivas IES e no Gabinete das referidas Prefeituras locais.



atividades de abrigar, alimentar ou entreter o outro, que teoricamente seriam orientadas de forma inconsciente por regras não escritas de hospitalidade. Trata-se de um raciocínio hipotético-dedutivo, que conduz à interpretação dos fatos observados como sendo manifestações empíricas de categorias teóricas.

No caso da presente pesquisa, se entende que a inclusão social por meio da inserção no mercado de trabalho pode ser considerada como uma variável indicativa de hospitalidade, na medida em que representa o acolhimento no sentido de dar condições ao trabalhador de obter abrigo, alimentação e entretenimento com o salário recebido. O emprego nos empreendimentos turísticos, seja ele formal ou não, permite a inclusão da comunidade no processo de desenvolvimento do turismo, consoante com FERNANDES; COELHO (2002, p. 10):

A atividade turística, que é produtiva e geradora de empregos, tem uma importante contribuição a fornecer para o desenvolvimento de certas regiões. Ela é considerada um “produto” consumido, na maior parte das vezes, nas regiões menos desenvolvidas. Em áreas geográficas carentes de recursos que possibilitem a industrialização e o desenvolvimento da agropecuária e que dispõem de recursos naturais e culturais, além de infra-estrutura básica, o turismo decisivamente multiplica as atividades produtivas e cria empregos diretos e indiretos.

Quando o desenvolvimento do turismo se dá sem que a comunidade local possa participar do processo, criam-se espaços de conflito, onde os que não conseguem se incluir possam desenvolver atitudes hostis, tanto em relação aos eventuais migrantes que venham a compor a força de trabalho, quanto aos turistas, comprometendo assim a hospitalidade do lugar.

Essa questão não é simples, pois para incluir é preciso dar condições de inclusão; negócios turísticos não são abrigos de caridade, envolvem investimento e capacitação. A absorção da mão-de-obra local não é um processo automático; requer um processo de aprendizado, investimentos, formas de gerenciamento e gestão que promovam o crescimento e a especialização da mão-de-obra, para que essa tenha acesso aos postos de trabalho criados pelo turismo em todos os níveis.

Essas questões remetem à definição da abordagem metodológica que se deu à pesquisa, no sentido de que se tentou observar como os fatos se manifestam para os indivíduos, por intermédio da fenomenologia de Mauss e da teoria dos *sítios* de Zaoual, que conforme PANOSSO NETTO (2005, p.114)

A fenomenologia vai trabalhar para compreender o viver de acordo com o percebido por quem faz parte deste viver. A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com

o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem.

Para a análise da hospitalidade, no contexto da presente pesquisa, buscou-se a existência de um conjunto de expectativas, uma espécie de disposição coletiva, não diretamente ligada ao interesse ou à obrigação, que contribuam para a formação de um espaço em que as relações transcorram de forma mais ou menos harmônica, que poderíamos denominar como espaços hospitaleiros.

Entende-se também que essa disposição coletiva se forma a partir de condições objetivas de natureza histórica estrutural que, de certa forma, condicionam as possibilidades de manifestação das condições subjetivas, que são próprias dos indivíduos. A natureza dialética das relações que transcorrem em um dado espaço é que explicaria as diferenças que marcam diferentes processos de turistificação, podendo resultar ou não em produção de espaços hospitaleiros.

### **Dádiva, hospitalidade e a produção do turismo**

Parte-se da premissa básica de que o turismo é um fenômeno social, que envolve relações, vínculos, trocas de interesses entre os diversos setores e atores e que este relacionamento pode resultar tanto relações amistosas e satisfatórias, quanto vínculos insatisfatórios a um dos atores envolvidos. Entende-se também que o ser humano é livre em suas ações e intenções, mas que, em contrapartida, há regras, leis, normas e éticas a serem cumpridas; isso não é diferente no turismo, onde não se percebe apenas a obrigação de servir mediante pagamento estipulado em contrato, mas também existe a necessidade de que se cumpram um conjunto de normas, procedimentos e comportamentos por ambas as partes - tanto quem está fazendo uso do estabelecimento e da prestação de serviços, quanto aquele que se propôs a abrir o estabelecimento e oferecer os serviços prestados -, devem cumprir o ritual implícito no compromisso da hospitalidade, que orienta o receber, acolher, alimentar e entreter.

Para que o turismo aconteça, é necessária uma rede de empreendimentos e serviços complementares, que envolva a prestação de serviços tanto de natureza formal quanto informal, resultando em vínculos de trabalho, tanto formais quanto eventuais. O objetivo dessa rede é, em primeira instância, atender às expectativas e

necessidades do turista, sendo em termos ideais formada por profissionais habilitados e aptos a desenvolver suas funções. Para atender o turista, é preciso que o funcionário tenha noções de procedimentos, regras, normas, atitudes referentes a suas atividades laborais, o que requer a compreensão da própria essência do serviço prestado.

Ninguém é obrigado a abrir ou a trabalhar em um negócio voltado para o turismo, que envolva essencialmente o relacionamento entre pessoas, quer seja no interior das empresas, quer seja no relacionamento dos funcionários com os turistas; assim, percebe-se que o fato em investir na área de turismo é uma opção pelo setor, o que envolve a motivação para se dedicar a uma atividade que requer o relacionamento, o vínculo, provocado pelo contato. Investir e trabalhar em um setor requer afinidade com a área escolhida.

Com isso, é razoável supor que, além dos interesses econômicos, exista também alguma coisa que motive o empresário ou o funcionário no ato de dar ao turista aquilo que ele necessita, do mesmo modo que é possível supor que ele espere receber do turista não apenas a quantia relativa ao consumo, mas também a troca de informações, elementos culturais, em um exercício de adaptação ao diferente, que envolva adequação aos diversos estilos e perfis de turistas.

O prestador de serviços espera um “muito obrigado”, ou algum elogio, que indique o reconhecimento do turista pelo serviço recebido. Do ponto de vista do turista, ainda que não seja propriamente um hóspede no sentido tradicional ou doméstico, acredita-se que, estando em território desconhecido, se encontre vulnerável, precisando da acolhida também no sentido de dialogar com as pessoas envolvidas no estabelecimento que presta o serviço; pode-se também considerar que há uma troca com o lugar ao realizar a leitura da paisagem, ao observar os hábitos, costumes do local, entre os olhares. Há no relacionamento com as pessoas e com o lugar não só a visão econômica, mas também a troca dos valores, das culturas, do diferente e até do inusitado.

Assim como existem exemplos de lugares onde o turismo é aparentemente apenas negócio, também existem locais em que o turismo foi aos poucos acontecendo sem interesses essencialmente econômicos, foi amadurecendo pelo fato dos interessados se identificarem ou terem a curiosidade de conhecer o lugar, resultando no despertar da população local, percebendo que seus valores, seus mitos, sua cultura, seu patrimônio poderiam vir a ser divididos e compartilhados com

os de fora, e com isso desenvolver atividades capazes de gerar emprego que insiram na atividade turística os nativos e residentes, como se percebeu no *sítio* São Luís do Paraitinga.

Mauss já assinalava que, além da obrigatoriedade em atender o que foi estabelecido no contrato, há a parte, a ação que emerge do desinteresse, envolvendo trocas diversas, como mercadorias por um lado e sorrisos por outro. (MAUSS apud MARTINS 2006, p. 90). A sociologia de Mauss enfatiza a idéia de uma totalidade simbólica, considerando a sociedade um todo, integrado por significações circulantes – gestos, risos, palavras, presentes, sacrifícios.

Diante do exposto, percebemos que no relacionamento entre visitantes e visitados, hóspede e hospedeiro, não há apenas a troca, o valor atribuído à questão econômica, mas também se estabelecem vínculos não obrigatórios entre as partes envolvidas. Os dois elementos coexistem: por um lado o interesse do retorno econômico para a manutenção do negócio e da sobrevivência e, por outro, do valor humano, do valor simbólico que envolve e fecha o círculo dos envolvidos e cúmplices dessa aliança, o dar, receber e retribuir. Há também a hospitalidade embutida nesse vínculo, nesse relacionamento, pois, além de pagar a conta, o funcionário e o proprietário também esperam que o hóspede, que o turista, agradeça, emita uma palavra, um gesto de agradecimento, de gratidão, retribuindo os serviços e a atenção prestada.

Por outro lado, não é pelo fato de haver pago a conta que o visitante não deva retribuir agradecendo. Conforme CAMARGO (2006, p. 24):

Tantas vezes os viajantes fazem questão de agradecer ao recepcionista, ao guia, às vezes até mesmo com lágrimas. Por que escrevemos cartas de agradecimento, elogiamos funcionários para suas chefias?

A dádiva e a hospitalidade fazem parte do relacionamento, do vínculo estabelecido entre as partes. Em se falando de hóspede e hospedeiro, há de se analisar que, para atender o visitante, se faz necessário contar com indivíduos que estejam dispostos e aptos a desenvolver as diversas tarefas inerentes ao setor e aos respectivos estabelecimentos, em seus diversos departamentos. Parte-se do pressuposto de que os recursos humanos que irão atuar na área tenham características e habilidades para desenvolver seus papéis na instituição e que os mesmos serão avaliados e selecionados para ocuparem os postos disponíveis.

No turismo, é freqüente que, quando não se encontra no local pessoal qualificado para desenvolver as atividades inerentes ao setor, se procure em outras localidades e às vezes até de outros setores. Isso pode ser interpretado pela comunidade residente como sendo uma ofensa, um ato de exclusão, que afasta a população local da atividade turística, gerando desigualdade. Essa é uma questão muito delicada, que deve ser analisada em sintonia com a dinâmica do *sítio de pertencimento* para não causar hostilidade.

A capacitação decorre da participação em cursos técnicos, profissionais ou de ensino superior, que desenvolvam as atividades de recebimento, acolhida, alimentação e entretenimento. É preciso considerar, entretanto, que o receber, acolher, alimentar e entreter podem também ser adquiridos e apreendidos por intermédio dos laços e vínculos advindos da educação familiar e da própria comunidade, respaldadas em seus hábitos, costumes, valores, em seu modo de ser.

Por meio da observação das práticas formalmente aprendidas em outros contextos, é possível que os pertencentes ao *sítio* gerem novas e criativas formas de atendimento incorporando ao serviço, um estilo próprio e diferenciado, cuja origem seja o próprio capital simbólico do local, permitindo a inserção da cultura e da comunidade local no processo produtivo do turismo.

Apostar no nativo é um ato de confiança que dá ao residente oportunidade de se integrar no mercado de trabalho dedicado a receber o turista. Essa seria uma primeira etapa da hospitalidade enquanto dádiva, a aposta na capacidade e potencialidade da população local, que seria retribuída no momento em que essa viesse a receber o turista, criando uma atmosfera que resultasse de relações harmônicas e hospitaleiras.

Isso nos remete às palavras de MAUSS apud MARTINS (2006, p. 104):

Importa registrar que, embora o sistema da dádiva seja mais nítido no plano das relações interpessoais – nas redes de famílias, amigos e vizinhos -, tal sistema tende, igualmente, a se fazer presente em todos os planos da vida social, mesmo naquele das sociabilidades secundárias, isto é, no plano das relações funcionais – nos aparelhos políticos, econômicos e científicos – mediante uma expectativa de reciprocidade, de confiança implícita a respeito da continuidade da relação que é alimentada subjetivamente pelas pessoas envolvidas. Assim, nenhuma administração pode funcionar adequadamente caso não exista o espírito do serviço da confiança, isto é, caso o funcionário “não vista a camisa da instituição”, dando um pouco mais de si do que seria contratualmente previsto.

Ao optar pelo turismo, é preciso entender que o fato de prestar serviços não significa ser submisso ou inferior a outrem; significa apenas que, na divisão do trabalho, alguns escolheram por disponibilizar de habilidades, vocação, desenvolvendo determinadas funções e tarefas para atender e satisfazer as vontades e necessidades de outros, como acontece no turismo e na hotelaria.

É fundamental entender que na hotelaria e na restauração, assim como no ambiente doméstico, funções referentes à limpeza e higienização são fundamentais. É lamentável que, por serem desempenhadas por pessoas com baixo nível de escolaridade, exista uma tendência em desqualificar essas atividades. Trata-se de uma opção de trabalho fundamental para o desenvolvimento das atividades em turismo e hotelaria e que também necessitam de informação, aprendizagem para serem desenvolvidas.

Embora o contato entre turista e funcionário se dê, na maioria das vezes, nas funções que ocupam a linha de frente de atendimento, - recepção, mensageiro, porteiro, garçom, entre outros - o bem receber, a hospitalidade e a não obrigatoriedade também poderão partir daqueles funcionários que ocupam funções que não têm contato direto com o visitante-hóspede; um exemplo da desobrigatoriedade, mas que nos demonstra uma ação simpática de hospitalidade, sem interesses e desvinculada da obrigação é citado por ADIB; GUERRIER, in LASHLEY; MORRISON (2004, p. 383):

Uma hóspede em um hotel pediu para Marlene Abbott, uma atendente de quarto, cuidar das peças de roupa a serem lavadas. Pelo horário, a ordem provavelmente não seria cumprida; porém, em vez de falar isso para a hóspede, a atendente levou a roupa da hóspede para sua casa e a lavou. Este exemplo pode ser interpretado de diversos modos.

Pode ser visto como uma demonstração de que as práticas e normas, adotadas e estabelecidas nos empreendimentos podem ser quebradas; qual o interesse em realizar uma prestação de serviço, fora de horário, fora das normas e padrões ou do acordo firmado em contrato? Dádiva? Hospitalidade? Nota-se em algumas práticas e ações o não interesse apenas pelo econômico e pela obrigatoriedade, conforme diz MAUSS apud MARTINS (2006, p. 103):

A dádiva está presente em todas as partes e não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da realidade. O que circula tem vários nomes: chama-se dinheiro, carro, móveis, roupas, mas também sorrisos, gentilezas, palavras, hospitalidades, presentes, serviços gratuitos, dentre muitos outros. Para Mauss, aquilo que circula influi

decisivamente sobre como se formam os atores e como se definem seus lugares em sociedade.

Isso nos remete novamente à questão: o que leva os empreendedores e comerciantes de São Luís do Paraitinga a absorverem a mão-de-obra local, ao invés de importá-la, se os proprietários relataram que esta não é qualificada para o turismo? Por que essa mão-de-obra não é absorvida de outras localidades onde há a disponibilidade capacitada e qualificada?

Se esses empreendimentos e estabelecimentos têm um papel a cumprir, receber, acolher, alimentar e entreter o visitante, o turista, entende-se que, para a operacionalização do empreendimento, haverá uma série de despesas que supostamente deverão ser supridas pelo retorno advindo do funcionamento do estabelecimento; nesse sentido, há um interesse de retorno econômico para cobrir as despesas e incluir os lucros. Pode ser que a contratação de mão-de-obra local seja decorrente do custo mais baixo, mas será que a diferença não coloca em risco o empreendimento?

Talvez a resposta esteja nas palavras de MAUSS apud MARTINS (2006, p. 104):

O valor-confiança não pode nascer de contratos jurídicos e formais por mais elaborados que esses sejam, mas apenas da confiabilidade da relação interpessoal, da expectativa mútua das partes envolvidas de que o parceiro da troca mercantil devolva não a traição, mas a amizade e a solidariedade. O valor-confiança constitui um atributo que apenas se desenvolve primariamente no nível das relações da dádiva, no dar ao outro gratuitamente um crédito de honra, no acreditar que ao se dar esse crédito a alguém ele será retribuído com algo que faça circular adequadamente a confiança inicialmente depositada.

Assim, é com base nos pensamentos de Mauss que se buscou interpretar nessa pesquisa a natureza do vínculo estabelecido entre os empreendedores locais e os nativos e residentes, identificando uma espécie de compromisso que está na base dessas relações e que se reflete na atmosfera hospitaleira do município. A inclusão dessa mão-de-obra é um ato de hospitalidade e inclusão, de aceitação e reconhecimento da especificidade local?

## Capítulo 2. Planejamento turístico e *sítios* simbólicos de pertencimento

Observa-se que, na atualidade, diversas localidades despertaram para o turismo, pois vêem no desenvolvimento deste uma oportunidade em sanar os problemas sociais e econômicos inerentes à localidade e apostam e remetem ao turismo uma alternativa de resolução, o que nem sempre é possível. Há localidades em que, segundo relatos, a atividade turística de forma organizada e planejada proporcionou, e continua proporcionando, benefícios econômicos e sociais aos residentes, como é o caso dos municípios de Gramado, Canela, Bento Gonçalves, Caxias do Sul (estes no estado do RS), Curitiba - PR e Lages – SC<sup>10</sup>, Fernando de Noronha - PE e Bonito - MS<sup>11</sup>.

Pode-se dizer que o turismo apresenta duas faces: o lado positivo e o lado negativo, e ainda não foi descoberto um meio de sanar todos os problemas existentes, mas sim prevê-los e talvez minimizá-los; todavia, eliminá-los, ainda seria utopia. Por ser o turismo um fenômeno tão complexo no seu contexto da diversidade de sociedades, com culturas múltiplas e envolvendo essencialmente pessoas e prestação de serviços, dificilmente todos os atores envolvidos estarão ou serão totalmente satisfeitos; dificilmente haverá uma isenção de determinados conflitos.

A prática da atividade turística envolve o relacionamento de uma diversidade de indivíduos e organizações que comungam filosofias, temperamentos e expectativas diferentes, permeadas pela cultura, valores, crenças, visões de mundo que lhes são próprias.

Nesse contexto, entende-se que sempre haverá diferenças e, em virtude disso, sempre conflitos poderão acontecer entre as partes envolvidas nesse encontro; o encontro entre diferentes gera tensão, que é própria da situação social vivenciada pelos atores. No turismo, por exemplo, que se caracteriza pela prestação de serviço ao outro, ao diferente que se encontra de passagem, se algo não correspondeu às expectativas dos indivíduos, isso não pode ser explicado simplesmente por uma eventual carência de hospitalidade, como é usual acontecer

---

<sup>10</sup> As fontes para esta afirmação estão dispersas pela literatura sobre turismo, além de depoimentos, reportagens na mídia televisiva, impressa e eletrônica, tais como os sites eletrônicos dos municípios citados. Também algumas entrevistas e reportagens na Revista Turismo em Números. Ano 4 – Edição no. 43 de 2005. SINDETUR – SP e Revista Horizonte Geográfico. Ano 16. n°90

<sup>11</sup> Vide levantamentos mais detalhados em: MAGALHÃES, Cláudia Freitas em obra intitulada “Diretrizes para o Turismo Sustentável em Municípios”. São Paulo: Roca, 2002. pp. 47,48,49.



quando recorreremos ao senso comum. Como a hospitalidade é regulada por códigos não escritos de conduta, que derivam dos valores de cada cultura, entende-se que ela não pode ser reduzida a uma eventual satisfação dos turistas. São valores, princípios, significados que estão envolvidos nessa relação profundamente humana que implica no respeito pela diferença e aceitação do outro, constituindo uma troca que possibilita a formação de vínculos sociais, que são a essência da hospitalidade.

### **Hospitalidade no turismo**

Conceituar a hospitalidade tem sido tarefa empreendida em diversos campos do conhecimento, aí incluindo a filosofia e a teologia, além das ciências sociais como a sociologia e a antropologia. A busca de uma teoria explicativa faz com que diversos pesquisadores<sup>12</sup> venham estudando, sob diferentes recortes das disciplinas, a hospitalidade como categoria de análise, seja no contexto do turismo ou com outros enfoques ainda mais instigantes e criativos, conduzindo a novas reflexões.

Com relação ao turismo, a premissa básica tem sido de que é um setor que, assim como os demais setores, primários e secundários, contribuem e poderão contribuir para o desenvolvimento econômico local, mas não se pode esperar que este setor seja o único a resolver os problemas econômicos de uma dada sociedade, gerando emprego e renda. O turismo, entretanto, possui características que o diferenciam das demais atividades, sendo que a promoção do encontro entre estranhos, possibilitando a visitação de diferentes espaços, é seu foco principal.

Aqui cabem algumas colocações, tais como: até que ponto uma localidade realmente aceitará ou poderá depender exclusivamente do turismo como indutor econômico local? Certamente, são muitas as questões que podem ser levantadas sobre esse suposto benefício econômico, como por exemplo, se os insumos necessários para suprirem os estabelecimentos voltados para o turismo serão adquiridos na própria localidade, ou terão outras procedências? Lugares onde são construídos *resorts*, cassinos, parques temáticos, entre outros equipamentos para o entretenimento e lazer, importam os insumos e até a mão-de-obra de outras localidades, não fazendo uso e nem trazendo benefícios para o comércio e a

---

<sup>12</sup> O corpo docente e discente do programa de mestrado da Universidade Anhembi Morumbi, entre outros autores estrangeiros, como consta na bibliografia.

comunidade local; nesses casos, a comunidade sente-se negligenciada pelo processo de apropriação do turismo e exploração de seu espaço e de seus direitos<sup>13</sup>.

Igualmente importante é saber: até que ponto as comunidades estarão dispostas a comprometer a manutenção de seu patrimônio histórico cultural em decorrência do uso para o turismo, quando não devidamente respeitado pelos usuários, visitantes e turistas, ou mesmo em função da instalação da infra-estrutura necessária que permita a visitaçãõ?

Alguns casos são exemplos de que a atividade turística, além de não incluir a comunidade no processo de desenvolvimento da atividade, trouxe repercussões negativas ao local e aos seus moradores. Um exemplo de tal situação é o caso da Ilha Grande, no litoral do Rio de Janeiro, onde o turista deixou de ser bem vindo, pois a visitaçãõ intensa da ilha gerou uma quantidade de resíduos sólidos superior à capacidade da infra-estrutura que o local tinha em recolher e processar tais resíduos. Ainda em ilha Grande, constatou-se que a comunidade não se sentia respeitada pelo turista, pois muitos moradores, por motivos religiosos e culturais, não admitiam determinados costumes dos turistas, assim como os trajes utilizados pelos banhistas, entre outros procedimentos. Esses fatos foram mostrados em reportagem divulgada pela mídia televisiva<sup>14</sup>, que termina com os moradores dizendo a seguinte frase; *“Há tantas coisas maravilhosas para fazer e se desfrutar aqui. Tem que ser o turismo”?*

Outras reportagens<sup>15</sup>, como as que mostram as Ilhas Galápagos<sup>16</sup>, apontam os problemas decorrentes da intensa visitaçãõ que compromete o ecossistema. Trata-se de um problema que pode ser verificado em muitos destinos turísticos e que atesta os inconvenientes trazidos pela atividade turística para as populações locais.

No entanto, torna-se relevante indagar: as comunidades estão dispostas a modificar seus hábitos e costumes, a arrumar a casa para receber visitas todos os dias, ou se elas anseiam, numa primeira instância, viver o seu cotidiano sem interferências, sem grandes preocupações, com o ritual necessário para o recebimento do estranho,

---

<sup>13</sup> RODRIGUES, Adyr Balastreri e MAGALHÃES, Cláudia Freitas, em suas respectivas obras, conforme consta na bibliografia desta dissertação, contemplam esses questionamentos.

<sup>14</sup> Este relato foi divulgado pela mídia televisiva por intermédio da Rede Globo, no programa intitulado Globo Repórter, em março de 2002, pela Central Globo de Jornalismo.

<sup>15</sup> Em 1º de junho de 2007, a Rede Globo apresentou, no Globo Repórter, os problemas ambientais causados pela prática da atividade turística em Galápagos.

<sup>16</sup> Ou Arquipélago de Colombo, é um grupo de 58 ilhas localizado no Oceano Pacífico, aproximadamente a 1000 km a oeste da costa do Equador. ([www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com))

do estrangeiro que chega e pode modificar sua rotina, interferir no seu comportamento, forçando-o a dividir seu espaço, expor suas particularidades ao estrangeiro, aquele que chega não se sabe de onde e pretende não se sabe o quê?

Para que a visitação ocorra, é necessário que o turista tenha interesse de se deslocar até um determinado lugar e que existam facilidades de acesso, como estradas, caminhos, transportes, que serão essenciais para que o deslocamento ocorra. Havendo a disponibilidade de acesso e motivação, o deslocamento em geral se efetiva.

Isso ocorre, pois o ser humano sempre se deslocou e, desde as mais remotas épocas, o ato de acolher, hospedar, alimentar e entreter o viajante já acontecia, em cada época, dentro das possibilidades e disponibilidades de meios existentes, tais como: abadias, albergues, casas de pouso, estalagens, tabernas, entre outros. E a cada período as viagens passaram a provocar modificações passando a oferecer outros tipos de serviços, instalações, facilidades para o deslocamento, o acesso e a permanência temporária.

Em todas as comunidades, mesmo as mais simples e distantes, as pessoas sabem que se o turista vem para a localidade, precisará de serviços que envolvam alimentação e habitação, sendo que, ao praticar a acolhida, oferecendo um aposento, o alimento e o entretenimento, haverá necessariamente uma retribuição. Hipoteticamente, estaria sendo iniciado assim o processo da hospitalidade enquanto dádiva, que envolve a tríade: dar, receber e retribuir.

Desta forma, a comunidade pode ver o turismo e tudo o que o envolve como um meio e oportunidade para obter dessa situação algo em troca: presta-se serviços e se obtém uma ocupação que lhe proporcionará algum retorno de dinheiro, conforme GODBOUT (1999, p. 11):

Os tempos são difíceis, mas modernos. O homem moderno aceita que o acusem de muitas coisas, mas certamente não de ser ingênuo. Ele pode até mesmo ser tudo, menos isso. Ele sabe muito bem o que se esconde por trás das histórias de deuses, por trás dos mitos, por trás de todos os belos e grandes relatos de todos os países e de todos os tempos. O homem moderno é realista. Sabe, portanto o que se esconde por trás da dádiva.

Analisando as palavras de Godbout, o processo da dádiva existe e acontece; entretanto, há um interesse embutido na retribuição, receber algo em troca por parte daquele que foi beneficiado (o visitante, o turista) ou de um terceiro elemento.

O relacionamento, a permuta, a troca na atividade turística, que é uma prática social, supõe-se que poderá ocorrer sem interesses apenas econômicos, na medida

em que envolva também o respeito, a afeição, a mutualidade, a hospitalidade, a solidariedade, a vontade em estabelecer um vínculo com o outro, um intercâmbio menos conflitante.

Se, para que no turismo ocorra a hospitalidade, no sentido de receber o outro, é necessário envolver as pessoas e o ambiente onde esse fenômeno acontece, presume-se que, para o encontro ocorrer amistosamente, algumas providências devam ser tomadas por parte dos atores receptores e algumas regras devam ser cumpridas e respeitadas por parte do visitante.

### **O desenvolvimento situado**

Esse questionamento torna relevante que se discuta, no processo de produção do turismo, a acolhida e a inclusão do *sitiante*, considerando o *homo situs*, respeitando o *sítio*, na perspectiva desenvolvida por Zaoual, e os seus valores. Pretendeu-se assim investigar se a prática da atividade turística no *sítio* poderá contribuir, mesmo que numa pequena parcela, com a oportunidade de geração de empregos formais e informais, inserindo o nativo, o residente nas atividades turísticas, respeitando suas especificidades. Nessa perspectiva, se entende que a hospitalidade não diz respeito apenas em receber o estrangeiro, o que vem de fora apenas para visitar, mas também aquele que já está e aquele que vem para ficar, como no caso dos indivíduos que adotaram a localidade para residir. É o convívio, o cotidiano, a união e a organização de todos os atores que convivem em um determinado espaço que gera a atmosfera em que será acolhido aquele que chega para conhecer, contemplar, desfrutar do *sítio* e conviver com o *sitiante*, sendo a hospitalidade resultado e consequência dessa dinâmica. Para explanar e contextualizar as categorias propostas para a pesquisa, optou-se por estudá-las no município de São Luís do Paraitinga, situado na Região do Vale do Paraíba.

### **O Vale do Paraíba: a região do *sítio*.**

Os municípios que integram o Vale do Paraíba apresentaram, durante os séculos XVIII e XIX, grande desenvolvimento sócio-econômico, com maior destaque para o ciclo do café, com seu apogeu no final do século XIX e início do século XX, e ainda apresentam características marcantes deste ciclo na sua arquitetura e costumes.

A economia do Vale do Paraíba, historicamente, esteve fundada na agricultura e nas atividades ligadas à terra: açúcar, café, algodão, fumo, milho, feijão. No início do seu povoamento, a economia era de subsistência, sendo modificada com o declínio da produção do ouro, surgindo a monocultura açucareira e, posteriormente, o grande ciclo produtor de café. (PASIN, 2007, p. 3).

A partir de 1837, o café torna-se o principal produto de exportação e a ampliação das plantações e o consumo no exterior fez com que, de 1871 a 1880, o café representasse mais da metade das exportações.

O período do café contribuiu para a construção de casas, teatros, igrejas, suscitou festas que concentravam toda a vida social da região, fez surgir formas de lazer: os bailes, saraus, circos, bandas de música, cavalhadas e conferências que eram realizadas nos palacetes, nas igrejas, nas praças, nos casarões das fazendas dos barões do café. De acordo com LUZ (2002, p. 32)

Algumas pessoas, enriquecidas prematuramente, começaram a deixar os hábitos campestres, o anonimato da vida rural, para freqüentar banquetes, saraus musicais e literários, em largos salões de requisitados ambientes. O tecido urbano revelava, na ocasião, a subordinação aos interesses da emergente elite, preocupada com a aparência de prosperidade, com o requinte. Era esse o quadro das transformações durante o século XIX.

Um novo meio de transporte aparece. As empresas ferroviárias se instalaram e criaram subsidiárias, passando a atuar, posteriormente, também no transporte rodoviário. Promoveram o loteamento e a colonização de grandes glebas, bem como a fundação de cidades próximas a estradas, antes de avançarem os seus trilhos. Tudo em função da expansão cafeeira, e alguns anos depois, em função do algodão e da pecuária.

No próprio Vale, algumas cidades, por permanecerem longe dos trilhos, tiveram seu crescimento estacionado, parando no tempo. Bananal, São José do Barreiro, Areias, Silveiras e outras mostram até os nossos dias um conjunto arquitetônico que remonta ao advento do trem de ferro, cidades, hoje históricas, documentos de uma época de grande importância na economia nacional. (ANDRADE; CAMPOS, 2002, p. 8).

As terras se cansaram, causando a queda na produção dos cafezais e a civilização do café acabou por se extinguir com a crise de 1929. Com a decadência do café, o Vale do Paraíba buscou novas atividades econômicas. Teve então início um ciclo de agropecuária, com o gado e as pastagens substituindo os antigos cafezais, nas áreas rurais, e nas cidades se observa a partir das últimas décadas do século XIX o início de um lento processo de industrialização.

Segundo PASIN (2007, 3):

As primeiras indústrias surgiram na região nas últimas décadas do século passado, exatamente quando se colocava o desafio de buscar novas opções, refletindo a realidade sócio-econômica da época: abolição da escravidão, disponibilidade de capital, melhoria do nível de consumo da população.

Cabe ressaltar que a localização da região, entre os dois maiores centros populacionais que concentravam produtores e consumidores – São Paulo e Rio de Janeiro - e a facilidade de comunicação, foram fatores decisivos para o início da industrialização do Vale do Paraíba.

O processo de industrialização da região valeparaibana desenvolveu-se, constituído por indústrias de grande porte, tais como: Mafersa (1944), Monsanto (1951), Johnson & Johnson (1954), Ericsson (1955), Villares, Fuji, Basf, (1955), General Motors (1959), Avibrás (1960), Ford (1967), Nestlé (1971), Kodak (1972), Volkswagen (1973), Liebherr (1984), destacando-se ainda as indústrias químicas, metalúrgicas, de papel e celulose, têxteis e alimentícias. São José dos Campos constitui hoje o maior centro de tecnologia avançada na América do Sul – contando com o Centro Técnico Aeroespacial (CTA - 1950), a Empresa Brasileira de Aeronáutica (EMBRAER - 1969) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE - 1971), Tecelagem Parahyba (1925), Companhia Fabril de Juta (1927), Rhodia (1946).

O desenvolvimento da industrialização no Vale do Paraíba se deu em três momentos:

A primeira, iniciada nas duas últimas décadas do século XIX; a segunda, abrangendo o período compreendido entre as duas grandes guerras (1914 – 1918 e 1941 – 1944), tendo como pólos principais: Jacareí, São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá; e a fase atual, a mais dinâmica, iniciada com a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda<sup>17</sup> e com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra<sup>18</sup>, criando novos centros de desenvolvimento e tecnologia: São José dos Campos, Jacareí, Caçapava, Cruzeiro, Lorena, Pindamonhangaba. (PASIN, 2007, p. 4).

Decorrente do crescimento acelerado e irregular das cidades, a diversidade de atividades industriais vem produzindo efeitos negativos sobre o espaço ambiental na região valeparaibana. Desta forma, associações civis, movimentos ecológicos e iniciativas governamentais procuram, por caminhos diversos, preservar o que restou da cobertura vegetal original nas serras que margeiam o Vale.

---

<sup>17</sup> A Companhia Siderúrgica Nacional foi fundada em 9 de abril de 1941 e iniciou suas operações em 1º de outubro de 1946, pelo então presidente Getúlio Dornelles Vargas.

<sup>18</sup> A Rodovia Presidente Dutra foi inaugurada em 5 de maio de 1928, pelo então presidente Washington Luís.

Os municípios polarizadores de atividades sócio-culturais na região são os mais densamente povoados e industrializados: São José dos Campos, Jacareí, Taubaté, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Lorena e Cruzeiro. Dotados de uma infra-estrutura mais dinâmica, possuem museus, arquivos, bibliotecas, teatros, cinemas, grupos de dança, artistas plásticos, escritores, poetas, galerias de arte e universidades.

Existem no Vale do Paraíba três academias literárias, dez arquivos históricos, inúmeras bibliotecas, destacando-se a “Biblioteca Conde de Moreira Lima”, das Faculdades Integradas “Teresa D’Ávila”, de Lorena, com um valioso acervo de obras raras brasileiras e estrangeiras, e a Biblioteca de Assuntos Valeparaibanos do Instituto de Estudos Valeparaibanos, em Guaratinguetá, especializada em temas e autores da região.

Em Bananal, Silveiras, São Luís do Paraitinga, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté e São José dos Campos promovem-se exposições e feiras de artesanato. As bandas<sup>19</sup> de música constituem um dos elementos mais importantes nas festas tradicionais da região.

Sobrevivem, em toda região, e em especial nos municípios fora da Rodovia Dutra, os grupos folclóricos de moçambique, congadas, catiras, cana verde, jongo, folia de reis, folia do Divino, cavalhadas, quadrilhas e outras manifestações populares. Existem diversas instituições culturais dispersas na região, abrangendo clubes, centros culturais, grupos cívicos, entidades dedicadas à pesquisa histórica, folclórica e literária, sendo a mais importante delas o Instituto de Estudos Valeparaibanos, em Guaratinguetá.

As festas religiosas<sup>20</sup> assinalam o calendário dos eventos populares valeparaibano. São famosas as festas do Divino Espírito Santo, em Cunha e São Luís do Paraitinga. Ao lado das festas estão as comidas, bebidas e doces típicos, característicos de cada festa e evento religioso.

O período do café gerou um conjunto de monumentos arquitetônicos dos mais expressivos na região valeparaibana: sedes de fazendas, igrejas, capelas, sobrados, solares, estações ferroviárias, pontes, cemitérios. O Governo Federal, através da

---

<sup>19</sup> As bandas tradicionais são compostas por instrumentos de sopro e percussão. Entoam músicas marciais, hinos, marchas e, mais recentemente, composições do cancionário popular. As fanfarras eram bandas de música que acompanhavam os cortejos civis ou os regimentos de cavalaria; atualmente, banda de música formada por instrumentos de sopro, de metal, aos quais se incorporaram os saxofones e a bateria.

<sup>20</sup> As respectivas datas das festas religiosas encontram-se no quadro nº 1. A Festa do Divino, tanto em São Luis do Paraitinga como em Cunha, é comemorada no mês de maio.

SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tombou os seguintes monumentos do Vale do Paraíba: fazenda Resgate - Bananal (tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional em 28 de maio de 1969), Fazenda do Pau D'Alho - São José do Barreiro (tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Arquitetônico e Artístico Nacional em 10 de fevereiro de 1986), casa do Conselheiro Rodrigues Alves - Guaratinguetá (tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional em 24 de abril de 1970), Chácara do Visconde - Taubaté (tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional em 6 de abril de 1981), Capela Nossa Senhora do Pilar – Taubaté (tombada pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pelo Conselho de Desenvolvimento do Patrimônio Histórico Arquitetônico e Artístico Nacional em 1944) e a casa de Oswaldo Cruz - São Luís do Paraitinga (tombada pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1953, e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico, em 1973).

Incentivados por políticas oficiais que consideram o turismo como atividade capaz de promover o desenvolvimento econômico e social de regiões, por meio de geração complementar de renda, diversos municípios do Vale do Paraíba passaram a implementar, no final do século XX, o desenvolvimento do turismo como alternativa econômica, social e cultural, tendo por base alguns redutos ambientais, culturais e sociais acumulados em diversos períodos da história, sendo um destes municípios a Estância Turística do Município de São Luís do Paraitinga.

### **São Luís do Paraitinga: características do *sítio***

O município de São Luís do Paraitinga pertence ao Estado de São Paulo e integra a região do Vale do Paraíba, localizada entre as serras do Mar, da Mantiqueira e da Bocaina, estendendo-se pelos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, constituída por algumas dezenas de municípios. Está situado no topo da Serra do Mar, tendo como via de acesso a Rodovia Presidente Dutra – BR 116, Rodovia Ayrton Senna – SP 70<sup>21</sup>, Rodovia Governador Carvalho Pinto – SP 70<sup>22</sup> e

---

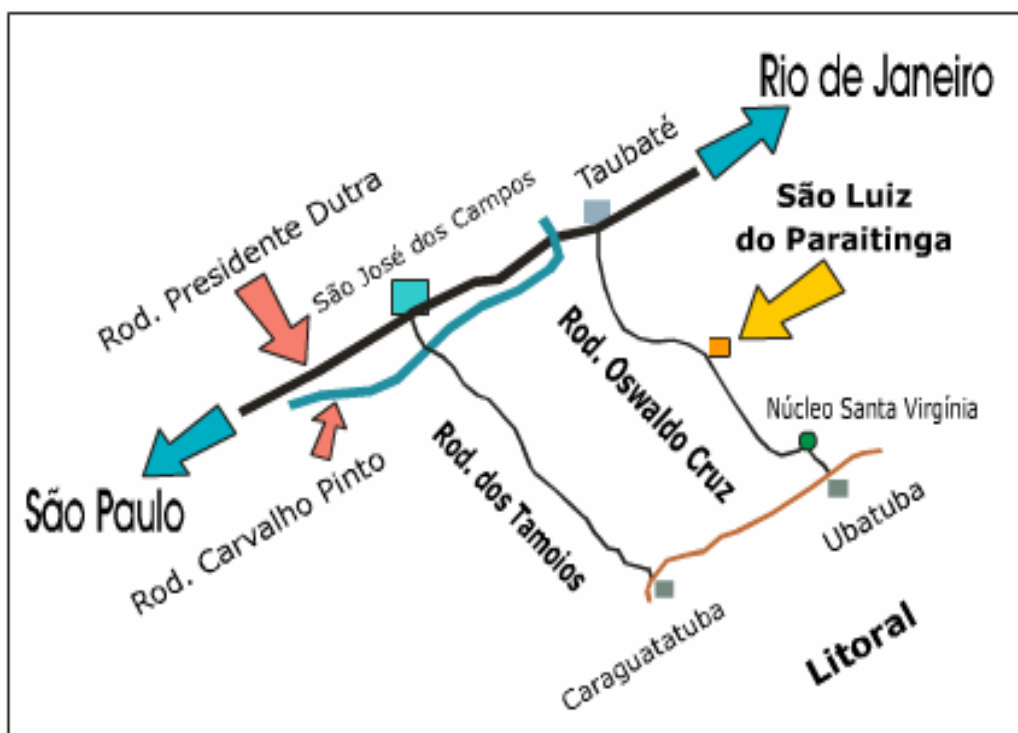
<sup>21</sup> No dia 3 de agosto de 1979, o Decreto no. 13.756 deu concessão ao Dersa para construção e exploração da Via Leste, atual Ayrton Senna. A Rodovia Ayrton Senna, antiga Trabalhadores, teve o primeiro trecho São Paulo-Guararema construído pelo Dersa em 22 meses (de junho de 1980 a 30 de abril de 1982), tem 50 quilômetros de extensão, aos quais foram acrescentados 5, correspondentes à interligação com a Via Dutra. A inauguração ocorreu no dia 1º de Maio de 1982 (Dia do Trabalhador).

<sup>22</sup> No dia 8 de março de 1990, o Decreto 31.289 autoriza o Dersa a executar o prolongamento da Rodovia dos Trabalhadores, no trecho de Guararema a Taubaté, sendo que, em 23 de dezembro de 1994, foi inaugurada a Rodovia Carvalho Pinto, em homenagem ao ex-governador do Estado de São Paulo.



Rodovia Dr. Oswaldo Cruz – SP 125<sup>23</sup>, entre Taubaté e Ubatuba. De acordo com o último censo, a população é estimada em 10.417 habitantes, sendo 5.402 homens e 4.274 mulheres<sup>24</sup>.

Figura nº 1 – Mapa de acesso



Fonte: Cone Leste, 2003.

<sup>23</sup> Entre 1963 e 1969, as obras foram realizadas, sendo a pavimentação concluída em 1969. No período de 1971 a 1979, foram executados diversos melhoramentos na rodovia, cuja utilização é intensa por moradores de Taubaté e cidades da região que desejam alcançar as praias de Ubatuba. A denominação da Rodovia, ocorrida através da Lei nº 972, de 19/04/1976, traduz a homenagem prestada ao Médico Sanitarista Oswaldo Cruz, nascido em São Luís do Paraitinga.

<sup>24</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 2001 – Censo de 2000.

## Aspectos históricos e econômicos de São Luís do Paraitinga

De acordo com Toledo<sup>25</sup>, no final do século XVIII o Vale do Paraíba foi a região mais povoada da Capitania de São Paulo, tornando-se uma importante zona de penetração para o interior, quando os bandeirantes se dirigiam ao sertão em busca de índios, pedras e metais preciosos. Em consequência desse tráfego, surgiram vários núcleos de povoamento como Taubaté, Jacareí, Mogi das Cruzes, entre outros, que serviam como pontos de abastecimento e apoio às atividades mineradoras.

Com o intuito de tornar mais racional a ocupação das terras para aumentar a produção agrícola, o governador da Capitania de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Mourão, conhecido como “Morgado de Mateus”, autorizou, na metade do século XVIII, a fundação de quase 30 povoados; dentre eles, São Luís do Paraitinga.

São Luís do Paraitinga foi fundada oficialmente em 1769, com a nomeação do sesmeiro Manoel Antonio de Carvalho e a conclamação de cinquenta casais a se alistarem perante ele. Em 1773, já tinha sido elevada à categoria de vila, com o estabelecimento do pelourinho. Possuía nesse período cinquenta e duas casas e muitas outras em construção, sendo que um ano depois o censo revelava uma população de 800 pessoas.

Em São Luís do Paraitinga não ocorreu a substituição da cultura da cana-de-açúcar pelo café, como em outras regiões da Capitania. Sua agricultura estava voltada para a exploração de policultura, inicialmente destinada à subsistência. Na metade do século XIX, a região de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá tinha a liderança da produção de café na província, mas em São Luís do Paraitinga a produção mais representativa era a de milho e feijão, e somente uma pequena exportação de café e toucinho. Com o desenvolvimento dessa cultura cafeeira, sua produção passou a ser destinada ao mercado de exportação.

Nesse período, iniciaram-se algumas obras públicas, como a construção da câmara, da cadeia e da nova matriz, levando ao loteamento urbano que delineou a atual fisionomia da cidade. (TOLEDO, 1997, p. 3).

Embora a primeira fábrica existente em São Luís do Paraitinga seja da época do Império, somente a partir da instalação de uma usina hidrelétrica no caminho de Ubatuba aconteceu um significativo desenvolvimento de suas agroindústrias. As

---

<sup>25</sup> TOLEDO, M.H. do S. 1997. *Breve Histórico do Núcleo Santa Virgínia*. Relatório Interno, 5pp. In: SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Planos de Manejo das Unidades de Conservação. Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Santa Virgínia – Natividade da Serra.

atividades se limitaram, no entanto, à casa da farinha – onde eram produzidas farinha de milho e de mandioca -, à fabricação de aguardente e à produção de rapadura, que alimentavam o comércio regional.

A partir da metade dos anos 1920, observa-se o declínio da agricultura local e o surgimento da pecuária leiteira; com isso, teve início o processo de êxodo da população rural de São Luís do Paraitinga para Taubaté e outros municípios da região, que se tornavam pólos industriais. Houve um decréscimo da população de 17.870 habitantes, em 1920, para 15.129 habitantes, em 1935.

O que permanece da fase áurea de São Luís do Paraitinga no centro urbano constitui atualmente o patrimônio histórico cultural da cidade, resgatando o cotidiano e a situação econômica dos luisenses daquele tempo. Atualmente, mesmo usados para outras finalidades, esses bens<sup>26</sup> continuam como parte integrante da comunidade, ligando o passado ao presente. O centro urbano da cidade foi tombado em 1977, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado – CONDEPHAAT.

As festas populares e as tradições religiosas também foram preservadas, caracterizando a cidade como a mais festeira da região. As danças típicas como catira, moçambique, fitas, balaio, jongo, mulher da pinga, folia de reis e ainda cavallhada, que simboliza a luta medieval entre mouros e cristãos, são organizadas por grupos da cidade. Nos dias de festa, pode-se experimentar a peculiar culinária de São Luís do Paraitinga, com alguns pratos típicos sendo vendidos nas barracas espalhadas pela praça e ruas.

A economia municipal hoje está baseada na criação de gado de leite e de corte, juntamente com grande expansão da silvicultura<sup>27</sup> e olericultura<sup>28</sup>.

## **O turismo no município**

São Luís do Paraitinga está iniciando um processo de desenvolvimento do turismo rural e já se percebe a comunidade em processo de organização para o recebimento e tratamento do turista, como é o caso emergente da construção de pousadas na zona

---

<sup>26</sup> Apesar do patrimônio arquitetônico ter sido tombado pelo CONDEPHAAT, esses bens têm como uso o comércio e residência.

<sup>27</sup> Silvicultura: Ciência que trata do cultivo, reprodução e desenvolvimento de árvores florestais. Reflorestamento.

<sup>28</sup> Olericultura: Cultura de legumes.

rural<sup>29</sup>. As fazendas rurais, com arquitetura colonial, anteriores ao ciclo do café, são muito procuradas por turistas. Os ambientes naturais também apresentam potencial turístico, como o rio Paraibuna, considerado ideal para a prática de *rafting*<sup>30</sup>.

O ecoturismo na região tende a desenvolver-se em função do potencial paisagístico decorrente do relevo de montanhas, disponibilidade de recursos hídricos e por conter um dos últimos remanescentes de floresta atlântica, situado no Núcleo Santa Virgínia. TOLEDO (1997, p. 2).

### **O Patrimônio Arquitetônico, Natural e Cultural e as Manifestações Populares de São Luís do Paraitinga**

O município de São Luís do Paraitinga dispõe do maior conjunto arquitetônico de casas, térreas e sobrados, tombado pelo Conselho de Desenvolvimento do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT, no Estado de São Paulo. São noventa edificações declaradas de interesse paisagístico. Em 1981, o CONDEPHAAT outorgou à cidade o título de “a mais brasileira das cidades paulistas” e, em 5 de julho de 2002, o município tornou-se Estância Turística.

O visitante, ao chegar em São Luís do Paraitinga, avista um lugarejo com ruas de paralelepípedos ou calçamento ortogonal, visualizando o conjunto arquitetônico e edifícios isolados que retratam a tipologia de construção e arquitetura da época áurea do café. Segundo o arquiteto Roberto Leme<sup>31</sup>:

Na maioria dos casos dos patrimônios tombados, trata-se de unidades isoladas: uma casa, uma igreja; entretanto, no caso de São Luís do Paraitinga, há um diferencial, pois o núcleo, o conjunto, foi tombado, o que a diferencia de outras localidades e situações.

O atual conjunto arquitetônico de São Luís do Paraitinga, notável por sua homogeneidade, data, em grande parte, do século XIX, quando a cidade experimentou seu período de maior expressão econômica e política. Os edifícios que compõem o patrimônio histórico – arquitetônico do município estão divididos em dois conjuntos: o conjunto urbano, formado por casarões localizados no centro da cidade, e o conjunto rural, formado pelas fazendas<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> Plano de Manejo das Unidades de Conservação – Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Santa Virgínia/Natividade da Serra. Secretaria do Meio Ambiente – Governo do Estado de São Paulo.

<sup>30</sup> Esporte radical que consiste em descer rios com correnteza em botes de borracha. Muitas agências da capital e do Vale do Paraíba já oferecem este programa em seus pacotes de turismo, pois esse esporte vem ganhando muitos adeptos no Brasil.

<sup>31</sup> Arquiteto Prof. Dr. Roberto Leme, técnico do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico, em palestra proferida em 04 de agosto de 2006, na IV Semana Dr. Oswaldo Cruz, no Evento “Fórum da Cidade” em São Luís do Paraitinga.

<sup>32</sup> As fotos apresentadas são apenas a título de ilustração.

Foto nº 1: Conjunto Arquitetônico



Fonte: Site Cone Leste, 2003.

Dos patrimônios arquitetônicos tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico, alguns se destacam no conjunto pela sua representação simbólica, tais como:

- Igreja Matriz: Dedicada a São Luís de Tolosa, construída no século XIX, demonstra uma grande importância na vida religiosa da cidade. Nela, o povo ainda se reúne para as tradições e festejos que se realizam desde o tempo da Colônia e do Império. A Igreja Matriz foi reformada recentemente, com a substituição da estrutura do telhado e da cobertura, até então originais.

Foto nº 2 – Igreja Matriz



Fonte: Site Cone Leste, 2003.

- Mercado Municipal: Construído em 1835, para substituir o antigo mercado que funcionava onde foi construída a praça principal da cidade, é um exemplo

físico das construções do início do século XX, com a utilização de tijolos e de uma concepção espacial nova para a cidade<sup>33</sup>.

- Capela das Mercês: Construída em fins do século XVIII, é uma das primeiras edificações da cidade e, apesar de ter sido objeto de reformas sucessivas e desfiguradoras, permanece como importante referência. Suas paredes estruturais permanecem de taipa de pilão, os sinos são originais, bem como os detalhes no interior da capela: o altar em madeira, a imagem da Santa e os escudos que figuram nas armas de Portugal, na época do Brasil colônia. A Ladeira das Mercês é composta por pedras retiradas do Rio Paraitinga, feita pelos escravos. Compõem a ladeira um painel de pintura em azulejo e o Chafariz que integra o Projeto Resgate da Memória. Foi o primeiro prédio tombado como patrimônio histórico pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico.

Foto nº 3 - Capela das Mercês



Fonte: Site Cone Leste, 2003.

- Igreja do Rosário: Antiga igreja matriz da cidade, a igreja do Rosário foi construída no século XIX, com paredes de taipa de pilão. Reformada por três vezes e, na última, na década de 1920, recebeu alterações que lhe deram um aspecto eclético, com predominância do neogótico, constituindo-se em elemento de contraste no conjunto urbano. Hoje, está fechada para visitas públicas, o que acaba escondendo o seu belo interior, cheio de afrescos. Os

---

<sup>33</sup> O Mercado Municipal passou por um processo de reformas. Em 24 de junho de 2005, o então governador, Geraldo Alckmin, esteve no município para entregar e prestigiar o evento. Publicado no periódico local, jornal "O Paraitinga", no exemplar de julho/agosto de 2005, edição nº 3, capa.

vitrais e a bela fachada, no entanto, podem ser apreciados pelos visitantes da cidade. No fundo da igreja, estão os túmulos de figuras importantes da cidade, como o Barão do Paraitinga<sup>34</sup>.

Foto nº 4 – Igreja do Rosário



Fonte: Site Cone Leste, 2003.

- Casa de Oswaldo Cruz: Concluída em 1834, foi inicialmente uma construção rústica destinada à agricultura, obtendo, posteriormente, a forma atual.

Construção em taipa de pilão, com paredes internas de pau-a-pique e piso em nível mais alto do que o da rua. Foi onde nasceu Oswaldo Cruz, após a transformação do imóvel em residência.

Em épocas não muito remotas, servira de Posto de Saúde Pública, além de outras utilizações de interesse público, como abrigo e acolhimento de famílias flageladas por ocasião das enchentes do Rio Paraitinga. Foi transformada em museu com acervo que retrata o período de riqueza local, como livros raros e documentos pertencentes ao Instituto Literário Luisense, coleção de jornais locais e regionais do século XIX, coleção de fotografias antigas da cidade, porcelanas e objetos da arte sacra<sup>35</sup>. Está em bom estado de conservação. O

<sup>34</sup> A Igreja Nossa Senhora do Rosário passará, no ano de 2007, por um processo de restauração, já aprovado o orçamento de R\$ 1,6 milhões com captação de recursos da Lei Rouanet. Matéria divulgada no periódico "Vale Paraibano", no caderno Patrimônio Público, página 26, domingo, 10 de dezembro de 2006.

<sup>35</sup> Segundo informações colhidas em entrevista com a senhora Andressa, funcionária da Pousada Sertão das Cotias e residente em São Luís do Paraitinga, "Na Casa Oswaldo Cruz ficava uma série de documentos em arquivos; entretanto, por falta de organização e manutenção, os moradores retiraram os documentos e objetos e levaram para suas casas; os arquivos pessoais ficaram perdidos." O esposo de Andressa, o Sr Ednaldo, é funcionário do Arquivo Municipal. Muitos dos exemplares dos periódicos locais de épocas remotas que serviam como referência histórica hoje se encontram no Arquivo do Estado.

tombamento da Casa Oswaldo Cruz se deu em 1953, pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN e em 1973, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico – CONDEPHAAT.

Foto nº 5 – Casa de Oswaldo Cruz



Fonte: Site Cone Leste, 2003.

As fazendas antigas do município correspondem ao século XVIII e XIX, com arquitetura colonial, cuja representatividade é do período áureo do café.

- Fazenda Palmeiras, importante fazenda do período do café, foi edificada na década de 50, século XIX, pelo tenente Coronel Manoel Jacintho Domingues de Castro. No ano de 1872, nessa fazenda pernitoiu o Imperador D. Pedro II, oportunidade em que outorgou ao proprietário o título de “Barão do Paraitinga”. Do conjunto arquitetônico original, composto por senzala, casa de máquinas e tropas, pocilga<sup>36</sup> e tulha<sup>37</sup>, restou apenas a casa sede assobradada e muros em pedras. Dentro da casa, a atração principal fica para o belo oratório, que tem como orago<sup>38</sup> a imagem de São José, o padroeiro da fazenda.

- Fazenda Santana, edificada pelo Tenente Coronel José Domingues de Castro, no ano de 1861, em taipa de pilão e pau-a-pique. Tinha como atividade econômica principal a produção de café e algodão. No ano de 1872, contava com mais de 120 escravos. Conservou em bom estado a casa sede

<sup>36</sup> Curral de porcos – chiqueiro.

<sup>37</sup> Casa ou compartimento onde se guardam cereais em grão. Celeiro.

<sup>38</sup> Santo a que é dedicado um templo, capela ou povoação. Oráculo.



em sobrado, casa das máquinas (desativada), roda d'água e senzala. Na parte interna da casa, chama a atenção a capela e o oratório onde repousa a imagem de Nossa Senhora da Sant'Anna, padroeira da fazenda.

- Fazenda da Fábrica, construída na década de 60 do século XIX, até o início dos anos 90 do século passado funcionou ali a fábrica de tecidos Santo Antônio, a primeira do gênero no Estado de São Paulo, segundo Adolfo Pinto<sup>39</sup>. Pertenceu à família do Tenente Coronel José Domingues de Castro; é um casarão rural em estilo simples sem adornos, com muitas portas e janelas.

- Fazenda Rio Claro, erguida na década de 80 do século XIX, esta propriedade pertenceu à família do Coronel Theodoro Coelho, cuja economia caracterizou-se em função da produção de culturas variadas, como milho, feijão, mandioca e algodão. No ano de 1928, Ana Maria de Campos vendeu a fazenda aos mineiros Silvino Pereira Machado e Álvaro Pereira Lima, contribuindo com o desenvolvimento da pecuária leiteira no município.

- Fazenda da Pinga, situada no bairro do mesmo nome, região serrana do município de São Luís. Em virtude do relevo acidentado e das fortes geadas freqüentes no inverno, nesse bairro a cultura do café foi inexpressiva. Construída no final do século XIX, por força da família Campos Botelho, foi reformada pelo proprietário, sr. José Maria, sofrendo pequenas alterações, porém não comprometendo o estilo original.

Além do patrimônio histórico e arquitetônico, no município de São Luís do Paraitinga encontra-se a sede do Núcleo Administrativo Santa Virgínia, do Parque da Serra do Mar (com área total de 315.390 hectares<sup>40</sup>), passando pela faixa litorânea, representando a maior porção contínua preservada de Mata Atlântica do Brasil, que foi declarado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO como Patrimônio da Humanidade. A área do núcleo é rica em recursos hídricos com diversas cachoeiras, vegetação totalmente integrada à zona de domínio de Mata Atlântica, com riqueza de espécies arbóreas e arbustivas.

---

<sup>39</sup> Pesquisador local.

<sup>40</sup> Medida agrária que corresponde a dez mil metros quadrados (aproximadamente 14 campos de futebol, cuja medida seja de 100 m de comprimento por 70 m de largura). Segundo FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: 1994, as medidas de um campo de futebol podem variar de 90 a 120 m de comprimento e de 45 a 90 m de largura, desde que respeitando a forma retangular.

Surgido da união da antiga Reserva de Natividade da Serra com as fazendas Santa Virgínia e Ponte Alta, o Núcleo Santa Virgínia ocupa região de relevo fortemente acidentado. O núcleo está inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Paraibuna que, ao juntar-se com o rio Paraitinga, forma o rio Paraíba do Sul, e ainda em pequena porção na bacia do rio Itamambuca, que drena em direção ao litoral. O resultado é uma bela sucessão de cachoeiras, dentre as quais se destacam as do Salto Grande, Ponte de Pedra, Poço do Pita, das Andorinhas, do Véu, do Ipiranga, Pedra Redonda e do Itapavão – todas acessíveis por trilhas na área do núcleo.

Em 1977, iniciou-se a prática do *rafting*. O Núcleo dispõe de três trilhas, e cada uma delas tem capacidade para 40 pessoas, chegando a 120 pessoas por dia. “Com dezenas de cachoeiras em seu interior, a área é um grande atrativo turístico na região do alto Vale do Paraíba, recebendo em média 1.500 visitantes/ano”.<sup>41</sup>

O ecoturismo na região tende a se desenvolver em função do potencial paisagístico, decorrente do relevo de montanhas, disponibilidade de recursos hídricos e por conter um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica, situado no Núcleo Santa Virgínia/Natividade da Serra.

Importante ressaltar que as visitas ao Núcleo Santa Virgínia necessitam de agendamento prévio junto ao Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente; as visitas são conduzidas e monitoradas por técnicos e funcionários do Parque, em sua maioria com formação de nível superior nas áreas de biologia, ecologia, geografia e agronomia. Não é permitido o ingresso no parque sem o acompanhamento de um técnico – guia.

Atualmente, em São Luís do Paraitinga, há três agências de receptivo que organizam passeios e atividades de ecoturismo no Núcleo Santa Virgínia, são elas: Receptivo Paraitinga – Receptivo e Operadora de Turismo; Cia de *Rafting*; Montana *Rafting* e Expedições. Inclusive, as agências precisam de autorização prévia para ingresso com os visitantes no parque.

Além do patrimônio arquitetônico e paisagens naturais, São Luís do Paraitinga mantém manifestações folclóricas diversas e eventos em datas fixas e móveis.

---

<sup>41</sup> SÃO PAULO (Estado) - SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. *Planos de Manejo das Unidades de Conservação - Parque Estadual da Serra do Mar Núcleo Santa Virgínia/Natividade da Serra. Fase 1 Plano de Gestão Ambiental*. São Paulo: SMA, 1998.

## Eventos e manifestações folclóricas em São Luís do Paraitinga

O calendário de eventos em datas fixas e móveis é bem diversificado. O município organiza eventos durante o decorrer de todo o ano, uma série de festas, encontros técnicos e científicos, com parceria, envolvimento e comprometimento da iniciativa pública (prefeitura), iniciativa privada (comércio, empreendedores) e a comunidade local; dinamizam o fluxo de visitantes e turistas e o comércio local.

Quadro nº 1 - Calendário de Eventos do Município de São Luís do Paraitinga.

Mês	Evento
Janeiro	Festa de São Sebastião Festa de Reis
Fevereiro	Festival de Marchinhas Carnavalescas Carnaval
Março	<i>Rally Rota dos Tropeiros de Mountain Bike</i>
Abril	Semana Santa Festa de São Benedito
Maio	Aniversário da Cidade Festival das Bandas do Vale Encontro das Bandeiras Festa do Divino Festa do Pinhão
Junho	Corpus Christi Encontro das Bandeiras Festa de São Pedro de Catuçaba. Festas Juninas
Julho	Temporada de Inverno Festival de Música Junina Festival Gastronômico Romaria de Cavaleiros Festival da Cachaça Festival da Música Raiz Sertaneja
Agosto	Semana Dr. Oswaldo Cruz Festa do Padroeiro São Luís de Tolosa Exposição Agropecuária de São Luís do Paraitinga
Setembro	Semana Elpídio dos Santos Big Biker Início da temporada de <i>rafting</i> Festa Nossa Senhora das Mercês.
Outubro	Festa Nossa Senhora do Rosário Festa do Saci Festival da Música Raiz Sertaneja
Novembro	Festa de Santa Cecília
Dezembro	Encontro de Folia de Reis e Pastorinhas Natal <i>Reveillon</i>

Elaboração : A autora.

Fonte: Diretoria de Turismo do Município de São Luís do Paraitinga, 2007.

Nas pesquisas e nos contatos realizados com a comunidade local, por intermédio de entrevistas, depoimentos, pesquisa bibliográfica e observações em campo, pode-se perceber a importância que a comunidade local atribui a esses eventos pela sua significância, valor, envolvimento, cumplicidade, orgulho e pela sua representatividade.

Dentre os diversos eventos, a maioria representa as manifestações tradicionais, populares e folclóricas da comunidade de São Luís do Paraitinga, que se preocupa em salvaguardar o passado, os laços e a memória do povo luisense e de seus antepassados.

Os eventos de maior repercussão, adesão e participação da comunidade local e que instigam a curiosidade e visitação do público externo a São Luís do Paraitinga são: o Carnaval, a Festa do Divino e o Dia do Saci. Os respectivos eventos mobilizam e envolvem a comunidade como um todo, sem distin o de faixa etária e classe econômica.

Em entrevistas realizadas junto aos proprietários de diversos estabelecimentos, inclusive os voltados para o turismo, os entrevistados relataram que, na época de carnaval e da Festa do Divino, os funcionários chegam a perder o emprego para participar das Festas. A comunidade se envolve desde os preparativos até a realiza o efetiva das mesmas.

### **A Festa do Divino Espírito Santo em São Luís do Paraitinga**

A Festa do Divino Espírito Santo em São Luís do Paraitinga ainda   organizada pela comunidade local, com a participa o da igreja e da prefeitura local. Estudos realizados por um nativo<sup>42</sup> de São Luís do Paraitinga, em suas pesquisas, ressaltam:

Em São Luís do Paraitinga   possível ver, no mesmo século XXI, a força da cultura oral, a tradi o dos grupos folclóricos, a identidade da comunidade perante valores coletivos, além da manuten o de tradi es seculares. O maior destaque   justamente da Festa do Divino, que já dura só em São Luís do Paraitinga mais de dois séculos. (SANTOS, 2005, p. 2).

---

<sup>42</sup> João Rafael Coelho Cursino dos Santos, nativo e residente de São Luís do Paraitinga, morou quatro anos em São Paulo para realizar o curso de História na Universidade de São Paulo. O trabalho de conclusão de curso teve como tema a Festa do Divino de São Luís do Paraitinga, intitulado: "A Festa do Divino de São Luís do Paraitinga: O Desafio da Cultura Popular na Contemporaneidade", sob orienta o da profa. Dra. Marina de Mello e Souza, 2005.

O autor ainda afirma que:

Sem interrupções desde sua retomada, a Festa do Divino de São Luís do Paraitinga vem apresentando, porém, mudanças importantes em suas manifestações. Os preparativos da festa sempre foram realizados no ambiente rural; com o êxodo rural e dos jovens migrarem para outros municípios à procura de empregos, atualmente a organização da Festa do Divino se dá em parcerias entre a Prefeitura, a Igreja e os agentes dos grupos folclóricos.(Id. Ibid. p. acima)

Outra evidência encontrada referente à importância que a comunidade luisense atribui à Festa do Divino são os depoimentos escritos e divulgados no periódico local, pelos munícipes, no Jornal denominado “O Paraitinga”, conforme consta na edição de número 2, referente ao mês de maio de 2005, em reportagem de capa.

#### FESTA DO DIVINO

*É minha gente! Mais uma festa está aí. Vamos ver como vai ser este ano. Parece que cada ano fica mais difícil. É gente saindo da roça, indo embora para outra cidade por causa da crise, outras querendo mudar algumas tradições. Mas, mesmo assim, entra ano e sai ano, a festa está sempre acontecendo. Parece que a fé do povo faz a festa acontecer. Até o mais simples trabalhador continua colaborando com alguns recursos. A festa tem mais de cem anos e tornou-se parte da vida dos Luisenses. O encontro das bandeiras é um acontecimento muito importante. É o ponto inicial da festa. É quando a bandeira que simboliza a festa do ano passado encontra com a bandeira que simboliza a festa desse ano, mostrando a sua continuidade. O povo faz promessas e seus pedidos são pendurados na bandeira. Outro acontecimento importante também é a cavalhada. Vem da tradição mais antiga da Península Ibérica. Representa as lutas entre Mouros e Cristãos. O afogado faz parte da festa. Animais são abatidos e a carne é distribuída ao povo com batata. O afogado representa a fartura que o Divino traz. A festa me traz alegria, ela é a mesma. Eu entro no meio do povo e parece que o tempo não passou. Um som me faz voltar ao passado, de repente eu me vejo ali, brincando na praça, correndo do João Paulino e da Maria Angu. Subindo no Pau de Sebo, olhando as meninas da dança de fitas e lá na escada da igreja, vejo o seu Bentinho marcando o compasso da mesma música que a banda toca hoje. Agora cresci, muita coisa aconteceu, não sou mais o menino de antes, nem tem nada a ver. Menos a festa.*

*Por: Benedito Domingues<sup>43</sup>.*

Ainda na mesma edição do jornal, na página 2, encontra-se mais um depoimento de uma moradora em São Luís do Paraitinga demonstrando a preocupação e interesse pela realização de mais uma Festa do Divino.

<sup>43</sup> Benedito Domingues é o editor do Jornal “O Paraitinga”.

SALVANDO O “AFOGADO”

Ana Maria Maia<sup>44</sup>

*Assim como em todos os anos, acontece a Festa do Divino, e por conseqüência o Afogado<sup>45</sup>. Com exceção a este ano, que a poucos dias da festa é anunciado o veto ao afogado. Esta notícia deixou os Luisenses com um nó na garganta, afinal festa para ser completa tem que ter comida. Solidário com essa gente e preocupado com a cultura e tradição Luisense, um grupo de cinco amigos se atreveram a salvar o “afogado”. E não é que o povo todo se juntou numa ajuda mútua e uma fé que sinceramente eu não acreditava que ainda existisse, e o salvamento se faz, o povo é de bom coração e de boa vontade e ao invés de ficar só reclamando e criticando, tem aqueles que trabalham e ajudam a realizar o que realmente precisa. E fica esclarecido que o que é da Igreja à Igreja e o que é do Afogado ao Afogado e todos juntos para a realização da nossa festa maior. E salve o Divino Espírito Santo. Amém.*

O que representa o veto ao afogado, conforme o desabafo da nativa? As famílias tradicionais que ofereciam o afogado na Festa do Divino não têm conseguido, ultimamente, renovar sua participação, com seus descendentes se distanciando; desta forma, a igreja passou a se responsabilizar pela oferenda do “afogado”. No ano de 2005, o pároco Gracimar de Souza recorreu ao prefeito, sr. Danilo José de Toledo, informando de que não teria mais condições de oferecer o afogado devido ao grande número de pessoas que vinham para o evento. O prefeito alegou que a Festa do Divino já pertencia ao Calendário Oficial de Eventos e que muitas pessoas vinham visitar a cidade justamente pela manutenção das tradições. Nesse caso, o prefeito teve o apoio de uma comissão formada pelos comerciantes locais para o patrocínio e organização do afogado na Festa do Divino de 2005.<sup>46</sup>

Por outro lado, o que preocupa os munícipes é a descaracterização do evento, pois foi proposta pelo Conselho Municipal de Turismo uma forma de cobrar dos turistas para que os grupos folclóricos, como moçambiques e congadas, se apresentem fora dos calendários das festas. Compreende-se que a Festa do Divino é organizada e preparada pelos munícipes para seu próprio desfrute, não

<sup>44</sup> Ana Maria Maia é nativa e proprietária da Pousada Primavera, em São Luís do Paraitinga; é incentivadora da manutenção da cultura local. Trabalha com 100 crianças ensinando, treinando o grupo na dança Moçambique, realiza apresentações em outras cidades.

<sup>45</sup> O afogado é um cozido de carne e osso, transformando tudo num caldo forte. O alimento é tradicional nas regiões de São Luís do Paraitinga e Paraibuna, no Vale do Paraíba.

<sup>46</sup> Informações obtidas da fala registrada em março de 2005, da reunião que contou com a presença do pároco Gracimar de Souza, dois festeiros e o Secretário da Cultura Municipal, In: SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. Trabalho de Conclusão de Curso – FFLCH-USP, Curso de História. Intitulado: *A Festa do Divino de São Luís do Paraitinga: O desafio da cultura popular na Contemporaneidade.*

prioritariamente para os visitantes e turistas; não que estes não sejam bem vindos, mas a repercussão da festa já demonstra alguns conflitos entre a manutenção da tradição e o interesse econômico, ou seja, realizar a festa, mas cobrar para que dela o turista desfrute.

Os interesses da igreja e dos órgãos públicos começam a apresentar alguns incômodos, um certo estranhamento e os munícipes interessados em manter a tradição se unem e vão à busca de soluções, além de expressarem na mídia impressa os contentamentos e descontentamentos e persistirem na transmissão e manutenção do valor simbólico de pertencimento. A Festa do Divino Ihes pertence, faz parte do *sítio*, do sitiante de São Luís do Paraitinga, conforme ZAQUAL (2006, p. 9): “Afim, o *sítio* é memória e ação, é virtualidade, mas também passado, futuros perdidos, experiências acumuladas, falas alternativas, regras de sociabilidade e compromissos comunitários.”

Um outro destaque atribuído e estudado referente à Festa do Divino de São Luís do Paraitinga que releva e enaltece o referido evento, é o artigo publicado e apresentado na Unesco<sup>47</sup>, intitulado: “Retrato de Tradições Sobreviventes na Cultura Paulista”, por Denis Porto Reno, do programa de mestrado da Universidade Metodista de São Paulo, que diz:

A Festa do Divino, encontrada com força em diversas cidades e em variadas regiões, possui grande força na cidade de São Luís do Paraitinga, tombada pela Unesco como patrimônio da humanidade. Na Festa do Divino, diversas manifestações folclóricas se reúnem, todas da mesma forma: sem planejamento de horário, local, etc, sempre naturalmente. Na programação de Folia de Reis de São Luís do Paraitinga pode-se encontrar congadas, moçambiques, cururus, danças de São Gonçalo, além da imponente cavahada. (2006, p. 8).

### **A organização da Festa do Divino em São Luís do Paraitinga**

A Festa do Divino também é comemorada em outras localidades<sup>48</sup> e o período de comemoração é sempre o mesmo, ou seja, a data do início da festa é o Domingo de Pentecostes, 42 dias depois do Domingo de Páscoa.

Conforme MOURA (2002, p. 43)

---

<sup>47</sup> UNESCO – Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, no período de 9 a 11 de outubro de 2006, na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

<sup>48</sup> Segundo MOURA (2002, p. 37): “A Festa do Divino localiza-se nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, antigos berços da mineração e suas ligações históricas mais estreitas, como Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo.”

A festa era uma forma de exaltar o poder do rei como agente de Deus na Terra. A simbologia dos componentes da Festa do Divino conferem com o ideário de Joaquim de Flora<sup>49</sup>. Os imperadores europeus, pela graça do Divino Espírito Santo, são representados como justos, caridosos, inteligentes e ricos. Daí as cavalcadas de mouros e cristãos; o cortejo do império, a alegria e a farta distribuição de comidas e bebidas; diversas formas de bailados; queima de fogos. Nas épocas colonial e imperial, durante a festa, armava-se um trono para o imperador do Divino que, na Bahia e no Rio de Janeiro, era uma criança. O imperador eleito para realizar a festa era investido de um poder invejável, pois bastava um simples gesto seu para que fossem libertos presos comuns.

Em São Luís do Paraitinga, a festa se organiza da seguinte forma: anualmente é escolhido<sup>50</sup> um festeiro que, junto com a Folia do Divino, passa de casa em casa levando a bandeira do Divino e recolhendo as doações dos moradores.

É uma tradição popular transmitida de pai para filho e atualmente atrai um grande número de fiéis e turistas.

A Folia do Divino é composta por quatro pessoas, que cantam utilizando instrumentos musicais de acompanhamento, sendo eles: o mestre que toca a viola, o contralto, toca caixa e um garoto que toca o triângulo. Além desses, acompanham a folia o cargueiro, que é responsável por arrear os animais, o alferes festeiro, que é quem conduz a bandeira e é responsável pela administração das oferendas.

A festa<sup>51</sup> se inicia depois que a folia passa pelas casas do município, tendo um último pouso na sexta-feira. O pouso acontece na casa onde os integrantes passam a noite, pousando em fazendas e em pequenas vilas.

A procissão da Penitência, realizada durante a festa, é a manifestação dos fiéis que seguem pelas ruas até a igreja de São Luís do Paraitinga, com missa celebrada pelo padre da paróquia. Em seguida, as pessoas acompanham o Divino até o Império<sup>52</sup>. No período da Festa, o Divino sai da Igreja e pousa no Império que, com exuberante decoração, permanece aberto à visitação.

As famílias da cidade procuram fazer uma bandeira do Divino, como forma de agradecimento e, durante a festa, essas bandeiras são expostas no Império. As bandeiras simbolizam a fé das pessoas e, nelas são fixados fotos, cartas e pedidos.

---

<sup>49</sup> Ou Joaquim de Fiore (1132-1202), também conhecido por Gioacchino da Fiore, Joaquim de Fiori, Joaquim – abade de Fiore, foi um abade cisterciense (pertencente a Cister, abadia de Cluny, França) e filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo.

<sup>50</sup> Atualmente, em São Luís do Paraitinga, a escolha é realizada entre a prefeitura, a igreja, os integrantes dos grupos folclóricos e os patrocinadores (comerciantes e empreendedores do município).

<sup>51</sup> A Festa do Divino tem duração e programação de dez dias.

<sup>52</sup> Império – A casa do Imperador do Divino.



Durante a festa, as missas são realizadas diariamente, antecedidas por procissões. A procissão da Bandeira e Coroa do Divino é conduzida pelo festeiro e sua esposa, que leva consigo a coroa do Divino. Logo atrás acompanha um representante de cada família com sua respectiva bandeira: conduzem também a procissão vários grupos folclóricos religiosos, como: Moçambique de São Benedito, Congada de Benedito de Taubaté, além da nova Congada Alto Cruzeiro de São Luís do Paraitinga.

A bandeira do Divino é conduzida até a Igreja do Rosário, onde é abençoada pelo padre com um incensário<sup>53</sup> e são realizadas preces e orações.

Enquanto a bandeira está sendo erguida, a Folia de São Luís do Paraitinga presta homenagem e demonstra sua devoção ao Divino, com música cantada por adultos e crianças, que simbolizam a família real na Folia de Reis.

Inúmeras pessoas acompanham a procissão, desde idosos até crianças. Devido à concentração de várias Congadas e Moçambiques, ocorre uma mistura de ritmos que prendem a atenção e encantam os presentes. Após o levantamento da bandeira, a procissão desce para ser realizada uma missa. Além das procissões, durante a festa, ocorrem várias manifestações folclóricas. Folgedos presentes na Festa: João Paulino e Maria Angu<sup>54</sup>, Cavalhada, Dança das Fitas, Jongo, Moçambique.

O ritual da Festa do Divino e toda simbologia que a permeia nos induzem à reflexão da hospitalidade e da dádiva. A peregrinação para aquisição das doações, os pousos nas fazendas e casas, a procissão da penitência, os pedidos para obtenção de milagres, a comida, a música, as danças, os adereços, tudo se resume numa troca: entre os festeiros da comunidade; a crença, a devoção, a oferta da bandeira, das flores, das orações e em troca, os pedidos, a união, a confraternização, o dar, receber e retribuir se fundem antes, durante e após a festa.

Uma das contribuições centrais de Mauss para a sociologia foi demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social. Ele chegou a esta compreensão a partir da análise das modalidades de trocas nas sociedades arcaicas e da verificação do fato de que essas modalidades não são apenas coisas do passado. Isto é, Mauss entendeu que a lógica mercantil moderna não substitui as antigas formas de constituição dos vínculos e alianças entre os seres humanos e constatou que tais formas continuam presentes nas sociedades modernas. MARTINS (2006, p. 90).

---

<sup>53</sup> Incensário ou incensório: vaso em que se queima incenso nos templos.

<sup>54</sup> João Paulino e Maria Angu. Há mais de um século que o casal de bonecos gigantes está presente nas festas religiosas e profanas da cidade. Conta-se que o casal teria sido feito pela primeira vez em meados do século passado (século XX), por um português chamado João Paulino; era casado com uma mulher chamada Maria, que vendia pastéis de Angu (muito comum em São Luís do Paraitinga), nome usado para batizar a parceira de João Paulino. Os bonecos sobrevivem a seu criador e tornaram-se uma tradição. Eles são a alegria das crianças da cidade.

Nesta manifestação – a Festa do Divino de São Luís do Paraitinga -, entende-se que ainda na contemporaneidade ainda há comunidades, *sítios* simbólicos de pertencimento que persistem frente às mudanças e imposições externas. Há ainda lugares, *sítios* que conseguem equilibrar as interferências e balizá-las, culturas que não têm à frente apenas a questão e visão econômica e sim algo de valor maior: as raízes, o pertencimento que, conforme ZAOUAL (2006, p. 37), “Ao absorver o múltiplo, eles salvaguardam sua singularidade e sua eternidade”; assim, os luisenses agem para manter suas crenças, valores, costumes, instigando a curiosidade da sociedade acadêmica e científica, de pesquisadores, de curiosos, visitantes e turistas.

A Festa do Divino em São Luís do Paraitinga é realizada todos os anos e, conforme estatísticas realizadas pela prefeitura local, a cada ano recebe visitantes e turistas da região e de outras cidades. A referida festa é também celebrada em outras localidades, mas o que diferencia a Festa do Divino de São Luís do Paraitinga, segundo estudiosos<sup>55</sup>, é a sua força e autenticidade se comparada às que são celebradas em outras localidades.

## **O Carnaval em São Luís do Paraitinga**

Um outro evento de grande relevância para a comunidade local de São Luís do Paraitinga, e que atualmente tem despertado um fluxo de turistas significativo, é o Carnaval<sup>56</sup>. É a maior festa popular do município, realizada no centro histórico, onde tradicionalmente são apresentados blocos e cordões carnavalescos ao som das tradicionais marchinhas.

As marchinhas são de autoria de compositores da própria comunidade; o festival de marchinhas acontece semanas antes do carnaval, conseqüência de músicos que desde jovens aprendem a gostar da arte e lutam por uma vaga na fanfarra do município.

São Luis do Paraitinga é uma cidade reconhecida como terra do folclore e de músicos. Tal reconhecimento é devido ao município ter a fanfarra Monsenhor Ignácio Gióia, tricampeã brasileira e pentacampeã paulista. A corporação Musical

---

<sup>55</sup> Para maiores informações, vide: SANTOS, João Rafael Coelho Cursino. In: *A Festa do Divino de São Luís do Paraitinga: O desafio da cultura popular na contemporaneidade* e RENO, Denis Porto. In: *Retrato de Tradições Sobreviventes na Cultura Paulista*, conforme consta na bibliografia.

<sup>56</sup> No Carnaval de 2006, o município recebeu, diariamente, mais ou menos 20.000 pessoas. In: *Jornal do Carnaval de São Luís do Paraitinga 2006*, palavras do sr. Prefeito Danilo José de Toledo.

de São Luís de Tolosa, que interpreta antigos dobrados, as bandas carnavalescas, como Banda Lume, Grupo Paranga, Esquadrilho da Fumaça, interpretam as inúmeras marchinhas carnavalescas compostas pela população local, que apresentam mais de duas mil composições; também grupos de músicas sacras que embelezam as cerimônias e diversos grupos folclóricos onde predomina a música. As fanfarras são mantidas pelos patrocinadores, geralmente o comércio local, a prefeitura por intermédio da secretaria de cultura e diretoria de turismo e, quando da realização de festivais, há também parcerias com órgãos governamentais, como por exemplo, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo - SABESP e empresas particulares tais como bancos, no caso o Banco do Brasil, e empresas que fabricam instrumentos musicais como, por exemplo, a Scavone Instrumentos Musicais.

Outra forma que os integrantes das bandas encontraram para obter fundos de apoio foi a realização de bingos e leilões, entre outros eventos, conforme reportagem no jornal local, “O Paraitinga”, nº 4 - setembro e outubro de 2006, página 3.

*Fanfarras realizam pedágio na cidade para arrecadar fundo de apoio financeiro. Motivados pela emoção de querer fazer da Fanfarras Monsenhor Ignácio Gióia – FAMIG, a melhor fanfarras da região, seus componentes realizam eventos para arrecadar fundo de apoio financeiro em prol da manutenção de seus instrumentos. Além de contar com uma certa ajuda financeira, a fanfarras também realiza e promove eventos de atividades sociais, através de: sorteios de bingos, leilões e outros recursos, arrecadando fundos para aplicação de outros investimentos em seu benefício. A FAMIG oferece oportunidades para crianças, jovens e adolescentes, interessados em participar dos ensaios das evoluções e fazer parte da corporação musical; para isso, o interessado deve falar com o diretor da fanfarras (Canário) e, imediatamente, ser integrado ao grupo.*

O carnaval de São Luís do Paraitinga ainda mantém traços de um evento familiar, amistoso, autêntico, e é organizado pela própria comunidade: o tema do carnaval, as fantasias, as músicas (marchinhas de carnaval), os blocos, os adereços, a panfletagem, a divulgação; enfim, a festa.

No município de São Luís do Paraitinga, além do periódico “O Paraitinga”, há outros veículos e formas de informar, instigar, solicitar, divulgar tudo o que está acontecendo nos preparativos para a festa de carnaval. Os blocos divulgam exemplares de informativos abordando a história e a fundação do bloco, as músicas, horários e locais de apresentação e passagem, alertas de segurança, letras das marchinhas. As fantasias são realizadas pelos próprios foliões, contagiando crianças, jovens e idosos. É impressionante o envolvimento e o comprometimento

dos munícipes na organização da festa de carnaval. O carnaval de São Luís do Paraitinga conta atualmente com um número cada dia maior de visitantes e turistas que, instigados ou convidados pela mídia impressa, passam a ter como alternativa um Carnaval diferente.

Na capa do “Jornal do Carnaval de São Luís do Paraitinga”, ano 2006, a Prefeitura local divulga:

*São Luís do Paraitinga se destacou na mídia nos últimos anos como a cidade que realiza um dos Carnavais mais interessantes do país. As marchinhas, os blocos, as bandas e os compositores regionais foram a chave desse sucesso, pois fizeram emergir a força da cultura Luisense, que tendo oportunidade se manifesta. Contudo, a dimensão do carnaval superou todas as expectativas. Ano passado, São Luís recebeu mais gente em seu entorno do que em todos os anos anteriores e medidas restritivas, para tornar o evento sustentável, são necessárias.*

Devido ao resultado do Carnaval de 2006, a Prefeitura local sentiu necessidade de tomar providências que organizassem e controlassem as questões referentes a: atividades comerciais, alvarás, trânsito no município, banheiros, áreas de alimentação, estacionamentos, segurança, entre outros; não que antes não houvesse preocupação e participação da prefeitura, do Conselho Municipal de Turismo e da Câmara Municipal; é que, até então, o número de visitantes e turistas que se dirigiam a São Luís do Paraitinga para desfrutar do carnaval não comprometia a infra-estrutura local, a autenticidade do evento e o respeito com a cultura local; em 2006, entretanto, pôde-se perceber a ocorrência de “problemas” ocasionados pela falta de respeito à cultura local, pelos visitantes e turistas e não pelos munícipes, que são os organizadores do evento, como demonstra o discurso que finaliza a reportagem. Essas novas providências quanto às regras a serem seguidas não dizem respeito apenas aos munícipes, pois o Jornal, na última página, termina com um texto intitulado “Carnaval nota 1000” que, de certa forma, considera-se um apelo aos visitantes e turistas:

*Para a cidade de São Luís do Paraitinga promover um carnaval, resgatando a tradição dos carnavais de marchinhas e preservando ao mesmo tempo a cultura local, é motivo de orgulho. Entretanto, este orgulho fica arranhado quando um grande fluxo de pessoas acaba por provocar transtornos. Para melhorar este panorama, é indispensável a participação de todos. Ações, atitudes e idéias que despertem o interesse de turistas, de visitantes, etc, serão sempre bem-vindas e incentivadas.*

*É fundamental, por parte daqueles que vêm nos visitar ou passar conosco o carnaval, o conhecimento das nossas diferenças regionais e culturais. Ademais, temos um patrimônio físico de casas antigas, feitas de pau-a-pique e taipa e por isso é frágil e sensível a agressões. Infelizmente, nos dias de carnaval, pessoas incultas chegam a usar esse patrimônio secular como mictório público, o que é abominável. A Prefeitura Municipal e o Conselho Municipal de Turismo estão num esforço conjunto, trabalhando com o intuito de atrair a São Luís do Paraitinga aquele turista que definitivamente respeite nossos valores e se interesse por nossas peculiaridades.<sup>57</sup>*

Presume-se que em toda relação exista um certo grau de divergências, de diferenças, de contradições; entretanto, faz-se necessário o estabelecimento de regras para que a relação e o convívio ocorram com o menor sacrifício possível.

Percebe-se no “apelo” do jornal que o aumento de pessoas de fora da localidade começa a apresentar alguns acontecimentos potencialmente geradores de conflito, podendo ocorrer hostilidade por parte do visitante com a comunidade local. Esse fato está provocando uma reação dos integrantes do *sítio* de pertencimento que passam a defender o seu direito de ser respeitado pelo turista conforme relata o enunciado do jornal do carnaval local.

Parte-se da premissa que a hospitalidade inclui estabelecer limites, respeito, educação, ética entre as partes envolvidas. Quem recebe deve ser hospitaleiro, acolher, hospedar, alimentar, entreter e, em contrapartida, caberá ao hóspede entender que há regras a serem cumpridas durante sua permanência na localidade, no *sítio* de pertencimento do outro. Quando saímos de nosso *sítio* de pertencimento, devemos conhecer, analisar, estudar a cultura do outro; não podemos estabelecer como padrão apenas as regras, hábitos e costumes de nossa cultura e sim nos comportarmos como visitas, não como donos da casa, uma vez que a permanência é transitória. Isso é especialmente relevante porque quem já foi hóspede, em dado momento passará a desempenhar o papel de anfitrião em outro, quando os papéis se invertem.

O luisense realiza a festa para e pela comunidade e os visitantes que se sentem atraídos pelo carnaval também são bem vindos, desde que respeitem o patrimônio, a cultura, o morador local, ou seja, o *homo situs* que conforme ZAQUAL (2006, p. 211):

---

<sup>57</sup> Texto publicado no Jornal do Carnaval São Luís do Paraitinga, ano 2006, Ponto Mídia Comunicação. Projeto Editorial: Sergio Costa. São Luís do Paraitinga. O Jornal foi distribuído para toda a população local, com quinze dias de antecedência da efetivação do evento – Carnaval.

[...] é um homem se comunicando com seu meio. Por isso, dificilmente ele se deixa capturar ou recortar. O *sítio* é o *húmus* do *homo situs*, o Homem da situação. O *homo situs* é um interpretante. É o Homem social, pensando e agindo em dada situação. Ele é tudo isso, veiculando o sentido do momento, o de sua situação com o peso do passado e da mudança que se impõe.

O carnaval de São Luís do Paraitinga tem sido divulgado na mídia impressa e televisiva, além dos diversos *sites* em correio eletrônico<sup>58</sup>. Sendo assim, a divulgação do município e dos eventos que são realizados durante todo o ano faz com que o município passe a contar com mais adeptos, interessados, visitantes e turistas aos fins de semana, nos feriados prolongados e nas férias de julho e final de ano.

Se há um procedimento de ações inadequadas advindas do visitante, faz sentido o estranhamento dessas atitudes por parte do sitiante que divide seu espaço, sua festa com o convidado; fazem sentido as palavras de CAMARGO (2006, p. 27): “Como valorizar a identidade local se os moradores se sentem às vezes agredidos pelo comportamento de visitantes, que não foram convidados?”.

Ainda do mesmo autor, “No turismo não existe, em princípio, convite à visita, nem o pedido para ser recebido, ainda que, hoje, muitas sociedades ostensivamente façam o convite sob a forma de publicidade e de políticas explícitas”. p. 18.

Se o Carnaval é um evento organizado, prestigiado, valorizado e desfrutado pela própria comunidade e paralelamente faz-se a divulgação do evento na mídia impressa e televisiva, entende-se que esse procedimento instiga e convida o visitante e o turista a dividir a festa, o evento com a comunidade no espaço da comunidade. Mas, conforme CAMARGO (2006, p. 27):

Não existe hospitalidade sem sacrifício. O primeiro desafio talvez seja o de promover uma releitura dos seus principais conceitos: passar a entender o turismo, além do negócio e da gestão do negócio, como busca de indivíduos por um eu-diferente e de um outro-diferente em espaços cambiantes; passar a entender a carga turística não como o volume de visitantes que um ambiente suporta, e, sim, de que maneira um espaço e a vida que nele habita aceitam dividir-se com estranhos.

---

<sup>58</sup> As fontes para estas informações estão relacionadas na bibliografia deste trabalho, pela mídia impressa (Jornal O Estado de São Paulo, A Folha de São Paulo, Revista Os Caminhos da Terra) e televisiva (no Globo Repórter, na Rede Globo, no ano de 2003, TV Cultura, no ano de 2003) nos sites do município, no guia da semana.

Necessita-se, então, que regras sejam estabelecidas e cumpridas para que haja a hospitalidade por parte do binômio visitante/turista e comunidade receptora.

Uma evidência que retrata a importância que os Luisenses de todas as idades atribuem ao carnaval é o depoimento de Dona Cinira<sup>59</sup> em entrevista concedida ao autor Rogério Ribeiro da Luz<sup>60</sup>, em obra de sua autoria intitulada: “São Luís do Paraitinga: o último reduto caipira”.

**Rogério Ribeiro da Luz:** A Senhora, que é extrovertida, deve ter uma participação muito grande no carnaval da cidade.

**Vó Nira<sup>61</sup>:** *Ah, sim. Na verdade, eu comecei a participar quando o Carnaval voltou a São Luís. É que ele era realizado normalmente há muitos anos atrás, e depois parou, sem ninguém saber explicar porque. Aí, em 1981/82 resolveram retomar. Nessa época, meus filhos sempre viajavam para poder aproveitar a festa nas cidades vizinhas, como Ubatuba, e eu ficava preocupada. Quando me deram a idéia de fazer o carnaval aqui fiquei muito satisfeita, porque também era uma maneira de segurar os meninos. Apesar de não ser muito boa desenhista, peguei papel e desenhei uma fantasia de palhaço. Os filhos, quando souberam da minha intenção, não demonstraram muito otimismo. Falavam que não ia dar certo, pois outras pessoas já haviam tentado reviver o carnaval na cidade, sem sucesso. Mas eu fui em frente. E valeu a pena. O primeiro foi bom. O segundo melhor ainda. E aí a coisa vingou para sempre.*

**Rogério Ribeiro da Luz:** Assunto puxando assunto, o que a senhora acha de o carnaval daqui ser feito com marchinhas, e não ter samba enredo, não ter axé?

**Vó Nira:** *Acho bom. Aqui é uma cidade tradicional, antiga, pequena, e eu acho que não cabe samba enredo. O carnaval de marchinhas fica bem para a cidade.*

<sup>59</sup> Dona Cinira Pereira dos Santos é nascida em São Luís do Paraitinga, em 16 de março de 1929, reside a 78 anos na mesma casa, à Rua Coronel Domingos de Castro, nº 551. Esposa do músico Elpídio dos Santos (falecido). Atende a todos que a procuram: munícipes, estudantes, visitantes, turistas; pela sua simplicidade, simpatia e por ser detentora de uma memória prodigiosa, capaz de contar com detalhes a história do povo do Alto Vale do Rio Paraíba do Sul. É artesã e a artista que dá aos carnavais da cidade o toque da tradição carnavalesca, confeccionando máscaras em papel machê. Trabalha em defesa das tradições folclóricas de São Luís do Paraitinga. Faz vários dos bonecos gigantes que percorrem a cidade nos dias de festa e tem obras expostas no Memorial da América Latina (SP). Organizadora, colaboradora e responsável por cinco grupos de dança.

<sup>60</sup> O paulistano Rogério Ribeiro da Luz é engenheiro civil, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Conselheiro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico.

<sup>61</sup> Dona Cinira Pereira dos Santos é conhecida em São Luís do Paraitinga como Vó Nira.

É desta forma que o luisense, a cada ano, mantendo as tradições, organiza e realiza o carnaval com orgulho, inspiração e carinho. A cada ano, o Carnaval de São Luís do Paraitinga apresenta um tema diferente, como por exemplo: no ano de 2002, Carnaval de Corpo Inteiro; 2004, Carnaval do Saci – De Perna Pro Ar; 2005, Carnaval Janelas da História; 2006, Janela Para a Folia; 2007, Carnaval João de Barro<sup>62</sup>.

Pôde-se observar este envolvimento e cumplicidade entre os munícipes de São Luís do Paraitinga em janeiro de 2007, quando a pesquisadora encontrava-se na localidade em pesquisa de campo. Nos bares, padarias, lojas, pousadas, restaurantes, na praça, nas portas das residências, nas esquinas, o assunto era Carnaval, o preparativo das máscaras, a confecção e divulgação das letras das marchinhas, o jornal do bloco (cada bloco tem seu próprio boletim informativo), a divulgação para locação de imóveis, as reservas antecipadas nas pousadas, camping, a decisão e confecção das fantasias.

Os luisenses não perdem a folia de carnaval, chegando a comprometer o emprego para poder participar da festa nos quatro dias; as entrevistas realizadas junto aos proprietários de restaurantes, pousadas, entre outros estabelecimentos, relataram o fato quando contatados. No período de Carnaval, os proprietários de pousadas, restaurantes, lanchonetes recorrem a profissionais dos municípios vizinhos para suprirem a ausência dos funcionários fixos locais e, finalizada a festa, os funcionários retomam suas atividades.

Os proprietários sentem a falta do funcionário, pois já estão engajados e acostumados com a rotina; mas, por intermédio das entrevistas realizadas junto aos funcionários, não há demissões por esse fato, pelo contrário, principalmente os proprietários que não são nativos, mas escolheram São Luís do Paraitinga para residir e abrir um estabelecimento, respeitam o anseio dos munícipes e dispensam os funcionários para participarem da festa. A maioria dos estabelecimentos é de administração familiar, envolvendo como proprietários e funcionários graus de parentesco muito próximos (pais, filhos, noras, cunhados, primos); desta forma, há um revezamento para que todos participem do evento.

Para os planejadores do turismo, talvez este não seja um procedimento correto; foge das normas e padrões impostos pelo discurso do planejamento, pois se

---

<sup>62</sup> João de Barro (ou Braguinha), nome artístico de Carlos Alberto Ferreira Braga, compositor carioca, falecido em 2006. Foi um dos maiores compositores de marchas carnavalescas. Fez a letra de “Carinhoso” (com música de Pixinguinha) e compôs “As Pastorinhas” em parceria com Noel Rosa.(www.dicionariompb.com.br).



planeja sempre pensando no turista e não na comunidade; nesse caso, em São Luís do Paraitinga, o processo se inverte, e nos remete às palavras de Caio Luís de Carvalho<sup>63</sup> “Nenhuma cidade pode ser turística se não for prazerosa para seus habitantes”, e de Luiz Octávio de Lima Camargo<sup>64</sup> “A necessidade de lazer é primeiro dos residentes e, só posteriormente, dos turistas”.

Nesse sentido, admite-se que o turismo pode ser bem vindo numa dada localidade desde que respeite os valores, hábitos, costumes, tradições do sitiante; não cabe apenas julgar sem antes procurar entender a dinâmica e o ritual do cotidiano do sitiante, considerando que a cultura de um povo atrai a curiosidade do visitante, e que esta aproximação para ser hospitaleira deve ser ponderada pelos planejadores e turistas, levando em consideração o novo paradigma proposto e exposto por ZAOUAL (2006, p. 238) sobre a noção do *homo situs*:

O *sítio* emite modelos morais e práticos que se tornam mais efetivos que a concepção econômica que se queira autônoma e purista. O que parecem ser impurezas no raciocínio clássico do economista-matemático tornam-se, em nossa perspectiva, um conjunto de reguladores de incerteza e de modos de mobilização dos atores do *sítio*. Auto-estima do grupo, código de honra, lealdade, solidariedade, coesão, rede, economia do dom, sanções morais, etc, são aspectos que interferem nesses processos como redutores de atritos no dinamismo da região considerada. É sempre a partir do *sítio* que é preciso definir as regras e as convenções implícitas e explícitas que asseguram a eficácia de uma mudança real e não virtual. Todo projeto sem adesão do *sítio* se torna um projétil e os humanos não são vistos como população-alvo.

Nesse sentido, o sitiante deve ser consultado até que ponto o turismo é suportável e aceitável no *sítio* sem causar relacionamentos hostis entre as partes envolvidas. O turismo pode vir a ser um colaborador econômico para a localidade, desde que esta esteja apta e disposta a incluí-lo no *sítio*; é uma opção que acredita-se deva ser respeitada; o *sítio* pode fazer uso do turismo para seu benefício e não o contrário, o turismo se beneficiar do *homo situs* para torná-lo o *homo economicus*, como tem sido o discurso que o turismo e suas repercussões econômicas farão do sitiante: alguém mais feliz; pode-se vislumbrar que em São Luís do Paraitinga as festas, as crenças, o convívio, os símbolos, as tradições são valores imensuráveis para os sítiantes, o que é endossado pelas palavras de ZAOUAL (2006, p. 41):

---

<sup>63</sup> Ex-presidente da Embratur, atualmente Presidente da São Paulo Turismo – SP Turis, ex-Anhembi Turismo.

<sup>64</sup> Doutor em Ciências da Educação pela Université Sorbonne, em Paris, ex-professor do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

Os *sítios*, os homens que neles vivem sempre têm certo grau de liberdade incompreensível que lhes permite escolher sua maneira de viver e, por conseqüência, as atitudes a tomar diante das exigências da vida econômica local.

Nesse sentido, o sitiante de São Luís do Paraitinga divide a responsabilidade e a cumplicidade não só para com e pelo trabalho, mas para com sua tradição, seus hábitos, suas crenças e sua cultura que lhes são de valores paralelos e de mesma proporção e teor, o *homo situs* prevalece ao *homo economicus*.

### **O Dia do Saci Pererê**

Em São Luís do Paraitinga há festa o ano inteiro e, a partir de 2003, os luisenses se envolveram na criação e organização de um outro evento que tem tido ampla divulgação na mídia impressa<sup>65</sup> e televisiva<sup>66</sup> que é o Dia do Saci, celebrado em 31 de outubro, em “protesto” ao dia do Halloween, comemorado em diversas localidades nesta mesma data. Esse denominado protesto significa, segundo as palavras de Mário Cândido (economista que integra a Sociedade Observadores de Saci), valorizar a cultura oral e local; então, ao invés de no dia 31 de outubro comemorar-se o *Halloween* (Dia das Bruxas), que é uma comemoração da cultura norte americana, resolveram realizar na mesma data o Dia do Saci. Os integrantes do grupo dizem que a escolha da data foi proposital, pois se o *Halloween* é um acontecimento que envolve as crianças, o Dia do Saci também foi idealizado com enfoque nas crianças; um dos objetivos foi chamar a atenção para o resgate de lendas do nosso folclore, especialmente nas escolas, para fazer uma oposição ao *Halloween*.

Em matéria divulgada no jornal “Folha de São Paulo”, de 11 de março de 2004, intitulada “Prefeitura de São Paulo Sanciona lei que cria do Dia do Saci”, observa-se a importância que os envolvidos no evento remetem à cultura e a identidade nacional, conforme segue:

---

<sup>65</sup> Jornal “Folha de São Paulo”. Caderno Cotidiano, em 06 de setembro de 2003. Jornal “O Estado de São Paulo”, no caderno cidades, página C3, em 08 de setembro de 2003. Jornal “O Estado de São Paulo”, caderno cidades, em 29 de outubro de 2003.

<sup>66</sup> TV Cultura, outubro de 2003.

*Para valorizar a cultura brasileira e combater o Halloween, festa comemorada pelos norte-americanos e que ganha cada vez mais força no Brasil, a Prefeitura de São Paulo sancionou a lei que cria o Dia do Saci. O projeto de lei de autoria da vereadora Titã Dias (PT) estabelece o dia 31 de outubro como data para a comemoração. A intenção é realizar neste dia eventos para reforçar as figuras do folclore brasileiro como o saci, o boitatá, a iara e o curupira. É uma resistência contra a indústria predatória norte-americana. Contra uma cultura que não é a nossa, que não tem nada a ver com a gente, disse a vereadora. A cultura popular é um elemento importante para as crianças. Agora, no dia 31 de outubro, podemos reforçar essa cultura nas escolas, fazendo um resgate de nossas lendas e criando uma festa nossa. De acordo com a vereadora, personalidades como o cartunista Ziraldo adoraram a criação do Dia do Saci. Ele (Ziraldo) disse que pode até ajudar na divulgação, afirmou.*

*O governador Geraldo Alckmin (PSDB) já havia sancionado no início do ano as leis 11.669 e 11.670, ambas de autoria do deputado Padre Afonso Lobato (PV), que dispõem sobre a comemoração e a inclusão do Dia do Saci no calendário turístico do Estado.*

#### **Comemoração**

*O Dia do Saci foi comemorado pela Sosaci (Sociedade dos Observadores de Saci), criada em meados do ano passado. “Acho ótima a criação desta data em São Paulo. É fundamental valorizar a divulgação da cultura brasileira”, afirma a economista e uma das fundadoras da Sosaci, Alice Mitsuko Nakao, 50. Segundo Alice, a intenção da Sosaci é justamente tentar resgatar os mitos e valores da cultura brasileira.*

Desde 2003, todo ano o município de São Luís do Paraitinga organiza programas oferecendo atividades durante uma semana, todas tendo como tema principal o personagem - Saci – entre outros, tais como: Iara, Curupira, Cuca, Boitatá, envolvendo crianças, adolescentes e adultos. Os envolvidos e apreciadores fundaram uma associação, denominada Sociedade dos Observadores de Saci –SOSACI.

Em matéria publicada no jornal “O Estado de São Paulo”, em 8 de setembro de 2003, no caderno cidades, o economista Mário Cândido que integra a Sociedade dos Observadores de Saci, a SOSACI<sup>67</sup> diz:

*A preservação das histórias populares faz parte das propostas de um grupo que nasceu em São Luís do Paraitinga com um objetivo: valorizar e difundir a tradição oral, a cultura do povo, os mitos e as lendas brasileiras. É muito importante não perder a identidade nacional, que está dando lugar ao imperialismo cultural. C3*

<sup>67</sup> O grupo foi fundado em julho de 2003, com cerca de 20 pessoas, mas está ganhando cada vez mais adeptos, interessados na cultura de raízes.

No mesmo jornal:

*Paraitinga é uma cidade que respira cultura popular, diz o pesquisador Gilberto Pedrosa. Junto com outro pesquisador, Henry Durante, ele desenvolve um projeto para preservação e divulgação da cultura oral. Um dos trabalhos foi o mapeamento dos contadores de história da cidade. Vinte deles estão catalogados e agora passam por entrevistas. Os depoimentos são gravados em som digital e no futuro devem virar um CD. A proposta também é montar na cidade histórica a Casa do Contador de Histórias, com oficinas culturais e rodas de histórias.*

O interesse para com a manutenção das tradições locais não é um fato de interesse proveniente apenas dos nativos e residentes do município; há pesquisadores que vêm contribuindo para o estudo, análise e divulgação da manutenção da cultura local e descobrindo a comunidade luisense como objeto de estudo. Impressionante, na contemporaneidade, ainda descortinarmos com interessados na manutenção do singular, do peculiar, do endêmico, frente à diversidade, a padronização e mesmice vigentes em outros lugares. O interesse na cultura de um lugar, de uma comunidade, por parte dos pesquisadores, nos remete a refletir na teoria dos *sítios* propostas por ZAOUAL (2006, p. 20):

A filosofia dos *sítios* nos convida a redefinir o Homem no século XXI, capitalizando os erros fecundos que foram cometidos em matéria de desenvolvimento e de globalização econômica e combinando as contribuições de todas as culturas e civilizações do mundo. Tal desafio é, ao mesmo tempo, ético e técnico. Não se podem separar essas duas dimensões de existência cotidiana dos povos, sob pena de mergulharem em um caos planetário.

Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações de mestrado<sup>68</sup> nas áreas de comunicação, história, arquitetura, turismo, propaganda e publicidade, administração, ciências da religião, entre outras, têm o município de São Luís do Paraitinga como objeto de estudo, como *sítio* simbólico de pertencimento. Além dos trabalhos acadêmicos, há outros pesquisadores como, por exemplo, a socióloga Maria Alice Setúbal, que coordena o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC; a socióloga liderou uma pesquisa sobre a diversidade cultural do interior paulista – um projeto que busca o reconhecimento dos processos históricos e dos grupos sociais que formaram o Estado de São Paulo; desta iniciativa surgiu “Terra Paulista: Histórias, Arte, Costumes”, projeto que compreendeu uma coleção de livros. A autora e pesquisadora comenta em

<sup>68</sup> Conforme consta na bibliografia, autores e obras consultadas pela mestranda.

entrevista divulgada no Jornal “O Estado de São Paulo”, no caderno Cultura, de 18 de setembro de 2005 – domingo – na matéria intitulada “As múltiplas e ricas identidades paulistas”.

Além da culinária, hábitos, costumes, religiões, festas dos municípios do Vale do Paraíba, a pesquisa cobriu também a evolução da arquitetura. Segundo ela, paulistas costumam identificar “cidades históricas” com antigas localidades de Minas Gerais, Salvador ou Olinda. Não suspeitam que as cidades paulistas fundadas na era do sertanismo, do tropeirismo e da abertura das fazendas de café e de açúcar (como São Luís do Paraitinga) guardam exemplos tão belos como ameaçados pela falta de reconhecimento”, afirma. O paulista ainda dá as costas para sua história e patrimônio.

### Capítulo 3. A organização do turismo no *sítio* simbólico São Luís do Paraitinga

Por intermédio das evidências expostas, compreende-se que São Luís do Paraitinga é um município cativante e atraente a diversos indivíduos que, por uma aproximação acadêmica ou por simples curiosidade, a passeio, a negócios, a religião, em visita ao patrimônio histórico cultural e natural, acabam se encantando e identificando com o lugar, com a comunidade. Essa aproximação e identificação da qual falamos existir entre pesquisadores e o local, o perceber, o sentir afeto, hospitalidade e interesse talvez seja justificada pelas palavras de ZAOUAL (2006, p. 156):

A representação do mundo não é então um conceito inato. Constrói-se “*in situ*”, em função de crenças, do simbolismo, dos hábitos e percepções comuns da vida cotidiana do meio no qual as pessoas se expressam e vivem. Nunca falamos sem estar situados em algum lugar.

#### O *sítio* de pertencimento

Permite-se dizer que a identidade, a proximidade, a curiosidade pelo lugar que instiga estudar uma cultura, uma comunidade, um *sítio* é o fato de ter sido atraída por algo, por intermédio da percepção, do contato, da aproximação e empatia pelo *sítio* observado, vivenciado o cotidiano; talvez o interesse por um determinado tema, lugar, não seja apenas coincidência, mas sim afinidade. Sendo assim, faz sentido dizer que nunca falamos sem estarmos situados em algum lugar, sem termos sido seduzidos pelo lugar.

Para dar continuidade ao exposto, cabe retomar o conceito da teoria do *sítio*, conforme anteriormente mencionado, que segundo ZAOUAL (2006, p. 88):

O *sítio* é, antes de tudo, um imaginário social moldado pelas contingências e pela trajetória da vida comum dos atores considerados. Esquemáticamente, ele contém uma “caixa preta” que o torna espaço cognitivo de pertencimento. As crenças e os mitos dão sentido e direção aos aderentes do *sítio*. O *sítio* supõe também cumplicidade e proximidade. Assim sendo, ele é singular, mas também plural, devido à sua abertura ao meio circundante, então, à mudança. Ele está fechado e aberto, o que nos levou a postular que ele possui um código de seleção semelhante a um código genético. De fato, trata-se de uma entidade imaterial que impregna o conjunto dos comportamentos e das materialidades visíveis do local. Em suma, o *sítio* é um vínculo cognitivo entre o ator e seu entorno. O *sítio* é o “húmus do homo situs”, o homem da situação.

Nos depoimentos, entrevistas e pesquisas realizadas e expostas anteriormente, percebe-se que a comunidade de São Luís do Paraitinga preserva

suas crenças, seus mitos, retratada no cotidiano, guardam e resguardam a memória dos antepassados se orgulhando de tudo aquilo que lhes pertence; mesmo vivendo e convivendo com um mundo mediado pela mesmice, pela padronização, persistem em manter seus valores, seu pertencimento, conseguindo com isto serem diferentes mesmo pela imposição do modismo; sua singeleza e autenticidade seduzem e cativam visitantes, turistas, pesquisadores e admiradores, que acabam adotando o município para estudar, passear e até morar, o que pôde se notar nas pesquisas e observações dos fatos.

Alguns residentes em São Luís do Paraitinga, porém não nativos, e que adotaram o município para residir e desenvolver alguma atividade relacionada ao turismo, após terem se aposentado, por identificação com o *sítio*, contribuíram e oportunizaram uma opção de trabalho aos munícipes. As ocupações e funções em estabelecimentos voltados para receber e atender os visitantes e turistas, que é o que se pretendeu discutir nessa pesquisa, trouxeram aos munícipes uma contribuição para obter trabalho remunerado. Assim sendo, pergunta-se se é possível o turismo proporcionar frentes de trabalho para a comunidade local, e no caso de São Luís do Paraitinga, que absorve a mão-de-obra local nos estabelecimentos voltados para o turista em quase sua totalidade, como e por que isso acontece foram as questões colocadas pela pesquisadora para discussão e averiguação.

### **A organização da atividade turística sob a ótica dos *sítios***

Planejar é uma atividade que faz parte do cotidiano de todas as sociedades, integrando as práticas correntes de indivíduos, empresas, escolas, associações, entre outras atividades. Planejam-se atividades, funções, ações, orçamentos, idéias, tarefas e realizam-se previsões; desta forma, supõe-se que a atividade turística também requeira planejamento e organização, envolvendo também os demais setores diretamente ligados ou não à atividade, mas mantendo com ela certo grau de dependência. Para que a atividade turística se efetive, se faz necessária a existência e organização de uma complexa rede que envolva as empresas de transportes em diversas modalidades, os meios de hospedagem, as empresas agenciadoras no emissivo e receptivo, nos espaços de deslocamento, nos espaços de embarque e desembarque, tanto no local de origem como no local de destino.

Conforme explicam PELIZZER; SCRIVANO (2005, p. 56), o Sistema de Produção do Turismo possui quatro componentes:

Quadro nº 2 - Os quatro componentes do Sistema de Produção do Turismo – SPT

Produtos/Fornecedores <ul style="list-style-type: none"> <li>- Empresas Aéreas</li> <li>- Meios de Hospedagem</li> <li>- Locadoras de veículos</li> <li>- Restaurantes, bares e similares</li> <li>- Transportadoras Turísticas</li> <li>- Transporte ferroviário/aquaviário</li> <li>- Serviços de assistência ao turista (seguro)</li> <li>- Serviços locais de apoio.</li> </ul>	Distribuidores/Prestadores de Serviços <ul style="list-style-type: none"> <li>- Agências de Turismo (operadoras turísticas/operadoras de receptivo).</li> </ul>
Facilitadores <ul style="list-style-type: none"> <li>- Casas de Câmbio</li> <li>- Serviços financeiros</li> <li>- Despachante</li> <li>- Guias de Turismo</li> <li>- Agenciadoras de carga aérea</li> <li>- Outros.</li> </ul>	Consumidor <ul style="list-style-type: none"> <li>- Turista (passageiro, excursionista, viajante, cliente, usuário...)</li> </ul>

Fonte: PELIZZER, Hilário Ângelo; SCRIVANO, Nivaldo Bruneau. Administração e Gerenciamento de Agências de Turismo. São Paulo: Edicon, 2005.  
Organização: a Autora.

Mesmo que a atividade turística ocorra sem planejamento prévio, é necessário que exista um mínimo de organização entre as partes e atores envolvidos<sup>69</sup>, sendo necessário que os equipamentos<sup>70</sup> a serem inseridos e/ou modificados no espaço, no lugar, sejam planejados e organizados para que supostamente a receptividade e a relação entre munícipe e turista tenha condições de ocorrer amistosamente e sem grandes constrangimentos para nenhuma das partes.

Em função da especificidade que é própria de cada local, acredita-se que a organização e o planejamento para o fomento da atividade turística não podem se restringir a seguir padrões e critérios estabelecidos de forma unívoca, estrutural, impositiva, aplicados por meio de metodologias e procedimentos com foco apenas economicista, sem relação com a realidade sobre a qual pretendem atuar. Para que a organização e o planejamento da atividade turística ocorram com a integração e

<sup>69</sup> Como atores envolvidos incluem-se: órgãos públicos (nas diversas hierarquias e setores), iniciativa privada, entidades filantrópicas, comunidade local, visitantes e turistas.

<sup>70</sup> Refere-se à infra-estrutura turística e outras, tais como: estradas, portos, aeroportos, rodoviárias, parques urbanos, áreas de circulação, *shopping centers*, parques temáticos, meios de hospedagem, entre outros.



participação dos atores locais, considerando as características endêmicas, é preciso que os técnicos e encarregados do planejamento atuem cientes de que não existem receitas ou formas padronizadas para a solução dos problemas, que funcionem com a mesma eficiência em diferentes contextos. A proposta de analisar o problema a partir do *sítio* simbólico de pertencimento é uma nova visão que poderá vir a contribuir para a criação de alternativas equitativas e solidárias de organização e retornos benéficos ao *sítio* e ao sitiante, quando da implantação de novas atividades.

É desejável que o vínculo, a troca, a reciprocidade, a solidariedade, o respeito mútuo entre as pessoas, ocorram sem que o objetivo da ação seja apenas econômico. No caso do turismo, é natural que as comunidades receptoras não desejem ser exploradas e espoliadas de seus valores, culturas, símbolos, hábitos; nesse sentido, é importante que o vínculo entre a comunidade e o turista ocorra da forma mais amistosa possível, contribuindo com a preservação do *sítio* e oportunizando uma dada parcela de inclusão no mercado de trabalho criado pelo desenvolvimento da atividade turística no local.

O turismo, antes de ser uma prática econômica, é uma prática social que envolve a interação de pessoas, a convivência, o acolhimento, assumindo em cada espaço práticas específicas decorrentes de costumes, hábitos e tradições. Isso impede a formulação de propostas de validade universal, como se todos os lugares fossem iguais, partindo do pressuposto que um único projeto seria adequado para o planejamento e organização de todas as localidades. Há de se considerar prioritariamente no planejamento as peculiaridades e especificidades de cada lugar, de cada *sítio*. Essa reflexão é compartilhada com as palavras de DEMO (1982, p. 157):

Enfim, se é verdade que o povo, em sua cultura própria, é uma potencialidade praticamente ilimitada, na prática não se organiza sem a motivação de líderes, que por vezes também vêm de fora, sobretudo em situação de extrema pobreza. Quando esses líderes são autóctones, levam extrema vantagem sobre os alienígenas, porquanto sabem manipular as motivações mais sensíveis da comunidade e assim potencializar a capacidade de organização própria.

Conforme exposto anteriormente, Hassan Zaoual<sup>71</sup>, na obra “Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global”, propõe um novo

---

<sup>71</sup> Hassan Zaoual é professor de Economia e diretor do Groupe de Recherche sur les Économies Locales (GReL), na Université du Littoral, Cote d’Opale (França), e também diretor da coleção *Économie plurielle*, da editora L’Harmattan (Paris). Devido ao alcance de seus escritos, traduzidos em vários idiomas, recebeu prêmios científicos: láurea do Instituto das Nações Unidas para a Formação e Pesquisa, prêmio da Fondation Jean Scott L’Erigène Unitar/Unesco e cátedra especial de professor no Institute of Development Policy and Management, da Universidade de Antuérpia (Bélgica).

paradigma, uma nova forma de ver, agir e interpretar a economia local, face aos resultados insuficientes que projetos desenvolvidos de forma padronizada vêm obtendo em todo o mundo. O autor faz críticas ao atual paradigma de desenvolvimento local, questiona pensamentos econômicos e culturais do modelo estrutural e sugere uma nova forma de desenvolvimento voltado para o *homo situs* e não para o *homo economicus*, postulando que:

O *homo situs* é um homem concreto que combina vários imperativos ao mesmo tempo. Devido ao peso do *sítio* sobre seu comportamento, o '*homo situs*' tem ética, identidade e racionalidade que ele constrói '*in situ*'. Esses diferentes níveis estão imbricados no *sítio* e se encontram refletidos de maneira parcial ou total pelo comportamento do indivíduo. A noção de '*homo economicus*' está implícita em todos os projetos de desenvolvimento. Como alternativa, a idéia de '*homo situs*' parece ser mais realista, já que, nos campos de atuação, as pessoas da base combinam vários imperativos na conduta de seus negócios cotidianos. Essa noção é, portanto, mais adaptada aos universos complexos. O '*homo situs*' supera o '*homo economicus*', indivíduo que adere a uma norma social estática, e '*homo economicus*', indivíduo aparentemente racional, egoísta e calculista. O '*homo situs*' é um conceito de natureza empírica, na medida em que impõe como imperativo primeiro pensar o homem em situação, conforme toda sua diversidade e sua profundidade. Trata-se de um tipo de realismo de face humana tão negligenciado pelas ciências abstratas, como a ciência econômica. O '*homo situs*' é contrário ao reducionismo. É um homem concreto que sabe o que faz, opera com base na racionalidade situada e compósita, cuja análise requer modelos mais complexos do que aquele que apresenta a racionalidade econômica ordinária. ZAQUAL (2006, p. 50).

O autor nos convida a pensar na filosofia dos *sítios* para redefinir o homem do século XXI. Essa dissertação adotou os pressupostos teóricos metodológicos propostos pelo autor no desenvolvimento da discussão sobre planejamento da atividade turística, considerando a Estância Turística do Município de São Luís do Paraitinga como configurando um *sítio* simbólico de pertencimento.

Entende-se que o ato de planejar é desejar num futuro próximo que um determinado objetivo seja alcançado, estabelecendo-se metas para que este objetivo seja concretizado. Transferindo o conceito de planejamento para uma instituição ou para uma sociedade, tem-se uma complexidade de fatores, de anseios, de expectativas, de necessidades, de hierarquias que não são comuns a todos, ou seja, são incontáveis e nem sempre similares ou coincidentes às necessidades dos indivíduos. Desta forma, como planejar para todos? Como atender a todas essas necessidades e anseios frente à diversidade e multiplicidade de

interesses? Como adequar o desenvolvimento dos *sítios* simbólicos de pertencimento às demandas de uma economia que se supõe global?

### **Planejamento e realidade local**

Historicamente, o planejamento é pensado por aqueles que detêm o poder: a elite dominante. São os gestores públicos, planejadores das cidades, universidades, que na maioria das vezes elaboram as propostas e planos, não incluindo de forma efetiva os atores do *sítio*. O resultado é que não priorizam e não efetivam as necessidades, anseios, valores do sitiante e sim tentam desenvolver e implantar modelos construídos na base de hipóteses e visões obsoletas, que já não fazem mais sentido numa dada realidade, num dado lugar, num dado *sítio*, conforme enfatiza ZAOUAL (2006, p. 24).

Trata-se de um amontoado de modelos que não mobiliza em profundidade os atores dos *sítios* de recepção. Há incontestavelmente inúmeros atritos entre o grande modelo da civilização global e os *sítios* de crenças e de ação dos atores, considerados como alvos pela prática dos “*experts*”. A experiência ensina que as práticas de transplante em qualquer lugar estão superadas. Todo conhecimento do outro pressupõe doravante seu reconhecimento e uma introspecção. Sempre se fala a partir de algum lugar. Cada um carrega seu *sítio* em sua mente, mesmo de modo inconsciente. O relato do especialista não é necessariamente o mesmo que o da população sobre a qual ele projeta seu olhar, mas ele acredita que seu projeto é o dos atores do *sítio*. Assim, muitos projetos se tornam “projéteis”, atirados nos *sítios* acerca dos quais não se dispõe de visões de dentro, por causa de se ter sempre suposto que os atores locais são “idiotas” e que precisam aprender a agir segundo uma racionalidade decretada superior e científica.

Gestores de diversas localidades<sup>72</sup> “encomendam” planos, projetos e programas, objetivando o desenvolvimento turístico de uma dada localidade, sendo freqüente que essas iniciativas configurem meras formalidades políticas e discursivas, restritas ao prazo de uma dada gestão, não chegando a ser efetivadas, concretizadas. A análise desses documentos revela uma homogeneidade em suas estruturas como se fossem receitas padronizadas, sem considerar que os atores desses *sítios* de pertencimento possuem algo muito mais forte que os destacam, conforme ZAOUAL (2006, p. 36):

---

<sup>72</sup> Para maiores elucidações a respeito, pode-se analisar os Planos Diretores de alguns municípios e compará-los na forma, estrutura, contexto, proposições e comparar as diretrizes básicas propostas nos planos em períodos diferentes, as mesmas se repetem. Tem-se como exemplo o plano diretor do Município de Itapeccerica da Serra, onde os planos diretores de décadas diferentes apresentam os mesmos objetivos e diretrizes.

Cada *sítio* possui, portanto, seus “ícones” atrás dos quais dissimulam-se suas crenças fundamentais e seus mitos fundadores, que dão sentido a suas regras de vida social. Tais crenças se manifestam em objetos, instituições, costumes, patrimônios, animais, etc. e condicionam a dinâmica e a reprodução do *sítio*. Materializados ou não, esses valores são inalienáveis e não negociáveis dentro dos critérios do mundo mercantil, e condicionam este último.

No turismo isso se repete; a complexidade e diversidade do processo, bem como a rede de atores envolvidos, são diferentes em cada lugar e os fatores, que influenciam o fenômeno turístico, são diversos e interdependentes.

Existe uma ambigüidade que se reflete na organização da viagem e do turismo orientadas por interesses particulares, mas que, em contrapartida, fazem uso dos valores, dos costumes, dos hábitos, dos fenômenos da natureza, dos recursos naturais e culturais de um *sítio* para vender um produto que não lhes pertence. Somam-se a isso apelos ideológicos veiculados na mídia impressa e televisiva para persuadir os telespectadores a consumirem o produto, banalizando e massificando a cultura local para assim atingir seus objetivos.

Parte-se da premissa de que o turismo acontece num lugar onde o cotidiano da comunidade do *sítio* receptor está revelado em suas ações, seus afazeres, suas manifestações, seus laços, seus valores, suas normas, cujas características poderá vir a ser o motivo da vinda de visitantes e turistas ao lugar, justamente pelas peculiaridades, particularidades do cotidiano dessa comunidade, desse *sítio*. Ao planejar o turismo, estaríamos planejando, pensando e inserindo o “*homo situs*”<sup>73</sup> nesse contexto?

### **O foco no turista**

O que se tem observado é que, na maioria das vezes, quando o desenvolvimento do turismo começa a acontecer numa dada localidade, a primeira preocupação dos gestores é com os visitantes e turistas; planejam-se os espaços, as atividades, as festas, o bem acolher e estar do estrangeiro, daquele que vem de fora, se esquecendo de um dos principais atores desse fenômeno, que é o próprio munícipe, aquele que será o personagem principal, o dono da casa, que deverá estar apto a receber, a acolher, a alimentar, a entreter o que chega. Entende-se então que a dinâmica para esse recebimento deverá ser desenvolvida e

---

<sup>73</sup> Para Zaoual, “*homo situs*” significa o “homem da situação”, que prefigura o “caráter local”.

empregada de forma que venha atender às expectativas de ambos, residentes e turistas. Pressupõe-se que a organização e a produção do turismo se dê de dentro para fora, de baixo para cima, horizontalmente e não verticalmente, nem de forma impostora.

Para se receber, pressupõe-se que a casa deva estar em ordem e os anfitriões aptos, dispostos e preparados para bem receber os que chegam, recepcionando-os, acolhendo-os, alimentando-os e entretendo-os. Se a casa não estiver em ordem e os anfitriões dispostos a atender, a relação, a troca, o intercâmbio ficará comprometido. Além disso, há regras, normas, padrões, éticas e procedimentos que devem existir e serem praticados tanto por quem recebe e, principalmente, por quem chega, “o convidado”, para que o encontro, o relacionamento se dê harmoniosamente.

Pergunta-se: seria possível organizar o turismo numa dada localidade com a participação da comunidade local, do *homo situs*, com um mínimo de exclusão e hostilidade para o sitiante, frente à complexidade dos atores envolvidos, suas teorias, concepções, comportamentos e ações? É o que se pretende discutir no próximo capítulo. O processo de organização do turismo em São Luís do Paraitinga.

Se o planejamento objetiva alcançar determinados fins estipulando-se metas, prioridades, estabelecendo prazos e prioridades, ele tem uma finalidade, mas não um fim em si mesmo. Há fatores exógenos e endógenos que poderão contribuir no sucesso ou insucesso dos objetivos a serem alcançados. O planejamento requer a adesão de todos os envolvidos que, por natureza, têm prioridades, anseios, expectativas e interesses diversificados e contrários, considerando ainda que alguns estarão interessados em participar e outros não. Nesse caso, a organização poderá ocorrer unindo-se os interesses comuns e os interessados que tenham objetivos em comum, tentando oportunizar uma melhoria para aqueles que vierem a participar do processo.

Presume-se que a organização de uma atividade poderá acontecer de forma menos imposta e padronizada e trazendo uma forma de inserção e inclusão dos atores do *sítio*, conforme estaremos demonstrando ao abordar a forma de organização do turismo no *sítio* São Luís do Paraitinga.

No município de São Luís do Paraitinga, o turismo foi se infiltrando num primeiro momento de forma espontânea; os visitantes e turistas foram aos poucos se aproximando, instigados pelos recursos naturais, culturais, o patrimônio arquitetônico

e principalmente pelas festas, conforme comentado, a Festa do Divino, o Carnaval, o Dia do Saci, entre outras manifestações, conforme o calendário de eventos quadro nº1, em datas fixas e móveis da localidade, motivados por relatos de parentes, amigos, estudiosos, dos indivíduos que estavam de passagem e, posteriormente, reforçados pela divulgação na mídia impressa e televisiva.

Foram a comunidade e o prefeito que aos poucos se conscientizaram do potencial existente no município e deram os primeiros passos para conseguir obter o título de Estância Turística<sup>74</sup>, atendendo aos pré-requisitos para obtenção do mesmo.

### **A introdução da atividade turística no município**

Aparentemente, a comunidade percebeu que o turismo poderia vir a ser uma opção que oportunizaria algum ganho financeiro e a geração de novos postos de trabalho. Os munícipes iam freqüentemente para outras localidades à procura de trabalho remunerado. Com a implantação de pousadas no município, provocada por uma procura de visitantes e turistas de forma ascendente, nativos e pessoas que adotaram o lugar para residir começaram a se organizar e investir em estabelecimentos e atividades voltadas para atender o visitante, o turista: pousadas, agências de viagens e turismo, restaurantes, além das festas e eventos. A comunidade foi se engajando na organização do setor e aos poucos se adaptando e participando da organização.

Após a obtenção do Título de Estância Turística, o município passou a contar com novos meios de hospedagem: Pousada Sertão das Cotias, em 2002, Pousada Nativa's, em 2003, Vila Verde Pousada, em 2005, Pousada Exclusiva, em 2006, Restaurante Sol Nascente, em 2003.

A idéia de que o turismo na localidade é visto pela comunidade como uma saída para a criação e geração de frentes de trabalho pode ser percebida nas palavras de Dona Cinira, em entrevista concedida ao escritor e pesquisador<sup>75</sup>, Rogério Ribeiro da Luz:

---

<sup>74</sup> O município obteve o título de Estância Turística aprovada pela Lei Estadual nº11.197 no dia 5 de julho de 2002.

<sup>75</sup> Entrevista realizada pelo pesquisador Rogério Ribeiro da Luz, absorvida da Obra do autor São Luís do Paraitinga: o último reduto caipira, conforme constante na bibliografia.

**Rogério:** Na sua juventude, com sua capacidade de observação, a senhora lembra a cidade mais divertida e movimentada do que hoje?

**Vó Nira:** *Não muito. São Luís do Paraitinga chegou a ter trinta mil habitantes, mas foi na época do café. Tinha muita gente, e o lugar era importante. Por aqui passava a trilha do ouro. O ouro de Minas e o café do Vale do Paraíba eram levados em lombo de burro, seguiam até Ubatuba e de lá para Portugal. Em 1920, a cidade tinha dezoito mil habitantes. Tinha gado e uma fábrica de farinha e rapadura, e o produto era enviado para Taubaté, Pindamonhangaba, Jacareí, São Paulo. Depois a cidade ficou acanhada. A estrada de ferro Central do Brasil era para passar aqui, mas desviaram. A rodovia, também. Aí, o povo teve que ir saindo, não tinha mais emprego, ninguém mais fez dinheiro porque foi decaindo e não tinha mais ocupação.*

Além de Dona Cinira, um dos nativos entrevistados, o sr. Geberson, que é geógrafo, informou que um dos fatores para São Luís do Paraitinga manter a cultura, hábitos, folclore, o patrimônio histórico e arquitetônico foi o isolamento causado pela construção da Rodovia Presidente Dutra. O município ficou afastado da Rodovia; se isso não tivesse acontecido, provavelmente não teria o que hoje o diferencia: as festas, a religiosidade, a humildade, generosidade e simplicidade do povo. Outras cidades como Taubaté e São José dos Campos, localizadas mais próximas à Rodovia Dutra, perderam parte de sua autenticidade e identidade com o processo de industrialização. São Luís do Paraitinga, localizado no vale, acanhada, tímida com acesso apenas pela Rodovia Oswaldo Cruz, que é caminho para o litoral norte, nem sempre é percebida pelos turistas. Segundo alguns nativos e residentes locais, a localização de São Luís do Paraitinga proporcionou a manutenção de algumas características físicas e culturais; por outro, provocou uma emigração dos nativos para outras localidades à procura de trabalho.

Nos estudos e entrevistas realizadas junto à comunidade de São Luís do Paraitinga, no decorrer da pesquisa, com empreendedores, comerciantes e residentes, observou-se que estes gradativamente se organizaram e passaram a ver o turismo como fator de preservação além de gerar empregos e renda.

Não apenas nos depoimentos colhidos, mas também na leitura efetuada de reportagens do jornal local “O Paraitinga”, por exemplo, foi possível perceber essa percepção do turismo. Como exemplo temos o depoimento<sup>76</sup> prestado pela sra. Benedita Antunes de Andrade, conhecida no município como Dona Didi, nascida em São Luís do Paraitinga, em 16 de março de 1929.

<sup>76</sup> Entrevista realizada pelo pesquisador Rogério Ribeiro da Luz, absorvida da Obra do autor São Luís do Paraitinga: o último reduto caipira, conforme constante na bibliografia.

**Rogério:** A Senhora vê com bons olhos esse assédio que a cidade vem recebendo de turistas, nos últimos anos?

**Dona Didi:** *Vejo. Acho que é uma busca de coisas diferentes que as pessoas não têm na cidade grande. Como uma delas me disse, tudo aqui é muito simples. A comunicação, as cores, as coisas. E todo mundo que é de fora percebe isso. Eu só espero que, pelo fato de ser uma estância turística, e de haver muita propaganda com relação à cidade, haja sempre disposição para preservar o patrimônio. Principalmente os nossos casarões, do tempo do reinado. Mas ainda falta muita coisa para melhorar no turismo. Veja o senhor que a casa de Oswaldo Cruz não pode ficar aberta, pois não há um zelador disponível. A igreja do Rosário também não tem um guarda, e fica vulnerável. São coisas que não dá para aceitar numa estância turística. Além disso, é necessário instalar uma cabine de informações, onde o turista possa se interar das festas, dos passeios, do folclore. Precisava de um boletim informativo para todas essas coisas. (2004, p. 66).*

Em outro depoimento<sup>77</sup> prestado pela sra. Cinira Pereira dos Santos, conhecida no município como Vó Nira, nascida em São Luís do Paraitinga em 1926, temos:

**Rogério:** Por falar em ocupação e dinheiro, o que a senhora acha de São Luís ter se tornado estância turística?

**Vó Nira:** *Olha, para ser bem franca com o senhor, no começo eu fui contra o turismo. Eu acompanhei o que aconteceu em Ubatuba, e não foi brincadeira. Quando chegava a temporada, acabava pão, água, comida. Um horror. Para nós não interessa o turista de um dia, farofeiro, aquele que vem para o carnaval, para certas festas, traz o litro de pinga, a bola, o cachorro e depois ainda deixa a garrafa para a gente jogar no lixo. O que nós queremos é gente que venha apreciar a cidade, e depois divulgue a nossa cultura. Gente com sensibilidade que se deleite com tudo o que tem aqui, e que conte o que viu aqui para os amigos.*

**Rogério:** Na sua opinião, o que ainda falta para São Luís do Paraitinga se tornar uma cidade completa?

**Vó Nira:** *Olha, se fosse possível, trabalho para essa moçada boa não ter mais que sair daqui. Da querida São Luís do Paraitinga.*

Percebe-se na fala das nativas que elas acompanharam o processo histórico do município e o interesse do local pelos visitantes e turistas, provocados pela divulgação. Observa-se ainda que são favoráveis ao turismo, mas desde que haja organização para o desenvolvimento da atividade, conforme relatam que há muita coisa ainda a ser feita para atender o turista e preservar as riquezas existentes. Pela idade, vivência, experiência de vida, elas têm a consciência de que, para receber alguém, os anfitriões devem estar preparados e conscientes de que a cultura e as manifestações locais são os fatores pelos quais os visitantes e turistas vêm ao local.

<sup>77</sup> Id. Ibid.



## A capacitação para a oferta de hospitalidade comercial

Existe nos relatos a percepção de que é preciso que existam pessoas treinadas para receber e informar o turista, não só nos meios de hospedagem, mas também nos estabelecimentos que constituem o patrimônio arquitetônico e cultural da cidade. É comum haver, nos diversos patrimônios visitados pelos turistas, não só folhetarias, informativos a respeito do patrimônio, mas a permanência de um guia, que atua como um condutor para receber, informar, educar e entreter o visitante, bem como manter, assegurar e salvaguardar o patrimônio histórico e arquitetônico de São Luís do Paraitinga. Alertando para o fato de que não desejam visitas inconvenientes, que não tragam nada e deixem problemas, as entrevistadas estabelecem regras, são favoráveis ao visitante que admire, contemple a cultura e divulgue, conte aos outros o que viu, fez e teve de interessante no município.

Assim, fica claro que a hospitalidade do local requer um mínimo de organização e planejamento para que haja uma sincronia no encontro, na troca, na valorização e no cuidado com o patrimônio natural e cultural existente. Também o depoimento da sra. Ana Maia, nativa e proprietária da Pousada Primavera<sup>78</sup>, mostra essa preocupação. A entrevistada relatou que:

*Viajou muito e percebeu que todo visitante, turista, hóspede precisa e gosta de ser bem recebido. Que antes do turismo, os nativos iam trabalhar fora. Entretanto, em São Luís do Paraitinga só tem mão-de-obra "chucra". Não há interesse por parte dos munícipes. Há gente desempregada, mas despreparada. Os munícipes de São Luís do Paraitinga estão pedindo emprego, mas não oferecem nada, não se preparam para buscar emprego. A população idosa de São Luís do Paraitinga é grande. Os aposentados sustentam a família. As pessoas não querem acompanhar, trabalhar, se dedicar. É fundamental a educação turística na escola. Ensinar a valorizar o caipira. Não adianta ter pousada, se não tem museu arrumado, não tem guia treinado, não tem uma Casa de Cultura, não tem organização e não tem responsabilidade social. Não tem sido feito nada pelo turismo. Os jovens não têm tido direção para o turismo. O jovem quer paquerar o turista. No entanto, deveria usar o que tem para conquistar o turista. A entrevistada encerra a entrevista com as palavras: Sempre trabalhei com jovens, adoro ensinar os jovens, pois são mais maleáveis. Treina e patrocina 100 crianças carentes ensinando a cultura, as danças locais, realiza apresentações, festas, como forma de inclusão e propagação da cultura local, não deseja que os traços culturais se apaguem da memória das crianças e dos jovens, e diz: Nada é definitivo. Tenho que abrir alguma coisa em prol do outro.*

<sup>78</sup> Informações adquiridas em entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2006 pela pesquisadora. A entrevista na íntegra encontra-se no item Apêndices.

Analisando as palavras da sra. Ana Maia, percebem-se indícios de que o desenvolvimento da atividade turística no município precisa de planejamento, organização e envolvimento da iniciativa pública e também da área de educação. Isso fica patente ao apontar que deveria haver orientação e conscientização do turismo nas escolas, que o munícipe tem que se envolver e participar, procurar aprender e se integrar, ir à busca de formação e informação para poder valorizar a cultura local e se preparar para o mercado de trabalho. Há trabalho, desde que o munícipe se engaje e esteja apto a se capacitar; a entrevistada informou ainda que o prefeito atual não trouxe nenhum curso para capacitação dos interessados, e que não há interesse por parte dos jovens em aprender e se capacitar. Justifica a última informação exemplificando com um curso de inglês oferecido na própria pousada e subsidiado em 50% por ela, que os funcionários cursaram um mês de aula e depois desistiram. Acrescenta ainda que se faz necessária a organização para visitação aos museus, a criação de uma casa de cultura, e de guias e monitores treinados e capacitados.

A proprietária treina, orienta e tenta passar as informações aos funcionários, reciclando e aprimorando sempre as formas de receber, atender o hóspede, o visitante e o turista. Por outro lado, observou-se que a maioria dos funcionários alocados nos meios de hospedagem, agências de receptivo, estabelecimentos de restauração, é constituída de jovens, e pelo que se pôde perceber, o atendimento é cordial, educado e prestativo, havendo profissionalismo, na avaliação da pesquisadora.

Outro entrevistado não nativo, mas que após sua aposentadoria escolheu São Luís do Paraitinga para residir e implantar uma pousada no local, o sr. Alfredo Nocera Filho, engenheiro aposentado da Companhia Energética de São Paulo – CESP, proprietário da Morada dos Curiangos – Pousada Rural, informou que:

*Os funcionários são orientados e treinados no próprio local. São Luís do Paraitinga é a região que tem maior índice de analfabetismo e atribui esse fato como uma questão cultural. O sexo masculino ia para a lavoura, não freqüentava a escola. O pessoal não tem qualificação para o turismo. Há carência de mão-de-obra. Não tem condições de empregabilidade. A cidade sobrevive pela cultura, acreditam que com o treinamento a cultura poderá se descaracterizar. A sra. Cristina (primeira dama), não aceita o treinamento. Frente à carência de mão-de-obra capacitada, o sr. Alfredo tomou a decisão de recepcionar ele mesmo os hóspedes, pois percebeu que a aproximação entre hóspede e funcionário não era saudável. Os funcionários não sabem preparar uma mesa de café da manhã, montar um buffet, questões de higiene e manipulação dos alimentos, acondicionamentos de produtos perecíveis e não perecíveis. Os hóspedes que procuram a pousada são de alto padrão de escolaridade, historiadores, arquitetos, engenheiros.*

A falta de mão-de-obra capacitada e qualificada para o turismo foi um fator apontado por todos os vinte e sete proprietários de empreendimentos que atendem diretamente os turistas entrevistados.

Observa-se que não existe consenso sobre a atuação do poder público. Enquanto alguns declaram que percebem a participação do órgão público, outros registram a ausência do mesmo no que tange à organização, planejamento e interesses voltados para o turismo e sua estruturação e adequação.

A nativa e funcionária da Pousada Sertão das Cotias, sra. Andressa<sup>79</sup> diz:

*O prefeito faz o que pode, mas nem tudo depende apenas do órgão público. Se faz necessária a união e laços entre os interessados, os empreendedores têm anseios e objetivos particulares, nem todos se juntam para tentar melhorias no setor.*

Pelos relatos apresentados, a comunidade demonstrou perceber que para que o turismo se desenvolva e traga benefícios é preciso o empenho dos municípios em obter formação adequada, treinamento, aprendizado. O fato de o turismo estar se desenvolvendo na localidade parece ser um indicio da existência de organização e planejamento por parte dos órgãos públicos, da iniciativa privada e, principalmente, dos municípios.

A observação de campo que envolveu o uso de serviços na área de hospedagem, restauração, agência, informações, compras, visitação aos atrativos, no período de 2003 a 2007, em que a pesquisadora manteve o vínculo com a comunidade, reforçou a percepção de que a prestação de serviços existente atende às expectativas dos usuários, pois quem tem procurado o local são visitantes instigados pelas belezas naturais, pelo patrimônio histórico e arquitetônico e os que procuram lugares simples para descansar, como apontam as pesquisas realizadas pela mestrandia e outros trabalhos realizados na localidade<sup>80</sup>.

Uma evidência pertinente é a entrevista realizada junto a um turista, por Nara Galvão, jornalista responsável pelo periódico local, o jornal "O Paraitinga", nº, 4 do bimestre setembro e outubro de 2006, em matéria intitulada "Artesanato Luisense Resgata e Incentiva a Cultura da Região".

---

<sup>79</sup> Em entrevista informal, realizada no dia 30 de abril de 2004.

<sup>80</sup> Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal trabalho realizado pelos alunos da Universidade Paulista, ano de 2003, Trabalho de Conclusão de Curso das alunas da Universidade Ibirapuera, ano de 2006. Trabalho de Conclusão de Curso Pós-Graduação dos alunos da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, ano de 2003.

*O artesanato de São Luís do Paraitinga é uma das fontes de atração para os turistas que visitam a cidade. Diversas atividades, como a cerâmica, na forma utilitária e figurativa, feitas por artesãos do local, resgatam a herança legada da cultura indígena e difundida na região. Outros tipos de artesanato importantes, que são destaque entre os turistas, são os trabalhos em madeira e pintados à mão, comprados e revendidos também por comerciantes do município. Por ser agora Estância Turística, a cidade recebe turistas praticamente todos os finais de semana. “Essa é uma cidade histórica onde se encontram artesãos, músicos e muita cultura; viemos de longe e, se não tivéssemos compromisso, ficaríamos mais uma semana”, afirma o turista Wagner Santana, de Extrema - MG. Por ser uma cidade de muita cultura, São Luís do Paraitinga é considerada rica e variada, tendo por finalidade resgatar a cultura material da região.*

Por intermédio dessa reportagem, percebe-se que a hospitalidade está presente nas pequenas coisas, no jeito singelo de ser, no artesanato local, na cultura e valores que instigam e encantam os visitantes e turistas, não se resumindo apenas ao atendimento e recebimento nos meios de hospedagem e serviços nos restaurantes.

As pesquisas realizadas junto aos visitantes e turistas em São Luís do Paraitinga no ano de 2003, quando da elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal<sup>81</sup>, indicaram que 100% dos entrevistados voltariam ou recomendariam São Luís do Paraitinga a outras pessoas para visitar e passear.

Concorda-se que, se a atividade turística é um segmento que a comunidade optou por desenvolver e tirar algum benefício é preciso que se faça concomitantemente a organização e adequação dos lugares (museus, casa de cultura, espaços físicos), bem como orientação, qualificação e otimização dos recursos humanos envolvidos, atendendo às demandas dos proprietários e comerciantes entrevistados. Por outro lado, observa-se que a hospitalidade, o bem acolher, receber, alimentar e entreter, são percebidos e apreendidos pelos visitantes e turistas que passam por São Luís do Paraitinga.

Considera-se ainda que cabe, por um lado, ao proprietário, empregador, selecionar quem tem habilidades e que possa ser orientado para desenvolver as atividades pertinentes ao gênero do estabelecimento. No caso da Pousada Sertão das Cotias, os proprietários, paralelamente ao período em que estavam investindo e realizando a construção da pousada, foram realizar cursos de habilitação na área. O proprietário fez um curso de pós-graduação *lato sensu* em hotelaria no Senac e sua

---

<sup>81</sup> O Plano de Desenvolvimento Turístico da Estância Turística do Município de São Luís do Paraitinga encontra-se disponível na Biblioteca Municipal Nelson Ferreira Pinto (local) e no Laboratório de Turismo da Universidade Paulista – UNIP, Campus Chácara Santo Antônio.

sócia realizou todos os cursos técnicos oferecidos pelo Senac na área de governança, recepção, eventos. A funcionária que tem mais tempo de casa morava em São Paulo, fez curso de Hotelaria no Senac, realizou estágio na Pousada Sertão das Cotias, e quando foi efetivada mudou-se para São Luís do Paraitinga, pois a família é de lá.

Todos os funcionários da pousada são orientados e assistidos pelos proprietários e pela funcionária que tem mais tempo de casa. Nos demais estabelecimentos contatados - Pousada Primavera, Pousada Nativa's, Pousada Vila Verde, Barão Hotel, Restaurante Cantinho dos Amigos, Padaria Nossa Senhora de Fátima -, os funcionários são orientados pelos proprietários e muitos já trabalharam nas áreas específicas (hospedagem e restauração) ou obtiveram experiência em outros estabelecimentos ou atividades já desenvolvidas.

Observa-se, por outro lado, que a questão da mão-de-obra não é uma questão generalizada, mas algo específico de alguns estabelecimentos. Compreende-se que é possível o indivíduo, por intermédio da orientação, da experiência, da vivência e do cotidiano, absorver técnicas, procedimentos, normas e informações quanto ao receber, atender, agir, relacionar e ser receptivo. A hospitalidade também pode ser aprendida e apreendida pelo indivíduo sem necessariamente realizar um curso para a prática da hospitalidade, das ações necessárias ao recebimento e ao relacionamento entre sitiante e visitante; esta pode dar-se por intermédio da educação, do comportamento, dos laços e valores familiares, da hospitalidade doméstica.

Cabe ressaltar que a maioria dos empreendimentos no *sítio* São Luís do Paraitinga é de administração familiar, onde os graus de parentesco, de familiaridade e amizade contribuem na contratação, mas considerando o perfil do indivíduo, como educação, postura, procedência (família) a que pertence.

Há também no município os proprietários e funcionários que têm curso superior, como é o caso do proprietário da agência Receptivo Paraitinga, formado em Administração, com ênfase em Turismo e Hotelaria, pela Universidade de Taubaté, o proprietário da agência Montana *Rafting* e Expedições, formado em Direito e Pós-Graduação em Ecoturismo pelo Senac de Campos do Jordão, a filha da proprietária, que também é funcionária, da Pousada Exclusiva, formada em Turismo pela Universidade Paulista de São José dos Campos, com ênfase em Eventos, a funcionária da Panificadora Nossa Senhora Aparecida, que é formada em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade de Taubaté, o funcionário da Pousada Primavera formado em Geografia, pela Universidade de Taubaté.

## Caracterização do modelo adotado

Aqui surge um novo questionamento. O fato de alguns empreendedores e proprietários de pousadas, mesmo os nativos, terem viajado a diversos lugares antes de abrir o empreendimento, para obtenção de informações, vivências e experiências, não estaria sendo uma forma de implantar no *sítio* valores, padrões, normas, procedimentos padronizados como tem sido feito na área de planejamento e que nem sempre são convenientes em outros lugares?

A forma como se deu o processo por parte dos empreendedores não estaria contribuindo para a implantação de um modelo importado de experiências que deram certo em outros lugares? Cabe indagar se o atendimento, o receber, o acolher, são idênticos em todas as culturas, ou se existe um mínimo que deve ser observado em todas as culturas a partir do qual se acrescentariam ingredientes locais. Submeter o serviço à apreciação do turista não significa permitir que o visitante critique e avalie os valores locais?

Cabe também analisar a postura do turista, uma vez que a hospitalidade está na relação entre o anfitrião e o visitante. Será que o visitante, além de pagar a conta, está interessado em estabelecer uma relação que vá além do contrato, fazendo, por exemplo, um elogio, dizendo um muito obrigado aos funcionários, reconhecendo que o serviço prestado foi além da obrigação, sendo desempenhado com autenticidade e carinho?

Os dados da pesquisa que englobam as evidências observadas e os depoimentos, além do material veiculado pela mídia local e outros estudos, levam a supor que existe uma tendência, por parte dos empreendedores, de implantar um serviço padronizado, robotizado e despersonalizado, inspirando-se no conceito de qualidade de serviços observada em outros locais, onde o ritual é sempre o mesmo. De certa forma, a percepção dessa tendência nos leva a refletir sobre as palavras de ZAQUAL (2006, p. 67):

Desse modo, o pensamento único se torna uma indústria do uniforme. Sua hegemonia elimina a diversidade das práticas e das visões de mundo e aniquila o espírito crítico, condição de uma civilização da diversidade. Em conseqüência, a destruição do pluralismo acaba por se voltar contra a sociedade que, em conseqüência, torna-se programada, calada e afastada do debate. Uma sociedade reduzida à economia não é mais uma sociedade.

Se o turismo tem sido uma das práticas e atividade desempenhadas no local, se as pousadas buscaram esse espaço para se instituírem, se os visitantes e turistas continuam se interessando e freqüentando a localidade, instigados por tudo o que ela oferece e se a absorção de mão-de-obra quase na sua totalidade é constituída por nativos e residentes, pressupõe-se que o *sítio* e os *sitiantes* têm sido hospitaleiros, têm recebido, acolhido, entretido o estrangeiro, pois, se contrário fosse, os estabelecimentos, ao invés de ampliarem, estariam fechando e a procura por visitantes teria decrescido, o que não tem sido revelado nos estudos, nas reportagens e nos depoimentos, inclusive divulgados na mídia impressa local, regional e nacional, como também na mídia televisiva.

No entanto, ainda que se faça necessária a organização dos empreendimentos e dos serviços, o aprimoramento em alguns detalhes, no que diz respeito aos recursos humanos que atuam no atendimento, que se acredita ser uma iniciativa de todos os setores, ou seja, do órgão público ao que lhe cabe, do proprietário e dos funcionários, não parece ser o caso de desqualificar o serviço oferecido, como é de se supor por alguns depoimentos.

Nesse sentido, vemos que as palavras da sra. Ana Maia são coerentes com a idéia de que é necessária a organização em diversos setores, de que não adianta investir em pousada se não há museu, casa de cultura, incentivo para a manutenção da cultura local, se não há conscientização e informação dos benefícios advindos com a prática da atividade turística. É mais importante, entretanto, que haja a participação do indivíduo, o munícipe, que, conhecendo e valorizando sua cultura, provavelmente terá mais subsídios e interesse em salvaguardá-la e divulgá-la.

A dinâmica do processo de produção do turismo local não é totalmente harmônica, como pareceu em um primeiro momento. Os proprietários dos estabelecimentos voltados para o turismo (agências, pousadas, bares, restaurantes) se reúnem para discutir e buscar alternativas para a melhoria do local, mas dependem em certos momentos do envolvimento e participação do órgão público e dos nativos, que nem sempre estão em total sintonia. Trata-se de um processo de organização que é às vezes vagaroso, pois nem sempre todos têm os mesmos objetivos, as mesmas expectativas, dada a diversidade de interesses particulares; mas o que pode se perceber e até presenciar e participar, é que aqueles que almejam melhorias e retornos estão se reunindo e agindo para dinamizar o setor e aumentar a visitação nos períodos em que não tem havido procura do município pelos turistas.

Por outro lado, para contornar a baixa demanda do mês de junho, segundo informações dos empreendedores locais, a comunidade se mobilizou para reverter esse quadro, com a união dos proprietários de pousadas, restaurantes, os grupos folclóricos, o diretor de turismo, e decidiram ampliar o calendário de eventos do mês de junho. Aproveitar as festas já existentes e estendê-las com atividades durante todo o mês de junho, e durante todo o dia, com atividades diversificadas; mantendo, entretanto, o tema dos eventos que seria: Festas Juninas, que estariam acontecendo durante todos os finais de semana do referido mês, sendo cada final de semana num local diferente, para que, desta forma, possa vir a favorecer os comerciantes dos demais bairros, aqueles não próximos ao Centro de São Luís do Paraitinga.

Pelo exposto, percebe-se que sem um planejamento rígido, imposto, instituído de forma impositiva é possível organizar a atividade turística de forma razoavelmente satisfatória e dela abstrair benefícios para a comunidade. Quando a atividade turística no *sítio* São Luís do Paraitinga apresenta algum sintoma não favorável, alguma anomalia, os interessados se unem para discutir e buscar alternativas em conjunto.

Observa-se que existe uma continuidade nas ações que decorrem do interesse da comunidade. Assim, por exemplo, no mês de fevereiro de 2007, o diretor de turismo se desligou do cargo, por iniciativa própria, para realizar uma viagem para o exterior; foram realizados os trâmites oficiais para a atribuição do cargo a um nativo, e nem por isso os eventos tradicionais deixaram de acontecer.

Por outro lado, percebe-se que os eventos e a chegada e permanência de visitantes e turistas continua acontecendo. O carnaval de 2007, segundo informações dos residentes locais e comerciantes, foi movimentado como sempre, recebeu um grande número de visitantes e turistas, a prefeitura local em parceria com a iniciativa privada, com os blocos de folia, organizaram a festa. A Festa do aniversário da cidade, comemorada em 08 de maio, a Festa do Divino, a Festa do Pinhão, as Festas Juninas, estão sendo organizadas pela comunidade (nativos, residentes, empresários, comerciantes), que se reúnem e, com simpatias ou antipatias, acabam todos se envolvendo e efetivando o evento. Faz parte do *sítio*. Faz parte da cultura. Nota-se pelo exposto que a comunidade se envolve, se une, se compromete e o almejado acontece, se efetiva de uma forma integrada e participativa, conforme DEMO (1982, p. 156):



Não há situação mais bela e gratificante do que assistir à comunidade tomando em suas mãos seu próprio destino, realizando, nem sempre o que quer, mas pelo menos o que pode. A reunião das forças existentes, a elaboração de uma meta comum, a determinação de um raio específico de ação, tudo isto pode eclodir num processo de desenvolvimento que, por mais lento que possa ser, tem condições de ser auto-sustentado, consciente e satisfatório. A comunidade passa a conquistar seu espaço de sobrevivência, sente-se capaz e começa a saber definir-se. Emerge, então, uma idéia fundamental, tão fundamental que está sempre acima dos sistemas e que não vale a pena corromper com pretensas características capitalistas ou socialistas, a saber, a idéia de autopromoção, que é a conquista de si mesmo.

Talvez seja esse um dos motivos porque a primeira dama do município<sup>82</sup>, sra. Cristina, não simpatize com o treinamento da população para o turismo, pois a seu modo e a seu jeito, a comunidade acolhe e recebe o turista definindo seus próprios padrões, com suas experiências, com suas vivências, com seus valores e não de forma padronizada e imposta, nos moldes das cadeias e redes hoteleiras ou como constam nos conteúdos de disciplinas voltados para a formação do turismo e hotelaria ministrados nos cursos técnicos e nas Instituições de Ensino Superior que, conforme as palavras de GALLO<sup>83</sup>, “O termo disciplina é ambíguo. Se designa um determinado campo do saber, designa também, e de forma mais direta, um mecanismo de controle. Disciplinarizar é impor uma ordem. Disciplina é poder”.

Nos estudos, análises e reflexões realizadas em São Luis do Paraitinga observa-se que há uma parcela de educação, solidariedade, amizade, hospitalidade, passado de geração para geração, como podemos perceber nas falas da sra. Sueli proprietária da Pousada Nativa's, que nasceu e vive em São Luís do Paraitinga há 46 anos, em entrevista concedida em 12 de outubro de 2006:

*Não tenho formação na área de turismo, hotelaria ou gastronomia, mas a forma como fomos criados pelos nossos pais, a vivência, os princípios, a conduta ajudaram na administração do empreendimento e na forma de receber e atender os hóspedes. A organização e a decoração da pousada, bem como o atendimento, foram experiências advindas do convívio com a família, parentes e amigos que freqüentavam a casa. As experiências vieram do trabalho em família, da criação que tive, tudo muito organizado, bonito, decorado, com carinho. Minha mãe sempre gostou de receber pessoas. A casa estava sempre repleta de parentes, amigos, convidados para tomar café, chá da tarde, festas. Eu passo esses princípios e valores para os meus funcionários. O nome da Pousada foi em homenagem à minha mãe, seu nome era Nativa e ela nasceu em São Luís do Paraitinga.*

<sup>82</sup> A esposa do Prefeito.

<sup>83</sup> SILVIO GALLO. Saberes, Transversalidade e Poderes [online]. Disponível na internet via WWW. URL: [http://www.educacaoonline.pro.br/saberes\\_transversidades.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/saberes_transversidades.asp). Capturado em 18/05/2005 11:31:36.

Pressupõe-se que a hospitalidade, o processo de constituição dos vínculos, é algo que pode ser apreendido por heranças culturais, por forma de criação advinda de hábitos e costumes de gerações anteriores; acredita-se que saber lidar com os outros é algo que se aprende, por intermédio da vivência, experiência e convivência

Acredita-se que não seria plena ingenuidade acreditar que na hospitalidade, no relacionamento, na prática da atividade turística, no encontro entre autóctones e visitantes não houvesse interesses mútuos e que não requeressem treinamento e orientação. Por outro lado, pressupõe-se que não seja necessário impor métodos e formas padronizadas de agir, como vem sendo feito em diversos planos, programas e projetos encomendados por municipalidades que em nada ajudam, pois muitas vezes são esquecidos e se tornam obsoletos. A organização, a construção da hospitalidade deve se dar *in loco*, no *sítio*, inserindo e considerando o autóctone, sua cultura, suas riquezas, seus patrimônios, seus valores, suas aspirações e suas restrições.

### **Adequação à especificidade do local**

Conseqüentemente, acredita-se que o processo e a metodologia de planejamento deverão ser meticulosamente analisados e as diretrizes estabelecidas estreitamente respaldadas nas necessidades prioritárias de cada localidade, levando em conta as pluralidades e singularidades, pois não seria plausível que uma política de planejamento adotada em uma determinada localidade apresentasse, necessariamente, os mesmos resultados em outra, dada suas especificidades.

Cabe ressaltar a contribuição de ZAQUAL (2006, p. 32):

O todo é estruturado sob forma de um conjunto integrado, singular e aberto aos múltiplos ambientes (local, regional, mundial). Em qualquer nível, a menor perturbação ou mudança provoca reações em cadeia através das quais o *sítio* busca recompor-se, integrando ou neutralizando a entidade intrusa. Com isso, nada se pode separar, principalmente no que nos pareceria ser de natureza econômica ou tecnológica. Aqui, os comportamentos “econômicos” são moldados no *sítio* e pelo *sítio*, o que lhes dá o caráter de construções sociais contextualizadas. O *sítio* cria seu mundo, organiza-o e se organiza no mesmo movimento. Trata-se de um fenômeno de auto-organização.

Os *sítios* podem acompanhar as mudanças, sem perder sua autenticidade, seus valores, suas crenças e esta característica deveria ser respeitada pelos gestores e planejadores das cidades e do turismo, levando-se em conta a cultura local sem imposições, sem coação, pois a cultura significa sobretudo as maneiras de

ser, querer e produzir que traduzem a identidade histórica da comunidade, fazendo-a diferente das outras e encerrando suas típicas potencialidades; essa reflexão nos remete às palavras de DEMO (1982, p. 161):

Participar é reconhecer-se na comunidade como componente integrante insubstituível, é ser identificado como membro de sua organização, é crescer na conquista de sua autopromoção. Cultura é o que há de mais qualitativo na vida social, porque traduz os traços da profundidade da comunidade, o diapasão em que a alma comum vibra, o horizonte compartilhado de esperanças e o passado que salvaguarda.

Os *sítios* desenvolvem e organizam o turismo em seus moldes, seus padrões, sem almejar apenas o retorno econômico; ele vive, pulsa e sobrevive também permeado pelo símbolo, pelo pertencimento, pela cultura; o *sítio* pode decidir o que deseja e o que não deseja para sua sobrevivência que, conforme ZAOUAL (2006, p. 36):

Com a mundialização, um mosaico de *sítios* sobrevive, evolui e se estende como se fosse para lutar contra a entropia do sistema econômico dominante. Isso contraria a idéia de uma imagem matemática do mundo tão procurada pelos economistas, que acreditam firmemente que suas leis sejam válidas em qualquer tempo e em todo lugar.

Nesse caso, supõe-se que não seria conveniente um planejamento constituído de visões externas sem o consentimento, envolvimento e aceitação dos atores do *sítio* que, conforme ZAOUAL (2006, p. 41):

Os *sítios* e os homens que neles vivem sempre têm certo grau de liberdade incompressível que lhes permite escolher sua maneira de viver e, por conseqüência, as atitudes a tomar diante das exigências da vida econômica local. Face a essa realidade, é muito pobre o modelo e mudança de sua situação que se apóia, exclusivamente, nas hipóteses do utilitarismo e em suas antecipações.

Acredita-se que não compete apenas aos planejadores decidirem e organizarem o cotidiano, definindo o padrão de vida dos sitiantes, elaborando diretrizes de desenvolvimento, estipulando objetivos a serem alcançados, pela visão dos planejadores, estabelecendo prioridades, prazos e metas a serem cumpridas; cabe então repensar o planejar, o agir, o conduzir, inserindo o sitiante nesse contexto, dialogando e respeitando os atores do *sítio*, que conforme ZAOUAL (2006, p. 46):

As normas impregnam os feitos e gestos dos atores do *sítio*. Os valores do *sítio* funcionam como axiomas dotados de margem de flexibilidade inerente à mudança. Ser racional consiste em usar adequadamente os costumes do *sítio* dentro dos limites possíveis.

O *sítio* São Luís do Paraitinga aponta características perceptíveis de que a comunidade local ainda luta e com entusiasmo tenta manter seus símbolos, seus ritos, seus costumes, sua cultura; convivem com o novo, mas sem anular ou reduzir

seus valores, suas riquezas, sua história, o envolvimento com as festas, com os diversos eventos, com o patrimônio arquitetônico; o orgulho dos nativos em terem como compatriotas o médico sanitaria Dr. Oswaldo Cruz, o músico Elpídio dos Santos, Dona Cinira, o geógrafo e cientista Aziz Nacib Ab Saber, personagens que permanecem na memória do cidadão luisense, além da cumplicidade e lealdade na organização e efetiva participação nos principais eventos como o carnaval, a festa do Divino Espírito Santo, o Dia do Saci, entre outras manifestações e eventos que perduram com a participação e ação da comunidade luisense.

Esses eventos, essa dinâmica do cotidiano do luisense, são partilhados com os visitantes e turistas; a festa não é só do luisense; é de quem chegar, gostar, interagir, ficar e depois voltar.

A Praça Oswaldo Cruz é a sala de visitas, de reuniões, o salão de festas do município, onde há o encontro, o vínculo, a troca, onde as manifestações acontecem e todos são convidados a participar: visitantes, turistas, residentes. Local dos encontros de poetas, músicos, senhores, senhoras, crianças, jovens, curiosos, políticos, religiosos, onde todos se cumprimentam, se falam; é o espaço das festas, das confraternizações, da dádiva da tríade dar, receber e retribuir. Lugar onde a hospitalidade é praticada entre todos os envolvidos, os nativos e o estranho, o outro, que acaba se contagiando e, por alguns momentos, sente-se pertencido ou pertencente ao *sítio* que, conforme CAILLÉ (1999, p. 117): “A dádiva tende a fazer com que o desconhecido seja o menos estranho possível.”

#### **Capítulo 4. Dinâmicas de inclusão / exclusão e processo de produção do turismo**

A questão da inclusão e exclusão social tem sido estudada por diferentes enfoques no âmbito de disciplinas como sociologia, economia, geografia, planejamento e urbanismo, entre outras. Entre os pesquisadores e autores brasileiros que têm contribuído com a discussão desta temática, destacam-se: Faria (1983), Herculano (1998), Sposati (1998), Kowarick (2000), Singer (2003), Coriolano (2003), Baptista & Carvalho (2004), que possuem pertinência em sua relação com a hospitalidade.<sup>84</sup> Embora os autores citados tenham formações acadêmicas diferentes e visões distintas sobre a temática de inclusão e exclusão, as referidas obras e artigos publicados por esses pesquisadores contribuíram para o referencial e embasamento teórico, no curso das disciplinas e na elaboração e contextualização do presente capítulo.

A exclusão social pode ser vista sob diferentes aspectos e dimensões. É polêmico e complexo definir quem são os excluídos e quem são os incluídos, pois a questão é sempre vista por uma perspectiva relacional; assim, o que leva a classificar alguém como incluído ou excluído depende da análise que fazemos e das variáveis que escolhemos para operacionalizar o conceito, visto que um indivíduo pode, por exemplo, ser excluído por questões financeiras, mas não como gênero, raça ou credo. Assim, pode-se definir como excluído os que não possuem condições financeiras de subsistência, ou os que são do sexo feminino, cor negra, opção homossexual, ou de idade avançada. Então, quem seriam os excluídos? De modo geral, são assim denominados os que não tem residência própria - ou mesmo residência -, o que não recebe uma remuneração condizente com o trabalho desempenhado, ou não tem um trabalho remunerado e dentro dos padrões que a lei confere ao cidadão, os de outras raças, credos, o não letrado, o desempregado, o doente; diversas são as formas, as abordagens, os graus e as conseqüências de exclusão; de certa forma, quaisquer das situações expostas são plausíveis de se apresentarem como uma forma de exclusão. SINGER (2003, p. 62) diz:

A exclusão social pode ser vista como uma soma de várias exclusões, habitualmente muito inter-relacionadas. Aqueles que foram expulsos do mercado de trabalho formal, ou do mercado da residência formal (em contraste com o informal, formado por cortiços e favelas), ou da

---

<sup>84</sup> Autores estudados na disciplina de “Urbanização, Hospitalidade e Exclusão” ministrada pela Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles.

escola, ficam em desvantagem na competição por novas oportunidades, tornando-se candidatos prováveis a novas exclusões.

### **Exclusão do mercado de trabalho**

Observa-se que existem diferentes formas de exclusão que se relacionam com a impossibilidade de participar, por qualquer razão, do mercado de trabalho formal, como a pobreza e a ausência de cuidados com a saúde, por falta de condições para pagar uma assistência médica. Os excluídos do mercado de trabalho se submetem a serviços de saúde precários do setor público, e não possuem acesso à educação e profissionalização, residindo ainda em áreas inseguras. Com relação a isso, CORIOLANO<sup>85</sup> (2003, p. 20), explica que:

O termo exclusão compreende aqueles que se encontram desempregados há mais de um ano, os que não são qualificados profissionalmente para o trabalho e os migrantes. A partir dessas três categorias, passaram a ser considerados excluídos: os pobres, os 'novos pobres', os jovens de bairros afastados, os desempregados, os analfabetos, os anciãos (pobres), os deficientes, os doentes mentais, os soropositivos e os doentes de AIDS. Conforme o Mapa da Exclusão Social do Brasil, o perfil da exclusão social pode ser visto por sete indicadores que compõem o Índice de Exclusão Social: pobreza, violência, escolaridade, alfabetização, desigualdade social, emprego formal e concentração de jovens.

Observa-se assim que uma forma de exclusão induz a outra, tornando difícil sua mensuração. Ela se manifesta de forma específica conforme o lugar, a cultura ou a situação, decorre ainda de condições histórico-estruturais e pode ser ponderada por raça, gênero, ambiência física, ecológica, demográfica, ou seja, questões objetivas que, conforme DEMO (1995, p. 94), são “aquelas dadas externamente ao homem, ou dadas sem sua opção própria”. Nessas condições, o cidadão não tem controle sobre elas. Por outro lado, conforme SINGER (2003, 72), “nas sociedades capitalistas a exclusão social tem sido identificada com desemprego”, pois através do emprego é que o indivíduo obtém o mínimo para suprir suas necessidades básicas – alimentação e moradia – além de outros benefícios concedidos pelas empresas, quando há a formalização no emprego (pagamento de 13<sup>o</sup> salário, férias remuneradas), entre outros benefícios, tais como: vale-transporte, vale-alimentação, assistência médica, seguro de vida.

---

<sup>85</sup> Profa. Ms. Luzia Neide M. T. Coriolano: Coordenadora do Curso de Especialização em Turismo e Meio Ambiente da Universidade Estadual do Ceará. Trabalho apresentado intitulado “A exclusão/Inclusão Social e o Turismo”, no I Ciclo de Debates: Turismo e Inclusão Social, durante o período de 02 de setembro a 09 de dezembro de 2003.

Além das condições objetivas, pode-se detectar fatores subjetivos que, de certa forma, contribuem para a inclusão ou exclusão do indivíduo no mercado de trabalho.

Assim, a exclusão pode decorrer de fatores individuais, como falta de capacitação, ou mesmo incapacidade de adaptação a novas situações, o que também freqüentemente decorre da ausência de recursos econômicos e financeiros advindos do trabalho formal, informal ou de outras fontes de renda para investir na qualificação, capacitação ou otimização da capacidade de trabalho do indivíduo.

Nesse caso, conforme SINGER (2003, p. 65): “Os principais esforços contra a exclusão social deveriam ser dirigidos ao indivíduo para dotá-lo de melhor qualificação e/ou mais motivação – ambos como resultado esperado da educação.”

Entende-se assim que o acesso à educação é fator preponderante no processo de inclusão no mercado de trabalho, pressupondo um indivíduo socializado e apto a desenvolver as atividades inerentes à sua função. A inclusão pela educação e pelo trabalho pode atenuar outras formas de exclusão, proporcionando novas oportunidades para garantir a sobrevivência e a dignidade.

Na sociedade contemporânea, o trabalho tornou-se uma espécie de escudo de proteção fundamental que garante valores imensuráveis, como dignidade, satisfação, sobrevivência. É muito comum, numa apresentação, num diálogo, as perguntas: O que você é? O que você faz? Automaticamente, vincula-se a pessoa à sua formação. O indivíduo é o que aprendeu a fazer: médico, advogado, operário; e o que ele faz está vinculado ao local em que trabalha. Ninguém responde: sou pai, jogo tênis e vejo televisão. Isto é consequência da sociedade que vê e avalia o indivíduo pela sua formação profissional e qualificação e não o ser como ser, sua essência.

CAMARGO (1998, p. 86) diz:

A necessidade de produzir cada vez mais no menor tempo possível transforma todo executivo em especialista em trabalho, e mergulha-o integralmente no domínio do rendimento, do utilitário. Só que, para ser um especialista, ele deve abrir mão de outros potenciais físicos e intelectuais bem como de muitas práticas que aprecia. Cada vez mais lê apenas o que a especialidade impõe, convive somente com as pessoas que ela recomenda, adota a postura física e mental por ela exigida, numa espécie de automutilação cultural de gostos que deixa de cultivar, de prazeres que deixa de exercitar, de paixões que ele não mais permite possuírem-no.

Refletindo sobre as colocações de Camargo (1998), vemos o quanto é importante na sociedade atual o fator empregabilidade, para tornar o indivíduo aceito ou rejeitado pela sociedade, para se sentir dignificado, respeitado e incluído, o que nos remete à reflexão, compartilhando com as palavras de DEMO (1982, p. 157),

“Nossa consciência é condicionada – não determinada – pela posição sócio-econômica que temos. Trata-se de uma tendência, não de uma sina”. Ainda, conforme DEMO (1985, p. 72):

O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que inversamente, determina a sua consciência.

Nessas entrelinhas observamos o quanto o homem contemporâneo está voltado mais para o *homo economicus* do que para o *homo situs*, conforme a filosofia da teoria dos *sítios* proposta por Zaoual.

## O desemprego

Um vocábulo temido na atualidade é desemprego, pois designa uma situação denegrada, fatídica para o indivíduo. As conseqüências do desemprego, além de contribuírem para outras formas de exclusão, como é o caso da moradia, da alimentação, de mudanças de hábitos, costumes, padrão de vida, podem ainda induzir à depressão ou problemas psicológicos, decorrentes da exclusão do vínculo empregatício.

É importante notar que o indivíduo desempregado não é um indivíduo desocupado; pelo contrário, como diz SINGER (2003, p. 14):

Na realidade, o que necessitamos é de ocupação e não de emprego. Ocupação compreende toda atividade que proporciona sustento a quem exerce. Emprego assalariado é um tipo de ocupação – nos países capitalistas o mais freqüente, mas não o único. Temos aqui outra generalização provavelmente enganadora. Como a falta de ocupação é chamada de ‘desemprego’, pressupõe-se implicitamente que a única maneira de alguém ganhar a vida é vender sua capacidade de produção ao capital. Deixam-se de lado as múltiplas formas de atividade autônoma que, na realidade, estão crescendo no mundo inteiro e no Brasil, na mesma medida em que o capital contém seu ritmo de acumulação e tendencialmente reduz o volume de força de trabalho que emprega.

Existem outras formas de trabalho, além do emprego formal, que poderão ser exercidas pelo indivíduo que, mesmo não oferecendo os mesmos benefícios do trabalho, são formas de inclusão. De acordo com RODRIGUES (1999, p. 63):

Pesquisas recentes apontam que cerca de metade dos potenciais trabalhadores brasileiros são absorvidos pelo setor informal, que já corresponde a 35% do PIB oficial. O turismo nos países periféricos alimenta de forma surpreendente o mercado informal. O principal exemplo é o México, o primeiro país da América Latina e o oitavo do mundo, em número de turismo receptivo internacional, onde pesquisas revelam a enorme importância do mercado de trabalho, representado pelo setor informal (já que abrange mais da metade da população ativa), onde o comércio ambulante voltado para o setor turístico é surpreendente. Infelizmente, as estatísticas sobre o mercado informal no



Brasil são constituídas apenas pelos dados estimados indiretamente, mas sabe-se da sua enorme expressão enquanto alternativa de ocupação.

Na nossa sociedade, entretanto, o desligamento do indivíduo da empresa traz conseqüências não só físicas, como psicológicas, para o tipo de indivíduo que não entende a vida sem o vínculo formal de trabalho, conforme comenta CAMARGO (1998, p. 87):

Trágicos como as mortes precoces que podem ser atribuídas à perda de interesse pela existência, logo após o afastamento definitivo do trabalho, ou como as conhecidas cenas de aposentados que voltam à empresa nos horários de almoço, para conversar com os antigos companheiros, para manter-se informados sobre as fofocas, as rotinas, as novidades.

Sendo o emprego formal parte integrante da identidade, condicionando a existência e a sociabilidade, sua perda causa o sentimento de exclusão, por mais que a pessoa seja qualificada.

É crescente, entretanto, a parcela de indivíduos que não depende de empregos formais, com vínculo empregatício, e que vivem, seja de rendas provenientes de herança, locações de residências, artes, artesanato, ambulantes, entre outras atividades ou ocupações informais. O trabalho informal, a terceirização, ou o trabalho autônomo, são tendências tanto locais quanto globais, mas encontram resistência entre os indivíduos, deixando resíduos de perda ou exclusão.

Estamos vivendo um momento de reestruturação da divisão do trabalho e não necessariamente uma exclusão. Nesse sentido, COSTA (1987, p. 50), reflete sobre as teorias de Durkheim, de que a sociedade se organiza em função do trabalho social, que alicerça a sociedade como os valores ancestrais, familiares. São valores orgânicos, que se expressam na forma de pensar, agir, valorizar e se respaldar na consciência coletiva. A autora comenta que:

Embora todos possuam suas “consciências individuais”, seus modos próprios de se comportar e interpretar a vida, pode-se notar, no interior de qualquer grupo ou sociedade, formas padronizadas de conduta e pensamento. Essa constatação está na base do que Durkheim chamou consciência coletiva. A definição de consciência coletiva aparece pela primeira vez na obra da Divisão do Trabalho Social: trata-se do conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria.

Na atualidade, percebe-se que faz parte da consciência coletiva a formação profissional, a qualificação, a capacitação para uma ocupação, para o trabalho, que está no anseio e expectativas da maioria dos cidadãos. Ter uma profissão, ser absorvido pelo

mercado de trabalho, estabelecer vínculos com as pessoas, com as empresas, com outros saberes e outros viveres faz parte do mundo de cada um dos indivíduos.

Por outro lado, em se falando de desigualdade e exclusão social, faz sentido refletir as palavras expostas por DEMO (1985, p. 52):

A desigualdade social tem também seu lado funcional. Distribui os papéis necessários ao funcionamento da sociedade. Não pode ser que todos sejam nobres, empresários, intelectuais, técnicos, universitários. Precisamos igualmente do lixeiro, do trabalhador manual, do agricultor, do prestador de serviços. Certamente, a divisão do trabalho é um fenômeno necessário e o processo civilizatório baseia-se em grande parte nele.

Percebe-se assim a ambigüidade presente na determinação do que seria inclusão ou exclusão. Trata-se tanto de um elemento social quanto individual. Os sentimentos de pertencimento e de exclusão são individuais, ainda que as causas possam ser sociais.

Essa idéia é importante, pois pode haver situações nas quais o indivíduo venha a se sentir excluído em seu próprio *sítio* de pertencimento. Isso pode ocorrer quando da introdução de atividades novas, que demandem conhecimentos que os membros do *sítio* não possuem, ou que sejam diferentes daquelas definidas por aqueles que fazem as contratações. Assim, o indivíduo pode se sentir excluído ao ser preterido em funções para as quais se julga habilitado. É comum que isso ocorra no turismo, quando são trazidos profissionais de outras localidades para os novos postos de trabalho, excluindo destes os nativos, os residentes. Essa situação gera um conflito potencial que pode vir a comprometer a atividade turística e gerar conseqüências negativas para a sociedade local.

O mercado de trabalho, no setor de turismo, apresenta várias peculiaridades. Considerando as funções relativas à hospedagem, estudos desenvolvidos têm demonstrado que os indivíduos que atuam nessa área são remunerados em níveis salariais baixos devido à falta de escolaridade, o mesmo acontecendo nas funções do setor de governança, ajudante de cozinha, cozinheiro, recepção, mensageiro, serviços gerais (manutenção). Nesses casos, a baixa escolaridade determina o baixo salário, não havendo consciência de que tais funções também exigem qualificações que extrapolam o operacional e que devem ser valorizadas, pois o turismo requer uma formação adequada para que tenha qualidade.<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> Para maiores elucidações ver: O trabalho na Indústria da hospitalidade, por: Yvonne Guerrier e Amel Adib In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas Para Um Mundo Globalizado*.

Resta saber se o salário é baixo em função da baixa escolaridade ou porque os empresários acham que para o exercício dessas atividades de bastidores não é necessário haver qualificação<sup>87</sup>. Observa-se que atualmente existe um contingente de pessoas com formação técnica e superior que não estão dispostas a aceitar esses cargos e funções que envolvam as tarefas inerentes ao setor, ou seja, servir, acolher, atender, informar, alimentar, entreter e atender às necessidades dos turistas, que são justamente aquelas discutidas nas salas de aula e nas bibliografias específicas nas disciplinas de: hotelaria, gastronomia, agências de viagens e turismo, planejamento e organização do turismo, entre outras. Isso decorre da nossa cultura, que não valoriza essas tarefas. A inserção no mercado de trabalho via turismo é mais complexa do que se pode pensar em um primeiro olhar. É preciso uma mudança cultural, para que sejam aceitas determinadas funções como sendo relevantes, tanto por parte dos indivíduos, como por parte das empresas que precisam remunerar adequadamente esses postos de trabalho.

### **Políticas de desenvolvimento e emprego no Brasil**

Na atualidade, percebe-se que o tempo que se dedica à família são as sobras resultantes da jornada de trabalho; o tempo de lazer por muitas e inúmeras vezes é substituído para o desenvolvimento cultural, ou seja, a dedicação à formação escolar, em diversos níveis: a graduação, a pós-graduação; até o lazer, em diversas ocasiões, é resultado do envolvimento com o trabalho e com a formação, como podemos exemplificar: a visita a uma feira de um setor específico, onde o indivíduo participa como visitante, mas com o objetivo de averiguar e conhecer as novidades voltadas para sua área de atuação, os almoços e as viagens de negócios, o *breakfast* de negócios, o *happy hour* de negócios, os serviços levados para casa. Para alguns, essa dualidade pode até vir a ser considerada como lazer, o trabalho é lazer, enquanto para outros o lazer de um é o fruto do trabalho de outros.

O trabalho, consciente ou inconscientemente, norteia nossas demais atividades, hábitos e costumes. Observa-se atualmente que, gostando ou não do que se faz, em que ou onde se trabalha, um dos temores da civilização moderna é a

---

<sup>87</sup> GARCIA, Manuel Enriquez. *Absorção de Mão-de-Obra, Escolaridade e Salários na Hotelaria Brasileira*. In: Turismo em Análise. V.7, nº 1, maio de 1996. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

questão do desemprego. Entretanto, é pertinente o que é dito por BAPTISTA; CARVALHO (2004, p. 25):

A noção de exclusão social refere-se hoje a realidades bastante mais complicadas e imprecisas. Ela cobre um conjunto heterogêneo de processos de fragilização do tecido comunitário, que podem atingir qualquer um em qualquer etapa da vida. A pretensão em conduzir os destinos pessoais e sociais com absoluta certeza e racionalidade deixou de fazer sentido. No mundo de hoje, todos somos vulneráveis, todos podemos sofrer derivas inesperadas e indesejadas.

A questão do desemprego não é um fator que ocorre apenas no Brasil, mas globalmente tem sido mais um tema preocupante e alarmante para todos os indivíduos, independentemente de idade, sexo, religião, formação. As estatísticas apontam sensíveis melhoras em determinados setores e em determinados períodos, melhoras estas apenas temporárias, que atuam de forma paliativa, e que decorrem da oscilação da economia, de mudanças de hábitos, costumes e paradigmas da sociedade.

De acordo com a época, com o tipo de economia e cultura vigente, estruturas e políticas, o Brasil passou por diversas fases na questão do desemprego: ora períodos em ascensão, ora períodos de declínio e de crises; não por motivos únicos, mas por uma multiplicidade de fatores estruturais e conjunturais intervenientes no respectivo setor.

Paul Singer, com bastante propriedade, em sua obra intitulada "Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas", faz um estudo e uma análise cronológica do problema desemprego, inclusão e exclusão social, contemplando os períodos de sucessos e de insucessos no setor.

Quadro nº 3 - Síntese dos eventos ocorridos no setor da economia no período de 1970 a 1990

Período	Acontecimentos
Década de 1970/80	Rápido crescimento do "Milagre Econômico", neste período a proporção de empregados de firmas particulares passou de 41% para 53,2%, a de empregados públicos de 7,3% para 8,8%, ao passo que a de autônomos caiu de 33,8% para 25,2% e a de não remunerados de 9,9% para 5,3%, a proporção de empregados aumentou de 1,5% para 2,6%.
Década de 80	A economia quase não cresceu, as mudanças foram poucas. A parcela dos empregados em firmas privadas se contraiu, expandindo-se as de empregos públicos, (saúde, ensino, comunicação).
A partir de 1990	- Causaram o desemprego tecnológico; - Substituição do trabalho humano pelo computador; - Terceirização de serviços; Fusões de empresas; - Globalização <sup>88</sup> ;

Fonte: SINGER (2003, p.15)

<sup>88</sup> A globalização é um processo de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado em parte pelas diferenças de produtividade e de custos de produção entre países.

Outros autores nacionais retratam e relatam as mudanças, causas e conseqüências advindas dos processos pelos quais o Brasil vem passando e suas repercussões na questão do trabalho, da exclusão e da inclusão, como Faria (1983), Oliveira; Mattoso (orgs) (1996), Kowarick (2000) e Singer (2003), influenciaram a reflexão desenvolvida para delinear esse capítulo. Ainda que existam outros autores que tratam a questão, entretanto, não se pretende realizar um extenso e exaustivo levantamento dos períodos econômicos de sucesso e insucessos, pois não é esse o propósito desse estudo. O que se pretende aqui é refletir sobre o significado do emprego e a inclusão social dele decorrente.

Inúmeros acontecimentos, durante diversas décadas, foram, de certa forma, contribuindo cada vez mais com a questão da inclusão e exclusão no mercado de trabalho. Novas formas de produção trazem profundas conseqüências na configuração do mercado de trabalho. O processo de passagem da economia agrícola para a economia industrial é objeto de inúmeros estudos e análises. Na avaliação de estudiosos, o processo de industrialização provocou a formação de uma sociedade de classes dividida entre os capitalistas industriais, responsáveis estes por controlar e dirigir o processo de produção e uma outra classe, a de trabalhadores assalariados, que dependem de seus salários para sobreviver, provocando profundas alterações na estrutura social.

No Brasil, esse processo se intensificou na década de 1970, como decorrência do projeto desenvolvimentista implementado pela ditadura militar implantada em 1964. Conforme FARIA (1983, p. 119), “ocorreu, pela primeira vez na história do país, um declínio em termos absolutos da população rural”. Desta forma, o cidadão que atuava na agricultura veio para as grandes cidades objetivando trabalhar nas indústrias; tratava-se de uma mão-de-obra barata e não qualificada, mas que pelo excedente de força do trabalho, tornava-se atrativa para os empregadores, pois recebiam baixos salários; estes migrantes foram se instalar em áreas periféricas da cidade, áreas estas desprovidas de infra-estrutura básica e complementar, transportes, saúde, pois estes novos trabalhadores não possuíam recursos financeiros para residirem em áreas providas de “benfeitorias”, cuja instalação competiria ao poder público, como água encanada, rede de esgoto, energia elétrica, asfalto.

Com o processo de industrialização, as cidades foram se adensando e o fato de haver uma abundante mão-de-obra quantitativamente excedente e qualitativamente

insuficiente, decorrente da vinda da população rural para as zonas urbanas, fez com que, por falta de opção, estes trabalhadores se contentassem com horas de trabalho excessivo, longo tempo perdido dedicado ao transporte necessário para o deslocamento residência – trabalho / trabalho - residência.

Por haver uma reserva de mão-de-obra, estes trabalhadores se submeteram a condições insuficientes de moradia, alimentação, instrução, convívio social, resignando princípios como dignidade e cidadania. Esta situação conduziu esses segmentos da população a novas formas de exclusão social: habitações precárias, em espaços desprovidos de áreas verdes, falta de equipamentos culturais e de lazer, inexistência de serviços médicos.

Na década de 1970, o Brasil contava com uma produção industrial extrovertida, um maior endividamento, maior penetração de firmas estrangeiras, tendo estas uma série de privilégios. Importante ressaltar que, em 1971, 60% da produção industrial brasileira se localizava no Estado de São Paulo<sup>89</sup>, os intercâmbios aumentavam e, como conseqüência, aumentava o setor terciário, devido à maior necessidade de ordenação de serviços públicos e privados, especialmente de transportes e de bancos.

Data do período a construção de novos aeroportos, como o Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos. A extensão da rede rodoviária brasileira passa de 302.147 quilômetros, em 1952, para 1.657.769 quilômetros, em 1995, sendo seu maior crescimento também na década de 1970.<sup>90</sup> Este comportamento da economia retrata que a incrementação na área de transportes demandando serviços do setor secundário e terciário oportuniza empregabilidade em determinados setores, ou contribui para manter aqueles postos já ocupados.

Na década de 1980, a população experimenta uma crise econômica aguda e prolongada. Com a inflação em alta e a produção em baixa, tem-se a estagnação da economia, o poder de compra da classe assalariada diminui consideravelmente, pois não foram geradas novas oportunidades ocupacionais; a recessão eliminou uma grande quantidade de postos de trabalho e os empregados que dispunham de empregos formais foram coagidos a procurar outras formas de trabalho, nas quais não eram protegidos pelas leis trabalhistas. O mercado formal constituído de trabalhadores portadores de carteira assinada passava a se restringir.

---

<sup>89</sup> Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1971.

<sup>90</sup> Fonte: Santos & Silveira. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, 2003.

A indústria de transformação e a construção civil não mais absorviam a mão-de-obra pouco especializada, por terem sido estes setores os mais atingidos pela crise econômica. Nesse mesmo período, as ofertas de novos empregos foram oportunizadas pelo comércio e prestação de serviços, exigindo novas competências.

Na segunda metade da década de 1980, com a meta de reduzir as importações e elevar as exportações, as empresas puderam ter lucros no mercado interno e reduziram as dívidas; com isso, no período de 1984 a 1986, houve um aumento na produção industrial, resultando em geração de empregos.

Observa-se ainda que, na década de 1980, o setor de telecomunicações, acompanhado pela produção de equipamentos de informática com programas de computador, contribuiu para o surgimento de uma nova divisão do trabalho e também para o desaparecimento de muitos postos conhecidos de trabalho. Nessa época, por exemplo, tornou-se possível realizar reservas junto às companhias aéreas, realizar serviços bancários; os supermercados incorporaram os códigos de barra, a automação industrial, pelo computador, de forma direta. Todas essas mudanças foram substituindo o homem pela máquina, sendo responsáveis pela queda na oferta de empregos pouco especializados, havendo oportunidades de trabalho em setores que a grande massa não estava em condições de assumir por falta de capacitação. As cidades passaram a conviver com crescentes índices de desemprego.

Na década de 1990, essas condições do mercado de trabalho, associadas ao alto custo dos encargos sociais em decorrência da legislação vigente, fizeram com que diversas empresas de médio e pequeno porte passassem a operar na informalidade, pois com esse procedimento estariam isentas do pagamento de determinados impostos e de salários indiretos que encareciam a produção.

Outra alternativa adotada pelas empresas foi a terceirização dos serviços, ou seja, a substituição de empregados permanentes por fornecedores autônomos de serviços, o que, associado à contínua substituição das ocupações por profissionais pela informatização, comunicação por satélite e robótica, repercutiu na diminuição do emprego formal nos setores primário, secundário e terciário.

Esta análise nos permite perceber que a economia e a política vigentes balizam outros fatores intervenientes, tais como problemas físicos, culturais, sociais, que estarão intimamente relacionados à inclusão e exclusão no mercado de trabalho.

Assim, uma política desenvolvimentista que se fundamenta na oferta de mão-de-obra barata e pouco especializada, sem investir em educação, saúde e

saneamento básico, acarreta um grande contingente de desempregados e excluídos, quando as formas de produção se tornam mais especializadas, exigindo profissionais habilitados para os novos postos de trabalho que passam a ser ofertados.

### **Turismo: inclusão e exclusão social**

É a partir desses conceitos e dessas reflexões a abordagem que se pretendeu dar para a questão da inclusão social do turismo, fazendo um recorte com enfoque na empregabilidade; quem é excluído e quem é incluído no mercado de trabalho do turismo? Para tanto, considerou-se a dinâmica da atividade turística como indutora potencial de empregabilidade, podendo contribuir, ainda que dentro de certos limites, com a diminuição da exclusão social causada pelo alijamento do mercado de trabalho.

A viagem, compreendendo o deslocamento do indivíduo de seu ponto de origem a um determinado destino, por motivos distintos, tem acompanhado o homem desde sua existência; já o turismo como hoje conhecemos é uma atividade mais recente, estreitamente relacionada aos produtos da indústria cultural. Segundo FOURASTIÉ (1979), apud RUSCHMANN (1997, p. 13):

Foi a partir do século XX, e mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, que ele evoluiu, como consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra das pessoas e ao bem-estar resultante da restauração da paz no mundo.

Em função de seu crescimento e expansão, o fenômeno turismo vem despertando interesse em diversas áreas de conhecimento, que procuram explicá-lo enquanto fenômeno, e de diversos ramos empresariais que optaram por se inserir na atividade turística e no contexto das viagens, seja como empreendedores e prestadores diretos de serviços para a área, ou de forma indireta, criando produtos que sejam consumidos pelos que desfrutam da atividade turística ou que sejam demandadas pelas empresas que atendem esse público de forma direta. São inúmeros os produtores e produtos que são demandados para dar suporte à atividade, por consumidores, colaboradores, fornecedores, entre outras interfaces possíveis.

Partindo da premissa básica de que o turismo é um fenômeno social e econômico, confirma-se a difícil tarefa de abordá-lo nesta magnitude de diferenças culturais e diversas fases econômicas que interferem na história da sociedade.



Não se afirma aqui, como se faz freqüentemente, que o turismo é área prioritária para geração de empregos e serviços no setor terciário, mas pretendeu-se sim discutir o que é e tem sido o turismo enquanto uma das possibilidades capazes de se colocar como alternativa viável para atenuar a questão de desigualdade e da exclusão via mercado de trabalho.

Mesmo correndo-se o risco de que isso possa ser considerado como uma presunção, acredita-se que as desigualdades sociais sempre existiram e continuarão existindo; faz parte do sistema a inserção na estrutura social de forma diferenciada e acredita-se ser utopia que estas desigualdades serão um dia extintas; presume-se apenas que as profundas desigualdades hoje existentes poderão, em algum momento e em algumas situações, ser atenuadas.

Para discorrer sobre a questão do turismo como indutor de geração de empregos e inclusão social, adotou-se a idéia de rede, interpretando que o turismo é constituído por uma rede principal que interage com uma outra rede paralela, sendo a rede principal considerada pelo emprego formal e outra paralela constituída pelo emprego informal e que uma interage e até complementa a outra. Desta forma, ambas (a da formalidade e da informalidade) fazem parte da rede do turismo.

Por meio dessa linha de raciocínio, tem-se que o turismo conta com contingentes de recursos humanos que atuam de forma direta e formal nos diversos estabelecimentos e empresas que prestam serviços diretos aos visitantes e turistas e que, para suprir e complementar esta prestação de serviços, faz-se uso de recursos e serviços de outras fontes indiretas, ou seja, por um lado têm-se as empresas diretamente ligadas ao turismo, tais como transportes (aéreo, marítimo, fluvial, rodoviário e ferroviário), agências de viagens e turismo, hospedagem (hotéis, motéis, flats, pousadas, entre outras modalidades), restaurantes das mais diversas tipologias, postos de informações turísticas, casas de câmbio, aeroportos, rodoviárias, portos, entre outros; por outro lado, tem-se extensa e diversificada natureza de empresas e estabelecimentos, que serão acionados para suprir de insumos, produtos e serviços as diretamente ligadas a atender o turista, repercutindo em geração de empregos em diversas áreas não relacionadas ao turismo, mas que estarão ocupadas em produzir, respondendo às demandas dos diversos produtos e serviços intrincados para o turismo.

Esse rol de empresas e estabelecimentos requererá um elenco de profissionais em diferentes e diversas categorias para assumirem postos e ocupação

inerentes à natureza e atividade da empresa. Essa equipe de colaboradores faria parte da rede dos incluídos no mercado formal do turismo, que seria a rede principal.

Entretanto, poderíamos admitir que existe a rede dos incluídos no mercado informal, que se forma com os ambulantes, entre outras atividades e modalidades, que por intermédio da venda de produtos ou algum tipo de entretenimento obtêm seu sustento; essa consideração coincide com a contribuição de KNAFOU (1999, p. 62), in RODRIGUES (1999): “a atividade turística varia conforme cada estação, o que subentende muita mão-de-obra itinerante, difícil de ser analisada e muito trabalho escondido. O que se torna difícil de contabilização”. Desta forma, entende-se que apenas os incluídos formalmente no mercado de trabalho do turismo são contabilizados, os da rede informal não fazem parte das estatísticas, ou quando fazem não são adequadamente considerados.

Um caso extremo seria o das prostitutas e suas atividades no chamado turismo sexual. Certamente não faltam estudiosos que argumentem que se tornaram prostitutas por falta de oportunidade no mercado de trabalho formal, porém isso não seria verdadeiro nem explicaria adequadamente a situação. Existem muitos que considerariam a atividade como incluída no sistema de turismo, mesmo que isso seja discutível do ponto de vista da moral vigente, conforme matéria divulgada no Jornal “Folha de São Paulo”, de 17 de março de 2007, no caderno Cotidiano: Manchete: “Às vésperas do Pan, Rio ensina inglês a prostitutas. Secretaria de Estado Ciência e Tecnologia também organizará cursos de espanhol”.

*No ano do Pan, as prostitutas da Vila Mimosa estão estudando idiomas. De forma voluntária, o professor Mariano Capote, 24, dá aulas de inglês para as mulheres da mais antiga zona de prostituição no Rio. Atualmente, um grupo de 20 profissionais do sexo tem três horas semanais de aulas num casarão antigo dentro da vila. A Vila Mimosa atrai mensalmente 120 mil homens por mês e reúne cerca de 3.500 prostitutas em ruas decadentes de São Cristóvão, zona norte da cidade. Os números foram dados pelo Coletivo de Mulheres da Vila Mimosa, ONG (organização não-governamental) formada por prostitutas da região, que participa do projeto. Prostituição não é crime no Brasil e é uma profissão regulamentada pelo Ministério do Trabalho. Coordenadora da ONG, a assistente social Cleide Almeida disse que “o curso de idioma seduz as prostitutas pela proximidade do Pan (jogos Pan-Americanos). A competição será realizada em julho de 2007, no Rio. Nos grandes eventos da cidade, os gringos sempre baixam por aqui. Desta vez, não será diferente. No mês passado, um ônibus inteiro de ingleses desceu aqui”.*

*A iniciativa de Capote será ampliada no próximo mês. A Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia anunciou no início desta semana que novas turmas serão abertas. Segundo o projeto, as prostitutas também terão aula de espanhol. Por: Sérgio Rangel, da Sucursal do Rio.*

Essa abordagem nos faz refletir que ambos pertencem à rede do turismo, ou seja, a rede dos incluídos no mercado formal e a rede paralela dos incluídos no mercado informal. Pelo exposto, considera-se que exclusão e desigualdade não são sinônimas: pode haver inclusão, contudo desigualdade. Assim, o conceito de exclusão deve ser considerado em sua ambigüidade quando estudado em relação ao turismo.

Convém ressaltar as considerações e reflexões referentes à atividade turística por RODRIGUES (1999, p. 91):

Não resta dúvida de que o turismo corresponde hoje a uma atividade econômica de grande importância, alinhando-se dentre os setores de ponta na captação internacional de divisas. É fundamental como alternativa econômica para os países de economia periférica, notadamente as do mundo tropical, cujas paisagens diversificadas, de rara beleza cênica, aliadas a um clima de poucas mudanças sazonais, permitem um fluxo contínuo durante o ano todo. A economia é dinamizada de forma direta e indireta, abrindo-se um significativo mercado de trabalho. Estimativas propugnam que para cada unidade hoteleira (apartamento) são criados dez empregos diretos e indiretos.

Mais uma contribuição para conduzir à reflexão da inclusão e exclusão no contexto do turismo vem de CORIOLANO (2003, p. 25), apresentada no I Ciclo de Debates: Turismo e Inclusão Social, realizado em Fortaleza (CE), no período de 02 de setembro a 09 de dezembro de 2003, quando foi apresentado o artigo intitulado “A Exclusão/Inclusão Social e o Turismo”. A autora relata em seus escritos que a hegemonia das gigantes empresas mundiais, das terceirizações, franquias e informatizações que seleciona, reduz, qualifica e exclui trabalhadores com salários baixos e contratos flexíveis e informais, também contribui para o trabalho precário e a pobreza; por outro lado, diz:

Surgem assim, as atividades de inclusão, dentre elas o turismo, o turismo de inclusão. A cada dia, grupos alternativos começam a se organizar para a venda de novos produtos turísticos, de novos roteiros, dos mais variados produtos do consumo turístico, “nichos” deixados pelo capital global e, dessa forma, começam a participar desse mercado promissor. Alguns municípios, inúmeras comunidades, pequenas empresas encontram caminhos para se incluir nos roteiros turísticos e aproveitar artes, gastronomias, folclores, atrativos naturais e culturais, transformando o potencial em oferta. Em muitos núcleos receptores do país e do Ceará, pode-se encontrar experiências que fogem ao modelo de turismo globalizado, que privilegiam os lugares e, sobretudo, que têm como finalidade o desenvolvimento e a valorização das pessoas, das micro-economias, fazendo do turismo uma estratégia de combate à pobreza, uma forma de inclusão.

Diante das considerações de Rodrigues e Coriolano, preliminarmente avista-se que há caminhos alternativos para a inclusão, intencionando abrandar a exclusão, utilizando-se de recursos existentes na própria localidade; entretanto, não sem algumas diferenças, pois acredita-se que o turismo poderá apenas contribuir com parte desta inclusão, mas não em sua totalidade.

É o caso do *sítio* São Luís do Paraitinga, onde aos poucos a comunidade foi se organizando para dividir e compartilhar com os visitantes e turistas as festas, os eventos, a cultura, o patrimônio arquitetônico, ampliando os laços de convivência, divulgando sua cultura, seus valores, instituindo e construindo pousadas, abrindo estabelecimentos na área de restauração, agências de viagens e turismo, se organizando para realizar os eventos e receber os turistas; com essa dinâmica, novos empreendedores foram se instalando na região, oportunizando frentes de trabalho, treinando mesmo que de forma doméstica os recursos humanos existentes e oportunizando um ambiente de inclusão, acolhida, hospitalidade ao absorver a mão-de-obra local, nativos e residentes, tentando oportunizar um vínculo amistoso entre os munícipes, visitantes e empreendedores, todos em comunhão, interessados nos benefícios advindos com a prática da atividade turística: geração de empregos, divulgação e manutenção das tradições e cultura do *sítio*.

### **O turismo como indutor de empregabilidade**

Diversos eventos transformaram e continuam transformando o mundo, por iniciativa do homem, fazendo uso dos recursos da natureza em seu próprio benefício<sup>91</sup>. As viagens e o turismo estão inseridos nesse contexto, pois quer seja por necessidade, por vontade própria ou despertada pela curiosidade ou por intermédio dos meios de comunicação e mídia, o homem sempre se deslocou por motivos variados e específicos. Esses deslocamentos, que por diversos motivos conduziram o homem a sair de seu local de origem para outros destinos, têm contribuído com uma série de mudanças nos mais distintos fatores e setores, como a geração de novos espaços, equipamentos, estrutura e infra-estrutura e técnicas

---

<sup>91</sup> Grifo da autora. As ações realizadas pelo homem nem sempre podem ser consideradas como benefício para todos.

para atender às necessidades dos viajantes e turistas, dinamizando vários setores, ou seja, o primário, o secundário e o terciário.

Para melhor desenvolver essa discussão da contribuição do setor turístico na geração de empregos diretos e indiretos e a relação entre investimentos e empregos no setor, percebeu-se a necessidade de realizar uma análise sucinta de alguns acontecimentos em diferentes setores e períodos que, contextualizados, facilitarão as explicações e a linha de raciocínio adotados, orientando e estabelecendo conexões entre esses eventos, para se chegar à questão da empregabilidade no turismo.

Para desenvolver esta análise, estabeleceu-se uma periodização compreendida entre a década de 1970 até 2000. Esse período adotado pela autora justifica-se considerando que, no início da década de 1970, foi criado o Fundo Geral de Turismo – FUNGETUR<sup>92</sup>, conforme CRUZ (2000, p. 68): “Este é o primeiro plano econômico governamental a contemplar o setor turismo, de forma explícita, entre todos os outros setores econômicos considerados prioritários”. Outros motivos indutores da escolha do período foram os acontecimentos e desenvolvimento que ocorreram em diversas áreas, oportunizando os empregos diretos e indiretos decorrentes da atividade turística, das diferentes necessidades dos indivíduos em deslocamento, envolvendo transportes, rodovias, hospedagem, capacitação, qualificação, realização de eventos e concomitantemente o despontar das Instituições de Ensino Técnico e Superior, oferecendo cursos de capacitação em níveis: técnicos, de graduação e pós-graduação, nas áreas de Turismo, Hotelaria e Gastronomia. E o fato do município de São Luís do Paraitinga ter recebido o título de Estância Turística na década de 2000, mais precisamente em 05 de julho de 2002, pela Lei Estadual de nº 11.197.

Procurando facilitar a análise, optou-se então por elaborar quadros específicos de algumas áreas, conforme acima mencionado, para melhor ilustrar, elucidar, analisar, comparar e interpretar os fatos e suas decorrências. Para nortear essa reflexão, deu-se início com a análise de algumas políticas, fundos e incentivos instituídos no período de 1970 a 2007 voltados para o desenvolvimento do turismo no Brasil.

---

<sup>92</sup> “O Fungetur, primeiro fundo especialmente criado para financiar o desenvolvimento do turismo no país, foi instituído pelo Decreto-lei 1.191, art. 11º, de 1971. O Fungetur destinava-se ‘a fomentar e prover recursos para o financiamento de obras, serviços e atividades turísticas consideradas de interesse para o desenvolvimento do turismo nacional’, de acordo com o parágrafo único do artigo 19 do Decreto-lei 55/66, de 18 de novembro de 1966”. (CRUZ, 2000, p. 68).

Quadro nº 4 - Resumo das Políticas Públicas e Fundos criados no período compreendido entre 1970 e 2007, voltados para o setor turístico, ou que viessem a favorecê-lo.

Década– Período	Evento
Década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação de fundos para o financiamento de projetos de desenvolvimento turístico, tais como: FUNGETUR – Fundo Geral de Turismo; FINAM – Fundo de Investimento da Amazônia; Fiset – Fundo de Investimentos Setoriais e FINOR – Fundo de Investimento do Nordeste.</li> <li>- No ano de 1973, o Decreto nº 71.791 dispõe sobre zonas prioritárias para o desenvolvimento do turismo.</li> <li>- Em 1976, um novo Estatuto da Embratur é estabelecido pelo Decreto nº 78.589. E um decreto-lei, o de nº 1.485, de 25 de outubro, institui estímulos fiscais ao turismo estrangeiro no país.</li> </ul>
Década de 1980	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Com o estímulo da crise econômica interna, o Estado reduziu sua intervenção no setor turístico enquanto indutor do desenvolvimento da atividade. O Decreto nº 93.607, de 21 de novembro de 1986, reduziu o limite de financiamento de projetos a 50% das inversões totais previstas, para empreendimentos em implantação, e a 40% para ampliação e/ou reformas de empreendimentos que já tivessem recebido algum incentivo anteriormente.</li> <li>- Em 6 de julho de 1981 é publicado o Decreto nº 86.176, que regulamentou a Lei nº 6.513/77, que trata sobre a criação de Áreas Especiais e de Locais de Interesse Turístico.</li> <li>- Em 31 de agosto de 1981, através da Lei nº 6.938, foi criado o Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. Em 22 de fevereiro de 1989, é criado pela Lei nº 7.735, O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA.</li> </ul>
Década de 1990	<p>Em 28 de Março de 1991 é sancionada a Lei nº 8.181, dando nova denominação à Embratur, agora Instituto Brasileiro de Turismo, transformada em autarquia, e vinculando-a à Secretaria Regional da Presidência da República.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Lei nº 8.181/91 e o Decreto-lei nº 448/92 estabelecem as diretrizes para a implantação de um Plano Nacional de Turismo.</li> <li>- Em 1992 é instituído o Plano Nacional de Turismo (Plantur).</li> <li>- Em 1994 institui-se o Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT.</li> <li>- Em 1996 é lançado o documento Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas – 1996/1999.</li> </ul>
Década de 2000	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criado pela medida provisória nº 103, de 1º. de janeiro de 2003, um Ministério exclusivo para o Turismo.</li> <li>- Em 29 de abril de 2003, o governo divulgou o Plano Nacional de Turismo (PNT): diretrizes, metas e programas 2003/2007 e o Plano Nacional de Turismo 2007/2010 denominado Uma Viagem de Inclusão</li> </ul>

Fontes:

BENI, Mário Carlos. *Política e Planejamento de Turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.

DIAS, Reinaldo. *Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto, 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Administração municipal para o meio ambiente: roteiro básico*. Ministério do Meio Ambiente: Brasília, DF, 1993. 65 páginas.

Elaboração: A autora.

Quadro nº 5 - Resumo do desenvolvimento do Setor Hoteleiro no Brasil, no período compreendido entre 1970 e 2000.

Década Período	Evento
1970	Em 1971, chegada da Hilton no Brasil e a construção de três hotéis da Rede Tropical A Holiday Inn começou a operar no Brasil no início dos anos 70, associada à empresa Hotéis Nivaroy Em 1974, inauguração do Rio Sheraton e do Internacional Rio Em 1975, chegada das empresas francesas Meridién e o Club Mediterranée Em 1977, chegada da rede Novotel Em 1979, em São Paulo, são inaugurados o Maksoud Plaza, o Caesar Park e o Eldorado Boulevard
1980	1980 - Com a instabilidade econômica e a inflação, as redes internacionais deixaram de se interessar por negócios em solo brasileiro, além das influências do Plano Collor
1990	Estabilização da Economia, com o Plano Real; em 1994, aumenta o turismo doméstico e a entrada de estrangeiros no país Fim dos anos 90 começaram a surgir as cooperativas de funcionários de hotel
2000	Nos últimos dez anos, a oferta de apart-hotéis cresceu significativamente (1995-2005) Em fevereiro de 2003, foi criado o FOHB – Fórum de Operadoras Hoteleiras Brasileiras

Fontes:

BENI, Mário Carlos. *Globalização do Turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.

PIRES, Raquel D'Alessandro. *Os cursos superiores de Hotelaria no Estado de São Paulo nos anos 90*. Sorocaba, SP, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Sorocaba.

Elaboração: a autora.

Quadro nº 6 - Resumo das Instituições de Ensino Técnico e Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil, compreendido no período entre 1970 e 2000.

Década Período	Evento
1970	1971 – Criada a Faculdade de Turismo do Morumbi, na cidade de São Paulo – atualmente Universidade Anhembi Morumbi. 1972 – Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) 1973 – Faculdade de Turismo da Guanabara, no Rio de Janeiro, Faculdade Ibero Americana, em São Paulo; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; União Pioneira de Integração Social, em Brasília. 1974 – Pontifícia Universidade Católica de Campinas 1975 – Universidade Católica de Pernambuco, em Recife. 1978 – Centro de Estudos de Administração em Turismo e Hotelaria do SENAC de São Paulo (CEATEL); Universidade de Caxias do Sul (UCS), Núcleo Universitário de Canela, Curso de Tecnologia em Hotelaria; inaugurado, em Águas de São Pedro (SP), o Centro de Estudos de Administração em Hotelaria e Turismo, SENAC – Serviço Nacional do Comércio, implantou os primeiros cursos técnicos em hotelaria.
1980	1984 - Faculdade de Turismo da Bahia, em Salvador; Curso de Hotelaria da Faculdade Hebraica – Renascença, em São Paulo.

Fontes:

BARBOSA, Claudia Ricciuti. *A Introdução da Hospitalidade nos Cursos de Hotelaria em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2005.

LAHR, Maria Cristina Zerbo. *O Profissional da Hotelaria: Uma abordagem Exploratória de Sua Formação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2004.

Quadro nº 7 - Número de cursos criados por períodos:

Período	Cursos
70-79	19
80-89	5
90-99	135
00-04	368
Sem registro de data	62
Total	589

Fonte: BARBOSA, Claudia Ricciuti. 2005

Quadro nº 8 – Oferta de cursos nas áreas de turismo e hotelaria por região brasileira até 2004.

Regiões Brasileiras	Número de Cursos
Centro-Oeste	62
Nordeste	107
Norte	30
Sudeste	282
Sul	108
Total	589

Fonte: BARBOSA, Claudia Ricciuti. 2005

### **O período de 1970 a 2000**

Os incentivos e fundos criados para favorecer os financiamentos de projetos e investimentos voltados para a expansão da infra-estrutura turística nacional, na década de 1970, foram instituídos objetivando a dinamização do setor. Para avaliar as ações, efetuou-se o recorte do período compreendido entre a década de 1970 até 2000, para contemplar e analisar as mudanças econômicas que ocorreram no país, traçando um paralelo com as respectivas mudanças no setor turístico, ou melhor, as conseqüências que uma série de estratégias administrativas governamentais causaram e impactaram na dinâmica do turismo repercutindo no mercado de trabalho.

### **A década de 1970**

Um desses incentivos, o Fundo Geral de Turismo – FUNGETUR, criado pelo Decreto-lei nº 1.191/71, veio favorecer a difusão da infra-estrutura turística, mais enfaticamente o setor da hotelaria, pois consentia aos empreendedores o financiamento de até 75% do custo total do empreendimento e a isenção de todos os tributos federais, por um prazo de dez anos.



Segundo CRUZ (2000, p. 68), o Decreto-lei nº 1.439/75, que cria o Fungetur, é alterado em 1975, quando da regulamentação deste fundo. O Decreto-lei nº 1.439, de 30 de dezembro de 1975, estabelece, em seu artigo 4º, que:

Os hotéis e outros empreendimentos turísticos definidos pelo Poder Executivo, em construção, ou que venham a ser construídos, conforme projetos aprovados até 31 de dezembro de 1985 pelo Conselho Nacional de Turismo – CNTur, poderão gozar de redução de até 70% (setenta por cento) do imposto sobre a renda e adicionais não restituíveis, por períodos anuais sucessivos, até o total de 10 (dez) anos, a partir da data de conclusão das obras, segundo forma, condições e critérios de prioridades estabelecidas pelo Poder Executivo.

Pelo exposto, houve uma suave diminuição nos incentivos fiscais até então concedidos, mas que continuaram a contribuir com a implantação de empreendimentos no setor. O Decreto-Lei nº 1.376/74 cria o Fundo de Investimentos Setoriais – Fiset, abrangendo os setores de turismo, pesca e reflorestamento, o Fundo de Investimentos do Nordeste – FINOR e o Fundo de Investimento da Amazônia – FINAM, sendo que o FINOR e o FINAM foram elaborados por mecanismos visando especialmente o desenvolvimento econômico da região nordeste, intencionando a redução das desigualdades inter-regionais.

Entretanto, conforme análise de BENI (2006, 24), o cenário que se apresentou é de que:

Os capitais incentivados foram colocados à disposição de empreendedores estrangeiros e nacionais. Esses capitais incentivados foram utilizados quase integralmente em hotéis de luxo, de 250 mil dólares a unidade habitacional, em empreendimentos de valor não inferior a 25 milhões de dólares.

Beni ainda ressalta que, somente nos últimos oito anos, vimos surgir a correta colocação de investimentos em hotéis econômicos. Supõe-se pelo exposto que os maiores beneficiados com a disponibilidade de fundos e incentivos foram as empresas de capital estrangeiro que se instalaram no país, enfatizando apenas empreendimentos de grande porte, luxo e ostentação.

Os dados acima relacionados, pertinentes às Políticas Públicas e os Fundos de investimentos criados, sucedem ao mesmo tempo o crescimento da implantação de hotéis e a criação de cursos acadêmicos em níveis técnico e de graduação, com o despontar das Instituições de Ensino voltadas para as áreas de turismo e hotelaria.

Observando o quadro nº 5, que retrata o desenvolvimento do setor hoteleiro no Brasil, verifica-se que na década de 1970 tem-se o início da chegada das cadeias hoteleiras internacionais, associadas a grupos nacionais, e das franquias. Conforme DIAS (1990, p. 63), in PIRES (2005):

A Holiday Inn começou a operar no Brasil no início dos anos 70 associada à empresa Hotéis Nivaroy e reitera a importância da inauguração do Hilton São Paulo (1971). Aponta a inauguração do Rio Sheraton e do Internacional Rio em 1974, salienta a chegada das empresas francesas Meridién, Club Mediterranée em 1975 e a rede Novotel em 1977, ambas ligadas a um conglomerado nacional, a Brasil Par, que pertencia ao grupo Moreira Sales.

As informações quanto ao ingresso dos hotéis das cadeias hoteleiras no Brasil endossam a afirmação de Beni, no que diz respeito à disponibilidade de capitais e incentivos para os grandes e mega empreendimentos, deixando de subsidiar e oportunizar a implantação de hospedagem de médio e pequeno porte com tarifas reduzidas.

A título de elucidação, na década de 1970, foram inaugurados hotéis de luxo em São Paulo, na região da Avenida Paulista, como por exemplo: Maksoud Plaza, Caesar Park, Eldorado Boulevard e, no Rio de Janeiro, o Hotel Nacional do Rio de Janeiro - oitavo estabelecimento da Rede Horsa -, além da construção de três hotéis da Rede Tropical (pertencente à Varig), como por exemplo: o Hotel Santarém (AC), e os hotéis de Manaus (AM) e Tambaúba (PB), em 1976; paralelamente, os spas<sup>93</sup> começam a instalar-se na década de 70.

Ao observar o quadro nº 6, referente às Instituições de Ensino Técnico e Superior de Turismo e Hotelaria, verificamos que na década de 1970 surgem diversas instituições oferecendo cursos de turismo e hotelaria, supostamente para atender à demanda do mercado no que tange à capacitação e formação de recursos humanos, acompanhando o crescimento do setor.

Se por um lado, há um incentivo para os investidores na área de hotelaria se instalarem no país, por outro faz-se necessária a capacitação de recursos humanos com formação técnica e de nível superior a serem alocados nos diversificados postos de trabalho, oportunizando o preenchimento de vagas com diferentes ocupações e níveis salariais; surgem então as Instituições de Ensino para formar, capacitar e qualificar recursos humanos a serem absorvidos no mercado; conforme

---

<sup>93</sup> Spa: do latim, *sanos per aquam*.

podemos observar no quadro nº 7, no ano de 2004 o país contava com um total de 589 cursos nas áreas de turismo e hotelaria.

### **A década de 1980**

Na década de 1980, conforme exposto no quadro nº 3, Singer (2003, p. 15) relata: “A economia quase não cresceu, as mudanças e o desenvolvimento foram poucos, até 1986 insignificantes mesmo”.

Ainda, segundo BENI (2006, p. 25), “foi um período de transição, principalmente por conta da nova Constituição, que propiciou um momento de ampla discussão nacional”.

Acredita-se que foi um período, uma década de repensar as políticas, as ações, o futuro do país, e essa situação repercutiu em diversos setores. A esse desenvolvimento acelerado dos anos 70 seguiu-se a estagnação dos anos 80, motivada por vários fatores econômicos. Consoante PIRES (2005, p. 3):

A conjuntura econômica mundial do fim da década de 80, somada à instabilidade econômica e à inflação brasileira, fizeram com que as redes internacionais deixassem de se interessar por negócios em solo brasileiro. Dentre tantos fatores, houve ainda o Plano Collor (1989), que diminuiu a atividade econômica.

Esse cenário trouxe repercussões na hotelaria, como exposto, e conseqüentemente nos cursos de turismo e hotelaria, conforme demonstra o quadro nº 8, que, no período de 1980 a 1989, apenas novos 5 cursos foram abertos no país, visto que no período anterior, década de 1970, início da implantação das cadeias e redes hoteleiras internacionais favorecidas pelos incentivos fiscais, o número de cursos criados no país, nas áreas de turismo e hotelaria, totalizava 19; observa-se nesse período uma estagnação da abertura de cursos voltados para o turismo e hotelaria.

Diante de diversas transformações na economia e diferentes fases decorrentes da industrialização, movimentos migratórios, êxodo rural, adensamento das cidades, oscilação da oferta de empregos, causando problemas de saneamento básico, habitação, saúde, transporte público, a ausência de organização e ocupação espacial, adequação e fiscalização de uso e ocupação do solo, produzindo problemas ambientais e sociais, surge então uma preocupação com o meio ambiente; nesse período são criados órgãos cujas atribuições competem orientar, implantar e monitorar medidas conciliadoras, mitigadoras e de fiscalização.

Resultado deste processo, e com a intenção e tentativa de amenizar esses impasses, é criada, em 1981, e regulamentada, em 1983, a Política Nacional de Meio ambiente, que conforme MENEZES (1996, p. 46): “Nela se considerou, pela primeira vez, o preceito da conciliação do desenvolvimento econômico com a preservação ambiental”.

Cabe destacar que são criados e implementados, nesses períodos, instrumentos legais, tais como: o zoneamento ambiental, a Avaliação de Impacto Ambiental – AIA, Estudo de Impacto Ambiental – EIA, Relatório de Impacto Ambiental do Meio Ambiente – RIMA, instrumentos esses que viriam a ordenar, controlar as ações de empresas e atividades que causassem impactos negativos ao ambiente. Os tipos de empreendimentos e atividades que passariam por esse tipo de avaliação são prescritos na Resolução nº 01/86, do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA:

Relaciona os tipos de obras e atividades sujeitas à elaboração do EIA/RIMA, incluindo como tal: estradas, ferrovias, portos, linhas de transmissão, barragens, obras de irrigação e drenagem, mineração, aterros sanitários, unidades industriais, exploração de madeira, projetos agropecuários acima de 1000 hectares e outros. (Ministério do Meio Ambiente, 1993, p. 21).

Dessa forma, determinados empreendimentos turísticos, como parques temáticos, centro de convenções, *resorts* e infra-estrutura para subsidiar os deslocamentos, tais como estradas, portos, aeroportos, metrô, anéis viários, pontes e viadutos, passaram a ser submetidos a esse processo de avaliação de impacto ao meio ambiente, antes de sua implantação.

Um dos órgãos governamentais de relevância também criado em 1989, no governo do Presidente José Sarney. Foi o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, criado pela Lei no. 7735, de 22 de fevereiro de 1989; é uma autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente e tem como finalidade executar e fazer executar, como órgão federal, a política nacional e as diretrizes fixadas para o meio ambiente. Diante de diversas e complexas mudanças econômicas repercutindo na ocupação espacial concentrada nas grandes metrópoles, causando problemas ambientais, os estímulos para implantação de redes hoteleiras, novas atividades, novas funções, novos equipamentos, fez-se necessário um órgão especial que atuaria em conjunto com órgãos estaduais e municipais, para execução e implantação de diretrizes, fiscalização, controle e proteção do meio ambiente,

norteado por instrumentos legais, inserindo inclusive a prática da atividade turística e a construção de infra-estrutura turística.

Em síntese, podemos observar que, conforme os autores SINGER (2003) e BENI (2006), a década de 1980 foi um período de transição, que poucas mudanças ocorreram; entretanto, algumas novas medidas passaram a ser pensadas e adotadas a partir da década de 1990, mas não sem resíduos das décadas anteriores.

### **A década de 1990**

A partir de 1990, verificam-se mudanças nas políticas públicas voltadas para o turismo, apresentando um novo período de estruturação e desenvolvimento do país. Nesse período, observa-se uma retomada das atividades voltadas para a hotelaria, eventos e cursos de capacitação e qualificação voltados para o setor, provenientes da elaboração de novas diretrizes e medidas implantadas nesse período, conforme segue:

- Em 28 de março de 1991, é aprovada a Lei nº 8181, alterando a denominação da EMBRATUR – antes Empresa Brasileira de Turismo -, que neste momento passa a ser denominada Instituto Brasileiro de Turismo. Com essa nova Lei, a Embratur deixa de ser legisladora e executora do turismo e o governo passa a atuar como coordenador e indutor das atividades. Ainda no teor dessa lei, além da atribuição de uma nova denominação à EMBRATUR, reza no Art. 2º a finalidade desse órgão “A EMBRATUR tem por finalidade formular, coordenar, executar e fazer executar a Política Nacional de Turismo”.
- No ano de 1992 é instituído o Plano Nacional de Turismo – Plantur, organizado num plano de ações formado por sete programas que não chegam a ser implantados, pois conforme CRUZ (2000, p. 62): “O Plano Nacional de Turismo, que deveria constituir um instrumento de efetivação da política, é instituído antes de a política de turismo ser implementada, o que só ocorrerá em 1996”.
- No dia 30 de março de 1994, em Vitória-ES, foi anunciado em âmbito nacional o Programa Nacional de Municipalização do Turismo e, em 18 de agosto de 1994, o programa foi apresentado a todos os municípios em Brasília. O Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT visava a descentralização da organização e planejamento do turismo do

governo, transferindo tal atribuição aos gestores municipais. Com essa estratégia, a gestão do programa caberia aos municípios, cabendo então aos estados e aos órgãos federais o suporte técnico. Os objetivos do PNMT consistiam em: Conscientização da sociedade para a importância do turismo como instrumento de crescimento econômico, geração de empregos, melhoria da qualidade de vida da população e preservação de seu patrimônio natural e cultural; dotar os municípios brasileiros com potencial turístico de condições técnicas e organizacionais para promover o desenvolvimento da atividade turística; descentralizar as ações de planejamento. (Senac – Apostila, 1994).

Entretanto, o Programa não surtiu os resultados esperados, pois conforme BENI (2006, p. 26):

Esse modelo da Organização Mundial do Turismo – OMT, recomendado para seus países membros e que se tornou normativo no caso brasileiro, apresentou logo de início uma falha estratégica na sua implantação. O modelo presumia o conhecimento prévio, por cada país, de seu espaço turístico nacional, ou de sua imediata identificação, o que levaria o programa do Relatório do Inventário Turístico Nacional a ser a primeira providência a ser tomada. Como isso não foi feito, queimou-se essa primeira etapa, e muitos municípios apresentaram-se como vocacionados para o turismo.

Lançada em 1996, pelo Decreto 448/92, no primeiro mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995/1998), a Política Nacional de Turismo, segundo CRUZ (2000, p. 62): “O documento que cria essa política é o mais completo e detalhado documento oficial, na história das políticas federais para atividade, a tratar do setor turismo”.

Ainda nesse período, contou-se com o subsídio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, no montante de R\$ 1 bilhão, para o Programa Nacional de Financiamento do Turismo, visando o financiamento de reforma, ampliação e modernização da rede hoteleira no Brasil; o Instituto Brasileiro de Turismo extingue o antigo sistema de classificação dos hotéis, e é lançada uma lista de 280 itens a serem considerados na construção de novos hotéis, incluindo questões ambientais e de acessibilidade para portadores de deficiências físicas.

Em 1998, há uma redução nos preços das passagens aéreas, dinamizando o fluxo de turismo interno. Nessa mesma gestão, é elaborado o documento

Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, pelo Grupo de Trabalho Interministerial, composto por membros do Ministério da Indústria Comércio e Turismo – MICT, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA e, em 2001, o Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR firma parceria com o Instituto de Ecoturismo do Brasil para o desenvolvimento de trabalhos de levantamentos regionais.

Um evento importante a ser destacado nesse período é a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), realizada na cidade do Rio de Janeiro, a 14 de junho de 1992, que contemplou questões pertinentes ao redimensionamento do espaço e do papel político dos municípios na gestão ambiental urbana.

O período de 1990 a 2000 aponta ainda algumas iniciativas que vieram a contribuir para o aquecimento da economia por intermédio do setor do turismo, ora com sucessos ora sem êxito, mas que cooperaram de certa forma com alguns outros setores de forma direta ou indireta, dinamizando empregos. Essas melhorias hipoteticamente são os parcos resultados desses esforços, conforme podemos analisar nas mudanças no setor de hotelaria, empregos, cursos e eventos segundo o comentário abaixo:

Estatística feita pela Embratur indica que o turismo de eventos representa 27,9% no país com crescimento de 31,6% de aumento entre 1999 e 2000 na década. Só no ano de 1997, foram realizados no Brasil mais de 300 feiras de grande porte; 800 feiras de pequeno e médio porte; 2.000 congressos; 40.000 outros eventos - seminários, cursos, simpósios, fóruns, convenções, mesas-redondas de negócios, eventos culturais, religiosos e esportivos. (MARTIN, 2003, p.18).

De acordo com o São Paulo Convention & Visitors Bureau, em 2000 São Paulo realizou 74.000 eventos entre feiras, congressos e convenções, movimentando mais de 15,1 milhões de pessoas; cabe ressaltar que 90% das feiras de negócios do país são realizadas nesse Estado.

Durante o ano de 1995, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, responsável pela organização do calendário de eventos científicos, contabilizou a realização de 857 congressos em todo o país.

Tais eventos têm movimentado diversos setores, como o de hotéis, transportes, alimentação, entre outros. Entretanto, o que tem apresentado representativo crescimento é a hotelaria. A indústria hoteleira brasileira mostra que, entre 1993 e 1995, as maiores demandas de hotéis no país estiveram relacionadas

com os negócios. A capital paulista, no intervalo de quatro anos, dobrou o número de passageiros do tráfego aéreo, passando de 6.247.564 em 1993 para 12.978.931 em 1997.

Estudos realizados por SANTOS; SILVEIRA<sup>94</sup> apontam que nesta década a cidade de São Paulo é tida como um importante centro para a realização de eventos; como consequência, o crescimento do número de congressos e feiras desencadeou a expansão da rede hoteleira. Cabe ressaltar que, em 1996, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), financiou 60% dos US\$ 7 milhões gastos para a ampliação do hotel da rede Deville, construído junto ao Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos.

### **A década de 2000**

É criado um Ministério exclusivo para o turismo, instituído em 1º de janeiro de 2003, pela medida provisória nº 103, no primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003/2006), tendo como representante do Ministério Walfrido dos Mares Guia; no mesmo ano, em 29 de abril, o governo divulgou o Plano Nacional de Turismo: diretrizes, metas e programas para o período 2003/2007 e o Plano Nacional de Turismo 2007/2010, denominado Uma Viagem de Inclusão; nesses documentos contempla-se a competência do órgão oficial, relatando: O Ministério do Turismo tem por competência:

A política nacional de desenvolvimento do turismo; a promoção e divulgação do turismo nacional, no país e no exterior; o estímulo às iniciativas públicas e privadas de incentivo às atividades turísticas; e o planejamento, coordenação, supervisão e avaliação dos planos e programas de incentivo ao turismo. Dentro desta nova realidade estrutural, o Ministério do Turismo tem como desafio conceber um novo modelo de gestão pública, descentralizada e participativa, de modo a gerar divisas para o país, criar empregos, contribuir para a redução das desigualdades regionais e possibilitar a inclusão dos mais variados agentes sociais.

O Plano Nacional do Turismo (PNT) foi apresentado pelo Ministério do Turismo em abril de 2003. O documento, elaborado na gestão do governo Luiz Inácio Lula da Silva, tendo à frente o ministro Walfrido dos Mares Guia, apresenta as diretrizes

---

<sup>94</sup> Para maiores informações, vide obra discriminada na bibliografia.



para o setor e estabelece cinco metas a serem cumpridas até 2007. Conforme segue:

- Criar condições para gerar 1,2 milhão de novos empregos e ocupações.
- Aumentar para 9 milhões o número de turistas estrangeiros no Brasil.
- Gerar US\$ 8 bilhões em divisas.
- Aumentar para 65 milhões a chegada de passageiros nos vôos domésticos.
- Ampliar a oferta turística brasileira, desenvolvendo no mínimo três produtos de qualidade em cada estado da Federação e Distrito Federal.

De acordo com o World Travel & Tourism Council (WTTC), em 1999 a indústria do turismo foi responsável por 11,7% do PIB mundial e por 8% de todos os empregos gerados no mundo. Isso significa que aproximadamente US\$ 3,55 trilhões circularam e que mais de 190 milhões de empregos existiam em 1999 graças a essa indústria. Em 2004, ainda segundo o WTTC, a contribuição do setor no PIB mundial foi de 10,4%, representando um crescimento econômico de US\$ 1,95 trilhão em número absoluto, em relação ao ano de 1999, totalizando uma participação de US\$ 5,5 trilhões no PIB global. Em relação ao número de empregos gerados, houve um aumento de 22,6 milhões de postos de trabalho, assim totalizando 214,7 milhões de empregos nessa indústria para o ano de 2004.<sup>95</sup>

Em junho de 2006 é divulgado o documento Turismo no Brasil 2007/2010, relatando os resultados obtidos na década proveniente das ações advindas com a criação do novo ministério; foi traçado um diagnóstico do setor e no mesmo documento são apresentados alguns resultados referentes ao período 2003/2006 e previsões até 2010. Abaixo contemplam-se alguns resultados adquiridos no setor.

---

<sup>95</sup>World Travel & Tourism Council, 2004.

Quadro nº 9 - Diagnóstico do Turismo no período 2003 - 2006

Período	Acontecimentos
2003/2006	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O comércio exterior brasileiro obteve os melhores resultados da história – as exportações atingiram a marca de US\$ 118,31 bilhões, o saldo comercial ficou em US\$ 44,76 bilhões e a conta corrente do comércio chegou a US\$ 191,85 bilhões.<sup>96</sup></li> <li>- Em 2005, o Brasil alcançou a receita cambial turística de US\$ 3,86 bilhões, superior em 19,83% ao ano de 2004 (US\$3,22 bilhões), atingindo a marca de 34 meses consecutivos de crescimento, desde março de 2003.</li> <li>- Os resultados a partir de 1996, até 2005, apontam um crescimento na entrada de turistas estrangeiros no Brasil da ordem de 103%.<sup>97</sup></li> <li>- Em 2005, o país recebeu cerca de 6,8 milhões de passageiros de vôos internacionais e 43,1 milhões desembarques de passageiros de vôos nacionais<sup>98</sup>.</li> <li>- Enquanto as chegadas internacionais em todo o mundo tiveram um crescimento da ordem de 50% no período de 1995 a 2005, no Brasil, estes números cresceram em 170%, no mesmo período<sup>99</sup>.</li> <li>- Foram comprometidos entre janeiro de 2003 e abril de 2006 cerca de 40 milhões em infra-estrutura, como rodovias, urbanização de orlas, construção de aeroportos<sup>100</sup>.</li> <li>- De janeiro de 2003 a outubro de 2005, foram captados, com apoio direto da Embratur, um total de 71 eventos internacionais para o Brasil que vão acontecer até 2012. Somente em 2004 chegou-se a 32 eventos internacionais captados que juntos devem atrair cerca de 90 mil estrangeiros e gerar US\$ 32 milhões em gastos desses turistas em território nacional<sup>101</sup>.</li> <li>- Em 2005, foram captados 28 eventos internacionais para o Brasil que vão acontecer em diversas cidades brasileiras<sup>102</sup>.</li> <li>- De acordo com a classificação Internacional Congress &amp; Convention Association – ICCA, para o ano de 2005, o Brasil passou a ocupar a 11ª posição no <i>ranking</i> dos países que mais realizam eventos internacionais em todo o mundo. Em 2002, o país ocupava a 21ª posição neste <i>ranking</i><sup>103</sup>.</li> <li>- O crescimento da oferta de Unidades Habitacionais de 2005 com relação a 2004 foi de 6%<sup>104</sup>.</li> </ul>

Fonte: Ministério do Turismo. Turismo no Brasil, junho de 2006.

Organização: A autora.

<sup>96</sup> Segundo informações do Banco Central do Brasil.

<sup>97</sup> Conforme o Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur, 2006.

<sup>98</sup> Dados da Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária – Infraero, 2006.

<sup>99</sup> Dados adquiridos junto a Organização Mundial do Turismo – OMT, 2006.

<sup>100</sup> Turismo no Brasil 2007/2010 do Ministério do Turismo, 2006.

<sup>101</sup> Turismo no Brasil 2007/2010 do Ministério do Turismo, 2006.

<sup>102</sup> Turismo no Brasil 2007/2010 do Ministério do Turismo, 2006.

<sup>103</sup> Turismo no Brasil 2007/2010 do Ministério do Turismo, 2006.

<sup>104</sup> Turismo no Brasil 2007/2010 do Ministério do Turismo, 2006.

Dados constantes no documento Turismo no Brasil elaborado pelo Ministério do Turismo em 2006 relatam que: Segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT, a atividade turística é responsável pela geração de trabalho, ocupação e renda, com impactos na melhoria da qualidade de vida da população, e que a atividade é responsável pela geração de 6 a 8% do total de empregos no mundo.

De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego, e considerando o recorte do turismo com base em uma matriz que agrega 12 setores da economia, de acordo com a metodologia da OMT<sup>105</sup>, o mercado formal de trabalho em turismo no País passou de 1.499.497 pessoas empregadas, em 2001, para 1.913.936 pessoas empregadas, em 2005, o que representa um crescimento da ordem de 28% em 4 anos.

Quadro no. 10 – Evolução no Número de Empregos Formais na Atividade Turística.

2001	2002	2003	2004	2005 (*)	Acumulado 2003/2004/2005
1.499.497	1.651.022	1.724.587	1.825.526	1.913.936	262.914

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE e Relação Anual de Informações Sociais - RAIS , 2005.

Observa-se que o crescimento acumulado em 2003,2004 e 2005 foi da ordem de 16%. Foram gerados neste período, 262.914 empregos formais nas diversas categorias econômicas que integram, diretamente, o setor do turismo.

Ainda conforme análise do Ministério do Turismo no referido documento expõem-se que: este número de empregos gerados no mercado formal pode ser extrapolado para se chegar a uma avaliação do mercado informal, considerando estudos que indicam uma relação de três empregos totais para um emprego formal<sup>106</sup>. Como o setor é intensivo em mão-de-obra, com predominância de mão-de-obra informal, a

<sup>105</sup> A definição das atividades econômicas que compõem o Turismo segue as diretrizes da Organização Mundial do Turismo para a construção das contas satélites do Turismo (WTO), 2000<sup>9</sup>) e está de acordo com as definições providas na literatura especializada, conforme Lage e Milone (1991), Lundenberg et al (1995) e Espanha (1996).

<sup>106</sup> De acordo com estudo realizado pelo Centro de Excelência em Turismo – Universidade de Brasília - CET/UNB, segundo Pastore (2005), em 1985 havia um emprego formal para cada 2,7 trabalhadores totais (formais + informais). Em 2002 essa proporção subiu de um emprego formal para três trabalhadores totais. Utilizando-se essa relação, pode-se fazer uma estimativa sobre a quantidade total de trabalhadores no turismo, conforme mostra o quadro de nº 11. Vale ressaltar que se chega a esses valores por uma aproximação, não sendo possível afirmar que estes números refletem integralmente a situação do mercado de trabalho para o turismo. Assim, estudos específicos sobre o mercado de trabalho para o turismo mostram-se de fundamental importância para diagnosticar a influência do setor em relação à geração de novos empregos.

utilização deste multiplicador para se avaliar o número de empregos gerados pelo turismo, no mercado formal e informal, conforme o quadro nº. 11, apresenta um resultado que pode ser considerado conservador.

Quadro nº 11 Número Total de Empregos Na Atividade Turística (Formais e Informais).

2001	2002	2003	2004	2005	Acumulado 2003/2004/2005
4.499.491	4.935.066	5.173.761	5.476.578	5.741.808	788.742

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, Relação Anual de Informações Sociais – RAIS e a Universidade de Brasília – UNB, 2005.

Conforme demonstra o quadro nº 11, nos anos de 2003, 2004 e 2005, foram gerados pela atividade turística no País, 788.742 empregos, formais e informais, o que indica que a meta de geração de 1,2 milhões de empregos, até 2007, definida no Plano Nacional de Turismo 2003/2007, deverá ser alcançada.

Todos esses acontecimentos no decorrer das décadas, a elaboração de políticas públicas, políticas para o fomento do turismo, incentivos para a construção e aumento dos meios de hospedagem, eventos realizados demandando serviços de transportes, deslocamento, concomitantemente a abertura de cursos em instituições de ensino superior, foram disseminando outros setores que, direta ou indiretamente, se beneficiaram com as políticas, com o surgimento de novos empreendimentos e novos segmentos no setor do turismo e hotelaria. Paralelamente, observamos que o turismo foi de certa forma contagiando comunidades, gestores públicos e empresas da iniciativa privada, que viram na atividade uma forma de “tirar proveito” desta atividade econômica e social.

### **Reflexos no *sítio* São Luís do Paraitinga**

O *sítio* São Luís do Paraitinga é um lugar, uma comunidade, que soube, supostamente, sem imposição das forças hegemônicas, se inserir aos poucos no turismo, se organizando, sem necessariamente depender de instrumentos políticos e administrativos para que recebessem visitantes e turistas e, de forma hospitaleira, acolhessem os que procuram o *sítio* para: residir, estudar, passear, trabalhar, investir em empreendimentos.

Mesmo interado com a mundialização e a globalização, não deixou de valorizar seu patrimônio, sua cultura, seus nativos; essas características inerentes ao luisense têm sido aproveitadas para organizar e desenvolver o turismo local, mas com restrições, ou seja, estabelecendo regras e normas para que o convívio, o laço, o vínculo, entre visitantes e visitados ocorram harmoniosamente.

Os luisenses valorizam e privilegiam o que é seu, o que lhes pertence, suas festas, suas crenças, seus eventos, seus monumentos, seus personagens ilustres. Sabem como filtrar, selecionar o que lhes convêm, não são ingênuos pelo fato de serem simples, autênticos e diferentes; por serem portadores dessas características é que podemos estabelecer uma analogia à teoria de ZAOUAL (2006, p. 36):

Com a mundialização, um mosaico de *sítios* sobrevive, evolui e se estende como se fosse para lutar contra a entropia do sistema econômico dominante. Isso contraria a idéia de uma imagem matemática do mundo tão procurada pelos economistas que acreditam firmemente que suas leis sejam válidas em qualquer tempo e em todo lugar. Os homens não se comportam da mesma maneira sob todas as latitudes e em todo tempo. Por natureza, são mutáveis e conjugam vários imperativos ao mesmo tempo. Os *sítios* apresentam, com efeito, esta extensão imbricada que os tornam, apesar de seu caráter único, entidades plurais que vivem da diversidade circundante. Ao absorver o múltiplo, eles salvaguardam sua singularidade e sua eternidade.

O *sítio* tem estratégias de como organizar a atividade, de como acolher e incluir o sitiante, oportunizando a manutenção, a autenticidade dos valores individuais e coletivos, para que com esses atributos possa dividir e compartilhar incluindo o outro, o estrangeiro, o visitante que vem contemplar as diferenças, as peculiaridades ainda existente no *sítio*.

Se há, em âmbito federal, estadual e municipal, encontros, eventos voltados para elaborar e discutir políticas e ações pertinentes ao setor, o *sítio* São Luis do Paraitinga também tem realizado encontros e eventos voltados para a discussão e organização da atividade turística, como é o caso do evento ocorrido no período de 2 a 5 de agosto de 2006, o Fórum do Município de São Luís do Paraitinga, oportunidade em que foram discutidas as diretrizes do Plano Diretor Participativo local, além de apresentação e discussão de trabalhos e palestras proferidas por empresas, órgãos públicos e universidades tais como: Universidade Paulista – Unip, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, Universidade Estadual Paulista – UNESP (Araraquara e Bauru), Universidade Anhembi Morumbi – UAM, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico –

CONDEPHAAT, o Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional – IPHAN, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo – SEBRAE, o Instituto Florestal – IF, a Universidade de São Paulo - USP. Este evento teve a participação da comunidade local e foi realizada na Casa Oswaldo Cruz, um dos patrimônios mais significativos para a comunidade.

Outro evento que também demonstra o envolvimento na organização da atividade foi a Primeira Conferência Municipal de Turismo da Estância Turística de São Luís do Paraitinga, que ocorreu no dia 3 de junho de 2005, na sede do Clube Imperial Luisense. Evento este promovido pelo Conselho Municipal de Turismo – COMTUR e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo – SEBRAE. Na ocasião, palestrantes apresentaram seus pareceres a respeito da importância da organização da atividade turística na cidade que a cada dia aumenta seu fluxo, frequência e intensidade. A primeira Conferência de Turismo teve como principais finalidades apresentar o Conselho Municipal de Turismo – COMTUR e seus objetivos de junto à comunidade debater e promover o turismo de forma inteligente e não predatória; Para maiores elucidções a pauta da 1ª Conferência Municipal de Turismo da Estância Turística de São Luis do Paraitinga, encontra-se na íntegra no anexo nº 1.

Tais ações advindas da própria comunidade (nativos, residentes, órgãos públicos, comerciantes, empreendedores, estudantes, pesquisadores, representantes de classe, entre outros), retratam que o *sítio*, conforme ZAOUAL (2006, p. 219):

Nas “*situações de desenvolvimento*”<sup>107</sup>, o meio não reconhece a racionalidade e a forma de coordenação própria ao modelo padrão. Faz delas a releitura que lhe convier. Por meio de seu código de seleção, o *sítio* filtra e destrói o que ele estima altamente incompatível com suas próprias normas. O procedimento de mercado é aceito com a condição de não introduzir todos os transtornos da economia mercantil e de coabitar com outras formas de coordenação endógena de tipo comunitário.

Assim, o luisense organiza os eventos e as atividades voltadas para o turismo praticando a hospitalidade entre os seus no interior do *sítio* e incluindo-os para receber os outros.

---

<sup>107</sup> Grifo do autor (Zaoual).

## Capítulo 5. A inserção da mão-de-obra local no turismo como fator de hospitalidade

Os estudos existentes ainda não foram suficientes para que se atribua um sentido único ao que se entende por hospitalidade. Sendo antiga e complexa, sujeita a diferentes interpretações e manifestações, a hospitalidade se coloca como um desafio para aqueles que pretendem defini-la. Nessa dissertação se entende que a forma como cada cultura alicerçada em seus valores, hábitos e costumes, percebe e pratica a hospitalidade deve ser entendida e respeitada; nesta visão não há como definir a hospitalidade, ou seja, ter uma única acepção, um único sentido da palavra ou do ato.

Conforme LASHLEY (2004, p. 5):

A hospitalidade possui origem em comportamentos que se encontram na base da sociedade, que envolve a partilha e a troca dos frutos do trabalho. Hospitalidade implica mutualidade, troca e reciprocidade, e por meio dessas, sentimentos de beneficência e altruísmo.

O entendimento mais amplo a respeito da hospitalidade sugere, em primeiro lugar, que esta é, fundamentalmente, o relacionamento construído entre anfitrião e hóspede. Para ser eficaz, é preciso que o hóspede sinta que o anfitrião está sendo hospitaleiro por sentimentos de generosidade, pelo desejo de agradar e por ver a ele, hóspede, enquanto indivíduo. Em consequência, a hospedagem calculista, em que o hóspede percebe um motivo oculto pode ser contraproducente. ( Id. Ibid. p. 21)

Esse sentido da hospitalidade, enquanto elemento fundador da sociedade, atitude que permite receber o outro e permitir sua entrada em nosso espaço, é por vezes esquecido. Não raro se encontram estudos em que a hospitalidade é vista e às vezes interpretada como uma forma de administrar a recepção, como receber o outro, o estranho, o estrangeiro e até o conhecido, o familiar, o próximo.

Essa visão administrativa racional parece justificar formas de condutas ideais que devem ser adotadas como se existisse uma fórmula de hospitalidade. Ainda que seja importante reconhecer a pertinência da necessidade que se atente para atitudes hospitaleiras no mundo dos negócios, não se pode reduzir a hospitalidade a uma forma ideal de prestação de serviços de recepção, ou restringir seu significado aos serviços estritamente inerentes ao ramo da hotelaria, gastronomia, agências e transportadoras. Nesse enfoque, cujo predomínio se manifesta em estudos de autores norte-americanos, observa-se que há uma inclinação para a questão de qualidade nos serviços, tão discutida quanto a administração do atendimento no terceiro setor,

atribuindo a administração dessas atividades como formas de hospitalidade. Como exemplo dessa tendência, tem-se no Brasil Castelli (2000) e Kuzaqui (2000).

Também a literatura de recursos humanos, de marketing, de serviços, de produtos, de turismo e hotelaria discorre sobre a questão da qualidade, da padronização dos serviços e da retórica da excelência no atendimento. Alguns autores nacionais abrangem a questão da qualidade nos serviços, como: Lamprecht; Ricci (1997), Castelli (2000), Kuzaqui (2000), Petrocchi (2002). O que se coloca é se essa denominada excelência no atendimento não seria uma forma de receber, de atender a uma necessidade na aquisição de um objeto ou de um serviço, de escutar, de acolher? Também a questão da qualidade e da padronização de serviços não seria uma faceta da hospitalidade? A hospitalidade pode ser treinada e adquirida no decorrer do tempo ou é um procedimento natural, do indivíduo? Acredita-se que a hospitalidade pode ser um dom, um aprendizado, uma educação, uma orientação advinda dos laços e convívio entre os familiares que poderão ter reflexos para com a hospitalidade, o saber acolher, receber, hospedar, entreter quem chega, aquele que se dirige a uma casa, a um lugar, necessitando de alimento, abrigo, palavras, podendo ser uma visita esperada ou não.

Acredita-se que a hospitalidade pode ser aprendida, absorvida no decorrer do tempo, partindo-se do pressuposto de que a aprendizagem é uma característica básica da vida humana e que o ser humano é dinâmico e adaptável, muda suas concepções, suas visões de mundo, formas de ser, agir e proceder, acompanha e se molda às mudanças.

Uma interessante análise que demonstra a diversidade dos estudos de hospitalidade é a de Sansolo, citada por Dencker, em palestra realizada em São Luís do Maranhão em 2006<sup>108</sup>:

Os autores Raffestin (1997) e Defourmantelle (2003) consideram que a hospitalidade deve ser tratada do ponto de vista territorial. Apoiando-se nesses autores, o Dr. Davis Sansolo (2005) constrói sua argumentação de que a hospitalidade em um território é uma condição social. Seria um espaço no qual a população está preparada para receber da melhor forma o visitante. Sansolo cita que Raffestin (1997) indica a fronteira como pré-requisito da hospitalidade, Grinover (2002) que relaciona hospitalidade e urbanismo, Boff (2005) que considera a hospitalidade e o Estado Nação, e Cruz (2001) que relaciona espaço turístico e hospitalidade.

---

<sup>108</sup> Texto inédito.s/d,s/p, fornecido pela autora.



Somam-se a esses os estudos e pesquisas dos demais professores do programa de mestrado da Universidade Anhembi Morumbi, como por exemplo, Wada (2003); Camargo (2003); Rego (2003); Bastos (2003); Bueno (2003); Sansolo (2004); Pelizzer (2004), bem como as dissertações defendidas no programa, que somam mais de cem, e os artigos e produções de alunos publicados na Revista Hospitalidade, apenas para citar a produção existente nesse centro, que tem contribuído para ampliar o conceito, o significado, o entendimento e a visão que se tem e do que se entende por hospitalidade.

Não pretendendo esgotar um assunto de tão ampla complexidade, fez-se necessário tomar uma posição do que se entende por hospitalidade para embasar o desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado, que procurou refletir as relações possivelmente existentes entre a empregabilidade no turismo e a hospitalidade.

Acredita-se que se possa considerar que a hospitalidade, o ser hospitaleiro, está atrelada às relações estabelecidas num determinado grupo e situa-se na gênese das relações humanas. Há quem ainda conceba a idéia de hospitalidade como caridade, solidariedade, educação, postura, procedimento no relacionamento com o outro<sup>109</sup>.

Por outro lado, entende-se que a hospitalidade, no sentido de receber o outro no seu espaço, no seu estabelecimento, no seu lar, na sua cidade, pode ser elaborada, condicionada, ensinada, apreendida e aprendida, compartilhando a reflexão de Gallo<sup>110</sup> “Qualquer espaço social pode ser o lugar do aprendizado, do acesso aos saberes e de sua circulação e partilha, inclusive o próprio espaço do trabalho”.

O que não deveria ser confundido com hospitalidade seriam as características do indivíduo, ou seja, temperamento e comportamento de pessoas que são simpáticas, extrovertidas, solícitas e que estão sempre pré-dispostas a receber com sorrisos, graça, boas vindas.

A hospitalidade no *sítio* São Luis do Paraitinga pode ser percebida nos gestos, no olhar, no contato singelo e meigo do sitiante que, ao receber, acolhe com humildade, carinho e espontaneidade; seja na praça, no restaurante, no hotel, nas ruelas, na igreja, é perceptível a hospitalidade da comunidade luisense. O jeito de

---

<sup>109</sup> Essas concepções se retratam nos livros de literatura específica na área de hospedagem e hospitalidade, quando relatam os atos de caridade, solidariedade, praticados na antiguidade nos mosteiros, abadias, hospitais e casas de caridade.

<sup>110</sup> Silvio Gallo. Saberes, Transversalidade e Poderes. In: gallo@turing.unicamp.br.

ser do luisense cativa e encanta o visitante, deixa-o à vontade, leva a fluir e se envolver com o sitiante, o lugar, o ambiente, conforme GODBOUT (1999, p. 119):

Se devemos ir em direção ao outro sinceramente, isso significa que não o fazemos só para obter alguma coisa, mas porque o estamos “sentindo”, através de um “movimento” em direção ao outro. Encontramos essa idéia em todo o universo da dádiva. Perder para ganhar. Não se dá para receber, mas talvez para que o outro dê.

A atmosfera do ambiente e das pessoas no *sítio* São Luis do Paraitinga perpassa tranqüilidade, serenidade, acolhida e hospitalidade, percepções estas de pesquisadores, conforme discutido em capítulos anteriores, que escolheram o *sítio* para estudos e pesquisas, os empreendedores de pousadas e outros estabelecimentos que escolheram o *sítio* para morar e desenvolver atividades laborais, os visitantes que, conforme pesquisa realizada pela Universidade Paulista de um total de 64 turistas entrevistados, 100% dos respondentes disseram que voltariam e recomendariam São Luís do Paraitinga para que outras pessoas visitassem e, na mesma pesquisa, quando 104 residentes foram argüidos se São Luís do Paraitinga era um bom lugar para viver, 96% disseram que sim.

### **Hospitalidade do ambiente e das pessoas**

A hospitalidade envolve uma série de fatores como: a ambiência física do local, a acolhida pela prestação de serviços, que se fazem necessários a quem chega, quer seja na hospitalidade doméstica, na hospitalidade comercial ou na hospitalidade pública. Desta forma, aquele que chega pode perceber hospitalidade ao chegar na cidade, ao se instalar no hotel; mas, em contrapartida, pode não se sentir bem recebido no restaurante, na loja, no ingresso ao parque ou ao museu.

Nestes termos, como esse indivíduo avaliaria a hospitalidade da localidade visitada, onde permaneceu por diversos dias, fez uso de serviços de diferentes estabelecimentos? A hospitalidade estaria no lugar ou nas pessoas? Se o lugar é o resultado das relações humanas, dadas num determinado espaço no seu cotidiano, acredita-se que a hospitalidade, numa primeira instância, partiria do indivíduo, do ser humano, que age e interage no espaço, adaptando-o às diversas funções e necessidades dos atores; intercambiam atos, vivência e convivência nesse espaço, tais como: poder público, iniciativa privada, nativos, residentes, visitantes, turistas, entre outros que, conforme reitera MATHEUS (2002, p. 57) in DIAS (org.) (2002):

Os homens não trabalham sozinhos; pelo contrário, cooperam para atingir um objetivo comum, e durante esse processo de interação o homem introduz modificações fixas no ambiente natural, destinadas ao atendimento das necessidades básicas de abrigo ou à produção de outras coisas destinadas à satisfação das necessidades humanas.

Nesse sentido, acredita-se que a hospitalidade é um amálgama entre indivíduo e espaço e que ambos retratam sintomas de hospitalidade e acolhida, pois são interdependentes e intervenientes. Nesse sentido, a hospitalidade do lugar é percebida nos artefatos físicos e humanos.

Alcançar um equilíbrio satisfatório da hospitalidade no turismo seria uma tarefa árdua, quase que impossível, visto que não serão em todos os lugares e com todas as pessoas que o atendimento, a acolhida, o receber será satisfatório ao usuário em todos os momentos, dada a complexidade dos perfis dos visitantes e turistas e a segmentação do mercado de um determinado local turístico.

Se a hospitalidade é receber, acolher, incluir o outro, acredita-se que a hospitalidade seja um produto da soma entre: caridade, solidariedade, educação e postura. Conforme DIAS (2002, p. 98):

Originária da expressão latina *hospitalitasatis*, a noção de hospitalidade carrega sentidos diversos, como o ato de acolher, hospedar; a qualidade do hospitaleiro: boa acolhida, recepção; tratamento afável, cortês, amabilidade, gentileza. Enfim, uma noção complexa em que se misturam comportamentos, atos, qualidades, contextos, afetos, atitudes, virtudes e valores.

Existe uma associação comum entre o conceito de hospitalidade e caridade, decorrente da idéia de hospitalidade oferecida pelos mosteiros e igrejas. No que diz respeito à caridade, entretanto, o indivíduo pode ser caridoso para com o próximo, mas não necessariamente ser hospitaleiro; uma ajuda num momento de sobrevivência, de sanar a sede, a fome, o vestuário, o abrigo, estaria mais atrelado à questão de ser digno para com um outro de sua espécie, mas sem necessariamente haver um relacionamento, uma relação, um vínculo, o que está na base da hospitalidade. A hospitalidade se associa também, como vimos anteriormente, às idéias de solidariedade e também às questões referentes à educação.

Também é possível considerá-la em relação a um conjunto de regras pertinente a um ofício, uma profissão, a serem seguidas pelo indivíduo em suas atividades cotidianas e profissionais; nesses termos, fazem sentido as palavras de MATHEUS (2002, p. 57), in DIAS (org.) (2002):

A cidade sempre foi um lugar de liberdade, comunicação, criatividade e progresso. Para que continuem a desempenhar esse papel, as cidades devem ser capazes de receber e integrar seus moradores, sejam eles temporários ou não, desenvolvendo sentimentos de identidade, orgulho e cidadania, garantindo assim o bem-estar social, apoiado na segurança, na integração social, no desenvolvimento do emprego e no acesso diversificado a bens culturais e econômicos.

Se a cidade é constituída de cidadãos que agem e interagem no espaço, criam e recriam as ações para sua sobrevivência e felicidade, a hospitalidade, em princípio, estaria no indivíduo. É preciso pensar que a sociedade está permanentemente em mudanças de paradigmas, de valores, de posturas de pensamentos e, atualmente, a hospitalidade possui novas conotações.

Uma sociedade em constantes mutações precisa concomitantemente estar se adequando a essas mudanças e hoje, com o advento e crescimento das viagens, deslocamentos, a vida agitada, as diversas tarefas a serem desempenhadas no ambiente de trabalho, no lar, nas obrigações cívicas, religiosas, entre outras, requer também adequações, e todas essas tarefas e atividades são relacionamentos entre indivíduos da mesma classe social, econômica, cultural, ou não, mas que necessitam do estabelecimento de determinadas regras para que todas as atividades e tarefas ocorram de forma harmoniosa e satisfatória, e que se efetivem sem resultados desagradáveis,

Nesse sentido, pressupõe-se que a hospitalidade pode e tem sido ensinada, aprendida e apreendida, pode ser um processo de aprendizado, estruturado e customizado nas instituições que atendem aos viajantes, aos turistas. Segundo MONTANDON (2003), in DENCKER (2003), “essa forma de hospitalidade que acontece no turismo é uma performance que se realiza integralmente diferente da acolhida e da recepção da hospitalidade em que não existe certeza da troca”. Assim, a hospitalidade do turismo e da hotelaria seria entendida como sinônimo de boa acolhida, e nesse sentido o autor afirma ser possível denominar a acolhida comercial como hospitalidade, desde que haja acordo na definição.

Entende-se assim que, por intermédio de orientações, conscientização, cursos, palestras, elaboração de normas, procedimentos e padrões a serem seguidos, pode-se instruir à prática da hospitalidade, da forma como esta é concebida hoje, na área de prestação de serviços, mais enfaticamente no turismo.

Entretanto, não é só a forma de atender, receber o visitante e turista ensinada nas universidades que apontará a presença ou ausência da hospitalidade, o prazer

em fazer, em atender, em recepcionar; também pode ser percebida pelos gestos, semblantes, ações ou inações do funcionário, tom de voz, vocabulário adequado, ou seja, a postura do atendente, daquele que recebe e proporciona um dos primeiros contatos na e com a localidade e comunidade. Desta forma, pode-se refletir que a hospitalidade seria um *mix* entre: dons inatos + aprendizagem + orientação e informação, considerando ainda, conforme GALLO, que:

A inteligência, o pensamento, o conhecimento estão condenados à partilha, à abertura. O oceano do saber é tão grande que devemos todos aprender uns dos outros e não devemos excluir, a priori, nenhuma competência. Não há mais inteligência ou eficácia possível fora da livre troca dos saberes e das habilidades.

Nesse sentido, o visitante também poderá, ao compartilhar do espaço, dos serviços, da cultura local, repensar sua forma imperativa de atuar e se comportar nos lugares; há uma troca nesse relacionamento que também nos faz refletir o que é o bem receber, o bem acolher, a hospitalidade e até aprender novos procedimentos e prática da hospitalidade, havendo reciprocidade nesse vínculo estabelecido entre hóspede e hospedeiro.

### **A percepção da hospitalidade no turismo**

Atualmente, as pessoas se deslocam, viajam para diversos lugares e fazem uso de toda uma estrutura e infra-estrutura para efetivação deste deslocamento. As empresas existentes e que prestam serviços aos viajantes e turistas tiveram como um dos princípios, no momento de suas instalações, a prestação de serviços; a acolhida na agência para o interessado escolher, organizar a viagem ao destino pré-estabelecido, as empresas de transportes (aéreo, marítimo, fluvial, ferroviário e terrestre), serão os responsáveis por esse deslocamento, mais uma prestação de serviços envolvendo pessoas, relacionamentos; no destino, se fará uso de um meio de hospedagem, de um restaurante, de um posto de informações turísticas; se todos esses eventos envolvem pessoas (cliente – prestador de serviços) e esses serviços passarão por controle de qualidade no momento do uso, ou seja, na chegada ao destino, no atendimento, o bem receber, a acolhida, a inclusão do outro no meu espaço, requer o estabelecimento de padrões e regras a serem seguidas, além do tratamento afável, do sorriso, da simpatia, considerando que este procedimento seja praticado por ambas as partes: quem recebe e quem é recebido.

Ao visitarmos um parente, um amigo, tendo sido convidado ou não, sabemos e conhecemos as regras de comportamento, se estaremos por alguns momentos na casa do outro, sabemos como nos comportar; o mesmo procedimento deve ser seguido quando visitamos outros lugares, outros ambientes, quer seja uma cidade, um museu, um meio de hospedagem.

Hoje, os consumidores são mais esclarecidos e exigentes, versáteis, dinâmicos, diferentes uns dos outros; daí a necessidade do treinamento, da capacitação, da qualificação e otimização no atendimento, na acolhida, que requer a educação, a postura e a solidariedade entre os prestadores de serviços dentro e fora das empresas.

Se o turismo envolve prestação de serviços, supõe-se que o profissional que desempenhará o papel, função da hospitalidade, do atendimento, da acolhida, tem que estar apto para tal procedimento. A especificação dessas ações é inclusive objeto de regulamentação, por meio de norma técnica específica da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, que descreve procedimentos hospitalares em vários níveis operacionais<sup>111</sup>.

Uma outra questão, entretanto, que se considera como razoável supor, é que para que o relacionamento entre visitante/turista e colaboradores seja harmonioso, para que o funcionário possa acolher, é preciso que este tenha sido acolhido, no sentido de ter suas necessidades básicas supridas, ou seja, abrigo, alimento, educação e trabalho; seria preciso então que as necessidades inerentes ao ser humano fossem atendidas de forma adequada, para que esse pudesse desempenhar suas atividades e dar continuidade ao aprendizado da hospitalidade.

Embora se admita que a hospitalidade parte da apreensão e que poderá ser adquirida nos bancos escolares, não se deve esquecer que a formação e educação familiar, o convívio com o grupo, a cultura, os laços e herança da ancestralidade também fazem parte da constituição do ser hospitaleiro.

Entende-se que, no turismo, o funcionário é o indivíduo que presta o atendimento e para que esse atendimento seja hospitaleiro é preciso que o próprio funcionário seja atendido.

---

<sup>111</sup> Em 09 de abril de 2001, o Instituto de Hospitalidade (IH), com sede na cidade de Salvador – BA, aprovou as normas NIH 49 e NIH 50, que dispõem sobre a descrição das ocupações e os elementos de competência para a hospitalidade, para profissionais operacionais e para supervisores e gerentes, respectivamente. No dia 08 de outubro de 2001, o mesmo Instituto de Hospitalidade aprova a norma NIH 52, que discorre sobre a hospitalidade para instrutor. Dois anos mais tarde, no dia 27 de março de 2004, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) edita estas mesmas normas com os números ABNT NBR 15030, que dispõe sobre turismo – hospitalidade para profissionais operacionais, e ABNT NBR 15031, sobre turismo – hospitalidade para supervisores e gerentes.

Porém, para que o indivíduo possa ter um abrigo, o alimento, educação e até a continuidade no aprendizado, na capacitação; ele necessita de um emprego, uma ocupação remunerada, para que possa investir no aprendizado da hospitalidade, hoje vista como o bem receber, acolher, incluir, nos estabelecimentos que prestam serviço ao visitante/turista. WADA (2003, p. 62) cita GOTTMAN (2001, p. 493) in: DENCKER; BUENO (orgs.) (2003): “A hospitalidade é um processo de agregação do outro à comunidade e a inospitalidade é o processo inverso”.

Assim, para que se tenham comunidades hospitaleiras e aptas para atender o turista com um serviço de qualidade, é preciso incorporar nas ações que envolvem o desenvolvimento do turismo outras dimensões, como observa DENCKER (2003, p. 110):

As decisões que envolvem o futuro da hospitalidade precisam refletir questões como a equidade, a ética, o respeito, a valorização da vida, o orgulho da própria identidade, resultando em condições dignas de vida para as comunidades. É preciso que a qualidade da vivência do visitante esteja relacionada com a qualidade de vida do anfitrião.

Considerando as palavras de Dencker, entende-se que para que a hospitalidade chegue aos hotéis, aos restaurantes, às agências, ao consumidor, ela precisa antes ter se manifestado nas relações que se estabelecem entre os membros da comunidade receptora, contribuindo para a formação de um espaço hospitaleiro.

Desta forma, ainda que seja pertinente discutir a questão do treinamento para hospitalidade e capacitação dos recursos humanos visando o turismo, é possível observar que existem lugares onde a atmosfera do local transmite ares de hospitalidade, como resultado natural das relações que ocorrem entre seus habitantes, segundo PELLIZER (2004, p. 50), in DENCKER (coord.) (2004):

Ainda assim, destaca-se no turismo receptivo interiorano uma hospitalidade espontânea com que o turista ou visitante é distinguido. A hospitalidade da população do interior é cada vez mais qualitativa e quantitativa, o que vem permitindo o desenvolvimento do turismo especializado, ou segmentado, de tipo educacional ou pedagógico, que requer maior qualidade e proximidade no atendimento. Essas novas tendências estão modificando o modelo tradicional de turismo receptivo no interior do Estado, promovendo relações sociais mais hospitaleiras entre visitantes e visitados, mediante formas personalizadas de atendimento.

As considerações de Pelizzer trazem a análise para a questão da hospitalidade pública, para a comunidade em seu conjunto, tornando pertinente analisar o lado da comunidade local, já que é esta, por premissa, quem receberá,

dará abrigo, alimento, prestação de serviços, entretenimento, segurança e diversão, dividindo com o visitante e turistas o seu espaço, a sua cultura, os seus hábitos, suas festas e, em alguns casos, até suas particularidades; por conseqüência; para que este relacionamento esse vínculo temporário seja harmonioso, há que se pensar no exposto por SANSOLO (2001, p. 48):

Portanto, como turistas, temos que procurar nos adaptar ao ritmo dessas comunidades. Para que realmente possamos aprender com as culturas diferentes, temos que estar abertos aos costumes diferentes, e não exigir que essas pessoas se adaptem aos nossos costumes.

Isso significa que poderão ser estabelecidas regras, normas, padrões para a prestação de serviços e hospitalidade, mas que o visitante e o turista não são turistas o tempo todo; em algum momento ele também estará recebendo, acolhendo alguém e deverá respeitar assim como ser respeitado em seu ambiente, de trabalho, de residência, da cidade, ou seja, no seu espaço.

### **Inserção da comunidade no processo produtivo do turismo no *sítio* São Luís do Paraitinga**

Para saber se os recursos humanos atuantes no turismo eram provenientes da localidade ou de outros municípios e estados, bem como os empreendedores, fez-se um levantamento porta a porta. O procedimento adotado foi a entrevista, com roteiro semi-estruturado, realizada junto aos empreendedores, proprietários e funcionários dos estabelecimentos que atendem diretamente os visitantes e turistas, ou seja, meios de hospedagem, estabelecimentos da área de alimentos & bebidas e agências.

Restava definir o que seria considerado como comunidade local, definir se fazem parte desta apenas os nativos, ou os que firmaram residência na localidade por um determinado período, os proprietários de pousadas e demais estabelecimentos que nasceram em outra localidade, mas adotaram o município para implantar seu estabelecimento.

Para efeito dessa pesquisa, adotou-se o critério de considerar como pertencente à comunidade local: os que nasceram, os que não nasceram mas residem, os que escolheram o local para implantar seu empreendimento, os que não nasceram mas trabalham na localidade e, por questões práticas de deslocamento, resolveram residir na localidade e para lá se mudaram.



Conforme SWARBROOKE (2000, p. 59):

O conceito de comunidade local está na essência da maior parte da literatura sobre turismo sustentável. A maioria dos analistas parece concordar que o aspecto mais importante da política do turismo é a “proteção” da comunidade local e do seu meio ambiente. Uma das pedras fundamentais do turismo sustentável é a idéia de que a comunidade local deve participar ativamente no planejamento do turismo, e talvez controlar a indústria do turismo local e suas atividades. No entanto, a idéia da comunidade local é um conceito de difícil definição. Mais difícil ainda é achar mecanismos efetivos para conseguir a participação da comunidade como um todo, no processo de desenvolvimento do turismo.

As observações realizadas em São Luís do Paraitinga confirmam o exposto por Swarbrooke. Percebe-se, pelas evidências observadas nos depoimentos constantes no periódico local, nas entrevistas, nas conversas informais, nas observações dos fatos, na análise em dissertações de mestrado que abordavam o objeto de estudo São Luís do Paraitinga, que existe uma diversidade e disparidade de interesses particulares entre os envolvidos no turismo, mas há aqueles que se envolvem, se comprometem, se unem para organizar, desenvolver e realizar as atividades, os eventos, ou seja, se integram para agir e fazer acontecer. É suposto que divergências existam e sempre existirão numa dada comunidade, visto as diferenças e prioridades das necessidades de cada indivíduo que constitui a comunidade, considerando que as necessidades e prioridades serão diversificadas de acordo com a classe econômica, sexo, idade, profissão, dentre outras categorias.

É uma tarefa difícil atender aos interesses e anseios de uma comunidade, pois as necessidades são diferentes; segundo SWARBROOKE (2000, p. 63): atender às necessidades entre:

elites e o restante da população; residentes nativos e imigrantes; os que atuam na indústria do turismo e os que não atuam; proprietários e arrendatários de imóveis; pessoas mais jovens e pessoas mais idosas, empregadores e empregados, autônomos; os que possuem carros particulares e os que dependem do transporte público; residentes que estão bem de vida e os menos prósperos; pessoas que compraram a segunda moradia na região; as que foram viver na localidade, após terem se aposentado; operários imigrantes.

A análise e a interpretação dos resultados preliminares apontaram que os recursos humanos absorvidos nos empreendimentos que atendem aos visitantes e turistas têm seu quadro de colaboradores constituído de nativos, que a grande maioria dos proprietários é nascida em São Luís do Paraitinga, ou filhos de nativos, e os que não nasceram na localidade adotaram o município para residir ou abrir um

empreendimento por terem gostado do local, pela tranquilidade, cultura, povo humilde e acolhedor, além do calendário de eventos, que instiga a demanda turística em épocas de baixa sazonalidade, ou seja, de janeiro a dezembro sempre há algum evento, alguma festa, ainda e pelos recursos naturais e culturais existentes.

Os resultados das entrevistas demonstraram que a grande maioria dos colaboradores não tem formação e qualificação na área de turismo, hotelaria, gastronomia e afins, ou seja, a localidade absorve os recursos humanos locais, mas, por outro lado, estes não estão preparados para atender a uma clientela exigente e diversificada como tida na atualidade, segundo concepção de alguns empreendedores locais. A maioria dos entrevistados – dos colaboradores – não concluiu o ensino médio<sup>112</sup>, demonstrando uma baixa escolaridade, não possui curso técnico ou profissionalizante, não tem base nem fluência em outros idiomas e poucos demonstraram interesse em estudos voltados para o turismo, conforme exposto por alguns entrevistados. No que diz respeito aos proprietários, uma parcela possui o Ensino Superior completo; os que possuem pós-graduação e cursos superiores voltados para o turismo, são alguns proprietários das pousadas e agência de turismo.

Se o turismo é essencialmente prestação de serviços, supõe-se que os recursos humanos deveriam estar treinados e capacitados para o pleno desenvolvimento das atividades laborais nos diversos postos e ocupações de trabalho. Além da simpatia, da amabilidade e da cortesia, outros pré-requisitos como saber atender, resolver problemas, dinamizar o trabalho são fundamentais e que poderão ser adquiridos no processo de qualificação, capacitação e otimização desse recurso humano, cuja função compete ao interesse e à boa vontade do indivíduo em querer aprender, e à iniciativa pública e privada oportunizarem e facilitarem essa qualificação e capacitação. As interpretações preliminares das pesquisas realizadas nos remetem ao pensamento de BENI (2006, p. 52):

O principal benefício econômico mencionado na literatura são os empregos, diretos ou indiretos gerados na região de destinação turística. Não há dúvida sobre o número de postos de trabalho criados com a implantação de um empreendimento turístico. No entanto, é importante verificar que, muitas vezes, a população local não possui os requisitos básicos necessários para o preenchimento desses postos, que por falta de treinamento, por inexistência de habilidades relevantes, que por pouca educação formal, o que limita tais oportunidades de emprego a atividades modestas.

---

<sup>112</sup> Além das entrevistas realizadas pela pesquisadora, estudos realizados por alunos da Universidade Paulista para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico de São Luís do Paraitinga, apontaram que dos 104 entrevistados 37% tem o 1º grau completo, 50% o segundo grau completo e apenas 17% tem formação superior (pesquisa realizada em 2003).

Mas a questão da pouca educação formal a que se refere Beni não é tarefa exclusiva do turismo; pressupõe-se que para o desenvolvimento de atividades relacionadas a outros setores, a educação formal é fundamental, além de ser um direito do cidadão previsto pela constituição, conforme o Artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A falta de educação formal e qualificação não é um fato pontual de São Luís do Paraitinga; é uma realidade constatada em diversas regiões do Brasil e a educação formal é considerada uma das bases fundamentais para o exercício do cidadão em suas atividades laborais, conforme descreve LAGE; MILONE (2001, p. 185):

O sistema educacional deve, sem a menor dúvida, ser utilizado para o desenvolvimento econômico de um país. Além de possibilitar uma melhoria na distribuição de renda e um aumento considerável de riqueza, possibilita a ampliação da oferta de pessoal qualificado, com maior conhecimento sobre a potencialidade dos recursos econômicos disponíveis. Especificamente no caso brasileiro, apenas 34% dos alunos que ingressam no curso de primeiro grau de ensino básico chegam à sua conclusão, geralmente com 50% a mais de tempo de permanência que o previsto. No que se refere ao ensino de segundo grau, apenas 30% dos ingressantes chega a esse nível de escolaridade e, em se tratando do curso superior, somente 1% dessa população tem acesso às universidades.

Consideradas as informações dos autores Lage e Milone, constata-se que a questão da educação é um fator a ser repensado em âmbito federal, ou seja, iniciativa dos gestores do cerne da pirâmide, subsidiando o estado e os municípios no que tange à educação. Afinal, se há uma extensa e rica divulgação do destino Brasil no exterior, objetivando aumentar a demanda de fluxo de turistas, em contrapartida há de se oportunizar o preparo e capacitação do ser e dos recursos humanos.

O município de São Luís do Paraitinga não tem indústrias nem empresas de grande porte, sendo as ofertas de trabalho provenientes do setor público – prefeitura e seus departamentos -, o comércio local e o turismo; desta forma, se o turismo contribui com grande parte da empregabilidade absorvendo a comunidade local para atuar nas empresas, seria conveniente pensar em capacitar e otimizar esses recursos humanos, ainda seguindo as orientações e colocações de AULICINO (2001, p. 49):

Entre os impactos socioculturais do turismo está a questão da formação de recursos humanos, porque o turismo é, basicamente, um setor prestador de serviços, em que a mão-de-obra desempenha um papel muito importante. Esse fato é significativo, de uma maneira especial nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, nos quais a porcentagem de mão-de-obra disponível costuma ser elevada, principalmente em um mercado em que o ritmo e o nível de desenvolvimento industrial não consegue absorver. Entretanto, é preciso lembrar que muitas vezes esses mesmos países caracterizam-se por elevadas taxas de analfabetismo e baixos índices de escolaridade, e que, em contrapartida, os serviços turísticos requisitam pessoal razoavelmente qualificado. Assim, sendo a questão da expansão do turismo passa, então, pela necessidade de preparação desse pessoal, tarefa da qual podem encarregar-se tanto os setores públicos como os privados diretamente interessados.

Refletindo sobre o exposto por Aulicino, em São Luís do Paraitinga o município tem acesso ao ensino fundamental e médio oferecido pelas escolas municipais e estaduais. No que diz respeito ao ensino superior, assim como na maioria das localidades, o indivíduo ao intencionar cursar o ensino superior terá que competir com vagas em Universidades Federais ou Estaduais ou recorrer às Instituições particulares. Quanto aos cursos técnicos e profissionalizantes, o município, caso tenha interesse, deverá recorrer a uma escola particular, nem sempre tendo subsídios financeiros para arcar com custas e despesas de mensalidade, transporte, material didático, visitas técnicas, entre outros. Cabe aqui ressaltar que este também não é um problema pontual, ou seja, apenas em São Luís do Paraitinga.

O que pôde ser constatado nas pesquisas realizadas é que a iniciativa pública tem tentado oportunizar aos municípios cursos, palestras, oficinas realizadas no próprio município, firmando parcerias junto ao Sebrae, à Secretaria do Meio Ambiente, às Organizações Não Governamentais, às Faculdades, às Cooperativas, tendo o apoio dos empreendedores locais. Por outro lado, constatou-se nas entrevistas e depoimentos, que grande parcela da população é constituída por jovens, inclusive os que atuam nos estabelecimentos, tais como hospedagem, agências e alimentos & bebidas. Diversos empreendedores informaram, conforme as entrevistas, de que os jovens de São Luís do Paraitinga não querem trabalhar aos finais de semana, feriados e nos grandes eventos (os eventos mais significativos e freqüentados tanto por visitantes como pelos municípios são o Carnaval e Festa do Divino); os municípios querem participar e usufruir as festas; essa situação vai na contra mão do que o setor necessita, pois o que se sabe é que no turismo, enquanto um se diverte, o outro trabalha.

Constatou-se, por intermédio das entrevistas, que os cursos oferecidos pela Prefeitura local, em parceria e convênio com outros órgãos, não tiveram e não têm adesão dos munícipes; após o trabalho, estes querem descansar. Esta constatação não foi proveniente apenas por parte dos empregadores, alguns funcionários entrevistados também relataram a falta de interesse de alguns residentes em realizarem cursos.

Verificou-se que o município trabalha com um recurso humano em sua totalidade de nativos, incluindo-os nas diversas frentes de trabalho; por outro lado, falta a profissionalização, conforme relatado pelos empregadores, o que se considera como fator primordial, por ter São Luís do Paraitinga obtido o título de Estância Turística.

Por outro lado, o que pode ser observado e constatado nos empreendimentos em que a pesquisadora fez uso nas diversas vezes em que esteve no município realizando pesquisas, tais como, pousadas, hotéis, cafés, restaurantes, lojas, agências de receptivo, posto de informações turísticas, visitação ao patrimônio histórico e arquitetônico, igrejas, participação em festas, é que a mão-de-obra hoje atuante nos estabelecimentos relacionados ao turismo apresenta habilidades, sabem atender, têm percepção, desenvolvem as atividades inerentes à função com simpatia, empatia, diplomacia e educação, há uma preocupação com a qualidade e o desempenho dos estabelecimentos, retratada na ação da diretoria de turismo que realiza enquetes nos diversos estabelecimentos de hospedagem e restauração, por intermédio de questionários junto aos turistas, para avaliar os serviços e também pela constante presença dos empreendedores e proprietários nos estabelecimentos, orientando, supervisionando e prestando assistência aos funcionários.

Acredita-se que o atendimento também será adequado e moldado, ou seja, terá performance diferente, a cada tipo de turista e o motivo da viagem. Nos estabelecimentos existentes no município e o motivo da viagem não justificam a existência e permanência de alguns cargos e funções exigidas na hotelaria convencional e de rede e cadeias hoteleiras segmentadas para executivos, diplomatas, ou seja, outra tipologia de turismo, entre outras, tais como *maître*, *conciérge*, chefe de cozinha, etc, e sim um grupo de funcionários habilitados para suprirem as necessidades e anseios de acordo com o tipo de turismo desenvolvido no local.

GUERRIER; ADIB (2004, p. 362) declaram:

Embora haja um vasto leque de diferentes empregos disponíveis nesta área (indústria da hospitalidade), a maior parte da mão-de-obra é constituída por pessoal não especializado, semi-especializado ou especializado braçal.

A questão da mão-de-obra braçal, conforme exposto por Guerrier; Adib, e a não especialização no serviço para a área da hospitalidade, é discutível, pois o serviço braçal e a divisão do trabalho se fazem necessários; em todas as profissões há uma hierarquia, há diferenças de funções e cargos e uma não anula a outra; todas são necessárias, intercambiáveis e, em alguns casos, prioritárias, o que acontece na maioria dos empreendimentos voltados para o turismo. A higienização dos aposentos, das áreas de convivência, a recepção, a informação, a governança, a cozinheira, a copeira, o garçom, são exercícios fundamentais, que requerem pessoal especializado, ou seja, que saiba desenvolver bem as atividades específicas do setor; dessa forma, tem-se um trabalho braçal especializado e necessário que, conforme DEMO (1985, p. 52):

A desigualdade social tem também seu lado funcional. Distribui os papéis necessários ao funcionamento da sociedade. Não pode ser que todos sejam nobres empresários, intelectuais, técnicos, universitários. Precisamos igualmente do lixeiro, do trabalhador manual, do agricultor, do prestador de serviços. Certamente, a divisão do trabalho é um fenômeno necessário e o processo civilizatório baseia-se em grande parte nele.

Os que atuam no turismo em São Luís do Paraitinga precisariam atentar que as empresas que oferecem emprego no setor da hospitalidade estão mudando, exigindo a cada dia mais qualificação, podendo alterar o cenário atual de absorção de recursos humanos da localidade. Poderá se repetir aqui o que aconteceu em outros municípios que tiveram o turismo como uma opção de geração de renda, lucros e empregos e, na ausência de recursos humanos capacitados na comunidade local, não tiveram outra escolha a não ser importar recursos humanos capacitados de outras localidades.

O acolher, receber, hospedar, no campo comercial, requer mais do que o sorriso, a simpatia, a amabilidade; requer atendimento, acolhimento de acordo com um padrão mínimo estabelecido por regras, padrões e normas, para que o relacionamento e o vínculo entre hospedeiro e hóspede ocorra em harmonia, de forma que o munícipe, ao ser incluído nessa teia, inclua e acolha o estrangeiro, visitante, turista, o outro.

Mas se o sorriso, a amabilidade, a simpatia, os bons modos, já são características do luisense, admite-se que o treinamento pode ser realizado, adquirido, pode ser apreendido por intermédio do ensinamento no dia a dia e até conforme relatado pela proprietária da Pousada Nativa's, a sra. Sueli, o dom de receber pode ser hereditário, ou seja, a vivência, a educação, os vínculos, os hábitos, os costumes, a educação familiar também são alicerces que servirão de respaldo e procedimentos para atuar no turismo, praticando a hospitalidade.

Pode-se perceber essa forma de hospitalidade advinda da formação e educação de berço, do ambiente e convivência na família pela performance, atitudes, organização e forma de administração dos proprietários e comerciantes que são nativos como no caso da proprietária da Pousada Primavera, sra. Ana Maia, proprietária da Pousada Nativa's, sra. Sueli, o proprietário do Restaurante Cantinho dos Amigos, sr. Roberto, o proprietário da Agência Receptivo Paraitinga, sr. Rafael. Exceto o sr. Rafael, que tem formação superior na área de Administração com ênfase em Turismo e Hotelaria, os demais que não têm formação na área e nem curso superior, mas não deixam a desejar no que diz respeito na administração, organização do estabelecimento nem no atendimento ao turista, além de patrocinarem e participarem dos diversos eventos e festas desenvolvidos no município e contribuir com oportunidades de trabalho aos munícipes.

Esse relacionamento entre os munícipes, criando uma aliança, um vínculo entre e para com eles extensivo aos outros, ou seja, visitantes e turistas torna-se saudável, pois não é só o retorno do dinheiro que está envolvido, mas também a preocupação em compartilhar o espaço, o emprego, a festa, o alimento, a dignidade e a inclusão, como diz ZAOUAL (2006, p. 9), "O *sítio* é memória e ação, é virtualidade, mas também passado, futuros perdidos, experiências acumuladas, falas alternativas, regras de sociabilidade e compromissos comunitários".

Acredita-se, caso não fosse a percepção de amizade, solidariedade, simplicidade, autenticidade, tranquilidade e hospitalidade do *sítio* São Luís do Paraitinga, este não teria cativado e instigado tantos pesquisadores, estudiosos, visitantes, turistas e empreendedores em contemplarem, conhecerem, vivenciarem e se instalarem na localidade, essa aliança tríplice do dom: dar, receber e retribuir pode ser percebida entre os atores envolvidos no *sítio* estudado.

### **Funcionários e proprietários: o trabalho em turismo no *sítio* São Luís do Paraitinga**

Com o objetivo de averiguar o perfil dos funcionários e proprietários de estabelecimentos diversos que atendem, acolhem, recebem os visitantes e turistas, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, para que pudesse ser contextualizada com a teoria e problemática levantada que respaldou a dissertação.

Do universo de 84 estabelecimentos (vide apêndice E) que foram levantados, por intermédio do processo de varredura, na área central do município, foram efetivamente entrevistados 27 proprietários (vide apêndice F) dos respectivos estabelecimentos e, nesses mesmos estabelecimentos, foram entrevistados 28 funcionários.

A Prefeitura Municipal da Estância Turística de São Luís do Paraitinga forneceu à pesquisadora uma relação de apêndices por logradouro; de posse desta relação, foi realizado um levantamento porta a porta; entretanto, muitos estabelecimentos, tanto no que diz respeito à natureza do estabelecimento, bem como a razão social e a numeração dos respectivos imóveis, nem sempre correspondiam e conferiam com a relação fornecida pela prefeitura; adotou-se então, para realização das entrevistas, a relação que foi efetuada por intermédio do processo de varredura, ou seja, percorreram-se as ruas da área central e escolheram-se os estabelecimentos que seriam entrevistados, pois pela natureza e prestação de serviços acreditou-se que estes eram caracterizados para atendimento aos visitantes e turistas, tais como: meios de hospedagem, estabelecimentos de alimentos & bebidas e agências, posto de informações turísticas.

Buscaram-se dados junto à prefeitura local objetivando obter informações referentes ao número de funcionários existentes em cada estabelecimento e quanto o setor do turismo absorvia dessa mão-de-obra, mas a prefeitura local não disponibiliza destes dados.

Dos 28 funcionários entrevistados, dezessete são nativos e onze são procedentes da região, ou seja, nasceram nos municípios circunvizinhos, tais como: Mogi das Cruzes, Ubatuba, Taubaté, Tremembé, Lagoinha, Cunha, Lorena e uma funcionária que nasceu em Guarulhos, SP. Esta funcionária, não encontrando emprego em São Paulo e tendo surgido a oportunidade em estagiar na Pousada Sertão das Cotias, a família mudou-se para São Luis do Paraitinga e, terminando o estágio, a funcionária foi efetivada. A maioria dos entrevistados reside há mais de



dez anos na localidade, exceto três dos entrevistados, sendo que dois moram em Lorena e viajam todos os finais de semana e uma que reside em Lagoinha e também viaja todos os finais de semana, - as despesas com viagens são subsidiadas pelos proprietários dos estabelecimentos – os funcionários não arcam com tais despesas, quanto a deslocamento e hospedagem.

Cabe informar que, por São Luís do Paraitinga não disponibilizar de maternidade, as parturientes eram e são assistidas nos hospitais e maternidades de municípios circunvizinhos, tais como Tremembé e Taubaté, entre outros da região; desta forma, os nascidos eram registrados nos cartórios próximos às maternidades; obtendo alta, a mãe e o recém-nascido voltavam para São Luís do Paraitinga. Nesse sentido, diversos cidadãos luisenses são registrados como nascidos na localidade onde foram assistidos pela maternidade.

A maioria dos funcionários é de jovens, principalmente aqueles que ocupam cargos e funções na área de alimentos & bebidas, recepção, governança, cozinha, agências e guias turísticos. Esses dados compactuam com as palavras de GUERRIER; ADIB, in LASHLEY; MORRISON (2004, p. 363)

A indústria da hospitalidade, particularmente o setor de restaurantes, também emprega uma grande proporção de jovens. O trabalho em restaurantes proporciona a primeira experiência de trabalho para muitos desses jovens e representa uma renda extra para os estudantes.

Se a absorção de mão-de-obra para o turismo no *sítio* de pertencimento simbólico de São Luis do Paraitinga é constituída praticamente de jovens, constatação esta obtida por intermédio das entrevistas e da observação direta dos fatos, parece atender às expectativas da nativa Dona Cinira Pereira dos Santos, em entrevista concedida ao pesquisador Rogério Ribeiro da Luz<sup>113</sup>, conforme depoimento que segue:

**Rogério:** Na sua opinião, o que ainda falta para São Luís do Paraitinga se tornar uma cidade completa?

**Vó Nira:** *Olha, se fosse possível, trabalho para essa moçada boa não ter mais que sair daqui. Da querida São Luís do Paraitinga.*

Observou-se ainda que outros estabelecimentos, tais como: supermercados, lojas de roupas, casas de artigos e materiais escolares e de escritório, casas de

<sup>113</sup> LUZ, Rogério Ribeiro da. *São Luís do Paraitinga: o último reduto caipira*. São Paulo: BH Gráfica e Editora, 2004. O paulistano Rogério Ribeiro da Luz é engenheiro civil, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Conselheiro do CONDEPHAAT.

materiais de construção, farmácias, boutiques, imobiliárias, entre outros, absorvem a mão-de-obra local sendo familiares, parentes, amigos e conhecidos, e a maioria dos empreendimentos são de administração familiar, cujos proprietários são nativos.

Dos funcionários entrevistados nos diversos estabelecimentos, estes ocupam as funções de: camareiras, recepcionistas, atendentes, garçons, copeiro(a)s, cozinheiro(a)s, padeiro(a)s, confeito(a)s, ajudantes de cozinha, ajudantes de padeiro, caixas, balconistas, reservas, lavanderia, ajudantes gerais e diaristas; em alguns estabelecimentos, determinados funcionários atuam em diversas atividades, fazendo de tudo um pouco, de acordo com a situação e o movimento no estabelecimento.

A maioria dos entrevistados tem o curso fundamental completo e diversos estão cursando o nível superior, sendo alguns já formados em: Geografia, Comunicação, Administração, Turismo, Hotelaria, História, Ecoturismo, Direito. Esses funcionários que têm formação superior, ou em curso, atuam como funcionários nos estabelecimentos que atendem aos visitantes e turistas, mas diversos têm uma outra atividade em paralelo, ou seja, alguns ministram aulas na rede pública municipal e estadual da região, estudam, trabalham em outros estabelecimentos como temporários ou diaristas.

Os entrevistados informaram terem participado de palestras, cursos e eventos oportunizados em convênio entre a prefeitura local, Sebrae, Senac, Fundo de Amparo ao Trabalhador, Secretaria do Meio Ambiente, entre outros, que oportunizaram esclarecimentos e informações nas áreas de: recepção e atendimento, turismo rural, artesanato, panificação, marketing, recursos humanos e departamento pessoal, propaganda e publicidade turística, receptivo, informática, biodiversidade, implantação e administração de empreendimentos turísticos, pedreiro, ajudante de pedreiro.

Observou-se, por intermédio dos depoimentos dos funcionários entrevistados, que o órgão público local - prefeitura, Diretoria de Turismo, - tem iniciativa e procura, em parcerias com outras instituições, proporcionar noções, informações, esclarecimentos e orientação, oportunizando aos interessados o envolvimento e a integração em cursos, palestras e eventos gratuitos, o que nos remete a refletir e verificar um certo antagonismo no depoimento de alguns empreendedores, que informaram não haver interesse por parte dos funcionários na conscientização, no

treinamento e no aprendizado por parte da população local para o turismo, para a hospitalidade, para a empregabilidade.

Da análise das informações obtidas nas entrevistas formais e informais, nos depoimentos e reportagens nos periódicos, observou-se que o órgão público local participa e colabora com uma parcela desta orientação, conscientização e informação; por outro lado, os proprietários, conforme consta nos depoimentos dos entrevistados, orientam, treinam, capacitam o funcionário a desempenharem suas atividades rotineiras; diversos dos funcionários entrevistados informaram já terem atuado na área em outros estabelecimentos, apresentando algum conhecimento, experiência, vivência e disponibilizando habilidades para o desenvolvimento das tarefas pertinentes à função.

Nas entrevistas realizadas foi constatado que diversos funcionários, além da formação do ensino básico, médio e superior, realizaram cursos voltados para a área de turismo e hotelaria, em nível técnico e superior; esses dados revelam que os funcionários estão conscientes do potencial turístico do município e as oportunidades que isso pode vir a oferecer na questão da empregabilidade.

Tem-se então que os funcionários, os nativos que atuam nas diversas frentes de trabalho nos estabelecimentos voltados para o turismo, possuem noções e práticas para a receptividade, a acolhida, a hospitalidade e continuam buscando aperfeiçoamento dentro das possibilidades que lhes é pertinente, pois, conforme DEMO (1985, p. 49):

A própria vida é processo infindável de aprendizagem e, neste sentido, de socialização. Quando mudamos do campo para a cidade, quando passamos de uma cidade pequena para uma grande, quando deixamos o país e passamos a viver no exterior, quando mudamos de emprego, assumimos adaptações comportamentais e nos integramos no novo ambiente.

Os entrevistados informaram que quando mudam de emprego, é por ofertas melhores de trabalho, ou seja, muitos mudaram por questões de melhores condições de trabalho, salário e registro em carteira. Desta forma, subentende-se que os luisenses estão se moldando às mudanças e têm expectativas de que o turismo poderá vir a proporcionar melhorias e empregabilidade.

Os funcionários, quando argüidos se o fato de São Luis do Paraitinga ter se tornado estância turística e ter havido um aumento na procura de visitantes e turistas no município ajudou ou melhorou de algum modo a vida e a situação dos residentes,

informaram que sim, com certeza, pois o comércio depende do turismo e os funcionários dependem do comércio e dos estabelecimentos de turismo para disponibilizarem empregos, e essas vagas, como pode ser constatado, são oportunizadas em primeira instância para os indivíduos que nasceram e para aqueles que escolheram São Luís do Paraitinga para morar, trabalhar e/ou implantar um estabelecimento voltado para o turismo ou para o comércio.

Esses postos de trabalho, além de oferecer emprego com registro em carteira, concedem aos funcionários benefícios, tais como; cesta básica, gratificações, uniforme, alimentação; alguns estabelecimentos ainda oferecem assistência médica, auxílio escola (parte de pagamento para cursos profissionalizantes), como é o caso da Padaria Nossa Senhora Aparecida, que oportuniza cursos de confeitiro, padeiro para os funcionários, convidando profissionais da área para orientar, ensinar e treinar os interessados, sem subsídios para os funcionários; é também o caso do Restaurante Cantinho dos Amigos, que subsidia passeios, viagens e visitas a outros lugares e estabelecimentos aos funcionários, para que estes passem a ser os clientes, observando e avaliando o atendimento – ou seja – como deve ou não ser feito, como agir, como se comportar diante do visitante, turistas, cliente. Entende-se que a comunidade luisense vai se moldando às mudanças, vai se adaptando, mas sem depender e aceitar de imposições externas, pode-se perceber que os luisenses estão fazendo proveito do turismo e acompanhando as novas necessidades e exigências da comunidade, dos empreendedores, dos visitantes e dos turistas, conforme expõe ZAQUAL (2006, p. 208).

Tais iniciativas se desdobram em escalas microscópicas que lhes dão maior flexibilidade com relação às necessidades locais. Com dinamismo, as organizações que são ditas informais combinam a criatividade local e as contribuições externas sob forma de *colchas de retalhos tecnológicos*<sup>114</sup>, mas não de pacotes de desenvolvimento fechados à participação e à imaginação locais.

O resultado percebido por esta investigação demonstrou que o cidadão luisense está vendo o turismo como uma oportunidade de inclusão e hospitalidade, num primeiro momento para com o nativo e o residente, para que se possa então fazer usufruto do lado positivo que a atividade turística proporciona, gerando, mesmo que de forma distinta e acanhada, frentes de trabalho para a população local, extensiva aos residentes dos municípios dos arredores, advindos da preservação e

---

<sup>114</sup> Grifo do autor.

conservação da cultura local, dos hábitos, dos costumes, do cotidiano, do *sítio* de pertencimento simbólico e também por aspectos de solidariedade e familiaridade percebidos pela forma de contratação dos funcionários.

A maioria dos funcionários contatados e entrevistados teve conhecimento da disponibilidade da vaga de emprego nos empreendimentos por intermédio de parentes, amigos, vizinhos e alguns poucos casos de estudantes que, por terem intenções de morar no município, procuraram disponibilidade de estágios nos empreendimentos do local, tendo sido efetivados nos respectivos estabelecimentos posteriormente. Constatou-se que a forma predominante de contratação de funcionários nos estabelecimentos em São Luís do Paraitinga é efetivada por indicação, o que coincide e endossa as constatações de pesquisas realizadas por DUTRA (2002, p. 84):

Existem várias formas de contato da empresa com o mercado de trabalho. As mais comuns são; indicações, anúncios, agentes especializados em captação e banco de dados. Entretanto, nossas pesquisas revelam que a forma de contratação por indicação é a forma mais utilizada pelas empresas para fazer contato com pessoas no mercado de trabalho. Em pesquisa realizada na Grande São Paulo, em 1994, verificamos que 70% das posições de nível superior eram preenchidas por pessoas indicadas. Nos anos de 1998 e 1999, verificamos que mais de 80% das pessoas encaminhadas para os serviços de recolocação foram reaproveitadas graças a suas redes de relacionamentos. Em outros países, a situação não é diferente: em pesquisa realizada pela Dreak Beam Morin (DBM) da Austrália, quase 75% das posições de nível superior foram preenchidas por indicação. Em trabalhos com clínicas temáticas, **verificamos que para posições que não requerem nível superior esse índice é maior**<sup>115</sup>. Algumas empresas criam programas para incentivar seus empregados a indicar pessoas conhecidas para as posições abertas, porque essa forma de fazer contato com o mercado cria um critério de seleção, é mais econômica e muito mais rápida.

Os entrevistados atuam nas respectivas empresas há mais de dois anos, tendo funcionários que estão na mesma empresa há quinze anos. No processo de contratação adotado pelos estabelecimentos locais, observa-se que, além dos candidatos terem experiências anteriores em outros estabelecimentos do ramo – ou não – o fator indicação como alternativa de seleção e contratação remete ao exposto por MARTINS (2006, p. 105):

O valor-confiança constitui um atributo que apenas se desenvolve primariamente no nível das relações da dádiva, no dar ao outro gratuitamente um crédito de honra, no acreditar que ao se dar esse crédito a alguém ele será retribuído com algo que faça circular adequadamente a confiança inicialmente depositada.

---

<sup>115</sup> Grifo nosso.

Parte-se do pressuposto de que se a comunidade for absorvida e incluída nesses postos de trabalhos oportunizados pelos estabelecimentos que se propõem a atender os visitantes e turistas, acredita-se ser esta uma forma, um procedimento de hospitalidade, de acolhida, daquele que hospedará e acolherá o de fora.

Com a finalidade de se obter dados sobre os proprietários dos estabelecimentos e de que forma estes contribuem para uma relação amistosa junto aos nativos e residentes, no que concerne à questão da oportunidade de inclusão nas frentes de trabalho voltadas para o turismo, de forma direta ou indireta, formal ou informal, foram entrevistados vinte e sete proprietários nos ramos de meios de hospedagem, alimentos & bebidas e agências voltadas para o turismo receptivo.

Pelos dados obtidos, verificou-se que, dos vinte e sete proprietários entrevistados, quatorze nasceram e residem em São Luís do Paraitinga, tendo um estabelecimento voltado para a área de turismo, e treze dos que não são nativos nasceram nos municípios de Taubaté, Redenção da Serra, Pindamonhangaba, Campinas, Minas Gerais, Tremembé, São José dos Campos, Rio de Janeiro e São Paulo, mas tiveram como opção residirem e implantarem um estabelecimento no município.

Os motivos que induziram esses proprietários a se instalarem e abrirem um estabelecimento voltado para o turismo são diversificados, ou seja: alguns por disponibilizarem de propriedades no município, advindas de herança familiar, outros por terem se aposentado e gostarem do lugar, atrelado ao fator do município ter se tornado estância turística e também por ter havido ultimamente um crescimento da demanda turística no local; estes fatores instigaram os proprietários a investirem na localidade.

Por unanimidade, todos os empreendedores entrevistados informaram dar preferência para os nativos e residentes ocuparem os postos de trabalhos disponíveis no empreendimento, além de orientarem e treinarem os funcionários quanto às atividades a serem desempenhadas por cada função. Como exposto anteriormente, muitos dos funcionários têm alguma experiência na função a ser desempenhada, pelo fato de já terem trabalhado em outros estabelecimentos anteriormente, além do respaldo fornecido pelos proprietários em passar informações adicionais, explicar, orientar o funcionário quanto aos procedimentos e ações.

Quanto à formação acadêmica e profissional dos proprietários, apenas cinco dos entrevistados, além de terem formação em outras áreas, buscaram formação em nível superior e de pós-graduação nas áreas específicas, ou sejam, turismo, hotelaria e gastronomia. Estes proprietários realizaram cursos em Administração

Hoteleira na Faculdade Senac, Administração em Turismo e Hotelaria na Faculdade de Taubaté, Ecoturismo na Faculdade Senac e Turismo com ênfase em Eventos na Universidade Paulista de São José dos Campos; os demais entrevistados que possuem curso superior são nas áreas de: Direito, Engenharia, Medicina, Geografia, História, Comunicação Social, Propaganda e Publicidade, Educação Física. Entretanto, os proprietários viram em São Luis do Paraitinga uma oportunidade em investirem e terem retorno com empreendimentos turísticos, oportunizando paralelamente frentes de trabalho aos nativos e residentes. O fato de não terem formação específica na área de turismo, principalmente no que tange aos procedimentos operacionais, não são vistos e tidos como obstáculo, posto que a experiência e vivência em outras áreas são úteis e adaptáveis ao setor de serviços, conforme menciona MELÉNDEZ<sup>116</sup>:

*La recomendación para los nuevos profesionales del turismo es que aún cuando hayan invertido mucho tiempo y dinero en un área específica, no hay que tener miedo a los cambios porque las experiencias pueden aplicarse hacia otras áreas del turismo y sectores conexos. Las decisiones que se tomen con respecto a su carrera y al empleo, deben ser consideradas como parte de un proceso en su vida, no como una situación terminal. Estamos frente a una Era dinámica y el cambio, es parte de ese proceso.*

Nesse sentido, observou-se que o fato dos empreendedores e proprietários não terem formação específica em turismo, hotelaria ou gastronomia não intimida nem compromete o desenvolvimento das atividades, o atendimento e a hospitalidade. Alguns proprietários, como por exemplo, a proprietária da Pousada Primavera, o proprietário da Pousada Rural – Morada dos Curiangos e o proprietário da Vila Verde Pousada, viajaram e viajam para conhecer e se interar das novidades no que diz respeito ao atendimento, aos serviços, as novidades na área, além de lerem e estudarem como autodidatas.

Conforme entrevista com a sra. Ana Maia, proprietária da Pousada Primavera, antes do turismo os nativos iam trabalhar fora. Essa informação foi de considerável importância, pois os que estão envolvidos direta ou indiretamente com o setor do turismo observaram e tiveram oportunidades de inclusão nesse processo, seja atuando nos diversos e diferentes postos de trabalhos oferecidos nos meios de hospedagem, nos restaurantes, nas agências, ou em outros setores que também

---

<sup>116</sup> Anaida Meléndez é mestre em Arquitetura e Professora da Universidad del Zulia, Venezuela. Pesquisadora do Instituto de Investigaciones de la Facultad de Arquitectura, Maracaibo, Venezuela.

obtiveram oportunidades, tais como: os artesãos, os artistas, as lojas de souvenirs e outros segmentos do comércio.

Os empreendedores e comerciantes, além de contribuírem com as oportunidades de empregos, freqüentemente patrocinam e incentivam as festas locais; há sempre o apoio destes no que diz respeito ao incentivo, patrocínio, subsídios financeiros para a realização de eventos; isso pôde ser constatado nos jornais locais, nos diversos cartazes de divulgação dos eventos distribuídos pelo município, bem como na participação como visitante e pesquisadora em eventos realizados em diversas datas e com temáticas diferentes.

Há ainda aqueles que, por não dependerem do retorno advindo do estabelecimento para sua sobrevivência e manutenção, contribuem com benfeitorias para com a comunidade, como é o caso do sr. Manoel Rômulo Cembranelli<sup>117</sup>, proprietário da Destilaria Mato Dentro, que hoje mora no sítio onde funciona a Destilaria. Após sua aposentadoria, ele e a esposa resolveram morar em São Luís do Paraitinga, alegando que gostam da cidade e do povo. O sr. Manoel Rômulo treina os funcionários, traz professores de fora para ministrar palestras, cursos, emprega hoje seis funcionários fixos na destilaria, concedendo salário, alimentação, seguro de vida e residência. O proprietário subsidiou a reforma, ampliação e pintura da Santa Casa de Misericórdia<sup>118</sup> – hospital local. Organizou, incentivou e realizou o Primeiro Festival da Cachaça em São Luís do Paraitinga, em parceria com a Secretaria da Cultura e a Secretaria do Turismo e informou que as parcerias são fundamentais para o bem estar de todos inclusive destacou que o prefeito atual, o sr. Danilo, conseguiu muitas coisas para os Luisenses, pois sempre vai para São Paulo reivindicar melhorias para o município.

Outra contribuição do sr. Rômulo, conforme relatado pelo mesmo em entrevista, foi o depoimento que segue:

---

<sup>117</sup> O sr. Manoel Rômulo é aposentado em Direito. Mora em São Luís do Paraitinga no sítio onde passava finais de semana e férias junto à família. Hoje lá funciona a Destilaria Mato Dentro (sítio, área para eventos, que é alugada para festas de batizados, casamentos, entre outras confraternizações). O proprietário – sr. Rômulo, realizou cursos e estudou química e destilaria, tem diversos livros na área, os produtos são controlados pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo e do Instituto Adolpho Lutz. A destilaria tem registro na prefeitura de São Luís do Paraitinga. Exporta para os Estados Unidos e Itália. A esposa do proprietário realizou cursos para a confecção de licores e compotas. A Destilaria é aberta para visitaçao todos os dias da semana.

<sup>118</sup> Matéria divulgada no periódico local, o jornal "O Paraitinga" nº 1, em 18 de março de 2005, página 4.



*Para a cachaça exportação, é utilizada uma rolha especial com base de madeira e reforço de cortiça. Essa rolha era comprada em São Paulo, a um custo unitário de R\$ 0,80. Ao consultar um marceneiro local, foi feito um teste artesanal que não obteve resultado desejado. O marceneiro disse que precisava de um pequeno torno para realizar o trabalho, mas que não dispunha de capital para isso (R\$ 4.000,00). O senhor Manoel Rômulo procurou um financiamento e assinou como avalista do marceneiro. Desde então, as rolhas exportação são produzidas a um custo unitário de R\$ 0,30, além de fornecer emprego para mais 4 familiares do marceneiro<sup>119</sup>.*

Além do exemplo exposto do proprietário da Destilaria, o sr. Rômulo, há também um outro exemplo, demonstrado pela iniciativa da sra. Ana Maia, proprietária da Pousada Primavera, conforme reportagem divulgada no periódico local, o jornal “O Paraitinga”, nº 4, setembro/outubro de 2006, página 7, em matéria intitulada “Interior é Terra de Folclore”, por Nara Galvão, jornalista responsável:

*Quase toda cidade do interior tem folclore, São Luís do Paraitinga também. Tem pessoas que se interessam e apesar de muita dificuldade está levando o que é nosso para se apresentar em outras comunidades mais atentas ao folclore. É o caso do Projeto Pimentinhas, que conta com um grupo de Moçambique com 32 crianças, que já viajaram para Cotia, Campos do Jordão, Lagoinha e agora vai para Ubatuba se apresentar no evento “Caiçarada”, onde mais de vinte grupos folclóricos, até de outros estados, estarão se apresentando. Gostaria que isto fosse incentivado a outras pessoas que adotassem o exemplo do projeto, que apesar das dificuldades traz orgulho e alegria a quase oitenta crianças e a todos nós luisenses. Para maiores informações sobre o projeto, fone: (12) 3671-1289.*

Tais iniciativas e procedimentos demonstram que mesmo nos paradigmas da contemporaneidade, onde o lucro, o ter, o ser, o poder ainda se manifestam, há comunidades que conseguem sobreviver num estilo mais humano, mais integrador, mais acolhedor, quer seja para com os seus, quer seja para com os de fora.

Observou-se nas pesquisas, nas vivências, nos convívios, nas conversas, que o povo luisense ainda mantém laços, vínculos, relacionamentos possíveis de inclusão, de dádiva e de hospitalidade.

Os que não são nativos, mas que escolheram o município para residirem, trabalharem, estudarem, pesquisarem, também acabam se envolvendo nessa aliança do dar, receber e retribuir.

<sup>119</sup> Entrevista concedida em 18 de Janeiro de 2007, às 11:25h, na Destilaria Mato Dentro.

Essa aliança compactuada entre nativos, residentes, empreendedores, poder público, iniciativa privada, entre outras diversas instituições, demonstra a acolhida, o intercâmbio de interesses e forças que, unidas, constituem o *sítio* de pertencimento em São Luis do Paraitinga, pelos procedimentos percebidos na acolhida pelo nativo, de quem chega para ficar, de quem chega e vai embora, pois veio apenas para visitar e o que veio de fora, se instalou, acolheu e recolheu o nativo em seu estabelecimento, em sua casa, dividindo e usufruindo o mesmo espaço, do mesmo lugar e do trabalho; isso nos remete a refletir as palavras de Godbout (1997, p. 40): “A Hospitalidade não consiste em dar um espaço ao outro, mas em receber o outro no seu espaço. O espaço é sempre de quem recebe, do doador”.

A análise e interpretação dos dados aqui apresentada procurou focar o recorte específico da pesquisa, atendendo os questionamentos e hipóteses iniciais e procurando ir além dessas na busca de outras possíveis explicações e fatos relevantes. A adoção de perguntas abertas, bem como a liberdade dada aos respondentes para que fizessem observações, todas devidamente anotadas, permitiu a identificação eventual de novas variáveis intervenientes não previstas na problemática original, o que foi possível por se tratar de uma pesquisa qualitativa. A correlação com outras fontes de evidência, bem como com o referencial teórico ao longo da dissertação, ao mesmo tempo em que eram apresentadas as evidências colhidas em campo, foi também uma opção metodológica. Não se pretendeu chegar a uma conclusão e sim desvendar possíveis relações entre as evidências encontradas ao longo da imersão realizada pela pesquisadora em campo. Talvez os resultados aqui descritos possam vir a contribuir para a geração de novas formas de abordagem na condução de processos de planificação turística.

## Considerações Finais

Em princípio, o que se pretendeu nessa dissertação não foi dar um diagnóstico definitivo sobre a situação do turismo em São Luís do Paraitinga, e sim experimentar uma nova abordagem do problema de produção do turismo e suas implicações no mercado de trabalho, tomando como ponto de partida uma nova forma de ver e interpretar essas questões, a partir da teoria da dádiva e dos processos de inclusão e exclusão do mercado de trabalho, respaldada na teoria do *sítio* simbólico de pertencimento proposto por Zaoual, teoria esta que ajudou a explicar as evidências e fatos observados pela pesquisadora e documentados em outros trabalhos realizados, os quais contribuíram para evidenciar a importância de organizar e planejar a atividade econômica e turística de um determinado lugar, a partir dos anseios, modo de vida e referencial simbólico da própria comunidade, respeitando sua forma de ver e construir seu mundo.

A importância da adoção dessa nova perspectiva é o entendimento do motivo pelo qual ações e planos transplantados de uma realidade cultural para outra tendem a não obter os resultados esperados. As especificidades de cada local fazem com que a idéia de uma solução global para os problemas se mostre equivocada, na medida, como diz Zaoual, que cada comunidade possui uma *caixa preta* com a qual decodifica as informações recebidas de fora e cria respostas gerando novas realidades. As experiências mostram que planos implantados dessa forma padronizada tendem a não surtir resultados que correspondam aos investimentos feitos, o que acarretaria prejuízos de diversas ordens para todos. Assim, ainda que não se queira contestar a importância do planejamento para a implantação de novas atividades econômicas em economias locais, aponta-se que é necessária uma profunda revisão das formas pelas quais se dá esse planejamento e quais os atores que nele devem ser envolvidos.

Entende-se que é preciso preparar para o turismo e para a hospitalidade, gerando uma atmosfera atraente e harmônica, tanto para o turista quanto para a comunidade. Tanto a distribuição do trabalho, como a repartição de seus resultados econômicos, são fatores importantes para a constituição de uma atmosfera hospitaleira. Os *sítios* são realidades misteriosas que não permitem ao estranho desvendá-lo em um primeiro olhar. Isso interfere nas ações dos técnicos e planejadores que pensam haver entendido a realidade local, a partir de dados

estatísticos, mapas e relatos, esquecendo que essa realidade é vivida por pessoas sem as quais nenhum plano poderá dar resultado. Assim, é fundamental que o planejamento busque formas menos imperativas, partindo da falsa premissa de que os problemas são iguais em comunidades diferentes.

Essa reflexão é especialmente importante em face de um dos principais problemas que angustiam as pessoas na contemporaneidade: a questão do desemprego e das oportunidades que a cada dia se encolhem diante das mudanças de paradigmas, dos costumes, dos valores, dos hábitos e da globalização, contribuindo, de certa forma, com a falta de expectativa para os indivíduos. O trabalho é um importante fator na definição da identidade dos indivíduos e está vinculado aos elos de pertencimento do indivíduo com o seu local. Ao investigar essas relações, essa pesquisa percebeu que as relações de trabalho que se formam quando da introdução da atividade turística são muito importantes para a definição de uma atmosfera local mais ou menos hospitaleira.

Ao se investigar, analisar e refletir, se percebeu que existem formas de se atenuar a problemática do desemprego formal e informal e que algumas localidades conseguem aproveitar as oportunidades proporcionadas pela prática da atividade turística para gerar frentes de trabalho para a comunidade, sob a perspectiva das próprias iniciativas locais.

A escolha do município de São Luís do Paraitinga, para a pesquisa de campo, se mostrou acertada, pois o município apresenta características no seu desenvolvimento que se aproximam da filosofia dos *sítios* e também das questões da dádiva e hospitalidade, permeadas pelos vínculos e alianças estabelecidas entre nativos, residentes, empreendedores, comerciantes, órgão públicos e demais instituições que contribuem, de alguma forma, para com a organização das atividades existentes no local, inclusive o turismo.

No decorrer da investigação, explanou-se que os problemas e antagonismos demonstrados na questão da educação, do treinamento, da mão-de-obra despreparada, a questão da baixa escolaridade e da falta de frentes de trabalho não é uma questão pontual e sim generalizada, ou seja, o fenômeno está presente em diversos municípios, estados e países, sendo que alguns lugares souberam como aproveitar melhor suas potencialidades, transformando-as em oportunidades e empregabilidade, sem perder e abandonar suas raízes, sua cultura; pelo contrário, unidos e engajados por intermédio do turismo, tentam e persistem em manter e

enaltecer tudo que lhes é próprio, ou seja, como o *sítio* de pertencimento que não se restringe apenas ao município, mas se expande pela região, pelos entremeios dos demais municípios circundantes.

Se a tríplice aliança do dar, receber e retribuir sem interesses apenas econômicos, mas sim pelo vínculo estabelecido entre os envolvidos, sendo a hospitalidade tão antiga quanto o homem, na contemporaneidade se faz necessário definir quem vai assumir determinadas funções e papéis que se relacionam com essas questões, o que desperta o interesse de pesquisadores sobre o tema. A opção, dentro dos recortes possíveis, de relacionar a questão sob a ótica da inclusão por intermédio da empregabilidade proporcionada pelo turismo, mas no sentido de primeiro proporcionar a hospitalidade, o acolhimento do sitiante (o homem da situação), para que este acolha o de fora, adotada nessa pesquisa, se mostrou bastante relevante em função dos resultados obtidos.

As pesquisas, os relatos, os depoimentos expostos e a discussão realizada remetem a que é possível a prática e o desenvolvimento do fenômeno turístico de uma forma mais integradora e acolhedora e que nem sempre é o turismo a causa das inseqüências e problemas para o local, no que diz respeito à inclusão e à exclusão, mas que é sim possível e exeqüível essa perspectiva do turismo servir como indutor e condutor de inclusão. Acredita-se que essa história possa ser mudada, se observarmos que o “excluído” não está fora do sistema; ele faz parte dele.

Nesse caso, pela análise realizada no município de São Luís do Paraitinga, convenceu-se de que a teoria dos *sítios* proposta sob um novo paradigma é viável, aceitável e realizável; depende do quanto e como o *homo situs* esteja convencido e envolvido, enfatizando o *homo situs* em detrimento do *homo economicus*, discernindo sobre a diferença entre crescimento e desenvolvimento, este último significando, então, não as sociedades que crescem, mas aquela que cresce para ser mais habitável. O crescimento é apenas um instrumento de projeto de vida, onde o ter está em função do ser. Para a teoria dos *sítios*, o ser é mais importante do que o ter e hoje novos valores, novos paradigmas surgem com o intuito de provocar novas reflexões, novas visões e percepções do nosso estar no mundo.

Espera-se ter contribuído para a sociedade acadêmica com um outro olhar e forma de percepção para entender e conceber a dádiva, a hospitalidade, a inclusão; os vieses e lacunas que porventura não foram contemplados poderão ser

considerados como propostas de novos temas e recortes a serem desvendados por outros pesquisadores, ou quem sabe numa próxima etapa, ou seja, o doutorado.

Gostaria de encerrar essas considerações com uma frase de Demo, que nos faz refletir e vem endossar a teoria dos *sítios*: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que inversamente, determina a sua consciência”.

Pode-se dizer que os desafios e objetivos propostos no programa de mestrado foram alcançados pelo intermédio da realização das investigações. O desenvolvimento e elaboração do presente trabalho oportunizou à pesquisadora uma nova forma de ver e entender o planejamento da atividade turística, até então não refletida e absorvida durante seus anos de estudo e docência na área; a teoria dos *sítios* veio contribuir para com uma nova abordagem e atuação na área acadêmica e profissional, remetendo a pesquisadora a buscar respostas para novas indagações. Julga-se que o desenvolvimento deste trabalho, permeado e respaldado por ampla e complexa bibliografia, as pesquisas de campo, a vivência, convivência e experiência no *sítio* São Luís do Paraitinga, descortinou um novo cenário, um presente e futuro olhar, caminhar e interpretar a dádiva, a hospitalidade, o turismo, o *sítio* simbólico de pertencimento e a forma de organização diferenciada para a atividade turística.

Novos valores, novos ritos, novos mitos foram desvendados. Considera-se que no desenvolvimento desta pesquisa, em todos os seus momentos, esteve presente a tríplice aliança: do dar, receber e retribuir: nas aulas, o convívio com os colegas, com o corpo docente, a participação em congressos e seminários, tanto como ouvinte ou como expositora, o vínculo e o relacionamento com a comunidade de São Luís do Paraitinga e até com pesquisadores de outras Instituições de Ensino Superior, que tiveram como opção estudar o mesmo *sítio* simbólico de pertencimento, momentos em que idéias foram intercambiadas, vindo sempre como contribuição, reconstruindo o pensar, o agir, o refletir.

Percebeu-se que um pequeno e singelo lugar tem muito a oferecer, a ser desbravado, a ser dividido e oferecido. Ao compartilhar com a comunidade local os saberes, a história, a memória de São Luís do Paraitinga, surgiram outras inquietações que poderiam ser investigadas e reveladas por intermédio de outras pesquisas, como sugestão: “A Dádiva e a Hospitalidade na Festa do Divino Espírito Santo de São Luís do Paraitinga”, evento este de muita relevância e valor para a

comunidade local, que demonstra o compromisso, o vínculo, o dar, receber e retribuir; outro tema interessante, “A praça e o mercado: espaços de convivência e hospitalidade”, tendo como objeto de estudo a Praça Oswaldo Cruz, em São Luís do Paraitinga, e o seu Mercado Municipal, lugares estes onde os encontros acontecem: a festa, o comício, as compras, as trocas.

Em resumo, as desconstruções e reconstruções de teorias, conceitos, concepções, formas de ver e interpretar o planejamento, o turismo, a hospitalidade e a dádiva, proporcionadas durante a realização desta pesquisa, foram enaltecidas para o conhecimento, aprendizado, amadurecimento, que se considera apenas como mais uma etapa, ou seja, outras contribuições ainda estão por vir pois, conforme DEMO (1995, p. 37): “Todo cientista, ao fazer ciência, saberá que não faz a ciência, mas oferece apenas um enfoque, um ponto de vista, uma interpretação, já que ele próprio não passa de um cientista.”.

Finalmente, almeja-se que esta interpretação venha de certa forma contribuir para a sociedade acadêmica, refletir e reconstruir novos rumos, contribuindo para o permanente saber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Brasil, defendida no ano de 1998, sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani.

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: Introdução ao Jogo e a Suas Regras*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ANDRADE, Juvenal Barreto Borriello de; CAMPOS, Sérgio de Siqueira. *Vale do Paraíba um Gigante Adormecido para o Turismo: Propostas para Dinamizar a Hotelaria Local*. Trabalho de Conclusão de Curso. Pós-Graduação em Administração Hoteleira. São Paulo: Centro de Educação em Turismo e Hotelaria – SENAC, 2002.

AULICINO, Madalena Pedrosa. *Turismo e estâncias: impactos e benefícios para os municípios*. São Paulo: Futura, 2001.

BAPTISTA, Isabel; CARVALHO, Adalberto Dias. *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Lisboa: Porto Editora, 2004.

BAPTISTA, Isabel. *Lugares de Hospitalidade*. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.) *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2002.

BARBOSA, Claudia Ricciuti. *A Introdução da Hospitalidade nos Cursos de Hotelaria em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2005.

BASTOS, Sênia. *Hospitalidade e História: A Cidade de São Paulo em Meados do Século XIX*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BENI, Mário Carlos. *Globalização do Turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.

\_\_\_\_\_. *Política e Planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.

BOTTERILL, David. *Método científico-social do conhecimento da hospitalidade*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas Para Um Mundo Globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo – Instituto Brasileiro do Turismo. *Programa Nacional de Municipalização do Turismo*. Brasília, DF: MICT/EMBRATUR, 1994.

\_\_\_\_\_. *Política Nacional de Turismo - Diretrizes e Programas 1996 – 1999*. Brasília, DF: MICT – EMBRATUR, 1996.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Administração Municipal para o meio ambiente: roteiro básico*. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, DF: 1993.



BRASIL. Ministério do Trabalho. Centro de Estatística – Rais, Dados sobre o número de trabalhadores nos subsetores que compõem o Turismo. Brasília, 2004.

BROTHERTON, Bob; WOOD, Roy C. *Hospitalidade e a administração da Hospitalidade*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas Para Um Mundo Globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BUENO, Marielys Siqueira. *Festa dos Santos Reis: Uma Forma de Hospitalidade*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CAILLÉ, Alain: *Critique de la raison utilitaire*. Paris, La Découverte, 1989.

\_\_\_\_\_. *Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13 nº 38. São Paulo: Outubro de 1998.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima Camargo. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

\_\_\_\_\_. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

\_\_\_\_\_. *Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico*. In: *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano III, nº 2 p. 11 – 28. 2º sem. 2006.

\_\_\_\_\_. *Os Domínios da Hospitalidade*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CASTELLI, Geraldo. *Administração Hoteleira*. 7. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

CONRAD, Lashley; MORRISON, Alison (orgs.) *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. *A Exclusão / Inclusão Social e o Turismo*. In: I Ciclo de Debates: Turismo e Inclusão Social. Fortaleza - CE, 2003.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia Introdução a Ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto, 2000.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sociologia: Uma Introdução Crítica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

\_\_\_\_\_. *Participação é Conquista*. In: BROMLEY, Ray; BUSTELO, Eduardo S. (orgs.) *Política X Técnica no Planejamento*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo*. São Paulo: Futura, 1998.

\_\_\_\_\_. (Coord.). *Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

\_\_\_\_\_ ; BUENO, Marielys Siqueira. (orgs.) *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_ ; DA VIÁ, Sarah Chucid. *Pesquisa Empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)*. São Paulo: Futura, 2001.

DIAS, Reinaldo. *Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Célia Maria de Moraes. *"Home away from home". Evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria: um estudo compreensivo*. 1990. Dissertação (Mestrado) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo: 1990. In: PIRES, Raquel D'Alessandro. *Os cursos superiores de Hotelaria no Estado de São Paulo nos anos 90*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP: 2005.

DIAS, Célia Maria de Moraes. *O Modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2002.

DUTRA, José Souza. *Gestão de Pessoas: modelo, processos, tendências e perspectivas*. São Paulo: Atlas, 2002.

DYE, T. *Understanding Public Policy*. 7ª ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1992. In: HALL, Colin Michael. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001.

FARIA, Vilmar. *Cinqüenta anos de urbanização no Brasil*. In: Novos Estudos. São Paulo: CEBRAP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos*. In: *Sociedade e Política no Brasil Pós 64*. SORJ, Bernardo; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FERNANDES, Ivan Pereira; COELHO, Márcio Ferreira. *Economia do Turismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FOURASTIÉ, Jean. *Lês trente glorieuses ou lá révolution invisible de 1946 a 1975*. Paris, Foyoral, 1979. In: RUSCHMANN, Doris van de Meene. *Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do Meio Ambiente*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – FIPE, *Meios de Hospedagem: Estrutura de Consumo e Impactos na Economia. Apresentação dos resultados* – Resumo Executivo, 2006.

GARCIA, Manuel Enriquez. *Absorção de Mão-de-Obra, Escolaridade e Salários na Hotelaria Brasileira*. In: Turismo Em Análise. Volume 7, no. 1, maio de 1996. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dívida*. Tradução: Patrice Charles F. X. Wullaume. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. Receber é dar. In: Communications, nº 65, 1997.

GRINOVER, Lúcio. *A Hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.

GUERRIER, Yvonne; ADIB, Amel. *O Trabalho na Indústria da Hospitalidade*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas Para Um Mundo Globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

HERCULANO, Selene. C. *A qualidade de vida e seus indicadores*. In: Ambiente e Sociedade. Campinas: Nepam: Unicamp, ano 1, nº 2, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Anuário Estatístico do Brasil, 1971.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO. *Município: Potencial Turístico: Orientação às Prefeituras Municipais*. Brasília, DF: EMBRATUR, 1992.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA, *Objetivos de desenvolvimento do milênio: relatório nacional de acompanhamento*, 2005.

KNAFOU, Remy. *Turismo e Território: por uma abordagem científica do turismo*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.). *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Tradução: Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2000.

KUAZAQUI, Edmir. *Marketing Turístico e de Hospitalidade: Fonte de Empregabilidade e Desenvolvimento para o Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

LAGES, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. *Economia do Turismo*. Campinas, Papirus, 1991.

LAGES, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. *Economia do Turismo*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAHR, Maria Cristina Zerbo. *O Profissional da Hotelaria: Uma abordagem Exploratória de Sua Formação*. 2004. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo: 2004.

LAMPRECHT, James; RICCI, Renato. *Padronizando o Sistema de Qualidade na Hotelaria Mundial: como implantar a ISO 9000 e ISO 14000 em hotéis e restaurantes*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

LOCKWOOD, Andrew; JONES, Peter. *Administração das operações de hospitalidade*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas Para Um Mundo Globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

LUNDENBERG et al, *Tourism economics*. New York: John Wiley & Sons, 1995.

LUZ, Rogério Ribeiro da. *5 Cidades Paulistas. Uma pequena viagem*. São Paulo: KMK, 2002.

\_\_\_\_\_. *São Luís do Paraitinga: o último reduto caipira*. São Paulo: BH Gráfica e Editora, 2004.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. *Diretrizes para o turismo sustentável em municípios*. São Paulo: Roca, 2002.

MARTIN, Vanessa. *Manual Prático de Eventos*. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta Bivar C. (orgs.). *Polifonia do Dom*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MATHEUS, Zilda Maria. *A idéia de uma cidade hospitaleira*. In: DIAS, Célia Maria de Moraes. *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2002.

MATTOSO, Jorge Eduardo Levi; OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. *Crise e Trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado?* São Paulo: Scritta, 1996.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, v.II, 1974.

\_\_\_\_\_. *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. [1950]. In. *Sociologie et anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966. p. 145-79

MELÉNDEZ, Anaída. *Paradigma de una Nueva Era del Turismo y su Relación con el Ambiente y con las Oportunidades de Empleo Turístico*. In: Turismo em análise. V.7, nº1. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, maio de 1996.

MENEZES, Claudino Luís. *Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. A experiência de Curitiba*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

MONTANDON, Alain. *Hospitalidade Ontem e Hoje*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade*: São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MOURA, Antônio de Paiva. *Turismo e festas folclóricas no Brasil*. In: *Turismo e Patrimônio Cultural*. FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime Pinsky (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2002. 2. ed.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Introdução ao Turismo*. Traduzido por: Dolores Martin Rodrigues Córner. São Paulo: Roca, 2001.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO – OMT, *Proyecto de Libro Blanco: Una Mirada al Futuro del Turismo de la Mano de la Organización Mundial del Turismo*, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

PASTORE, J. *Legislação Trabalhista, Emprego e Renda: A Reforma Necessária. Seminário sobre Desenvolvimento com Liberdade*. Brasília, 2005.

PELIZZER, Hilário Ângelo. *Planejamento e Gestão da hospitalidade no turismo receptivo*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (coord.). *Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

\_\_\_\_\_ ; SCRIVANO, Nivaldo Bruneau. *Administração e Gerenciamento de Agências de Turismo*. São Paulo: Edicon, 2005.

PETROCCHI, Mário. *Hotelaria: planejamento e gestão*. São Paulo: Futura, 2002.

\_\_\_\_\_ . *Turismo Planejamento e Gestão*. São Paulo: Futura, 1998.

PIRES, Raquel D'Alessandro. *Os cursos superiores de Hotelaria no Estado de São Paulo nos anos 90*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP: 2005.

REGO, Raul Amaral; SILVA, Edson Aparecido Silva. *A atmosfera das Cidades e a Hospitalidade*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RENO, Denis Porto. *Retrato de Tradições Sobreviventes na Cultura Paulista*. Universidade Metodista de São Paulo. Trabalho apresentado na UNESCO, em outubro de 2006.

RODRIGUES, Adyr B. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. 2ª.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_ . *Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e Enfoques Regionais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, Carlos Alberto; TREVISAN, Daniela; SAITO, Mika. *Ensaio para Uma Gestão Integrada: A sustentabilidade do Núcleo Santa Virginia e do Município de São Luís do Paraitinga*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Núcleo de Informações em Saúde Ambiental. São Paulo: USP, 2003.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

RUSCHMANN, Doris Van De Meene. *Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SANSOLO, Davis Gruber. *Educação Ambiental e Ecoturismo*. In: Boletim de Turismo e Administração Hoteleira. Centro Universitário Ibero – Americano. Vol. 10, nº 1 (maio 2001). São Paulo: UNIBERO, 2001.

\_\_\_\_\_. *Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. (Coord.) *Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. *A Festa do Divino de São Luís do Paraitinga: O desafio da cultura popular na contemporaneidade*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton; OLIVEIRA, Maria Laura. *O Brasil território e sociedade no século XXI*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SÃO PAULO (Estado) - SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. *Planos de Manejo das Unidades de Conservação - Parque Estadual da Serra do Mar Núcleo Santa Virginia/Natividade da Serra. Fase 1 Plano de Gestão Ambiental*. São Paulo: SMA, 1998.  
SERVIÇO NACIONAL DO COMÉRCIO - SENAC. *Programa Nacional de Municipalização do Turismo*. Apostila, 1994.

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SPECTOR, Nelson. *Manual Para a Redação de Teses, Projetos de Pesquisa e Artigos Científicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

SPOSATI, Aldaíza. *Exclusão Social*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.

SWARBROOKE, John. *Turismo Sustentável: meio ambiente e economia*. Vol.2. Tradução: Esther Eva Horovitz. São Paulo: Aleph, 2000.

TELFER, Elizabeth. *A filosofia da "hospitalidade"*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas Para Um Mundo Globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

TOLEDO, Marcelo Henrique Santos. *Espaços Individuais e coletivos de sacralidade nos meios populares*. Um estudo sobre imagens, conflitos simbólicos e campo religioso. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). 2001. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC - SP, 2001.

TOLEDO, M. H. do S. *Breve Histórico do Núcleo Santa Virgínia. Relatório Interno*, 5p. In: Secretaria do Meio Ambiente Governo do Estado de São Paulo. *Planos de Manejo das Unidades de Conservação*. Parque Estadual da Serra do Mar. Núcleo Santa Virgínia – Natividade da Serra. São Paulo: SMA, 1998.

UNIVERSIDADE PAULISTA. *Plano de Desenvolvimento Turístico da Estância Turística do Município de São Luís do Paraitinga*. (Curso de Turismo). São Paulo: UNIP, 2003.

WADA, Elizabeth Kyoko. *Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAOUAL, Hassan. *Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.

## BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: Resumos: Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BARRE, Raymond; MARCHAL, André. *Manual de Economia Política*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1970.

BISSOLI, Maria Ângela Marques Ambrizi. *Planejamento Turístico Municipal com Suporte em Sistemas de Informação*. São Paulo: Futura, 1999.

BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: 1988* – texto constitucional de 5 de outubro de 1988, com as alterações pelas Emendas Constitucionais de nº 1, de 1992, a 40, de 2003, e pelas Emendas Constitucionais de Revisão de nº 1 a 6, de 1994. – 21ª ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003.

BRUSANDIN, Leandro Benedini. *Estudo do Programa Nacional de Municipalização do Turismo no Estado de São Paulo: Estudo de Caso do Município de Altinópolis*. São Paulo: UAM, 2005, sob a orientação da Profa. Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker.

CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Vol.I 6ª ed. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CONNELLY, Stephen; RICHARDSON, Tim. Exclusion: *The Necessary Difference between Ideal and Practical Consensus*. *Journal of Environmental Planning and Management*. Vol. 47, nº 1, 3-17, January 2004.

DURKHEIM, Émile. *Lições de Sociologia*. Introdução Georges Davy. Tradução: STAHEL, Mônica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: 1994.

FUNARI, Pedro Paulo, PINSKY, Jaime. (organizadores) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2002.



GOTTMAN, Anne. *La question de l'hospitalité aujourd'hui*. In: *Communications*, nº 65, 1997.

HALL, Michael C. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto, 2001.

IGNARRA, Luís Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira, 1999.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. *Urbanização Turística Um Novo Nexo Entre o Lugar e o Mundo*. In: LIMA, Luís Cruz (Org.). *Da Cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza: UECE, 1998.

MICHAUD, Jean Luc. *Le Tourisme face à l'environnement*. Paris: PUF, 1985.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO – MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Diretrizes Para Uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília, DF: EMBRATUR/IBAMA, 1994.

MOESCH, Marutschka. *A Produção do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.

PASIN, José Luís. *Os Barões do Café, Titulares do Império do Bananal*; revisão e apêndice de L. de A Nogueira Porto. São Paulo: Governo do Estado, 1980.

PEARCE, Douglas G. *Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens*. Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2003.

\_\_\_\_\_ ; BUTLER, Richard W. *Desenvolvimento em Turismo: Temas Contemporâneos*. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). *Turismo e Desenvolvimento Local*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. *Cidades Turísticas: Identidades e Cenários de Lazer*. São Paulo: Aleph, 2004.

TRIGO, Luís Gonzaga Godoi. *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. *Diretrizes e Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses/ Universidade Anhembi Morumbi: (NBR 14724/2002)*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2005.

VASCONI, Mônica. *Geografia Del Turismo Y Planificación Espacial en Argentina*. Buenos Aires: Centro de Investigación Y Capacitación Empresaria – CICE, 1996.

WHEELER, Stephen, M. *Planning For Sustainability: creating livable, equitable and ecological communities*. London and New York: Routledge, 2004.

YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Pequena Hotelaria e o Entorno Municipal: Guia de montagem e administração*. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. *Turismo: uma esperança condicional*. 2<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Global, 1999.

## DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

CONELESTE. Site oficial. Disponível em:

<http://www.coneleste.com.br/saoluisdoparaitinga/index.htm>, acesso em 20/02/2007, às 17:50h

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br>. Acesso em 16/06/2007, às 17:27h

ENCICLOPÉDIA WILKIPEDIA ON LINE. Disponível em <http://www.wikipedia.com>. Acesso em 16/06/2007, às 17:20h

FOLHA ON LINE. "Prefeitura de São Paulo sanciona lei que cria do Dia do Saci. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u91337.shtml>. Acesso em 11/03/2004, às 23:16h

GALLO, Silvio. *Saberes, Transversalidade e Poderes* [on line]. Disponível via [www.URL - http://www.educacaoonline.pro.br/saberes\\_transversalidades.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/saberes_transversalidades.asp). Acesso em 18/05/2005, às 11:31h.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Site oficial de Bento Gonçalves, disponível em <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br>, acesso em 12/04/2007, às 15:41h

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Site oficial de Canela, disponível em <http://www.canela.rs.gov.br>, acesso em 12/04/2007, às 15:30h

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Site oficial de Gramado, disponível em <http://www.gramado.rs.gov.br>, acesso em 12/04/2007, às 15:37h

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DE SÃO PAULO. Site oficial, disponível em <http://www.sescsp.org.br>, acesso em 21/05/2007, às 16:40h

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. Site oficial. Disponível em: <http://www.metodista.br>, UNESCO. CAPES/FAPESP. ISBN: 8587589 – 63 – 6 CDROM

VALE DO PARAÍBA (SP). Site oficial turístico, disponível em <http://www.exploravale.com.br>, acesso em 21/05/2007, às 12:20h

VALE DO PARAÍBA (SP). Site oficial, disponível em <http://www.valedoparaiba.com.br>, capturado em 21/05/2007, às 11:35h

## PERIÓDICOS

### JORNAIS

A GAZETA DOS MUNICÍPIOS. Tremembé – SP. Período: 27 de junho a 14 de julho de 2002. p. 4 e 5.

A GAZETA DOS MUNICÍPIOS. Tremembé – SP. Ano XII, nº 4. julho de 2002.

A GAZETA DOS MUNICÍPIOS. Tremembé – SP. Ano XVIII, nº 1. abril de 2007.

DIÁRIO DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Quinta-feira, 02 de junho de 2005. Caderno Viajar. p. 6.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Quinta-feira, 11 de março de 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Sábado, 06 de setembro de 2006. Caderno Cotidiano. p. 3.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Sábado, 17 de março de 2007.

JORNAL DO CARNAVAL. São Luís do Paraitinga – SP. Ponto Mídia Comunicação, 2006.

JORNAL VALEPARAIBANO. São José dos Campos – SP. Domingo, 10 de dezembro de 2006. Primeiro caderno – Patrimônio Público/Cidades. p. 26 e 27.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Segunda-feira, 08 de setembro de 2003. Caderno Cidades. p. 3.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Domingo, 18 de setembro de 2005. Caderno 2. Cultura. p. 7.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo - SP. Sábado, 29 de outubro de 2005. Caderno Cidades. p. 4.

O PARAITINGA. São Luís do Paraitinga – SP. Nº 1. Sexta-feira, 18 de março de 2005.

O PARAITINGA. São Luís do Paraitinga – SP. Nº 2. Maio/Junho de 2005.

O PARAITINGA. São Luís do Paraitinga – SP. Nº 3. Julho/Agosto de 2005.

O PARAITINGA. São Luís do Paraitinga – SP. Nº 4. Setembro/Outubro de 2006.

**REVISTAS**

CARNAVAL. Revista Giro das Estradas. Ano 4 - nº 20. Nova Dutra - Concessionária da Rodovia Presidente Dutra S.A. p. 6, Janeiro/fevereiro de 2007.

Revista 50 & Mais. São Paulo – SP. Ano 1 - nº 10. ESS editora. p. 14, 15 e 16, s/d.

Revista Gente da Caixa. Ano 3 – nº 13. Produção TV 1 Editorial, Jan/fev 2007.

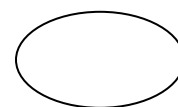
Revista Horizonte Geográfico. Ano 16 - nº90, s/d.

Revista Nosso Feriado. Ano 1 – nº 1. PONTO MÍDIA. p. 17,18,19, 20 e 21, s/d.

Revista Nosso Feriado. Ano 3 – nº 5. PONTO MÍDIA. Revista na íntegra. 25 p., s/d.

Revista Turismo em Números. Ano 4 - ed. nº 43. SINDETUR – SP, 2005.

Revista Turismo em Números. Ano 5 – ed. nº 51, 2006.

**Apêndice A: Entrevista com proprietários****PROPRIETÁRIO**

PESQUISADOR:

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

HORA: \_\_\_\_:\_\_\_\_

EMPRESA:

NATUREZA:

ENDEREÇO:

NOME DO PROPRIETÁRIO:

Nasceu em SLP?

 Sim       Não

Se não, onde nasceu? Procedência.

Há quanto tempo reside em SLP?

POR QUÊ ESCOLHEU SLP PARA IMPLANTAR O SEU EMPREENDIMENTO?

TEM FORMAÇÃO NA ÁREA DE TURISMO, HOTELARIA, GASTRONOMIA OU AFINS?

 Sim       Não

Se sim, qual?

Se não, realizou algum curso para orientar os funcionários?

Oferece treinamento aos funcionários?

Realiza pesquisa junto aos clientes, para monitorar a qualidade?

Quantos funcionários? Incluindo sócios, parceiros. Discriminar.

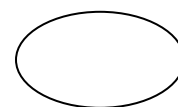
Qual a média de atendimento/ dia?

A empresa dá preferência para os residentes ocuparem as vagas disponíveis?

Quais tipos de benefícios a empresa oferece aos funcionários?

Os funcionários têm formação acadêmica, técnica e de graduação?

Em quais áreas?

**Apêndice B: Entrevista com funcionários****FUNCIONÁRIO**

PESQUISADOR: DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ HORA: \_\_\_\_:\_\_\_\_

EMPRESA:

ENDEREÇO:

NOME:

NASCEU EM SLP?

 Sim                       Não

Se não, onde nasceu? Procedência.

Há quanto tempo reside em SLP?

Por quê escolheu SLP para morar?

Por quê escolheu SLP para trabalhar?

Cargo: Função na empresa:

Há quanto tempo trabalha na empresa?

Como ficou sabendo da disponibilidade de vaga na empresa?

Qual sua formação acadêmica?

Realizou cursos nas áreas de turismo e afins? Qual (is).

Fala algum idioma? Quais?

Tem curso de informática?

 Sim                       Não.

Idade: \_\_\_\_\_

Teve ou tem algum treinamento específico na área em que atua, proveniente da iniciativa da empresa?

 Sim                       Não

Se sim qual o tipo de treinamento e em que área?

Quem orientou no desempenho das atividades exercidas?  
Já trabalhou em outra empresa em SLP, anteriormente?

(    ) Sim                    (    ) Não

Se sim, qual?

Por que saiu?

(    ) foi demitida(o)            (    ) pediu demissão            (    ) ganha mais na atual empresa

(    ) outros. Especifique:

Quais os benefícios concedidos pela empresa, além do salário?

- (    ) Assistência Médica
- (    ) Alimentação
- (    ) Auxílio escola
- (    ) Cursos e treinamentos
- (    ) Cesta básica
- (    ) Transporte
- (    ) Uniforme
- (    ) Gratificações
- (    ) Prêmios. Quais?

Você participa ou já participou dos Eventos – cursos – palestras – debates realizados pela prefeitura e Diretoria de Turismo?

(    ) Sim                    (    ) Não

Quais?

Em que contribuíram?



### **Apêndice C: Entrevistas complementares com funcionários**

Entrevista (informal) complementar com os funcionários dos empreendimentos contatados. 30 de abril e 1º de Maio de 2007.

O turismo alterou alguma coisa na qualidade de vida, contribuiu com alguma melhoria trabalhar na área do turismo?

Os entrevistados informaram que o turismo proporcionou disponibilidade de vagas em restaurantes, pousadas e demais estabelecimentos. Mesmo para aqueles que têm alguma formação, mas que não havia perspectiva de empregos, surgiram oportunidades.

O contato com pessoas de fora também proporciona informações, novidades, formas de comportamento diferentes; tudo isso faz com que a gente também aprenda a lidar com pessoas de diferentes lugares, com perfis diferentes, alguns mais exigentes, outros menos. Uma coisa que é interessante é que os turistas, os visitantes, conversam com os funcionários e fazem perguntas sobre a cultura local, as festas, os atrativos e isso nos dá muito orgulho, ao perceber que a nossa simplicidade, humildade, são novidades e às vezes até surpresas em saber que ainda há lugares como este, simples, autêntico, porém belo e que desperta curiosidade em muitas pessoas.

Eventos em 05 de maio de 2007 - Simultâneos.

Festa do Pinhão – Bairro Catuçaba

Festival de Bandas e Fanfarras - Centro

Aniversário da Cidade – 8 de maio.

Outro site para informações: [www.guiasaoluizdoparaitinga.com.br](http://www.guiasaoluizdoparaitinga.com.br)

- Entrevista informal com um artista local:

Sr. José Carlos Monteiro. Rua Deputado Cunha Bueno, 241 – São Luís do Paraitinga.

Pintor luisense reconhecido e premiado internacionalmente.

Tem reportagem na revista Veja Mais (não forneceu a data).

Seus quadros retratam o patrimônio arquitetônico, cultural, folclore, as festas e o cotidiano.

Os turistas estrangeiros é que compram seus quadros; os turistas nacionais não possuem dinheiro (ou não portam consigo) para adquirir suas obras (são caras, em relação ao poder aquisitivo dos turistas nacionais).

## Apêndice D: Entrevistas com outros segmentos do comércio local

Contato, entrevistas com proprietários e funcionários dos estabelecimentos comerciais não diretamente ligados ao atendimento ao turista. 30 de abril, 1º e 5 Maio de 2007 (entrevistas informais complementares).

Os funcionários e responsáveis pelo comércio local, contatados em entrevistas informais, disseram que os mesmos também ganham com o turismo. Quando não há turistas, a gente vende, pois quem mora aqui compra, é cliente, mas quando o turista vem, ele também compra; sempre precisa de alguma coisa, e se não precisa acaba comprando também (chinelo, sapato, camiseta, calça, bermuda, etc). O tempo/clima muda e às vezes o turista não vem preparado. O tempo engana, então ele compra. Nas farmácias, vende-se mais repelentes, artigos e produtos de higiene pessoal. As padarias, mercados, empórios e vendas vendem mais pão, manteiga, frios, queijos, bolos, doces, licores, e os turistas, além de comprarem para consumir aqui, também compram para levar para suas casas (os queijos, os doces caseiros, os bolos).

Nos fins de semana, o movimento aumenta e vendemos mais.

Os açougues e mercados vendem mais, pois os restaurantes e lanchonetes compram mais.

As cestas básicas que alguns estabelecimentos oferecem aos funcionários são adquiridas nos mercados locais, os entrevistados informaram que a soma adicional decorrente das cestas básicas possibilitou a contratação de mais funcionários.

Os proprietários de segundas-residências e sítios se abastecem nos mercados, vendas, comércio local e também fazem uso dos estabelecimentos de restauração (bares, restaurantes, lanchonetes, sorveterias, pizzaria, docerias), além do consumo de produtos para manutenção da casa (tintas, vernizes, lâmpadas, vassouras, rodos, material de limpeza em geral, produtos para o jardim, armarinhos em geral).

As lojas de tecidos também acabam ganhando, pois há compra de tecidos – acessórios – para enxovais (cama, mesa e banho), cortinas, colchas, almofadas; as costureiras também acabam ganhando, pois fazem toalhas de mesa, colchas, cortinas, almofadas para as pousadas, restaurantes, etc.

É lógico que quem trabalha só para o turista só ganha quando o turista vem, como no caso dos hotéis e pousadas, mas todos acabam ganhando com a vinda deles.

Nota: Na maioria dos estabelecimentos de hospedagem, os proprietários não têm a hotelaria como ocupação principal, ou seja, não dependem do ganho advindo do empreendimento para seu sustento, mas sim para a auto-gestão do empreendimento.

Alguns proprietários de restaurantes e lanchonetes também não contam com um único empreendimento, como por exemplo, o proprietário do Restaurante Cantinho dos Amigos também é proprietário do açougue no Mercado Municipal.

O proprietário do restaurante e bar Cantinho da Praça é funcionário público estadual. A proprietária da Pousada Nativas é proprietária também, em sociedade com o irmão, da fábrica de farinha. Os proprietários da Pousada Sertão das Cotias são médicos e atuam em São Paulo. A proprietária do Café das Artes trabalha em São Paulo na área de marketing e eventos e tem a cafeteria por hobby, além de ser proprietária de um sítio em SLP.

A proprietária da Pousada Primavera tem um outro empreendimento em Ubatuba, a proprietária da Padaria Nossa Senhora de Fátima também tem uma padaria e confeitaria em Ubatuba.

O proprietário do Sabor Caipira. Restaurante e Pizzaria, também possui uma vídeo-locadora.

Alguns comerciantes/empreendedores são aposentados pelo Banco do Brasil e Companhia Energética de São Paulo.

O proprietário de um dos supermercados tem diversas vendas e empórios no município.

### **Estabelecimentos contatados.**

#### **Rua 31 de março – Calçadão**

Bazar Salles, s/nº: calçados e roupas.

Casa Santo Antônio, nº 82: Calçados, roupas, armarinhos, enxoval de cama, mesa e banho.

Drogaria Oswaldo Cruz, s/nº.

Loja do Cursino, s/nº: Utilidades Domésticas, armarinhos, roupas, artigos para presentes.

Papelaria do Peixinho, s/nº: Material para escritório, material escolar, papelaria, artigos para presentes, santinhos, terços, imagens.

#### **Rua Coronel Domingues de Castro**

Cabeleireira, nº 62.

Cabeleireira, nº 277.

Cabeleireira, manicure e pedicure, nº 89.

Casarão materiais de construção, nº 110.

Chita Bonita, nº 41: loja de artesanato.

Colonial Supermercado e Padaria, nº 116.

Comercial Kim Loja de Doces, nº 105.

Cristal Modas, nº 9: roupas femininas, adulto e criança.

Loja da Carminha, nº 88: presentes, utilidades domésticas, roupas masculinas.

Moda Mania, s/nº: roupas femininas.

Sacolão, nº 141.

#### **Rua Monsenhor Ignácio Gióia**

Açougue São Luiz, s/nº.

Avícola São Luiz, s/nº.

Casa de Carnes Fonseca, s/nº.

Moda 4 estações, s/nº.

Moda tecidos, s/nº.

Stillus Moda, nº 270: Roupa feminina e masculina.

#### **Rua Coronel Manoel Bento**

Coração Caipira – Artesanatos e Cafeteria, s/nº.

Júnior Festas, s/nº: Artigos e enfeites para festas.

Stillus Baby, s/nº: roupa e enxoval para bebês.

#### **Praça Oswaldo Cruz**

Charlô modas, nº 2: roupas femininas e masculinas – adulto e crianças.

Drogaria São Luís, nº 6.

Loja Edna, nº 23: roupas esportivas.

Loja Salles, nº 20: roupas – calçados – utilidades domésticas.

Ótica e Cia., nº 14.

Revistaria, nº 19: jornais e revistas.

Supermercado Cursino, nº 58.

## Apêndice E: Universo da pesquisa (relação dos empreendimentos)

### UNIVERSO DA PESQUISA - SÃO LUÍS DO PARAITINGA

EMPREENHIMENTO	RAMO DE ATIVIDADE
1 Academia Pró-forma	academia
2 Anjinha Bazar e Artesanato	artesanato / comércio
3 Artesanato Sacro Senza Rivalli	artesanato
4 Associação Filantrópica São Rafael	serviços
5 Auto Posto Mikilin	serviços
6 Bar Eureka	restauração
7 Barão Café	restauração
8 Barão Hotel	hospedagem
9 Cafeteria das Artes	restauração
10 Cai & Pira Artesanato	artesanato
11 Camping do Saci	hospedagem
12 Casa da Dona Cinira	artesanato
13 Casa do Artesão	artesanato
14 Casa do Peixinho	comércio
15 Cavalgar	serviços
16 Cavalo é vida	serviços
17 Cia. de Rafting	serviços
18 Clube Recreativo Imperial Luisense	serviços
19 Conveniência e Casa do Pão	restauração
20 Depósito Márcio Mikilin	comércio
21 Destil. Mato Dentro	comércio
22 Doceria Doce Recanto	restauração
23 Empório da Roça	restauração
24 Farma G	comércio
25 Fazenda São Luiz	hospedagem
26 Foto e Som Nossa Senhora Aparecida	comércio
27 Foto São Luís	comércio
28 Hospedaria Núcleo Sta. Virgínia	hospedagem
29 Hotel Colonial	hospedagem
30 Lanchonete e Pizzaria Canto Verde	restauração
31 Loja Cursino	comércio
32 Loja Popular	comércio
33 Loja Salles	comércio
34 Mangueirão Casa de Shows	entretenimento / lazer
35 Mecânica e Guincho Evaristo	serviços
36 Mercadinho do Anacleto	comércio
37 Mercado Municipal	comércio
38 Mirella Calçados	comércio
39 Montana - Rafting e Expedições	serviços
40 Morada dos Curiangos - Pousada Rural	hospedagem
41 Padaria Estrela	restauração
42 Padaria Monteiro	restauração

## UNIVERSO DA PESQUISA - SÃO LUÍS DO PARAITINGA

EMPREENHIMENTO	RAMO DE ATIVIDADE
43 Padaria Nossa Senhora Aparecida	restauração
44 Padaria São Benedito	restauração
45 Padaria São Luís	restauração
46 Padaria Três Estrelas	restauração
47 Paraitinga Brasil	comércio
48 Pizzaria Canto Verde	restauração
49 Posto de Informações Turísticas	serviços
50 Posto São Luís do Paraitinga	serviços
51 Pousada Ápice	hospedagem
52 Pousada Caravelas	hospedagem
53 Pousada Dunas de Pamonã	hospedagem
54 Pousada Exclusiva	hospedagem
55 Pousada Horris	hospedagem
56 Pousada Nativa's	hospedagem
57 Pousada Primavera	hospedagem
58 Pousada São Luiz	hospedagem
59 Pousada Serra do Vale	hospedagem
60 Pousada Sertão das Cotias	hospedagem
61 Pousada Três Lagos	hospedagem
62 Pousada Vila Verde	hospedagem
63 Receptivo Paraitinga	operadora de turismo
64 Restaurante Cantinho da Maria	restauração
65 Restaurante Cantinho dos Amigos	restauração
66 Restaurante Canto da Praça	restauração
67 Restaurante Colonial	restauração
68 Restaurante e Lanch. Parada do Barão	restauração
69 Restaurante Familiar	restauração
70 Restaurante Fazendinha	restauração
71 Restaurante Sabor Caipira	restauração
72 Restaurante Santa Terezinha	restauração
73 Restaurante Tempero da Terra	restauração
74 Restaurante Verdeperto	restauração
75 Rotiss.Sta. Terezinha	restauração
76 Sítio Lúcio	hospedagem
77 Sítio São Paulo do Mato Dentro	hospedagem
78 Sítio Toca do Leão	hospedagem
79 Sol Nascente Bar & Restaurante	restauração
80 Supermercado Batistela	comércio
81 Supermercado Cursino	comércio
82 Supermercado do Zezinho	comércio
83 Supermercado Luisense	comércio
84 Supermercado São Braz	comércio

## Apêndice F: Amostra da pesquisa (relação dos empreendimentos)

### AMOSTRA DA PESQUISA - SÃO LUÍS DO PARAITINGA

EMPREENHIMENTO	RAMO DE ATIVIDADE
1 Bar Eureka	restauração
2 Barão Hotel	hospedagem
3 Cia. de Rafting	serviços
4 Conveniência e Casa do Pão	restauração
5 Destil. Mato Dentro	comércio
6 Doceria Doce Recanto	restauração
7 Montana - Rafting e Expedições	serviços
8 Morada dos Curiangos - Pousada Rural	hospedagem
9 Padaria Monteiro	restauração
10 Padaria São Benedito	restauração
11 Padaria São Luís	restauração
12 Paraitinga Brasil	comércio
13 Pousada Ápice	hospedagem
14 Pousada Caravelas	hospedagem
15 Pousada Exclusiva	hospedagem
16 Pousada Nativa's	hospedagem
17 Pousada Primavera	hospedagem
18 Pousada Sertão das Cotias	hospedagem
19 Pousada Vila Verde	hospedagem
20 Receptivo Paraitinga	operadora de turismo
21 Restaurante Cantinho dos Amigos	restauração
22 Restaurante Canto da Praça	restauração
23 Restaurante Familiar	restauração
24 Restaurante Sabor Caipira	restauração
25 Restaurante Santa Terezinha	restauração
26 Sol Nascente Bar & Restaurante	restauração

## **Anexo A: 1ª Conferência Municipal de Turismo**

**JORNAL: “O PARAITINGA”, Julho e Agosto, nº 3 Ano: 2005  
São Luis do Paraitinga.**

### **PENSANDO O TURISMO PARA SÃO LUIS 1ª CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE TURISMO**

No dia 3 de junho deste ano, na sede do Clube Imperial Luisense (Clube de Campo), realizou-se a 1ª CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE TURISMO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO LUIS DO PARAITINGA. O evento foi promovido Pelo COMTUR (Conselho Municipal de Turismo), juntamente com o SEBRAE. Nesta data contamos com a presença de representantes de diversos setores sociais, como no tocante a serviços: a Sra. Neuza B. Póla Batista, gerente do Banespa Santander, o Sr. Charles Ladvock Cintra, gerente do Banco do Brasil, o Sr. João Corrêa da Silva, gerente da Sabesp; da Câmara Municipal: o Sr. Presidente Antonio Galvão Sales, o Sr. Vereador Luiz Pedroso da Mota, as autoridades: o Sr. Prefeito da cidade de Lagoinha, José Galvão de Paula, membros da comunidade, e ainda a mesa: palestrantes que apresentaram seus pareceres a respeito da importância da organização da atividade turística na cidade, que a cada dia aumenta seu fluxo, frequência e intensidade. Para esta composição, a mesa foi composta pelo Sr. Prefeito Danilo José de Toledo que, oficialmente, deu por aberto o debate, enfatizando a importância do turismo para São Luís do Paraitinga, apresentando apoio oficial e salientando a necessidade de se fortalecer o COMTUR, chamando para isso a participação de todos os presentes: o Sr. Alfredo Nocera Filho, Presidente do COMTUR, que agradeceu inicialmente a todos que compareceram, apresentou um breve histórico do Conselho, suas competências, seus objetivos, sua atual diretoria e o corpo de conselheiros; o Sr. Mauro Medeiros, Gerente do Escritório Regional do SEBRAE, em São José dos Campos, explanou sobre este Serviço, a participação deste no processo de desenvolvimento do turismo na cidade e relatou experiências positivas e negativas de outras Estâncias e, ao final, declarou completo empenho da instituição como parceira nesta jornada; o Sr. Paulo de Tarso, Delegado Regional da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo que, declarando afeição a São Luís do Paraitinga, palestrou sobre o turismo como atividade econômica e solução rentável para o município de forma irrestrita, e ainda salientou o potencial cultural, arquitetônico e receptivo da cidade para este setor; a Sra. Dora Pedroso, destemida, única representante do sexo feminino à mesa, Consultora de Turismo Credenciada pelo SEBRAE, iniciou sua fala conclamando outras representantes para as tarefas; em seguida, apresentou, dentro da gama de programas pertinentes ao SEBRAE, o PDTR (Programa de Desenvolvimento do Turismo Receptivo), como ferramenta para implementação do processo de desenvolvimento sustentável do turismo receptivo no estado de São Paulo; concluindo, ressaltou mais uma vez a participação da comunidade nesse processo. Vale observar que um resumo deste programa foi entregue na recepção, a cada participante, dentro de uma pasta juntamente com um bloco para anotações e elaboração de questões, uma caneta e uma ficha de adesão, da qual também fez referência nossa estimável Consultora. A seguir, um período foi determinado para que perguntas fossem dirigidas aos componentes da mesa, perguntas de extrema importância, entre outras, sobre o “Carnaval” e a “Cultura”, sobre outras cidades que tiveram êxito com a implantação do Programa e também sobre projetos para a

cidade. Terminada a sessão de perguntas e respostas, novamente com a palavra o Sr. Alfredo Nocera, agradeceu mais uma vez, imensamente, a todos os colaboradores e organizadores do evento e a todos pela participação, reiterou o convite a participação da comunidade em geral, valorizou a disposição para o trabalho de muitas pessoas ali envolvidas. Finalizando, com votos de prosperidade para o nosso município, convidou a todos para um farto e agradável coquetel de confraternização.

Importante destacar que esta 1ª Conferência de Turismo teve como principais finalidades apresentar o COMTUR e seus objetivos de, junto à comunidade, debater e promover o turismo de forma inteligente e não-predatória; considerar efetivamente o apoio e a orientação do SEBRAE como instituição devidamente credenciada para tal circunstância e a apresentação do PDTR, que propõe uma série de oficinas de trabalho como os próximos passos, e das quais devem participar todos aqueles que preencheram as fichas de adesão e cujo primeiro de seis temas é o de Sensibilização e Envolvimento da Comunidade para o Turismo.

Finalizando: a convocação da comunidade para tomar parte neste processo de implantação do turismo como alternativa econômica, exercendo todo o princípio de cidadania. Cada um de nós pode e deve colaborar e certamente toda a cidade colherá bons resultados. Conheça e participe das iniciativas que apontam para a melhoria da qualidade de vida da sua cidade.

Amarildo Ribeiro Dias  
Conselheiro do COMTUR  
Representante do setor cultural  
Presidente da Associação de Ação  
Cultural de São Luís do Paraitinga  
AACULT



## **Anexo B: Imperador do Divino**

### **Imperador do Divino**

É o responsável pela coordenação da festa juntamente com o padre da igreja local e alguns mordomos, e pela maior parte dos investimentos feitos. Organiza os eventos da festa, arcando com grande parte dos gastos coletivos das Cavalhadas, desde os dias do ensaio. Paga pelos fogos, pela decoração da cidade (ajudado pela prefeitura) e pelas apresentações das duas bandas. Recebe as pessoas da festa e visitantes em sua casa, onde deve oferecer comida e bebida. De sua casa saem: Alvorada do Sábado e do Domingo, Procissão da Coroa, Procissão do Espírito Santo e os Cavaleiros, para ensaio. Voltam à sua casa: Procissão da Volta da Coroa, Bandeira e Cortejo ao final da festa.

### **O Sábado do Divino**

Às seis horas da tarde do último dia da novena, sai da casa do Mordomo da Bandeira, para a igreja matriz, a primeira grande procissão da festa: a Procissão da Bandeira. Ela é a única que não tem como origem ou destino final a casa do Imperador do Divino.

O cortejo é acompanhado pela banda de música, que durante todo o trajeto executa um dobrado marcial. Moças vestidas de vermelho e branco conduzem a Bandeira do Divino, o objeto simbólico de maior importância na procissão. A bandeira geralmente é feita pelo Mordomo da Bandeira ou, no caso de uma bandeira antiga, reformada sob sua supervisão. Ela permanece em sua casa até o sábado em que, abençoada pelo padre depois da missa do último dia de novena, é solenemente hasteada em seu mastro. Tal como a bandeira, o mastro é colorido de vermelho e branco, as cores do Espírito Santo. O mordomo do mastro, encarregado, por sorteio, de fazê-lo (o mastro deve ter em torno de 15 a 18 metros de altura), levanta o mastro, auxiliado pelos demais mordomos, logo depois da missa de sábado. Acende-se também a fogueira. Durante o hasteamento os três mordomos (do mastro, da bandeira e da fogueira), organizam uma queima de fogos. É costume que Imperador “responda” com outra queima.

### **O Domingo do Divino**

Se a Alvorada de Sábado é acompanhada pelas ruas da cidade por uma grande quantidade de pessoas, a de Domingo costuma ser acompanhada por muitas mais, quase todas as da cidade e mais visitantes. Esta Alvorada não sai da igreja matriz, mas da casa do Imperador do Divino, às cinco horas da manhã, depois que este oferece aos músicos da banda “café e quitandas”. De lá, ela parte em direção a diferentes ruas e lugares da cidade, em um percurso tradicional, mas que pode ser alterado conforme a necessidade ou vontade dos que o determinam. O percurso destas procissões valoriza os espaços que contém, pois sacraliza cada um deles, e os que vivem nestes espaços sacralizados sentem-se como se a presença do Espírito Santo se espalhasse pelo ar, sacralizando suas casas e suas vidas.

Este texto faz parte da tese de Doutorado em Antropologia Social de Rita Amaral, Festa á Brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”, defendida junto ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, no ano de 1998, sob orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani.